

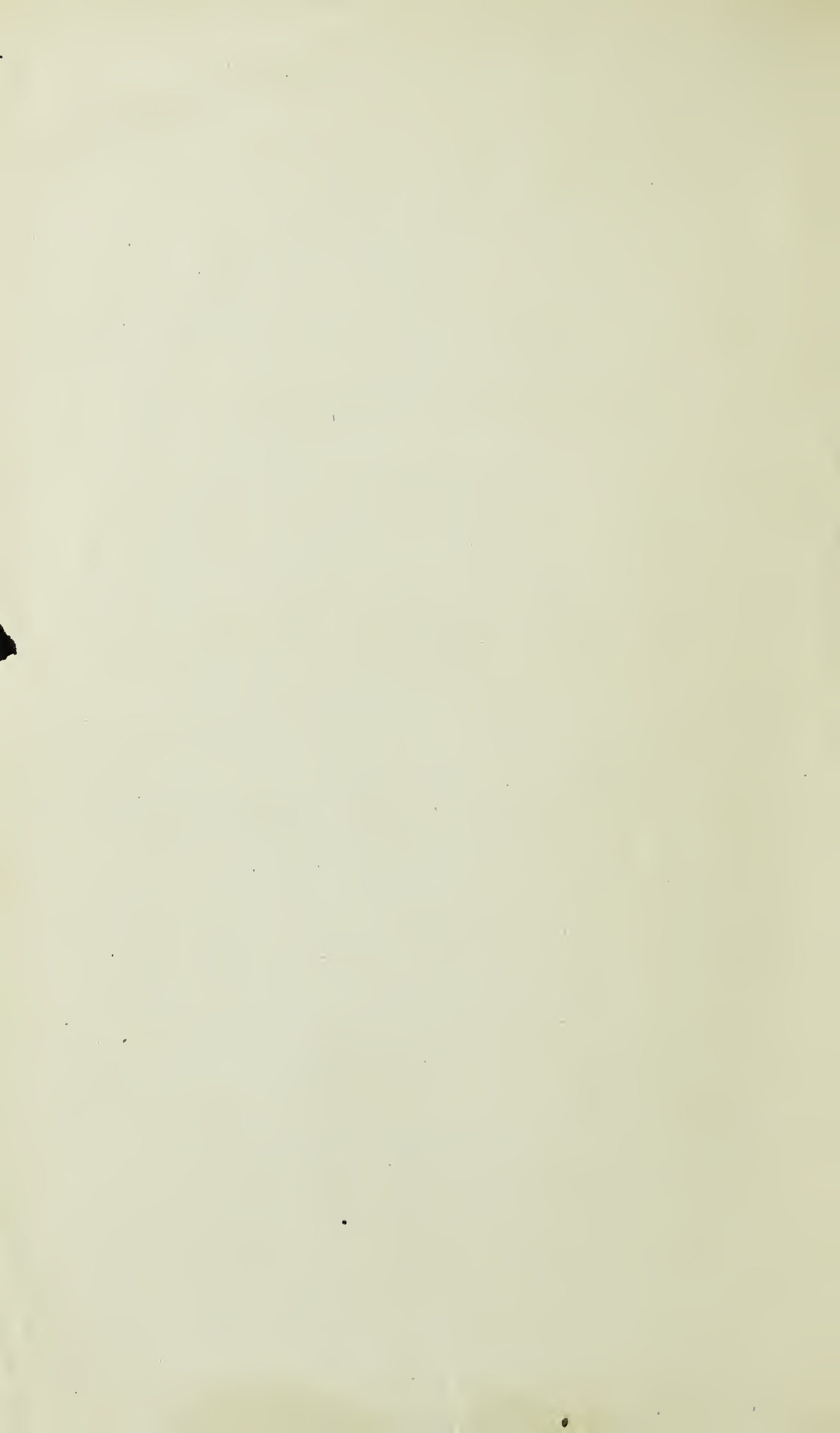
30  
4/2590

# A REFORMA

---

de Carlos Perreira

---



# ORIGENS E CAUSAS

## DA

# REFORMA

---

O estampido de uma grande explosão annunciou a passagem da humanidade para os tempos modernos. Foi a Reforma do sec. XVI.

Profunda revolução religiosa no gremio da Igreja Latina, traçou ella á Europa novos destinos, e, pela Europa, ao mundo.

De todos os acontecimentos historicos, que hão mudado a face da terra, nenhum a sobrepuja em importancia, feita excepção do proprio Christianismo.

Com ella é que realmente se inaugura a idade actual, como judiciosamente pondera Guizot.

Certo, intensas revoluções e immensas catastrophes teem sacudido fortemente o arcabouço do edificio social no decorrer dos seculos.

Hordas successivas de barbaros, desde o sec. IV da era christã, fizeram baquear o Imperio do Occidente, talaram a Europa, e, superpondo-se ás populações romanizadas, esmagando-as, produziram profundas modificações sociaes.

Seis seculos mais tarde, as *cruzadas*, ao brado de — «Deus o quer», extendem immenso os-

suario entre a Europa e a Asia, abala os fundamentos do regimen social, abrindo, no enfraquecimento de feudalismo, larga senda á centralização da realeza.

Sete seculos depois, a revolução franceza sacode as nações europeas, proclama os direitos do homem, e golpeia de morte o regimen politico, que erguera a Bastilha sobre as ruinas dos castellos feudaes.

Todos esses magnos eventos, porém, que aos povos modernos deram feição social e politica, não teriam legado á civilização de nossos dias o fructo de suas conquistas, se, na esphera religiosa, não tivesse explodido a revolução do sec. XVI. Veio ella trazer á marcha dolorosa da civilização o poderoso concurso dos principios renovados do Christianismo, e consolidar, na consciencia religiosa resgatada, as conquistas da liberdade.

Não foi, portanto, o turco, ao arvorar o crescente, em 1543, nas muralhas de Constantinopla, por sobre a ruina do Imperio do Oriente, quem proclamou o fim da edade-média; foi a Reforma em um surto maravilhoso do Christianismo primitivo.

Como todos os largos movimentos do espirito humano, que abrem amplo sulco na correnteza dos seculos, tem ella suas causas profundas nos antecedentes historicos, que a explicam e caracterizam. «As grandes revoluções, observa F. Kuhn, teem sempre grandes causas e raizes profundas.»

Longe, bem longe, deita a Reforma as suas: através de doze seculos alastram-se ellas até a época do grande Constantino. Ahi, no quarto seculo, sorprehendemos-lhe os germes, que, accrescidos de seculo em seculo, constituem a evolução do Catholicismo Romano no caminho da grande apostasia, prevista pelo Apostolo dos gentios.

## Evolução do Romanismo

Estamos nos primeiros annos do seculo quarto.

Empunha o sceptro do Imperio Deocleciano, que, como imperador romano, reclama honras divinas, appellida-se *vigario de Jupiter Capitolinus, Pontifex Maximus, Sacratissimus Dominus Noster*, e, quando sobre o throno, ninguem d'elle se approxima senão de joelhos, tocando com a fronte no pó. Instigado por Galerio, seu genro e socio, tenta, em 303, em trez edictos successivos, afogar em sangue a Egreja christã. Foi o ultimo arranco espasmodico do Paganismo em lucta com o Christianismo. O sangue, porém, dos martyres tornou-se a semente da Egreja, e contra ella não prevaleceram as portas dos infernos, *portæ inferi non prævalebunt adversus eam*.

Ferido de terrivel molestia, reconhece Galerio o fracasso de sua cruel tentativa, e, em 311, assigna o edicto de tolerancia, que cerra o periodo das perseguições e a época dos martyres.

Provação de outro genero e mais perigosa estava reservada á Egreja.

Morto Galerio, disputa Constantino contra Mexencio a posse do Imperio. Sympathico ao Christianismo, procura apoiar-se na invencivel tempera de seus provados adeptos.

Um sonho veio em apoio da visão politica do filho de Constantino Chloro. Sonhou: no céu se lhe desenha a cruz, com a inscripção: *Hoc vince*. D'oravante o lábaro christão substitue as aguias pagãs á frente de suas legiões.

Vence Constantino ao seu rival, e com elle sobe ao throno a Egreja. Aquella que vencera, por trezentos annos, os dentes dos leões, o ferro e o fogo de feroz perseguição, vae succumbir aos afagos do poder e da riqueza.

Celebra-se o connubio adulterino entre ella e o Estado. A religião christã tornou-se official,

e o Paganismo, em massa; baptizou-se. Baptizando-se, trouxe para o gremio catholico a bagagem immensa de suas superstições, erros, hábitos e espirito. Data do quarto seculo a larga sementeira da cizania, que irá medrando exuberante pelos seculos em fóra.

Na *disciplina*; na *doutrina* e no *culto*, operou-se a triplice paganização do Christianismo em um lento e largo afastamento da simplicidade e pureza da Egreja primitiva. Afogaram-nas as pompas byzantinas, envolvendo em purpura principesca os humildes ministros da religião do Crucificado.

## I. — DISCIPLINA

Na *disciplina*, foi a vertigem do poder e das humanas ambições, que converteu a democracia da Egreja apostolica na hierocracia romana, expressão requintada do absolutismo.

Accommodou-se o governo ecclesiastico ao governo do Estado.

Em quatro prefeituras, dividiu Constantino seu vasto imperio — a de Roma, a de Constantinopla, a de Antiochia e a de Alexandria. Os bispos, que já eram uma expansão extra-biblica do presbyterado, equipararam-se, nesses grandes centros, aos *prefeitos pretorianos*, e, breve, assumiram o titulo judaico de *patriarcha*.

Imitando-os, os bispos, que presidiam a mais de uma provincia, tornaram-se *exarchas*, hombreando com os *exarchas civis*.

Por sua vez, os que presidiam a uma só provincia e residiam na metropole ou capital, avocaram a dignidade de *metropolitanos*.

Logo abaixo vinham os *arcebispos*, e só se contentavam com o simples titulo de *bispo* os que tinham suas sédes em logares de pouca importancia.

Quadrava ás pompas aristocraticas da cõrte

imperial esta brilhante hierarchia ecclesiastica da religião do Estado.

Em seculos subsequentes, mudou-se a face do Imperio com as grandes invasões dos povos barbaros; e sós, em frente um do outro, luctavam pela supremacia universal os dois *patriarchas*, que occupavam respectivamente as capitaes do Imperio do Occidente e do Imperio do Oriente — a velha e a nova Roma, Roma e Constantinoḡpla.

Em 451 o concilio de Chalcedonia declarava eguaes os dois patriarchas: *Sanctissimo Novæ Romæ throno æqualia privilegia tribuerunt.*

Não se conformou a velha Roma com essa egualdade patriarchal, e obteve decretos successivos dos imperadores Theodosio II, Valentiniano III (445), do usurpador Phocas (606), e de Justiniano, proclamando-a directora de toda a Igreja (*rector totius Ecclesiæ*).

Nestes decretos do poder temporal byzantino, temos os germes do papismo, que Leão I, Gregorio I, Gelasio, Gregorio VII, Innocencio III e Bonifacio VIII fizeram fructificar.

Pepino, tendo usurpado o throno com a acquiescencia e unção do papa Zacharias (750), toma, á frente de seus francos, aos Lombardos, o exarchado de Revenna e o Pentapolis, e faz destes doação ao patriarcha de Roma, e assim a França institue «o poder temporal do papado», em 755.

Leão, o Grande (440-461), assistindo aos paroxismos do Imperio do Occidente, é o primeiro a sonhar com uma monarchia universal, com séde em Roma e por chefe o papa. E' elle ainda o primeiro a adduzir, aos decretos dos imperadores, o argumento fundado na supposta primazia de S. Pedro.

Entretanto, um dos seus successores, Gregorio I, appellida de *profano*, *anti-christão* e *infernal*, em 587, o titulo de *bispo universal* ou *ecumenico*, que lhe parecia querer assumir João,

patriarcha de Constantinopla. Todavia, annos depois, Bonifacio III, patriarcha de Roma, obteve que o usurpador e assassino Phocas, conforme Baronio em seus Annaes do anno 606, transferisse para elle esse titulo *profano* de *rector totius ecclesiae!* Esse mesmo papa consagrou á Virgem Maria o Pantheon de Roma, dedicado a Cybele e a todos os deuses.

Nesses tempos de profunda ignorancia, depara-se ás ambições papaes um novo ponto de apoio, para reforçar os pouco seguros decretos imperiaes.

Corria o seculo nono. Pelo vasto territorio do Imperio, di-lo D'Aubigné, jazia em fragmentos a corôa que Carlos Magno legára a seus fracos successores, quando appareceram as Falsas Decretaes de Isidoro. «Essa fabula deslavada foi, entretanto, por seculos o arsenal de Roma.» «Ellas, escreve Fisher, deram fórmula e falsa base historica ás tendencias já amadurecidas das arrogantes cubiças papaes, exalçando a Sé de Roma a uma altura desconhecida nas épocas precedentes, collocando-a não só acima dos bispos, mas acima dos reis e imperadores.»

Não reconheceram dahi em deante barreiras as pretenções absolutistas dos papas. Obsedava-os o *memento* do poeta romano: *Tu, regere imperio, popule Romane, memento.*

Gregorio VII, o celebre monge Hildebrando, (1073-1085), subindo ao throno pontificio, encerrou em suas celebres *maximas*, o mais ferrenho despotismo, que é, desde então, a essencia do papado.

Nessas famosas «Maximas de Hildebrando», leem-se os seguintes principios, que Roma está longe de renunciar e que o *Syllabus* reforçou.

«3.º — Só o pontifice de Roma tem direito de se chamar universal.

6.º — Nenhuma pessoa póde viver debaixo



do mesmo tecto com outra excommungada pelo papa.

9.º — O papa é a unica pessoa deste mundo cujos pés devem beijar os principes e soberanos.

10.º — O papa tem auctoridade para depôr imperadores, e privá-los de sua dignidade imperial.

13.º — O papa não póde ser julgado por ninguem.

16.º — Só a Egreja de Roma não erra jamais, segundo as Escripturas.

17.º — O papa tem direito de absolver e libertar os subditos do juramento de fidelidade a seus soberanos.

19.º — Com a licença do papa pódem os subditos processar a seu Soberano.»

Exemplificando esses principios de humana theocracia, juncto aos portões fechados do Castello de Canossa, humilhou Gregorio VII a Henrique IV, imperador da Allemanha, obrigando-o, em pleno inverno, descalço e descoberto, a esperar trez dias, para que se dignasse a dar-lhe ingresso á sua presença!

Necessitando, para um tal despotismo, de uma milicia prompta ao minimo aceno, moveu guerra atroz contra os padres casados, e fez prevalecer no Occidente *o celibato clerical e obrigatorio*.

Seguindo-lhe a traça, fulminou Innocencio III (1198-1216) com excommunhão a João Sem-terra, rei d'Inglaterra; absolve seus subditos do juramento de obediencia, e o depõe afinal, dando seu throno a Philippe Augusto, rei de França. Ame-drontado, faz o fraco rei, em 1212, doação do reino d'Inglaterra e Irlanda a Innocencio e a seus successores, declarando-se vassallo do papa, seu Senhor, a quem se compromette pagar o tributo annual de 1.000 marcos de prata, sendo 700 pelo reino d'Inglaterra, e 300 pelo d'Irlanda.

Foi Innocencio o instituidor do funesto tri-

bunal da Inquisição, que, completado por Gregorio IX em 1233, e entregue aos dominicanos, só na Hespanha, em 18 annos, levou á fogueira, em publicos *autos-de-fé*, 10.200, e á infamia 97.000 infelizes!

Animado pelo mesmo espirito de inaudita arrogancia, declara Bonifacio VIII (1294-1303) a Phelippe o Bello, rei de França, que o poder temporal está sujeito ao espiritual, os reis aos papás, a quem deverão perfeita obediencia. Repelle o rei tal doutrina e o papa fulmina-o com a bulla *Unam Sanctam* (1302), onde declara que a Egreja, na pessoa do papa e do clero, maneja *duas espadas* — a espiritual e a temporal: esta entrega-a o papa aos reis e soldados para a vibrarem ao aceno e vontade dos sacerdotes, e que sem sujeição ao pontifice romano não ha salvação para ninguem. Com tão altas pretenções contrasta flagrantemente a infima *moral* de muitos papas.

«O papado, diz Schaff fallando da desmoralização do sec. X, perdeu toda independencia e dignidade, tornando-se presa da violencia, da avareza e da intriga, uma verdadeira synagoga de Satanaz... E o que é peor (*incredibile, attamen verum*), trez mulheres atrevidas e energicas, da mais alta classe e do mais baixo character — Theodora e suas filhas Marozia e Theodora, puzeram na cadeira de S. Pedro a seus amantes e a seus bastardos... Da egreja de S. Pedro fizeram ellas um covil de ladrões, e da residencia de seus successores um harem... Por isso é este infame periodo chamado de Pornocracia ou Heterocracia papal.»

«Rodrigo Borgia (Alexandre VI, 1492-1503), escreve D'Aubigné, depois de ter vivido com uma dama romana, continuou o mesmo commercio illicito com a filha desta dama, Roza Vanozza, e della teve cinco filhos. Era elle cardeal arcebispo em Roma, vivendo com Venozza e outras ainda,... quando a morte de Innocencio VIII dei-

xou vaga a séde pontifical. Soube obtê-la comprando cada cardeal a certo preço. Entraram publicamente no palacio do mais influente delles, o cardeal Sforza, quatro mulas carregadas de dinheiro. Borgia tornou-se papa sob o nome de Alexandre VI, e alegrou-se de ter chegado ao fastigio dos prazeres.» No mesmo dia em que foi corôado, fez arcebispo de Valença e bispo de Pamplona, seu filho Cesar Borgia, moço de costumes ferozes e dissolutos. Celebrou no Vaticano os desposorios de sua famosa filha Lucrecia Borgia com comedias e canções impudicas.

Tal era o estado de decadencia moral do papado no seculo X, que deu origem ao que Schaff chama «o mytho da papisa Joanna», que cingiu a triplice corôa por dois annos e meio, entre Leão IV (847) e Benedicto III (855). Corria que uma mulher de Moguncia estudara d'sfarçadamente philosophia em Athenas, ensinara thelogia em Roma, e fôra elevada á dignidade papal sob o nome de João VIII. Sorprehendida pelas dores do parto, em uma solenne procissão do Vaticano a S. João de Latrão, foi descoberto o seu sexo, vindo a fallecer. Outra versão diz ter sido ella atada a um cavallo e arrastada fóra da cidade, apedrejada pelo povo, e na sua sepultura gravada a seguinte inscripção:

*Parce, pater patrum, papissæ edere partum.*

Espalhada esta historia pelos dominicanos e minoristas, foi geralmente crida no sec. XIII e XIV, e até o papa João XX chamou-se por isso João XXI (1276); no principio do sec. XV o busto de uma mulher-papa foi posto ao lado dos bustos de outros papas em Sienna, e historiadores ha, como Mosheim, que a tomam a sério. Porém Schaff, Döllinger e outros creem que tal historia é apenas uma sátira do povo contra a corrupção escandalosa dos infalliveis do Vaticano, no sec. X. — «Oh! vergonha! Oh! miseria! — exclama Ba-

ronio, escriptor catholico romano. Que monstros, horriveis de se vêr, não eram então elevados á Sancta Sé.»

Tão poderosamente como as falsas decretaes do Pseudo-Isidoro, concorreram os barbaros das grandes invasões da idade-média, para darem prestigio ás arrogantes pretensões do absolutismo papal. Entrando no gremio do Catholicismo, tributavam ao papa e ao clero o mesmo temor supersticioso com que olhavam a seus sacerdotes pagãos.

Ao influxo desta corrente barbara, apressou-se a transformação judaizante, que já em seculos anteriores se manifestara, dos ministros da religião christã em *sacerdotes*.

Surge na Egreja a *casta sacerdotal*. Os padres ou os ministros da religião deixam de ser simples pedagogos ou docentes, guias do povo ao throno da graça, para se tornarem *sacrificadores* e *mediadores* entre Deus e o homem. Eram antes simples portadores da Palavra Divina, que *abolsve* ou *retém* os peccados, conforme o peccador acceita ou rejeita as condições de perdão nella reveladas. Foi profunda a transformação: o ministerio christão deixou de ser meramente docente e declarativo para usurpar o logar de Christo, nosso grande sacerdote, e erguer-se sacrilegamente entre o homem e o seu Deus.

O papa, como sacerdote, arrogou-se o titulo judeo-pagão de *summo pontifice*, e, senhor das chaves do Céu e do Inferno, transfigurou-se aos olhos de um christianismo paganzado em um vice-Deus ou Deus na terra, cujos anathemas e excommunhões lançavam o terror nas populações supersticiosas da idade-média.

## II. — DOUTRINA

Transformada dest'arte a *disciplina*, breve modificou-se tambem a *doutrina*, que veio pres-

tar, a esta transformação radical no governo da Igreja, o prestígio do dogma.

O *sacerdote* é o *sacrificador*, e não póde subsistir sem *altar* e *sacrifício*. Sobre este ponto eram accordes o Judaismo e o Paganismo.

Começa a apparecer em 590 o *sacrifício* e com elle o *altar*. O papa Gregorio I é o primeiro a transformar a *eucharistia*, offerta de acção de graças, em *sacrifício da missa*.

Foi, porém, só no sec. X que a innovação assumiu feição positiva com a inaudita doutrina da *transsubstanciação*, inventada e aventada pelo monge Radbert em 930.

No sacramento da *Eucharistia* ou *Sancta Ceia*, ensinava elle, o pão transsubstancia-se no corpo e o vinho no sangue de Christo, de sorte que, sob as apparencias e propriedades de pão e de vinho, temos — «corpo, alma e divindade de Nosso Senhor Jesus Christo tão real e perfeitamente como estão no Céu.»

Novidade tão absurda e repugnante provocou largos, asperos e, por vezes, sangrentos debates.

O novo *sacerdocio*, porém, em que se ia transformando o ministerio christão, percebe a excellente oportunidade para dar plausibilidade e consistencia a essa transformação judeo-pagã.

Segundo essa nova concepção da Eucharistia, Jesus Christo, o Cordeiro de Deus, seria de novo a victima. A' invocação do ministro-sacerdote, Elle desceria ao altar de um novo sacrificio, e o padre, como os filhos de Arão ou os druidas gentilicos, sacrificaria novamente essa victima divina pelos peccados dos homens!

Um tal poder transfigurava os padres em entes divinos, ultra-omnipotentes, pois que, a seu nuto, obedecia a omnipotencia, como outr'ora Isaac ao cutello de Abrahão.

Só em 1212, no concilio de Latrão, foi, por Innocencio III, sancionado o sacrilego dogma da *transsubstanciação*.

Nesta ligeira resenha dos principaes accrescimos doutrinaes, convem não deixarmos de mencionar o *Purgatorio*, incorporado definitivamente no credo catholico pelo Concilio de Constança em 1417.

Virgilio na «Eneida» (L. VI 75-766) descreve as chammas purificadoras das crenças gentlicas, e o livro apocrypho dos Machabeus nos dá a entender que um tal erro do gentilismo já havia aberto caminho entre os proprios judeus, no segundo seculo antes de Christo. (II. Mach. XII, 43).

O poeta latino assim se exprime sobre a doutrina christã de um fogo purgatorio, na traducção de Odorico Mendes:

O sopro ultimo extincto, não se expurgam  
Terrenas fezes e mundanos vicios:  
Muitos, concretos longamente, é força  
Que nellas durem por teor pasmoso.  
Em tratos, pois, seus erros pagam todas:  
Qual pende aos ventos; qual da culpa as nodoas  
Lava em golfo espaçoso ou dile ao fogo:  
A cada qual seus Manes atormentam,  
Poucos de Elysio as doces veigas temos,  
Quando, perfeito o gyro; a mão do tempo  
Gasta o impresso labéo, depura a flamma,  
O senso ethereo e simples aura afina.

O *Purgatorio* apresenta-se logo como um lucrativo appendice ao sacrificio do altar.

Ao calor desse fogo purificador ardentissimo, medraram e fructificaram, com espantosa exuberancia, as *indulgencias*.

Pelas *indulgencias* o papa applicava aos vivos e ao allivio das almas do *Purgatorio* o excesso dos merecimentos de Christo e das obras *supererogatorias* dos sanctos, mediante esportulas, taxadas em tarifas officiaes, que se graduavam á offensa espirital do peccado e ao valor material da esportula. Esta *commutação pecuniaria*

tornou-se riquíssima fonte de renda, cujo varejo pertencia aos bispos e arcebispos, e ao papa por atacado.

Tão arditosa invenção foi plenamente desenvolvida por S. Thomáz de Aquino (1257—1274), e sancionada pelo Concilio Tridentino, em 4 de dezembro de 1563.

A confissão perante a egreja, isto é, publica, como expressão natural de arrependimento, tornou-se em *confissão auricular obrigatoria* por imposição do Concilio Lateranense em 1215, sob Innocencio III. Impunha S. Bento aos seus monjes a obrigação de confessar os seus peccados ao abbade, apenas como signal de humildade. Os bispos, sahidos em geral dos mosteiros, imitaram S. Bento em relação ao clero, e este em relação ao povo. Já era isto uma especialização do costume da confissão publica existente nos seculos primitivos da Egreja, costume que é evidentemente oriundo do preceito de S. Tiago de — «confessarmos os nossos peccados *uns aos outros*» (Tia. V. 16). Esta practica degenerou-se no «padre penitenciario», abolido pelo bispo de Constantinopla, Natario (383), e a quem Leão I prohibiu revelasse á Egreja o peccado confessado, como era costume.

Affirma Fleury, historiador catholico romano, que a invenção da *confissão auricular*, obrigatoria, é obra de Crodogang, bispo de Metz (763), unicamente como disciplina de seu instituto monastico. «E' esta, diz elle, a primeira vez que encontro a confissão preceituada.» (Hist. Ecc. t. 2.<sup>o</sup>, p. 300. Paris, 1761).

Só em 1215 é que Innocencio III lhe deu os fóros de *sacramento*, e unico meio para o perdão dos peccados!

### III. — CULTO

O *culto*, por sua vez, soffreu profanos ac-

crescimos da corrente pagã que, irrompendo com Constantino, engrossou com a incorporação dos *barbaros*.

A simplicidade ritual da Igreja Apostólica teve de ceder deante das pompas sensuaes da Igreja official.

Os deuses, deusas e semideuses do Paganismo, as suas imagens e estatuas sagradas, transformaram os heróes do Christianismo e as suas suppostas effigies, em objecto de culto idolatra, em padroeiros, protectores e medianeiros. O polytheismo e a idolatria inundaram a Igreja.

O culto dos sanctos, dos anjos, das imagens, das reliquias e da cruz, inteiramente extranho ao culto primitivo, e em flagrante opposição ao Decalogo (Exodo XX), aggrava o elemento pagão que já se ostentava franco na *disciplina* e na *doutrina*, como ligeiramente mostrámos.

A introdução de *imagens*, contra o claro dispositivo do 2.º mandamento da Lei de Deus (Exod. XX. 4-7), provocou porfiada lucta por mais de um seculo, do principio do seculo oitavo a meados do seculo nono. Nesta lucta ora prevaleciam os *iconoclastas* (quebradores de imagens), ora os *iconolatrias* (adoradores de imagens).

O concilio geral de Constantinopla (754), e o concilio de Frankfort (794), reunido por Carlos Magno, e composto de 300 bispos, e outro concilio reunido em Constantinopla (815), condemnavam, de accordo com o 2.º mandamento, o uso de imagens no culto divino. Sustentou, porém, essa innovação idolatra o 2.º concilio de Nicéa (786), convocado pela imperatriz Irene, assassina de seu esposo Leão IV, e o celebrado em Constantinopla em 842, por ordem da imperatriz Theodora, regente na minoridade de seu filho. Apoiado pelo exercito dos monges e pelo pontifice romano, triumphou afinal o culto das imagens, multiplicando-se os milagres, as roma-



rias, as reliquias, a alluvião das grosseiras superstições do Paganismo.

Com razão escreve Garret no «Arco de Sant'Anna», sobre o culto catholico-romano: «Tudo quanto é superstição adoptaram de todas as religiões, nem seu culto é mais do que a remendada mistura dos varios cultos da terra.»

Da luz meridiana, que a historia projecta sobre a evolução do papismo catholico, no triplice dominio da *disciplina*, da *doutrina* e do *culto*, podemos comprehender a distincção que entre Catholicismo e Romanismo faz o grande historiador Philippe Schaff.

«Devemos distinguir, diz elle, entre Catholicismo e Romanismo. O Catholicismo abrange a antiga Igreja Oriental, a Igreja Medieval, e, em mais largo sentido, podemos dizer, todas as Igrejas Evangelicas modernas. O Romanismo é a Igreja Latina voltada contra a Reforma, consolidada pelo Concilio de Trento e completada pelo Concilio do Vaticano de 1870 com seu dogma de absolutismo papal e papal infallibilidade. O Catholicismo medieveal é o pre-evangelho olhando para a Reforma; o Romanismo moderno é o anti-evangelho, condemnando a Reforma, sustentando, não obstante, com incansavel tenacidade, as doutrinas ecumenicas já sancionadas, e assim procedendo mais em virtude de sua pretenção á infallibilidade.»

## Precursores e prenuncios da Reforma

A' proporção que se ia Roma apartando da orthodoxia evangélica, pela assimilação de elementos extranhos, surgiram protestos de «pias testemunhas da verdade», que eram como que sentinelas perdidas na noite sombria da idade-media.

Nos fins do sec. IV e principios do V, Vigilancio, presbytero em Barcelona (395), Hesper-

na, ergue sua voz contra as superstições pagãs, que começavam a proliferar nessa época, contra o culto dos sanctos, de seus ossos e reliquias, contra a licenciosidade nas egrejas, contra o monachismo, viveiro de superstições, que fugia do mundo em vez de lutar no mundo.

Segue-lhe os passos, no sec. IX, Claudio, bispo de Turim (814-839), protestando contra o culto dos sanctos, das imagens, da cruz.

«Quem quer, dizia elle, que busca, em qualquer creatura do céu ou da terra, a salvação que deve buscar só em Deus, é um idolatra.» No sec. XII, Pedro de Bruys, Henrique, Arnaldo de Brescia, Pedro Waldo, tornam mais largo e intenso esses protestos contra o Paganismo triumphante. No sec. XIV, Wicliff, na Inglaterra, não só protesta, mas dá começo a um movimento reformador. No sec. XV, João Huss e Jeronymo de Praga, espalham na Bohemia as idéas reformadoras de Wicliff, e na Italia, Jeronymo Savonarola faz soar sua palavra candente contra as corrupções do papado. Neste seculo ainda se ouviu, no terreno doutrinario, o testemunho auctorizado de João Laillier, João Wasalia, João Goch, João Wessel e outros.

Muitos destes tiveram de pagar com o martyrio o desassombro de seu testemunho. Huss foi queimado (1415), e o clarão de sua fogueira jamais se apagará. O mesmo aconteceu com Jeronymo de Praga (1416), Thomaz Conecte (1432) e Savonarola (1498). Morrem no calabouço da Inquisição, André, arcebispo de Crayn, e cardeal (1842), e João Wasalia (1842), por terem lavrado, por sua vez, solenne protesto contra a corrupção dominante.

Entre estes precursores da Reforma, devemos contar muitas seitas consideradas hereticas pela autocracia reinante, taes como os albigenses, valdenses, henriquianos, lollardos, hussitas etc.

«As assembléas dos paulicianos ou albigen-

ses, escreve Gibbon, foram extirpadas pelo fogo e pela espada ... porém o espirito invencível que elles tinham accendido vivia ainda, e sobrevava no Mundo Occidental. No Estado, na Igreja e até no mosteiro, conservava-se uma successão latente de discipulos de Paulo, que protestavam contra a tyrannia de Roma, abraçavam a Biblia como a regra de fé, e purificavam seu credo de todas as visões da theologia gnostica. Os esforços de Wicliff na Inglaterra, de Huss na Bohemia, foram prematuros e inefficazes, porém os nomes de Zwinglio, de Luthero e de Calvino são pronunciados com gratidão como libertadores das nações.»

Não podemos deixar de lado, como influencia precursora da Reforma, o mysticismo da idade-media. No silencio de seu retiro, e, frequentes vezes na quietude das cellas ou sob a crasta dos mosteiros, os mysticos se affligiam com a materialização grosseira do Christianismo e com a secularização da Igreja.

Todas essas vozes vinham denunciando a larga e profunda apostasia de Roma, no triplice dominio da *disciplina*, da *doutrina* e do *culto*. Pairava sobre os destinos do Christianismo séria ameaça.

Reforma era o brado universal; reforma exigiam os reis, pediam os povos e reclamavam os concilios, as universidades e espiritos proeminentes e piedosos; reforma «na cabeça e nos membros», *capite et membris*.

Trez concilios tentam realizar esse desejo da parte sã da Christandade — o de Pisa em 1409, o de Constança em 1414, e o de Basilea em 1431. Quebram-se todas essas tentativas ante a resistencia da curia romana, a cuja frente se ergue a auctoridade papal.

Entretanto, não se perderam os protestos dessas testemunhas; echoava, na Europa nascente, o brado repetido dessas sentinelas fieis, destaca-

das, pela Providencia vigilante, nas espessas trevas das superstições medievas.

Provam estes factos o que diz Schaff — que houve muitos reformadores antes da Reforma; e ainda o que declara M. d'Aubigné: *Le protestantisme du seizième siècle a reçu la Bible du protestantisme de tous les siècles*. Não se apagou de todo a chamma da verdade religiosa no seio do povo, houve, de seculo em seculo, até a Reforma, uma successão de «pias testemunhas da verdade», depositarias da Palavra de Deus e herdeiras das promessas divinas. Com elles principalmente estava a Egreja, «o pequeno numero», de que nos fallam Christo e S. Paulo, contra a qual não prevaleceram as portas dos infernos. Foram, de facto, estes, muitos dos quaes eram prisioneiros do papado, que transmittiram a Biblia a seus irmãos do sec. XVI. Dentro e fóra do gremio official do catholicismo-romano, existia e gemia a Egreja.

## Condições mesologicas

Tendo passado em revista as causas geraes da grande revolução religiosa, vejamos, de relance, as condições mesologicas, que a favoreceram, tornando-a possivel.

O ambiente moral da idade-média era inteiramente infenso a qualquer renovação. Afferrado servilmente ao legalismo tradicionalista, o espirito do medievalismo erguia intransponivel barreira a toda reforma. Ao pé desta barreira devia bater e expirar todo o nobre esforço do seculo dezeses, como aconteceu com as reformas prematuras de Wicliff, Huss, Sayonarola, Pedro Waldo, Arnold de Brescia, se certas condições historicas não creassem um meio protector á propaganda dos Reformadores.

Nessas circumstancias favoraveis, houve uma cuidadosa preparação providencial, para que, des-

sa vez, não abortasse a reacção secular contra a apostasia do Catholicismo Romano.

Rêvela-nos o estudo do tempo, que a previsão divina creara uma mesologia apropriada tanto na esphera politica, como na esphera intellectual, social, moral e religiosa.

Na politica a miseravel exploração de que por seculos foram victimas os povos germanicos, predispunha os principes a uma certa independencia em relação á curia.

Vinha de longe o conflicto.

Cresceu o papado, como vimos, sob os auspicios e protectorado do imperio byzantino.

Ao despontar no Occidente o astro dos francos, o papado comprehendeu a necessidade de cultivar o sol nascente.

Pepino, o Breve, usurpando o throno de Childerico III, rei dos francos, é chamado pelo papa Zacharias contra os Lombardos, vence-os e toma-lhes o exarchado de Ravenna e o Pentapolis, fazendo desses territorios doação ao papa (755), origem do «patrimonio de S. Pedro».

A Carlos Magno, brilhante filho do usurpador, envia o papa Leão III, trahindo seu suzerano byzantino, as chaves e os estandartes de Roma, em signal de submissão, e as chaves do sepulcro de S. Pedro (796), e, dois annos depois (800), poz sobre a cabeça de seu protector, em Roma, a coroa do «Santo Imperio Romano».

Não puderam os fracos successores de Carlos Magno manter o brilho do «Santo Imperio Romano», que passou, com Otho I, o Grande (936-973), para os imperadores teutonicos. Tornaram-se estes os novos protectores da Sancta Sé. Esta, quando se sentiu bastante forte, travou com elles lucta na porfiada questão de *investidura*, que trouxe o imperador Henrique IV, humilhado, ás portas de Canossa (1077).

Soube a habil e arrogante politica do Vaticano, no decurso dos seculos subsequentes até

Carlos V, explorar a paciência e barbaria dos povos germanicos, de modo que seus principes, eleitores do imperio, no tempo da Reforma, taes como Frederico da Saxonia, Philippe de Hesse, João o Constante, Jorge de Brandeburgo e outros, conservavam viva a lembrança de Canossa, assumindo attitude sympathica á Reforma.

A quéda de Constantinopla (1453) trouxe duas consequencias favoraveis aos Reformadores. O estandarte de Islam ameaçava as fronteiras do imperio teutonico, e o imperador Carlos V necessitava do apoio dos principes allemães para defender-se contra o turco. Por isso foi coagido a protelar o golpe, que lhe solicitava o papa contra os que seguiam e defendiam o monge de Wittenberg.

Ainda mais. Destruído o Imperio do Oriente pelo turco vencedor, emigraram para a Italia e outros paizes christãos do Occidente os sabios gregos, que vieram inflamar amor ás letras gregas. Desenvolveu-se o estudo do grego, e com elle um prurido geral pelo conhecimento das antiguidades classicas. Irradiou-se da Italia esse movimento intellectual, dando largas, na Europa Occidental, ao estudo do latim, do grego e do hebraico. Chamou-se *Renascença* proeminente-mente a este movimento dos espiritos, e *humanistas* aos cultores dessas linguas classicas, entre os quaes se celebrizaram Erasmo, Reuchlin e Agricola. A Biblia começou a ser estudada nas linguas originaes, e o espirito critico a desenvolver-se, o que não podia deixar de trazer immensa vantagem á Reforma, que na Biblia se baseava.

Coincidiu com esse facto a invenção da *impressão*. De 1455, com a publicação, em Moguncia, da Biblia de Gutenberg, podemos datar o desenvolvimento dessa invenção, que deu asas ao pensamento e victoria á Reforma. Sentiu isso Roma, e estremeceu. «Destruamos a imprensa, exclamou

então um padre inglez, ou a imprensa nos destruirá.»

Ao lado da invenção da imprensa, que deu novo impulso ao espirito de investigação e critica, ponhamos o descobrimento da America... (1491) e do caminho maritimo das Indias. Do pó surgia o mundo antigo, transfigurado nas bellezas da arte, e das aguas mundos novos, que alargavam o commercio, a industria, as riquezas; creava o espirito leigo o sentimento de independencia e liberdade, prenuncios manifestos de novos tempos.

Agricola, Erasmo e Reuchlin, Colombo, Vasco da Gama e Cabral, vinculados por Gutenberg, abriram, aos povos, desconhecidos e largos horizontes; um sopro de vida percorria a Europa, emancipando a humanidade do legalismo medieval, em uma aspiração ardente de liberdade e progresso.

No estudo das linguas e literaturas nacionaes, corporifica-se o sentimento de nacionalidade independente.

Neste ambiente de aspirações e enthusiasmos em busca de novos ideaes, não podia deixar de medrar com vigor e pujança a idéa religiosa, que encerrava a divina belleza do Christianismo redivivo.

Não menos concorreu para preparar terreno á Reforma o *mysticismo*, que se desenvolvera ás margens do Rheno. A religião se havia objectivado nos ritos pomposos e sensuaes do Romanismo, e convertera-se em frio formalismo. A escolastica dera-lhe o verniz de um intellectualismo mechanico. Os mysticos reagiram contra esse mechanicismo atrophiante, e, em um subjectivismo contemplativo, buscavam o segredo da vida religiosa na communhão individual e directa com Deus. Os mysticos, escreve Gasparin, atacaram e arruinaram a escolastica, apoderaram-se da Biblia, amaram, lançaram palavras de verdadeira

espiritualidade no seio das luctas estereis da edade-média, restituiram sentido ás palavras — peccado, salvação e obediencia; sorprehendem-se nelles suspiros que sobem ao céu. Seria faltar ao dever se, antes de tocar na Reforma, se deixasse de prestar homenagem, solenne homenagem, a esses precursores e bons cavalleiros de Deus.

Fundada nos fins do sec. XIV, florescia no sec. XVI a sociedade dos *Irmãos da vida commum*, penetrada pelo mysticismo religioso. Do seu seio sahiu, cerca do anno 1470, a famosa *Imitação de Christo*, que teve oitenta edições antes da Reforma, e, no norte da Allemanha e nos Paizes-Baixos, possuia ella seminarios frequentados por 1.200 estudantes. Os Reformadores receberam o influxo benefico da espiritualidade dessa corrente mystica, que predispunha os animos á acceitação dos grandes principios da Reforma, fazendo consistir a religião na vida interior e nas relações do homem individual com seu Deus.

Todas essas correntes politicas, intellectuaes, sociaes, moraes e religiosas, ao raiar do sec. XVI, punham em evidencia a corrupção da curia e do clero.

O ascetismo dos monges reagia largamente na sensualidade de grosseiros appetites. Escriptor contemporaneo, traçando-lhes com vigor a feição, escreve: *Quod agere veretur obstinatus diabolus, intrepide agit reprobus et contumax monachus*. O que o proprio diabo obstinado recearia praticar, fá-lo-ia intrepido o monge reprobado e contumaz.

As farpas dos humanistas cravaram-se fundo em costumes tão soltos e crassa ignorancia dos que exploravam indignamente o povo, a pretexto de religião. Erasmo, em seus *Colloquios* e *Elogio da loucura*, adquiriu immensa popularidade, e as gargalhadas de Rabelais e os sorrisos scepticos de Montaigne teriam feito do catholicismo romano o que Cervantes fizera da cavalla-



ria, se não fôra o elemento christão nelle contido, que a Reforma salvou.

Foi-nessa atmospherá, batida de todos os ventos, que appareceu a Reforma, como a luz radiante de um novo dia, como o pharol de esperança ao nauta perdido na escuridão de agitados mares.

## A REFORMA

Abriu-se o sec. XVI em pleno refflorir da Renascença. O renascimento das letras greco-romanas revolucionara o espirito europeu. Por toda a parte esvoaçava a alma pagã de Virgilio e Homero, de Horacio e Anacreonte, de Plauto e Sóphocles, de Cicero e Demosthenes. Este prurido geral de litteratura classica reagiu sobre o sentimento religioso, e o negativismo avassalou as classes cultas, coroando dest'arte a invasão secular do gentilismo. O movimento litterario penetrou o proprio Vaticano: Leão X e o Cardeal Bembo eram seus adeptos entusiastas, e a elles se attribue a phrase impia: — *Quanto profuit nobis hæc fabula de Christo.*

Em Moguncia, o immortal Gutenberg inventara a imprensa no anno de 1440, e esta deu asas á Renascença.

Comtudo esta sêde de antigas letras trouxe um poderoso subsidio ao movimento reformador. O estudo do grego e do hebraico, por ella promovido, veio patentear as fontes originaes dos documentos christãos, escriptos nessas duas linguas. Nellas vieram abeberar-se os *humanistas*, taes como Reuchlin, Erasmo de Roterdão, Melancton, Hutten, Luthero, Zwinglio, Calvino, Beza, e muitos outros.

Embora, em sua indole, fosse a Renascença critica e demolidora, pagã e sceptica, prestou ella, comtudo, relevantes serviços á Reforma. Indubitavelmente, ella concorreu para a emancipação dos

espíritos e deu um passo para a luz, para a investigação desassombrada da verdade.

Dada ao estudo das linguas antigas, deu ella ao Mundo o N. Testamento grego em 1516, no momento em que surge Luthero.

Abertos os mananciaes divinos pelo conhecimento dos idiomas originaes, fez-se intensa luz sobre os erros e abusos do Catholicismo Romano, e do mundo das letras partiu o influxo providencial, que, reforçando a corrente politica e ecclesiastica, deu ao brado de Luthero a intensidade do estrondo de um trovão.

Todas essas idéas novas e emancipadoras, que, nas asas da imprensa, percorriam a Europa, arrancavam a venda aos reis e aos povos, esmagados sob o ferreo guante do papado. Aos reis, constantemente ameaçados no exercicio de sua soberania, tornavam-se então patentes os intuitos politicos e ambições terrestres dos papas; e aos povos, empobrecidos pelos dizimos, tributos e annatas, revelava-se a sua cubiça dos bens mundanos. A proverbial «paciencia do allemão» exgottava-se, e Canossa não se poderia mais repetir.

Assim na esphera da cultura e da politica, como na esphera religiosa, havia um cuidadoso preparo providencial para o surto da Reforma, que veio a tempo de salvar o Christianismo de imminente naufragio.

Logo no principio do sec. XVI, um monge macerava-se no convento dos Agostinhos. Jamais possuiria Roma monge mais piedoso. Embuido do ascetismo medieval, buscava elle em vão paz para a sua consciencia em penitencias corporaes e obras meritorias.

Era Martinho Luthero.

A leitura da Biblia, que acaso encontrara na bibliotheca do Convento, e os evangelicos conselhos de seu piedoso director espirital Stau-pitz, superior de sua Ordem, lhe foram trazendo

luz sobre o verdadeiro caminho da salvação, aberto pelos meritos de Christo e illuminado pela graça de Deus. «O justo vive da fé.» (Heb. XI) é sentença biblica, que se lhe gravara no ávido espirito; portanto a fé na obra redemptora de Christo, a fé viva, que «obra por caridade», que se affirma no arrependimento e se revela nas **boas** obras, era para elle a condição unica de perdão, que abre ao peccador pleno accesso ao throno de Deus.

Corria o anno de 1517. Era Luthero por esse tempo professor e prégador na Universidade de Wittenberg. Com grande reclame, percorria a Alemanha Tezel, monge dominicano, vendendo indulgencias por ordem do papa Leão X, que necessitava de dinheiro para completar a basilica de S. Pedro, em Roma.

Nas cidades e aldeias, alçava elle a grande cruz vermelha do papa, e do alto do pulpito, com voz de estentor e linguagem escandalosa, apregoava as mirificas virtudes de sua mercadoria.

«Vinde, bradava, e eu vos darei cartas muni-  
das de sellos, pelas quaes todos os peccados vos serão perdoados, mesmo os que desejaes commetter no futuro... As indulgencias salvam não só os vivos, mas também os mortos... E apenas a moeda tine no fundo do cofre, vòa a alma libertada do purgatório para o céu.»

Oppõe-se, indignado, Luthero contra tanta desfaçatez.

Ameaçado seriamente nesta deslavada simonia, esbraveja o dominicano. Ao ataque, responde o frade agostinho affixando á porta da egreja de Wittenberg 95 theses contra a doutrina das indulgencias, a 31 de outubro de 1517.

Estava lançada a faisca á mina, e ia seguir-se a grande explosão.

Refuta Luthero a doutrina das indulgencias papaes, em nome da indulgencia plenaria promulgada no Calvario a favor da humanidade arre-

pendida. Embora o professor de Wittenberg não estivesse ainda de posse de toda a verdade evangelica, todavia, nessas theses brilha, com intensa luz, a verdade central do perdão gratuito, que nos concede a graça infinita mediante o sacrificio expiatorio do Filho. Não era a bulla papal de indulgencia, exposta á venda na feira ambulante do frade dominicano, que assegurava o perdão, mas era a fé e o arrependimento, que de graça o alcançavam.

Do teor das theses vê-se que Luthero não estava ainda, em 1517, emancipado de todos os erros e abusos do credo papal, mas o seu espirito bebera já no Evangelho a grande doutrina da graça e do perdão dos peccados e a reconciliação do peccador pela Cruz de Jesus Christo.

«Querela de frades» — dizia Leão X ao saber do incendio; ciumes de Ordens, que disputavam a honra lucrativa do trafico religioso, — obtemperavam outros. Enganavam-se: era a consciencia christã que se erguia, desta vez, rija e forte, contra os abusos de Roma e a simonia papal.

Estava lançada a semente fecunda da Reforma no terreno puramente religioso.

Não foi a *disciplina*, nem mesmo o *culto*, o ponto inicial do movimento reformador do sec. XVI: foi a *doutrina*.

Não ha nas 95 theses uma referencia sequer á arrogancia e cubiça dos papas, antes ha ahi esforço manifesto para salvar o papa do desprestigio do escandaloso mercado simoniaco. Tão pouco ahi existe qualquer allusão ás pompas profanas e ritos idolatras do culto romano.

Salienta-se, neste ponto de partida e em toda a attitude dos grandes Reformadores do sec. XVI, o caracter puramente religioso da Reforma.

E o que ainda accentua esse caracter de modo inilludivel é que a revolução religiosa se

inicia sem sciencia e consciencia do piedoso frade agostinho.

No seu zelo humilde, elle não se crê o instrumento poderoso que foi, nem avaliou as tremendas consequencias de seu acto. Agiu, profundamente revoltado com a traficancia das coisas sagradas, no sentimento de um imperioso dever, sem nem sequer consultar seus amigos e seus superiores, que ignoraram o passo que elle dera.

Uma mão mais poderosa que a de Luthero abria os diques, e as ondas impetuosas arrastavam o proprio monge, que, espantado e desapercebido, protestava ainda obediencia á Sancta Sé.

Citado, comparece humilde em Augsburgo perante o cardeal Caetano, legado do papa; porém recusa retractar-se, a menos que o não convençam pela Sagrada Escriptura. Identica é a sua attitude perante Miltitz, novo emissario.

Atacado amargamente pelos defensores das indulgencias, excommungado em 15 de julho de 1520 por uma bulla de Leão X, que, diz C. Cântu, «havia approvado o que tinham feito os vendilhões de indulgencias», foi elle levado a dirigir seus estudos para a *disciplina* e *culto*, e a fazer assim progresso em sua emancipação paulatina do jugo secular do Romanismo.

Entretanto, as chammas, que devoraram Huss, ameaçavam seriamente a Luthero.

Concitou o papa ao imperador Carlos V que o entregasse a Roma. Luthero foi citado a que comparecesse perante a Dieta de Worms em 1521.

A despeito dos fundados temores de seus amigos, lá compareceu, e compareceria, dizia elle, ainda que lá houvesse tantos demonios quantas telhas sobre as casas.

Intimado a retractar-se, proferiu, perante o Imperador e os altos dignitarios do Imperio, eloquente discurso, terminando com estas celebres palavras:

«Refutae-me, pois, e convencei-me pelo tes-

temunho das Santas Escripturas, ou argumentos clarissimos, do contrario não posso e não quero retractar-me, pois não é seguro nem prudente agir contra a consciencia.»

Era, como se vê, o brado da consciencia religiosa affrontando, em uma allucinação de heroismo, todo o poder de Carlos V, todas as iras de Leão X, e todo o ardor devorante das fogueiras da Inquisição!

Em 1529, na segunda Dieta de Spira, fez o imperador passar um decreto tolhendo a liberdade de consciencia, e prohibindo qualquer propaganda religiosa dos novos principios, qualquer mudança de religião, até a decisão de um concilio geral. *Protestaram* contra esta violencia alguns principes, membros da Dieta, que haviam abraçado a Reforma.

Deste novo brado da consciencia emancipada, echo do de Worms, teve sua nobre origem a designação de *protestantes* e *protestantismo*.

Em tudo isso se patenteia, em plena luz, o character religioso da Reforma. Affirma-o ainda Alexandre, nuncio pontificio, que tinha feito citar o monge á Dieta de Worms. «Diz-se, escreveu o nuncio, que a desintelligencia entre Luthero e o papa é motivada unicamente por alguns pontos de controversia, especialmente relativas á auctoridade da Sancta Sé. E' um erro grave, porque em quarenta artigos condemnados pela bulla poucos são os que dizem respeito á dignidade pontificia.»

Tão insuspeito testemunho prova, o que aliaz resumbra de toda a historia do movimento, o character essencialmente religioso da Reforma, alheia em seu inicio e no seu intuito fundamental a qualquer interesse politico e a mesquinhas rivalidades fradescas. Sobre este ponto estão em completo desaccordo com os factos historicos as opiniões de Bossuet, Voltaire e Hume.

## Os trez principios fundamentaes da Reforma

Se das luctas e dos embates, volvermos a nossa attenção para os *principios*, que delles sahiram victoriosos, veremos resaltar não só o character religioso da grande revolução do sec. XVI, senão tambem seu alto valor historico.

Trez, segundo Schaff, são os grandes principios que sahiram triumphantes desse movimento de reacção contra as correntes da apostasia medieval.

Triumphou a Biblia sobre a Tradição, triumphou a fé sobre as obras, triumphou a Igreja sobre o Clero.

Taes triumphos annunciavam a supremacia da Palavra de Deus sobre a dos homens; a supremacia da graça divina da salvação, alcançada pela fé, sobre os meritos humanos, obtidos pelas obras; a supremacia do povo de Deus sobre os ministros da religião.

Estas trez supremacias são a reivindicacção do espirito christão contra as incursões hereticas judeo-pagãs, que, na rudeza dos tempos, vinham, desde o quarto seculo, levedando a religião de Christo.

### I. — SUPREMACIA DA BIBLIA SOBRE A TRADIÇÃO

E' chamado *objectivo* este primeiro principio da Reforma.

Luthero como Zwinglio, Calvino como John Knox, como todos os reformadores da grande revolução religiosa do sec. XV, appellavam para as Escripturas canonicas, como tribunal de suprema instancia. Acima das tradições dos doutores da Igreja, acima dos bispos, papas e concilios, estava para elles a Palavra de Deus, as Sanctas

Esripturas, a Biblia, dada aos homens por divina inspiração dos Prophetas e dos Apostolos do Senhor.

A Biblia foi a fonte sagrada da Reforma, o fundamento inconcusso dos Reformadores, que a consideravam a «única regra infallivel de fé e practica» e «o juiz de controversia».

Para o Romanismo «a regra de fé e practica» é a *Biblia* e a *Tradição*. Reconhece Roma que a Biblia é a Palavra de Deus, mas declara-a *incompleta* e *obscura*, ensinando o sacrilego absurdo de que á *Tradição* incumbe completá-la e interpretá-la.

A *Tradição* é, no systema romanista, a Palavra de Deus não escripta, o ensino oral de Christo e dos Apostolos, transmittido de bocca em bocca, e registrado na vasta e indeterminada literatura dos escriptores ecclesiasticos. Como de prompto se percebe, essa palavra divina não escripta não é mais que as opiniões e idéas de escriptores, bispos, papas e concilios sobre a Palavra escripta e sobre assumptos moraes e religiosos.

Como opinião, a Reforma não desprezou a *Tradição*, mas subordinou-a francamente á Biblia, e affirmou apenas a supremacia das Sanctas Esripturas.

A opinião dos doutores e dos doutos sobre a interpretação ou intelligencia dos textos biblicos é valiosa na medida em que elucida evidentemente o texto sagrado. A infallibilidade só compete á Palavra inspirada aos Prophetas, Evangelistas e Apostolos no texto original.

Roma arbitrariamente estende essa infallibilidade aos infinitos e indefinitos documentos ecclesiasticos, que ella chama — *tradição* e «voz da Egreja». Transviou esta ficção as intelligencias, e «a voz da Egreja, qual cabeça de Medusa, tem petrificado o bom-senso de milhares.» Com o decreto, porém, da infallibilidade papal, pelo



concilio do Vaticano, em 1870, a «voz da Igreja» fundiu-se na voz do papa, e Pio IX, o primeiro infallível, assim interpretando esse decreto, declarou: *La tradizione son io, a tradição sou eu!*

Operou-se uma franca evolução da auctoridade infallível no seio do Catholicismo Romano: das Sanctas Escripturas passou ella virtualmente para a Tradição; da Tradição passou nominalmente para a Igreja; a Igreja restringiu-se ao clero, e o clero absorveu-se no papa, e assim, de 1870 para cá, o papa tornou-se officialmente o organ da infallibilidade divina na terra! Tal, no curso da historia, a marcha centripeta da infallibilidade no movimento centrifugo do Catholicismo Romano.

Como se percebe, esse movimento centripeto da auctoridade infallível na esphera do dogma, seguiu a rota das ambições do bispo de Roma na esphera politica. Pio IX, declarando— *La tradizione son io*, echoa apenas o absolutismo de Luiz XIV, no famoso dicto — *L'E'tat c'est moi*.

Todos os despotas se parecem.

A *tradição*, porém, dos theologos da curia romana tem os seus antecedentes historicos na tradição dos doutores judaicos, marcados pelo Senhor com o ferrete da apostasia nas paginas do Evangelho.

Seguiam os escribas e phariseus, com profundo respeito, «a tradição dos antigos», e chegaram mesmo um dia a interpellar nosso Senhor Jesus Christo, dizendo: «Porque violam os teus discipulos a *tradição dos antigos*». E o Senhor respondeu-lhes: «E vós porque transgredis o mandamento de Deus pela vossa *tradição*?... Hypocritas, bem prophetizou de vós outros Isaias, quando disse: «Este povo honra-me com os labios mas o seu coração está longe de mim. Em vão, pois, me honram, ensinando doutrinas e mandamentos que veem dos homens.» Matth. XV. 1-9.

Estas palavras de Christo contra a «tradição» dos doutores judaicos batem em cheio contra a «tradição» dos doutores catholicos-romanos.

A Reforma, seguindo a lição do Divino Mestre, rejeitou grande numero de *tradições*, que, como vimos, se foram introduzindo na Igreja, com a invasão da corrente judeo-pagã, durante o longo periodo da edade-média. Foram ellas rejeitadas não só como *extra-biblicas*, mas como *anti-biblicas*, taes são — o papado, a hierarchia clerical, o sacerdocio, a transsubstanciação, missas, confissão auricular, oração pelos mortos, indulgencias, purgatorio, obras supererogatorias, culto dos sanctos, das imagens e reliquias, celibato clerical, votos monasticos perpetuos, practicas asceticas, etc.

A Reforma deu a Biblia a todas as classes. Traduzida na lingua do povo, foi ella mais lida em um anno do que nos quinze seculos anteriores. Antes de 1518 tinha havido della quatorze edições.

A Biblia aberta foi sempre o pesadelo de Roma: Pio IV prohibiu, em 1564, a leitura da Biblia, sem a permissão do bispo ou do inquisidor; Clemente VIII (1598) só consentiu com a permissão da Congregação do Index; repetiram essa prohibição condicionada Gregorio XV, em 1622, e Clemente XI, em 1713. Não só deram os Reformadores a Biblia ao povo, e lhe reconheceram a roubada investidura de suprema auctoridade em materia de fé e practica, mas ainda proclamaram o direito do livre exame.

Ao pesadelo da Biblia aberta trouxe mais a Reforma o espantallo do livre exame. Roma tinha razão: a Biblia franqueada e interpretada livremente pelo bom-senso universal era uma séria ameaça a suas falsas tradições.

Exaltou a Reforma a Palavra de Deus: a «Biblia, só a Biblia, nada senão a Biblia» — eis

a religião do Protestantismo evangelico. *Solum verbum Dei condit articulos fidei.*

Codigo inspirado, tornou-se a Biblia o que era primitivamente — a pedra de toque das tradições. A tradição sem a verdade, escrevia S. Cypriano, no sec. III, ao papa Estevam, a quem elle accusava de cegueira, dureza e obstinação, a tradição sem a verdade é a velhice do erro. *Consuetudo sine veritate, vetustas erroris est.*

Como codigo christão, a Biblia segue a sorte e os intuitos de todos os codigos: ella se patenteia á intelligencia e interpretação de todos os interessados, que são os homens de todas as classes.

Essa intelligencia, porém, não é, nem póde ser arbitraria. O «livre exame» não quer dizer arbitrio, como a liberdade não quer dizer licença. O abuso, embora inevitavel na actual contingencia humana, não proscreeve o direito basico da liberdade e livre exame.

Para dirimir duvidas na comprehensão de um artigo obscuro da lei, recorre-se ás luzes superiores de um jurisconsulto; esse recurso, porém, é apenas um auxilio, valioso muito embora, que não annulla, nem substitue o criterio individual da parte interessada. Assim com a Biblia: nos passos de difficil interpretação buscam-se as luzes de pessoas ou fontes auctorizadas, sem que isso tire o direito e a responsabilidade individual na recta intelligencia do texto sagrado. Em ultima analyse, o tribunal de suprema instancia em materia religiosa, o *judicium contradictionis*, é a Palavra de Deus entendida ou interpretada pela parte responsavel.

«Se eu tenho de responder por mim, devo por mim mesmo julgar: não póde haver imputabilidade, onde não ha discernimento.»

A responsabilidade individual em seguir a verdade religiosa, implica forçosamente a liberdade individual na aquisição intelligente dessa

verdade. Sem liberdade, não pôde haver responsabilidade. Não se poderia comprehender que fosse o homem responsabilizado pela practica de certas verdades ou erros, se lhe tolhessem o direito de examiná-los livremente. O direito, pois, do livre-exame e da interpretação privada da Biblia brota espontaneo da responsabilidade pessoal.

Acima, porém, de tudo isso, temos o facto de que esse direito reconhece-o a Palavra de Deus, e promete guiar o seu exercicio sincero com a assistencia do Espirito Sancto. Basta considerar que as epistolas dos Apostolos são dirigidas ao povo christão, afim de que cada um entenda, obedeça e siga aos seus ensinamentos. São terminantes as seguintes passagens: (Rom. 1. 7, 1 Cor. 1. 2, 2 Cor. 1. 1, Gal. 1. 2, Ephes. 1. 1, Phil. 1. 1, 1 Ped. 1. 1, 2 Ped. 1. 1, 1 João ..... 2-12-14).

«Examinae as Escripturas» — disse-o ainda Christo ao povo da Judéa (Joa. 5.39). «Quem tem ouvidos de ouvir, ouça» — dizia o Senhor ao expor suas parabolhas (Matth. 13.43). «Bemaventurado aquelle que lê e ouve as palavras desta prophécia», escreveu S. João no primeiro capitulo do Apocalypse. (Apoc. 1. 3, S. João, 2. 27).

Estes passos e muitos outros da Sagrada Escripura importam em um reconhecimento formal do direito, e, ainda mais, do dever do livre-exame e juizo privado no estudo do codigão divino.

Com a supremacia da Biblia sobre as tradições dos homens, proclamou-se a liberdade de consciencia na franca investigação dos documentos originaes do Christianismo e na consequente intelligencia ou interpretação delles.

Foi esta a gloria da Reforma, e que beneficio immenso não decorreu dahi para a humanidade? Quebraram-se as cadeias seculares, forjadas pelo papado, nas trevas da edade-média,

e o espirito humano pôde inaugurar um novo periodo na historia.

De facto, negar, como faz o Romanismo, o direito individual de indagação e comprehensão das doutrinas biblicas é ferir de morte o sentimento de responsabilidade pessoal, que é o nervo do character, e converter o homem em um autómato facilmente explorado pelo clericalismo ambicioso. Por isso, quando o jesuitismo se levantou para combater a Reforma, em seus principios basicos, arvorou, como bandeira de combate, um estandarte, cujo symbolo significativo era um cadaver, *perinde ac cadaver*.

## II.—SUPREMACIA DA FE' SOBRE AS OBRAS

E' este o principio *subjectivo* da Reforma. Não é elle de modo nenhum a rejeição das obras, mas a sua subordinação á fé, como a consequencia está subordinada ás premissas, e a corrente á fonte.

Roma coordena as obras com a fé, como a tradição com a Biblia: a Reforma subordina as obras á fé, como a tradição á Biblia. Na theologia romana, o acto da justificação do peccador, de seu perdão e acceitação, opera-se pela fé e pelas obras, ou seja, pela graça de Deus e pelos meritos do homem. Esse acto divino, porém, segundo a theologia reformada, opera-se pela fé unicamente e pela graça exclusiva de Deus. E' o que ensina S. Paulo: «Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da Lei.» Rom. III. 28. «Pela graça é que sois salvos mediante a fé, e isto não vem de vós, porque é um dom de Deus. Não vem das vossas obras, para que ninguem se glorie. Porque somos feitura d'elle mesmo, creados em Jesus Christo para as boas obras, que Deus preparou para caminharmos nellas.» Ephes. II. 8-10.

Pela fé somente, ensinam os Reformadores de accordo com a clara doutrina da Biblia, pela fé somente é obtida a salvação, pela fé viva, fructo da graça divina, ou, em outros termos, pela livre graça de Deus mediante a fé viva em Jesus Christo crucificado pelos nossos peccados. As boas obras são a consequencia necessaria dessa fé viva e salvadora, o fructo invariavel da salvação; não a causa meritoria, mas o caminho que «Deus preparou para caminharmos nelle.» (Eph. II. 10).

A graça de Deus opera no coração dos homens, pela Palavra, a fé; e, pela fé, as obras. A graça de Deus, que é Deus em nós, não póde ser infructifera. E' o que exprime Zwinglio, reformador suiso: *Ubi Deus, illec cura est et studium ad opera bona ingens e impellens.*

Coordenar a fé com as obras, a graça de Deus com os meritos humanos, é seguir francamente a heresia pelagiana, victoriosamente combatida por S. Agostinho.

Roma segue, pois, a Pelagio, e a Reforma a Sancto Agostinho.

O *solifidianismo* ou o *sola fide* de Lutero é o centro da Reforma, porque é a essencia do Evangelho. Elle exalta a graça de Deus em Jesus Christo, e leva paz á consciencia despertada do peccador. A fé que salva, como diz um escriptor, é, no sentido biblico ou evangelico, a força vital, que põe em actividade todas as faculdades do homem, apprehende e apropria a mesma vida de Christo e seus beneficios. E' ella filha da graça e mãe das boas obras. E' a causa eficiente dos grandes pensamentos e dos grandes feitos. Separar, pois, a fé das obras ou as obras da fé, «o mesmo é que separar o fogo do calor, ou o brilho da luz.»

«O elemento caracteristico do Christianismo é a grande idéa da graça, do perdão, da amnistia, do dom da vida eterna. O peccado separa o

homem de Deus, e impossivel era ao homem entrar, por si mesmo, em communhão com o ser infinitamente sancto. A salvação vem, pois, de Deus e não do homem. E' por isso que a salvação pela graça distingue a religião de Deus das religiões dos homens.» «A fé é apropriação subjectiva da obra objectiva de Christo.»

Roma, contaminada pela heresia pelagiana, refutada pelo grande bispo de Hipona, obscureceu o brilho intenso destas verdades basicas do Christianismo. «O justo vive da fé.» ... (Heb. 10. 38) — é a grande verdade biblica, que illuminou de subito o espirito do humilde monge agostinho, quando, em Roma, se arrastava de joelhos pelos degraus da escada de Pilatos, afim de ganhar indulgencias e alcançar, pelas obras, a vida, que, pela graça, Deus dá ao justo. «Justificados pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Christo.» (Rom. 5. 1).

Por toda a parte onde Deus constróe um templo, Satanaz levanta uma capella; onde Deus cria um homem, Satanaz faz um macaco, diz acertadamente notavel escriptor.

Não ha, neste mundo de miserias, verdades preciosas, que não tenham sido deturpadas, sophismadas e torcidas.

Tal tem acontecido com a grande doutrina biblica da graça salvadora de Deus em seu amado Filho.

Proclamada brilhantemente por S. Paulo, foi ella pervertida por certos herejes, que julgavam que a graça do Evangelho os dispensava de obedecer á Lei; chamaram-se *antinomianos*, isto é, oppostos á Lei moral.

Presentira o Apostolo o abuso, e perguntou: «Logo destruimos a Lei pela fé? De nenhuma sorte, antes estabelecemos a mesma Lei.» (Rom. 3.31).

«Pois que? Peccaremos porque não estamos

debaixo da Lei, mas debaixo da graça? Deus tal não permitta.» (Rom. 6. 15).

Contra tão abominavel perversão da doutrina da graça, escreve S. Tiago sua epistola, onde declara que «a fé sem as obras é morta.» (Tiago 2. 26).

Ao proclamar, no sec. XVI, essa grande doutrina de S. Paulo, reapparecem os mesmos herejes.

Porém, por estas satanicas perversões não são responsaveis os Apostolos, e tão pouco os Reformadores.

### III. — SUPREMACIA DO POVO SOBRE O CLERO

E' este o terceiro grande principio da Reforma, principio *social* ou *ecclesiastico*.

Obscurecida a auctoridade da Palavra de Deus e a graça divina no plano da salvação, deu o pelagianismo papal mais um passo, fortalecendo a hierarchia ecclesiastica, que, pouco a pouco, usurpou as prerogativas da Igreja.

Houve uma dupla usurpação: a da auctoridade divina, que residia na Palavra de Deus, passou a residir no clero, e a do clero, que, avocando a si os direitos da Igreja, conseguiu dar maior prestigio a essa usurpada auctoridade, que deste modo se impoz, nos rudos tempos medievaes, como o grande principio de auctoridade, sustentaculo da ordem, do temor e do respeito social.

Se, na esphera religiosa, pudessemos admitir o principio civil de prescripção, como quer Balme, o clero, e mormente o papa, deviam ser na terra, como pretendem, a suprema auctoridade pelo direito de usocapião, se bem que o Delailama lhe pudesse pôr embargos á pretenção.

Sobre este terreno sagrado, porém, jamais se poderá legalizar a usurpação, e a quem atrai-



ção a Deus e aos homens jamais conferirá direitos adquiridos a tradição.

A Reforma não se revoltou contra a auctoridade, mas contra a usurpação da auctoridade; não se insurgiu contra a Igreja, mas contra a perversão de seu conceito.

De facto, o conceito apostolico de Igreja christã é mui diverso daquelle que a curia romana nos apresenta. Para os Apostolos a Igreja é «o povo de Deus», «os fieis, os sanctificados em Jesus Christo», «a gente sancta», «o sacerdocio real», como se pôde ver em 1 Corinthios I. 2, 2 Corinthios I. 1, 1 Pedro II. 9.

Tal conceito foi fundamentalmente alterado pelo Romanismo, que o restringiu ao clero, absorvido no papa, chefe da casta sacerdotal, senhora das chaves do Céu e do Inferno, e mediadora entre Deus e os homens. Assim o clero confiscou os direitos do povo de Deus e o papa usurpou os direitos do clero. *Per ecclesiam intellegimus pontificem Romanum, Papa virtualiter est tota ecclesia.*

Ao sacerdocio universal do povo de Deus, de que nos falla S. Pedro, substitue Roma o sacerdocio particular de uma classe sagrada, que exclue os leigos de qualquer participação na auctoridade docente e regente da Igreja, reservando-lhes apenas a obediencia passiva, a fé implicita.

Contra essa casta usurpadora reage francamente a Reforma, e reivindica, para os fieis, os direitos da Igreja, conferidos pelo fundador do Christianismo, os da Esposa com accesso livre á presença do Esposo.

Ao brado energico dos Reformadores; cahiram cadeias seculares, e em vez de um povo passivo, sem accesso directo a seu Deus e Salvador, creado para um ministerio ritualista, creou-se um ministerio activo para um povo intelligente,

no pleno gozo de franca entrada ao Throno da graça.

Volveu-se á primitiva concepção evangelica dos ministros do Senhor: deixaram elles de ser os senhores da Igreja, para serem os servos, «despenseiros das varias graças de Deus»; deixaram de ser os sacrificadores da corrente judeo-pagã, para se tornarem os guias eleitos do povo na regencia e docencia da Igreja.

Completara-se, no movimento religioso da Reforma, a supremacia da Biblia e da fé pela supremacia do povo escolhido, resgatado pelo sangue do Cordeiro de Deus.

A hierocracia, que fechava a Biblia, e encobria a graça, cedeu o logar a pastores que conduziam o rebanho do Senhor ás fontes das aguas da vida.

O Evangelho «destronizou os padres, idolos vivos das nações, e levou o homem directamente a Deus.»

Da Biblia aberta irradiava-se intensa luz, que a todos aclarava a senda da graça, a entrada franca ao throno da infinita misericordia. A's multidões maravilhadas patenteavam-se os ricos thesouros do amor de Deus, no dom ineffavel de seu amado Filho, «para que todo o que crê nelle, não pereça, mas tenha a vida eterna.» (João 3. 16.)

Franqueavam-se ao povo sedento os mananciaes do Evangelho da graça de Deus. Soavam, por toda a parte, os convites do Salvador e os ensinamentos dos Apostolos: «Quem tem sede, venha a mim e beba.» (Jo. 7. 37.) — «Vinde a mim todos os que andaes em trabalhos, e vos achaeis carregados, e eu vos alliviarei.» (Matth. 11.28.) — «Aquelle que vem a mim, eu não o lançarei fóra.» — (João 6. 37.) — «Cheguemos, pois, confiadamente, ao throno da graça, afim de acharmos graça e sermos soccorridos em tempo opportuno.» (Heb. 4. 16.) — «Eu sou o

caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pae senão por mim.» (João 14. 6.)

Taes ensinós eram uma resurreição apostólica, um sopro de vida, que arrancava o povo da lethal modorra em que o haviam sepultado os ritos estereis, as pompas sensuaes, os methodos mechanicos de salvação, practicados pelos hierophantes do paganismo baptizado da idade-média.

Em palávras incisivas mostra E. Pelletan a transformação religiosa produzida pela Reforma. «Entre o padre e o fiel, escreve elle, ha uma alma de mais — a alma do fiel. A Reforma restitue a alma ao homem, e com a alma a faculdade de querer e agir em seu interesse. Da liberdade interior á liberdade civil ha apenas um passo.»

Traça D'Aubigné, com mão de mestre, o processo secular do «mysterio de iniquidade», que deveria prevalecer na Egreja até que surgisse rediviva no grande terremoto do sec. XVI. «A Egreja, escreve esse grande historiador, era a principio um povo de irmãos; porém estabeleceu, em seu seio, com o papismo, uma monarchia absoluta.»

«Eram todos os christãos sacrificadores de Deus vivo (I Ped. 2. 9), offerecendo-lhe sacrificios espirituaes, sob a direcção de humildes pastores. Mas, no meio desses pastores ergueu-se uma frente soberba; uma bocca mysteriosa proferiu palavras cheias de orgulho; uma mão de ferro constrangeu todos os homens, grandes e pequenos, ricos e pobres, livres e escravos, a receber a marca do seu poder.

Perdeu-se a sanctidade e primitiva egualdade das almas deante de Deus. A' voz de um homem, partiu-se a christandade em dois campos deseguaes: de um lado uma casta ecclesiastica, uma gerarchia de padres, que ousa usurpar o nome de Egreja, e que se diz revestida, aos olhos do Senhor, de grandes privilegios; de outro

lado, rebanhos servis, reduzidos a uma submissão cega e passiva, um povo amarrado e amordaçado, entregue a uma casta soberba. Toda a tribo, língua e nação da christandade soffreram a dominação desse rei espiritual, que recebeu o poder de vencer.»

No grande movimento do sec. XVI, reagiu o povo de Deus contra esse absolutismo hierocratico usurpador, e, reivindicando os seus direitos, restabeleceu a republica christã dos tempos apostolicos.

## Origem do nome protestante

De um protesto solenne em prol da liberdade de consciencia devia receber a Reforma o nome que caracteriza o seu papel na historia.

Corria o anno de 1529. Acabava de baixar ao tumulo Frederico, o magnanimo, principe da Saxonia, protector de Luthero.

Graves acontecimentos tinham, na Allemanha, enfraquecido a Reforma e o prestigio de Luthero, taes como a desintelligencia dos principes, a revolta dos nobres e a dos camponezes, a dissenção entre os proprios Reformadores.

De outro lado, novos successos vinham fortalecer seus adversarios. Chegara o imperador Carlos V ao auge de seu poder. Triumphara em Pavia de seu rival, Francisco I, rei de França, que «tudo perderá, excepto a honra»; repellira o turco nas fronteiras orientaes.

Entretanto, por um acto inesperado da Providencia, a borrasca, que devia alagar a Reforma, desabou sobre o Vaticano.

Indignado com a politica traiçoeira do papa Clemente VII, Carlos V annullou os decretos da dieta de Worms (1521), e concedeu na dieta de Spira de 1526 amplas regalias aos partidarios da Reforma. Captando assim o apoio delles invadiu a Italia com um exercito composto

de allemães e hespanhoes, em 1527. Tomou Roma de assalto; o papa refugiou-se no Castello de Sancto Angelo, e a cidade foi, por dez dias, entregue ao saque, que nada poupou. Foi só depois de terem arrecadado um despojo de dez milhões de escudos de ouro, e sacrificado de cinco a oito mil vidas, é que «a ordem e a paz começaram a se restabelecer um pouco.»

Vencido, humilhado e prisioneiro, pagou o papa o resgate de quatrocentos mil ducados, e, a 29 de junho de 1528, assignou com o Imperador o tractado de Barcelona, que encerrava o compromisso basico de destruir a Reforma. A esse fim foi convocada a segunda dieta de Spira para 21 de fevereiro de 1529. O momento era de angustia; pairava no ar séria ameaça.

Ia a Reforma acrysolar-se no cadinho de ter-riveis privações. Contra ella mancummunaram-se, em pacto sangrento, os dois despotismos que dominavam a Europa, scem contraste. «Funes-tos presagios agitavam os espiritos. Em pleno janeiro, uma grande luz illuminava repentinamente noite profunda», escreve D'Aubigné. Ordens terminantes do Imperador ao rei Fernando, seu irmão, que em seu nome devia presidir á dieta, annunciavam a abolição das regalias concedidas na dieta de Spira de 1526 e a restauração do edicto de Worms de 1521. Eram cassados todos os decretos de tolerancia, todas as garantias aos reformados; era prohibida a prégação da Palavra de Deus, a propaganda do Evangelho e retirada, sob severas penas temporaes, toda liberdade de consciencia.

O rei Fernando, da Hungria, irmão de Carlos V, publicou, como nos conta D'Aubigné, a seguinte tarifa de crimes e penas:

<i>Crimes</i>	<i>Penas</i>
Deixar de ir a confissão.	Prisão, multa
Fallar contra o purgatorio.	Banimento.
Fallar contra os sanctos.	Prisão, banimento e outras penas.
Dizer que Maria era mulher como as outras.	Castigo corporal, confiscação ou morte.
Tomar a Sancta Ceia á moda heretica.	Idem; e confiscação ou arrazamento da casa onde tivesse sido celebrada a ceia.
Consagrar o sacramento sem ser padre romano.	Morte pela espada, pela agua ou pelo fogo.
Negar a humanidade ou divindade de Christo.	<b>M</b> orte pelo fogo.

Deante desta intolerancia papista, ameaças e franco despotismo, ao lado de promessas e solicitações, alguns principes, como soe acontecer, amedrontados, bandearam-se, e uma maioria subserviente revelou, na dieta, a extrema arrogancia e violencia do partido catholico-romano.

Nesta atmospherá borrascosa, pejada de raios, ergue-se, entretanto, intrepida a minoria, composta de principes e representantes das cidades imperiaes, e perante a dieta lavra immortál protesto, em nome da liberdade da consciencia illuminada pela Palavra de Deus, contra a revogação do decreto de tolerancia da dieta anterior e contra a annullação das formaes promessas da palavra imperial.

Eis o protesto em sua integra:

«Caros senhores, primos, tios e amigos! Tendo vindo a esta dieta, por convocação de S. Magestade e para o bem commum da christandade,

da ultima dieta, concernentes a nossa fé christã, **de**verão ser supprimidas e substituidas por outras resoluções restrictivas e embaraçosas.

Entretanto, o rei Fernando e os outros commissarios imperiaes, impondo os seus sellos ao ultimo decreto de Spira, haviam promettido, em nome do Imperador, cumprir sincera e inviolavelmente tudo quanto ahi se continha e não permittir nada que lhe fosse contrario. E do mesmo modo, vós e nós, eleitores, principes, prelados, senhores e deputados do Imperio, nós nos compromettemos então a manter sempre, e com todas as nossas forças, todos os artigos deste decreto.

Nós não podemos, pois, consentir em que elle seja supprimido.

Não o podemos, primeiro, porque cremos que S. Majestade Imperial, bem como vós e nós somos chamados a manter com firmeza o que foi unanime e solennemente resolvido.

Não o podemos, em segundo lugar, porque se tracta ahi da gloria de Deus e da salvação das almas, e porque em taes assumptos devemos olhar antes de tudo o mandamento de Deus, que é o Rei dos reis, o Senhor dos senhores; tendo cada um por si de dar conta, sem de nenhum modo nos importarmos com maioria ou minoria.

Não formulamos nenhum juizo, carissimos senhores, sobre o que vos diz respeito; e nos contentamos em orar diariamente a Deus que nos faça a todos nós chegar á unidade da fé, na verdade, caridade e sanctidade, por Jesus Christo, nosso throno de graça e nosso unico Mediador.

Pelo que nos diz respeito, porém, adherir á vossa resolução (julgue-o todo homem honesto) fôra agir contra a consciencia, condemnar uma doutrina que julgamos christã, e declarar que deve ella ser abolida em nossos Estados, se o pudéssemos fazer sem difficuldade. Seria isso negar a nosso Senhor Jesus Christo, rejeitar sua

Sancta Palavra, e lhe dar justos motivos para que elle nos renegue, por seu turno, deante de seu Pae, como nos ameaçou.

Que! declarariamos, adherindo a este decreto, que, quando o Deus todo-poderoso chama um homem a seu conhecimento, não é este homem livre para receber o conhecimento de Deus! Oh! de que mortaes quédas não nos tornaríamos deste modo cúmplices, não somente entre os nossos subditos, mas também entre os vossos!

E' esta a razão por que rejeitamos o jugo que se nos impõe.

E, embora seja universalmente conhecido que, em nossos Estados, o sancto sacramento do corpo e do sangue de Nosso Senhor é convenientemente administrado, não podemos adherir ao que propõe o decreto contra os sacramentarios, uma vez que delles não fallava a convocação imperial, nem foram elles ouvidos, além de que não se pódem decidir pontos tão importantes antes do proximo concilio.

De mais, estabelecendo o novo decreto que devem os ministros ensinar o sancto Evangelho, explicando-o conforme os escriptos acceitos pela sancta Egreja christã, julgamos que, para que esta regra tenha algum valor, necessario seria que estivessemos de accordo sobre o que se entende por esta verdadeira e sancta Egreja. Ora, uma vez que ha sobre este ponto grandes dissentimentos; que não ha doutrina certa senão aquella que é conforme á Palavra de Deus; que o Senhor prohibe ensinar differentemente; que cada texto da Escriptura Sagrada deve ser explicado por outros textos mais claros; que este sancto livro é, em todas as coisas, necessario ao christão, facil e proprio para dissipar as trevas, nós estamos resolvidos, com a graça de Deus, a manter a prégação pura e exclusiva de sua só Palavra, tal como é contida nos livros



biblicos do Velho e do Novo Testamento, sem nada lhe ajunctar, que lhe seja contrario.

Esta Palavra é a unica verdade; é ella a norma segura de toda doutrina e de toda vida, e não póde jamais falhar ou enganar.

E' por isso, carissimos senhores, tios, primos e amigos, que cordialmente vos supplicamos que pondereis com cuidado nossas queixas e nossos motivos. Mas, se vós não attenderdes a nossa petição, nós **PROTESTAMOS**, pelas razões expostas, deante de Deus, nosso unico creador, conservador, redemptor e salvador, e que será um dia nosso juiz, e deante de todos os homens e todas as creaturas, que não consentimos, nem adherimos, de maneira nenhuma, por nós e pelos nossos, ao decreto proposto, em tudo o que fôr contrario a Deus, á sua Sancta Palavra, á nossa boa consciencia, á salvação de nossas almas e ao ultimo decreto de Spira.

Ao mesmo tempo, nos persuadimos que S. Magestade Imperial procederá para conosco como um principe christão que ama a Deus acima de tudo, e nós nos declaramos promptos a lhe prestar, assim como a vós todos, graciosos senhores, toda a affeição e toda a obediencia, que são nosso justo e legitimo dever.»

Foi lavrado este celebre Protesto a 24 de abril de 1529, e assignado por seis principes e quatorze cidades, seguintes: João, eleitor de Saxe; Jorge, margrave de Brandeburgo; Ernesto e Francisco, duques de Luneburgo; Philippe, landegrave de Hesse, e Wolfgang, principe de Anhalt; e as cidades: Strasburgo, Nurenberg, Ulm, Constança, Lindau, Memmingen, Kempten, Nordlingen, Keeilbronn, Reuttingen, Issny, Wissenburgo e Winsheim.

Neste heroico *protesto* temos a nobre origem do nome de *protestante* dado aos adeptos da Reforma, e de *protestantismo* ao movimento reformador.

E', pois, o nome, no decurso das gerações, o depositario historico de uma affirmação solennissima da liberdade de consciencia, centro e vida de todas as liberdades; é a repulsa firme e magnanima da intrusão do poder civil e do poder ecclesiastico na esphera sagrada dos direitos inalienaveis da personalidade humana. E' mais, porventura: é a affirmação sublime da soberania exclusiva de Deus e de sua Palavra infallivel sobre a consciencia moral do homem.

Foi um protesto de fé, antes que de politica. Nos seus escudos e nos braços de seus servidores, traziam esses nobres paladinos dos direitos do homem, na esphera temporal e espiritual, a insignia divina — V. D. M. AE. — que significa: *Verbum Domini manet in æternum* — a Palavra de Deus permanece para sempre (I Pedro I. 25). Neste lemma sagrado temos o segredo de seu heroismo.

Pilatos e Caiphaz, o throno e o altar, Carlos V e Clemente VII, combinaram novamente a crucificação de Jesus Christo na pessoa de sua Egreja. Esta teve o seu Gethsemaní nos trez primeiros seculos. Palmilhou a via dolorosa percorrida por seu celestial Esposo; e, conduzida pelos esbirros do Summo Pontifice, através da noite medieval, passou do atrio do Vaticano ao pretorio do Imperador. Em Spira contra ella vociferou a intolerancia sangrenta do papismo. Foi então que se ouviu o brado victorioso da consciencia emancipada, o qual, oito annos antes, na dieta de Worms, irrompera dos labios frementes do monge de Wittenberg.

Do nome protestantismo tem-se dicto que a Reforma é meramente negativa. Mero sophisma de advogados em apuros. O negativismo é esteril, e só a fé positiva, que resplandece nesse documento, que penetra e inspira cada uma de suas expressões, é que póde explicar a robustez vital das raças, que abraçaram a Reforma. Quatro

seculos de vida intensa dos povos reformados insurgem contra a fallaciosa allegação.

As formulas negativas encerram, não raro, emphaticas affirmações. Quem não vê no negativismo do Decalogo a affirmação solenne das mais sublimes virtudes, e no *non possumus* do Vaticano a declaração positiva do mais ferrenho absolutismo ecclesiastico?

O brado triumphante de 89 foi um echo de Spira, e antes que a revolução gravasse, no codigo da humanidade, os «direitos do homem», inscreveram-nos, na consciencia dos povos, os heroes de 1529.

Mas, o «Protesto» não foi tão somente a repulsa á invasão tyrannica do poder civil e ecclesiastico no sanctuario inviolavel da liberdade individual; transpiram desse documento, extremadas e amplas, uma affirmação e uma negação solennissimas: o reconhecimento positivo da soberania exclusiva e directa da Palavra de Deus em materia religiosa, e a rejeição peremptoria dos elementos extranhos, accrescidos ao credo christão na romanização paganizante com o volver dos seculos tenebrōsos da barbárie medieva. Ha nesse documento a discriminação nitida entre o catholicismo apostolico e o romanismo anti-apostolico.

Deante, pois, da historia imparcial, o Protestantismo outra coisa não é que o Catholicismo primitivo sacudindo de si o Romanismo papal.

## Simultaneidade e progresso da Reforma

E' digno de nota o character simultaneo e harmonico da Reforma nos diversos paizes da Europa. Sem accordo previo, rebenta, quasi ao mesmo tempo, o incendio, cujo facho preparara a mão da Providencia.

Em França, já em 1512, proclamara Lefèvre d'Étaple o perdão dos peccados pelos meritos ex-

clusivos de Christo, e logo ahi appareceram como seus cooperadores e continuadores — Farel, Calvino, Roussel, Wolmar, Viret, Marot, Olivetan, Beza. Em 1555 formou-se a primeira congregação em Pariz, e ahi reuniu-se o primeiro Synodo em 1559.

Em 1558 falla Beza de haver em França ... 400.000 membros de egrejas reformadas, as quaes eram computadas em 2150 a 2500, quatorze annos mais tarde (1572).

Eram elles appellidados *huguenotes*, corruptela, segundo opinião mais generalizada, do alemão *Eidgenossen* — confederados.

Em 1516, substituiu Francisco I a *Pragmatica Sancção* (1438) por uma *Concordata* com a curia romana, que cerceava as regalias da egreja gallicana, mas fazia practicamente do rei o chefe da egreja. Nestas circumstancias a Reforma encontrava em França o que a Egreja primitiva encontrou no imperio romano — a dupla opposição do throno e do altar. Assim o movimento reformador que não somente ganhava o favor do povo, mas principalmente das classes nobres, chefiadas pelos principes de Navarra, era considerado não somente como uma rebelião contra Roma, mas contra o Estado. Chefiavam os duques de Guise o partido papal que, em trez guerras civis, se propoz o exterminio da heresia huguenote. Como nos seculos primitivos, o sangue dos martyres foi a semente da Egreja, que se propagou admiravelmente «sob a cruz», até que com o despotismo de Richelieu e a revogação do edicto de Nantes em 1685, sob Luiz XIV, empobreceu-se a França pela larga emigração de huguenotes, que foram levar á Hollanda, á Inglaterra, e á Prussia aquella prosperidade e força, que provocou a catastrophe de 1870.

Na Suissa, annuncia Zwinglio, antecipando Lutero, em 1516, a verdade evangelica aos monges d'Einsiedelen, seguido de Viret, O Ecomlapa-

dio, Farel, e do grande Calvino, que, perseguido na França, veio estabelecer em Genebra . . . . (1536-1564) uma nova séde da Reforma. Foi elle o Paulo do Christianismo restaurado, de que Luthero era o Pedro. Espirito organizador, genio especulativo e profundo, vontade perseverante e inquebrantavel, sua influencia 'estendeu-se larga e intensamente no movimento reformador.

Na Escocia, a voz forte de John Knox, P. Hamilton, Wishart e outros, fez soar as boas novas de um christianismo excoimado de mescla pagã.

Na Inglaterra, encontrou a Reforma condições especialissimas, que convem de ligeiro narradas.

Antes que a Reforma penetrasse no reino britannico, operava-se ahi uma reforma politico-religiosa de um character inteiramente negativo.

Henrique VIII, segundo-genito de Henrique VII, destinado ao estado ecclesiastico, subiu ao throno em 1509, por morte successiva de seu irmão e de seu pae. Casara-se, por dispensa papal, com D. Catharina de Aragão, viuva de seu irmão e tia do imperador Carlos V, apesar dos protestos de Warham, arcebispo de Canterbury, que julgava tal enlace contrario ás Escripturas Sagradas.

Exigiam os papas a vassallagem da Inglaterra, desde que João Sem Terra a eufeudara ao throno pontificio. Reagiram os reis e os nobres contra a affronta da supremacia papal. Nesta lucta patriotica empenhara-se o altivo representante da casa dos Tudors.

Catholico romano, embuido na Summa Theologica de S. Thomaz de Aquino, em que se amestrara, o seu programma de reforma religiosa não ia além de substituir o papa pelo rei. Elle rejeitava tão somente a intromissão da auctoridade pontificia nos dominios inglezes, e constituia-se como chefe de Estado, cabeça da Egreja ingleza,

mantendo com a ferro os dogmas do catholicismo romano.

Mereceu-lhe o zelo orthodoxo o titulo de *Defensor da fé (Fidei Defensor)*, quando em 1521 desceu á liça para se oppor a Luthero, publicando o seu *Assertio septem sacramentorum* contra O *captivo babilonico da Egreja*, o que o expoz ás setas aceradas do reformador teutonico. Clemente VII confirmou-lhe o titulo em 1523.

Auxiliado pelos humanistas Colet, Thomaz More e Erasmo de Roterdão, pelo ambicioso cardeal Wolsey, por T. Cromwell e Cranmer, reagiu elle contra a curia romana, e á mão tente obrigou o clero inglez a reconhecer a supremacia da coroa.

Nesta lucta secular do poder civil contra as invasões do poder ecclesiastico, do Estado contra a Egreja, um incidente veio inflammam o zelo de Henrique VIII.

Despertou-lhe o cardeal Wolsey escrupulos sobre a legitimidade de seu casamento com sua cunhada, e a paixão, que concebera por Anna Boleyn, exarcebara-lhe o pungir da consciencia. Pedu ao papa a annullação de seu consorcio. De bom grado o faria Clemente VII, do que deu prova, se não fôra a espada victoriosa de Carlos V, tio de Catharina. Exasperado pela attitudo dubia do papa, despreza a sua auctoridade, e a annullação é proclamada pelo Parlamento e pelo arcebispo de Canterbury, em nome da Egreja ingleza. Desposou o rei em 1532 Anna Boleyn.

Uma serie de decretos do Parlamento cortara breve os elos que prendiam a Egreja da Inglaterra á curia romana. O decreto da *Submissão do Clero*, promulgado em 1532, foi ratificado pelo Parlamento em 1534.

Estava creada a *Ecclesia Anglicana* e o rei declarado «a unica cabeça suprema, no mundo, da Egreja da Inglaterra.»

Uma tal reforma politica era apenas uma

mudança de cabeça terrestre, e a victoria do Estado contra a supremacia politica de Roma.

Para mostrar, escreve o historiador Lindsay, que todos esses actos não tinham em vista reforma alguma religiosa, mas somente uma separação politica da Igreja de Inglaterra quanto ao papado, promulgou o Parlamento uma lei sobre heresia, condemnando os hereges á fogueira, e dando ao rei, como cabeça da Igreja, o direito de assim purificá-la, conservando-se fiel aos methodos do papa.

Em virtude desse decreto, mandou Henrique VIII muitos adeptos da Reforma para a fogueira, taes como T. Bilney, Bayfield, Tewhesbury e J. Bainham, e ao cadafalso os que se conservavam fieis a Roma, entre os quaes Thomaz More e o bispo Fisher.

Para mostrar ainda mais o seu antagonismo á Reforma, e a adhesão aos dogmas romanistas, fez passar o voto da Convocação, em 1536, *Os Dez artigos*, que affirmavam muitos dogmas e practicas repellidos pela Reforma, taes como a regeneração baptismal, a confissão, a transsubstanciação, o uso de imagens, o culto dos sanctos, a agua benta, o purgatorio e as orações pelos defunctos. Em 1539, os chamados *Seis artigos*, ou *Artigos sanguinarios*, como lhes chamava o povo, destinavam á fogueira quem negasse as doutrinas supra, o celibato do clero, a missa, a confissão auricular.

Nestes sentimentos catholicos morreu, em... 1547, esse monstro de crueldade, deixando ainda encommendadas, em seu testamento, missas em suffragio de sua alma. Viveu catholico romano e catholico romano morreu, embora excommungado.

Chamá-lo reformador da Inglaterra, e fundador do protestantismo inglez é affrontar os factos historicos. Por isso escreve D'Aubigné: *Dire que Henri Tudor fut le réformateur de son peuple, c'est ignorer l'histoire.*

Posteriormente, porém, appareceu, ao lado desta reforma politica e em opposição a ella, um movimento genuino de reforma religiosa, que obedecia francamente ao appello de Wittenberg e Genebra.

Em 1524 e 1525, começa a apparecer em Londres o Novo Testamento traduzido em inglez por G. Tyndale e em 1535 a Biblia traduzida por Coverdale. E' este o inicio do profundo movimento religioso que deu a Inglaterra á Reforma. Ao lado de Tyndale e Coverdale, surgem Cranmer, J. Rodgers, T. Bilney, J. Fryth, J. Hoaper, Latimer, Tewkesbury, Monmsut e outros.

Por morte de Henrique VIII, subiu ao throno seu filho Eduardo VI (1547-1553). Tendo este abraçado sinceramente o Protestantismo, deu forte impulso á propaganda da Reforma na Inglaterra, durante seu curto reinado.

Morto elle, foi coroada Maria, cognominada a Sanguinaria (1553-1558), filha de Catharina de Aragão, fanatica pelo Romanismo. Sangrenta foi a reacção, que atirou ás chammas nobres martyres da Reforma. Seus crueis esforços, porém, atearam ainda mais o incendio, e no longo reinado de sua successora Isabel (1558-1603), firmou-se de vez o Protestantismo na Inglaterra.

Não foi isolada a voz do monge de Wittenberg; brados simultaneos reforçaram os másculos accentos de seu verbo inflammado, e um meio elastico repercutiu, por toda a parte, o nobre protesto de Spira.

Nessa simultaneidade maravilhosa descobri-se o dedo de Deus.

Rapido e fulminante foi o progresso da Reforma. Em poucos annos, dominou os Estados germanicos, a Suissa, os Paizes-Baixos, a Dinamarca, a Suecia, a Noruega, a Inglaterra, a Escocia; estendeu-se á Polonia, á Austria, á Bohe-mia; penetrou largamente em França, e repercutiu na Italia, Hespanha e Portugal.



Vejam os como o papado pôde deter o passo triumphante á marcha acelerada da Reforma, nos paizes do occidente e do sul da Europa.

## Perseguições

Do regaço de seu absolutismo accordou o papado, como Sansão do collo de Dalila. Sentiu tremer o solio pontifical, firmado apenas na terra fofa das superstições medievas.

Não se tractava, como a principio suppuzera Leão X, de uma arenga de frades; tão pouco de ciumes de conventos, como levianamente declararam Voltaire e Bossuet. Era a consciencia ferida pela luz da verdade, que reagia heroica contra o cesarismo papal e as erronias judeo-pagãs, que haviam deformado a Egreja.

Séria era a ameaça; urgiam medidas energicas. Importava circumscrever o incendio, e jugular o movimento reformista.

Ergue-se sangrenta a tiara; atiza as fogueiras da Inquisição e a sanha dos reis, fulmina anáthemias.

A seu aceno, desembainham contra a Reforma o gladio temporal e movem-lhe crua guerra, embriagando-se com o sangue de milhares de martyres, Carlos V, Francisco I, Carlos IX, Catharina de Medicis, Philippe II, Maria, a Sanguinaria.

Sôa a hora do martyrio, e Roma papal leva a palma a Roma imperial no numero das victimas e na crueldade dos supplicios.

Tractando da intolerancia do catholicismo romano, já assignalámos os factos que, na historia, clamam aos céos contra o espirito satânico de crudelissimas perseguições provocadas pela infallibilidade da Sancta Madre de Roma.

Apenas adduziremos aqui, de caminho, mais algumas considerações sobre a intolerancia feroz do Romanismo.

○ hórrido tribunal do Santo Officio, fundado

por Innocencio III, no concilio de Tolosa, em 1229, representou papel proeminente na reacção contra o movimento reformador.

Nos seus annaes registra elle, segundo Llorente, só na Hespanha até 1809, as seguintes victimas; 31.912, queimados vivos; 17.659, queimados em effigie; 291.450, presos, etc., como penitentes. — Total — 341.021.

A's chammas desse negro tribunal foram lançados illustres reformadores, taes como — Henrique Voes, J. Esch, Wishart, Hamilton, Kaiser, Cranmer, Latmer, Ridley e outros muitos.

Os *autos-de-fé* suffocaram a Reforma na Hespanha e em Portugal.

Na França, em solenne procissão de desagravo, fazia Francisco I queimar os huguenotes; a horrenda carnificina de S. Bartholomeu ensanguenta Parize a nação, enchendo de festivo jubilo a Sancta Sé; a cruel revogação do edicto de Nantes (1685) e os horrores das *dragonadas* cobrem a França de lucto, e de pavor a Europa.

Nos Paizes-Baixos, o celebre duque d'Alba supplanta a Nero em requintes de maldade, sacrificando, em seis annos, sobre o altar de Roma papal cem mil vidas!

Nesse banquete de sangue, teve o Brasil o seu quinhão. Jacques le Balleur, que com outros ministros viera ao Brasil, em 1555, trazidos por Villegaignon, Cain da America, foi enforcado, auxiliando ao carrasco o P.<sup>e</sup> José Anchieta. Trez outros companheiros seus foram lançados ao mar, na bahia do Rio de Janeiro.

Foi longo e abundante o baptismo de sangue da Reforma, e se não contou os trezentos annos de martyrio do Christianismo primitivo, forneceu, em compensação, maior numero de victimas.

Conseguiu o papado, com taes crueldades, paralysar o movimento reformador nos paizes meridionaes da Europa; nos do Norte, porém, elle se consolidou e desenvolveu.

Retemperado no heroismo de seus martyres, a Reforma deu ás raças septentrionaes a expansão e a tempera victoriosa, que as distinguem.

Os quatrocentos annos decorridos até hoje lhe teem, á larga, tirado a prova do valor de seus principios sociaes.

Apregoa bem alto a valia de seu influxo civilizador a hegemonia saxonica nas relações mundiaes e a criação, por ella, de uma nação ao norte do novo continente, que tem deslumbrado o mundo com o assombro de seu progresso.

## A Reforma e os abusos

Não foi, por certo, impeccavel a Reforma: abusos e houve e abusos tem havido na practica de seus grandes principios: *errare humanum est*. Nas grandes agitações dos povos, não raro a liberdade se converte em licença, e a tyrannia demagogica arremeda a oppressão das olygarchias ou o absolutismo dos despotas. O abuso, porém, de um principio tem nesse mesmo principio a sua condemnação e correctivo, e em nada lhe deve tirar o prestigio e o valor.

Quando o açoute da borrasca levanta as ondas alterosas do oceano, estas se precipitam na praia, revolvendo a vasa, e no seu vasto lençol crystallino fluctua, muitas vezes, o lixo que dormia no fundo, manchando a limpidez das aguas. Assim sempre nas grandes revoluções, que agitam as sociedades humanas. Não se julga a onda pela vasa revolta, nem as revoluções pela escoria agitada.

Onde e quando o sopro ardente de uma idéa nova deixou de inflammam adeptos e despertar intolerancia, fructo inevitavel da estreiteza humana? Ai da idéa, se a formos aquilatar pelas manifestações espurias do pharisaismo inherente ao coração dos homens!

Seria injusto aferir os nobres principios da

Revolução Franceza pelos excessos dos jacobinos ou pelos instinctos sanguinarios de Marat e Robespierre. As nobres victimas da Gironda empaparam, com seu sangue generoso, a praça, onde se erguia a guilhotina; porém «os direitos do homem», proclamados pelo grande movimento revolucionario do sec. XIX, provocam o respeito universal, e a tomada da Bastilha é no mundo a festa da liberdade. E' que a liberdade, como a chamma, é sempre pura, embora muitas vezes alimentadas na escoria da sociedade.

E que diriamos do proprio Christianismo, se o fossemos julgar pelos heresiarchas, que surgiram em barda, pelos «falsos irmãos» e «falsos apóstolos», de quem já nos falla S. Paulo, e que exploravam a candidez dos discipulos primitivos? Entretanto, nada perdeu a religião christã com a hypocrisia e escandalos desses seus pseudo-adeptos.

Como todos os systemas e revoluções sociaes, seguiu a Reforma os trâmites e accidentes da contingencia humana. Deixara ella de ser humana, providencial, sincera, verdadeira, se outra fôra a sua sorte.

## **A Reforma e o christianismo**

No julgamento, porém, dos systemas religiosos, que teem reunido adeptos, incorporando-se no movimento historico de um povo, importa, antes de um juizo synthetico, separar, em um estudo analytico, os principios e os seus agentes, a theoria e a sua practica. A razão dessa analyse é que circumstancias pôdem existir que impeçam a natural correspondencia entre os principios e os seus propagandistas e adeptos, entre a theoria e a practica. Homens ha que são melhores que seus principios; e outros inferiores a elles.

Julgada em si, independentemente de seus promotores e seguidores, é a Reforma a reafir-

mação solenne das puras doutrinas do Christianismo, e uma repulsa energica de todos os usos e costumes, ritos e practicas, doutrinas e ordenanças, contrarios á Palavra de Deus. E' ella uma affirmação positiva por occasião de uma negação opportuna. Talvez melhor a caracterizemos, dizendo que a Reforma é o proprio Christianismo reaffirmando os seus grandes dogmas e gloriosos principios em face dos erros, que, na theoria e na practica, o traziam deturpado.

A Reforma, como muito bem o disse o Conde Ag. de Gasparin, não é nem uma idéa, nem um systema propriamente: ella é Christo, Christo nossa salvação, Christo nossa esperança, Christo a quem abraça inteiro a consciencia em agonia. Ella nasceu, pois, das profundezas do espirito humano.

Não havia entre os Reformadores, continu'a o mesmo escriptor, a pretensão nem de revelar uma religião, nem de fundar uma Egreja.

O *protesto* da Reforma, que lhe adjudicou na historia o nome de Protestantismo, foi um mero accidente em que ella se ergueu, cheia de dignidade e de coragem, contra os oppressores da consciencia, que tinham em Roma o seu chefe.

Fazer desse accidente historico um argumento para provar que a Reforma é meramente *negativa*, como faz Bossuet, Balmes, e os que lhes seguem a traça, é evidentemente deturpar os factos e zombar do bom senso.

Longe de ser meramente negativa, como já mostrámos, foi a Reforma a affirmação solenne do Christianismo, affirmação que salvou a Europa do negativismo da Renascença.

Medí, escreve o Conde de Gasparin, o abysmo em que nos teriamos precipitado, se não fôra a Reforma.

As gargalhadas de Rabelais e o sorriso sceptico de Montaigne mostravam a torrente de incredulidade, que avassalava a Europa.

A Reforma salvou a Renascença e a fé reli

giosa. Crítica e demolidora, a Renascença nada podia edificar.

Desfechou certos golpes na escolastica, mas os golpes foram além dessa philosophia e feriram as crenças religiosas, de que era ella o anteparo.

«Sem a Reforma, escreve ainda o brilhante escriptor acima citado, não ousou dizer que o Christianismo teria perecido, pois o Christianismo não póde perecer; digo, entretanto, que um eclipse o teria velado, um desses eclipses que não apagam o sol, mas que lhe supprimem os raios. Mais baixo ainda teria descido a Egreja Romana; senhora absoluta do terreno, campearia a incredulidade, e por toda a parte teria triumphado o paganismo antigo, já preponderante na Italia.

Expirara a edade-média; que iria ser o mundo moderno? Treme-se ao pensar.

De repente, no meio dessas trevas, no meio dessas negações, retine uma affirmação. E' a grande affirmação de Luthero! E' o grito da consciencia humana, é o homem que torna a encontrar o seu Deus, é o filho prodigo, humilhado, desesperado, que toma o caminho da casa paterna. Em frente ao «caminho facil» de Rabelais e de Montaigne, abre-se o caminho aspero do novo nascimento, a via dolorosa da abnegação pessoal.

Em frente á controversia vulgar — sarcasmos contra os abusos, contra os papas, contra os conventos, ergue-se a grande controversia — a Escripura soberana, o perdão gratuito pela absoluta confiança no perfeito Salvador!

Desde então tudo renasce; ao lado do verdadeiro dogma, a verdadeira moral surge; ao lado de uma verdade, todas as verdades reapparecem; tão completa derrota soffre o scepticismo, que o seu seculo, o seculo decimo sexto, sceptico por excellencia, votado de principio á duvida, esse seculo torna-se crente, esse século pertence á fé,

e tudo nelle, a mesma politica, a propria guerra, tudo será religião.»

Se, pois, a Reforma negava, no protesto dos principes, a auctoridade do Imperador e do papa de escravizar as consciencias, ella o fazia em nome da auctoridade de Deus e de sua Palavra. Se se insurgia contra o jugo dos homens em materia religiosa, era para proclamar submissão á Palavra de Deus, unica auctoridade infallivel em materia de fé. Longe estava, pois, ella de ser uma «revolta do orgulho humano», uma «explosão do racionalismo philosophico.»

«Aos grandes acontecimentos é triste officio buscar pequenas causas. A Reforma não veio da acção de um homem, nem de um incidente; a Reforma nasceu de Deus; a Reforma é a explosão de um immenso despertamento moral. A sua simultaneidade dá-lhe o traço de seu character. A' mesma hora, sem communicação, e sem accordo, na França, na Suissa, na Allemanha, resoa o appello ás Escripturas. Por toda a parte préga-se a salvação gratuita; por toda a parte reaparece Jesus, crucificado, victorioso! Um espirito novo move-se sobre as trevas: deixae-o agir, a vida desponta, vae irromper o jacto, jacto heroico, poder regenerador, que nada d'oravante poderá reter.»

E', pois, a Reforma uma volta ao Christianismo apostolico.

## A Reforma e o Denominacionalismo

### Variações do Protestantismo

Pesada carga tem-se feito contra a Reforma das variações do Protestantismo. Deu Bossuet o signal do ataque em sua *Histoire des Variations des Eglises protestantès* (1688). Responde-lhe J. Basnage, P. Jurieu e S. Edgar. Levanta este igualmente a luva arremessada pelo bispo de Meaux contrapondo-lhe *Variation of Popery*, as mutações seculares do Romanismo. O *universus ecclesiae*

*consensus* dos campeões catholicos é uma mystificação, o *Catena Patrum* um feito de Procusto, e a imaginaria divisa do Catholicismo Romano—*quod semper, quod ubique, quod ab omnibus* é uma affronta ao senso historico. Ficou isto patente na analyse historica, que fizemos de sua metamorphose secular.

Variar é a lei da natureza, e, até, a condição da vida e da harmonia. Só não varia o que é estagnado e morto. Sem variedade não se concebe movimento, belleza e unidade, senão estagnação, monotonia e uniformidade.

Em todo systema philosophico ou religioso, politico, social ou historico, em torno das questões fundamentaes fluctuam outras de ordem secundaria, encaradas variamente pelos espiritos varios, que as estudam. E' isto inevitavel na presente constituição do espirito humano. Fraqueza, contingencia ou necessidade, em nada prejudica isto o valor dos systemas, cujos principios basicos ou factos centraes se impõem, sem controversia, aos seus adeptos. Não invalida ainda o valor desses systemas o facto commum de haver falsos adeptos, que levam a controversia a esses mesmos principios basicos, e procuram lançar o descredito sobre a interpretação ou methodos de investigação desses systemas. Estes são dissidentes, hereges, erroristas, schismaticos ou não-conformistas.

Para se evitarem estas contingencias, necessario fôra instaurar processo contra o espirito humano e encerrá-lo nos cárceres subterraneos de impossivel inquisição. Roma imperial e a papal, dispondo de um tremendo poder, já o tentaram e só puderam, com uma crueldade, que horroriza, encerrar, torturar e queimar os corpos. O espirito zombou sempre dos ferros da escravidão.

Variar é a lei, e só a natureza das variações pôde affectar a essencia do systema.



As variações do Protestantismo, como as variações do Romanismo, devem ser estudadas em sua natureza com relação aos principios basicos do Christianismo.

As variações do Romanismo, como já fizemos ver, offendem os principios essenciaes do systema christão, e teem sido incorporadas no credo mixto do papado; emquanto as da Reforma são de ordem secundaria, e assignalam apenas as idiosyncrasias do espirito humano na apprehensão integral do Christianismo. Certamente não se devem lançar á conta do Romanismo e tão pouco do Protestantismo as divergencias hereticas dos que negam dogmas considerados respectivamente fundamentaes pelos symbolos doutrinaes dessas corporações.

Estabelecidos estes preliminaes, o que se deve admirar no Protestantismo não são as variedades denominacionaes de sua vida historica, mas a unidade fundamental dos credos de todas as numerosas aggremações evangelicas orthodoxas.

A liberdade de pensamento não póde deixar de produzir variedade de opinião, e é natural que as opiniões ou affinidades mentaes provocassem diversidade de aggremações.

A diversidade, pois, de organizações protestantes obedece a uma tendencia innata, a um instincto de sociabilidade humana, e não a meras paixões de momento. No proprio seio do Romanismo, onde aliaz a esphera da liberdade é limitadissima, irrompe esse instincto social nas confrarias ou ordens religiosas.

Quebrada pela Reforma a unidade externa, estabelecida pela disciplina papal na christandade, operou-se naturalmente uma larga fragmentação determinada pelo novo espirito de liberdade e independencia. Estabeleceram-se egrejas nacionaes na Allemanha, na Suissa, na Prussia, na Inglaterra, na Escocia, na Hollanda, na Dinamarca, na Suecia, na Noruega. Esta tendencia natural

de se constituírem em unidades nacionaes, com maior ou menor interferencia da auctoridade civil, foi largamente perturbada e enfraquecida pelo movimento de aggremações livres e não-conformistas, que tiveram o effeito de impedir que a christandade emancipada da atrophiante centralização papal, viesse estagnar-se na centralização civil. Embora muitas vezes a custo do espirito de fraternidade, salvou-se o principio vital de liberdade.

Todos esses agrupamentos nacionaes, regionaes e locaes, porém, enlaçavam-se superiormente, pela affinidade de idéas, em duas grandes familias evangelicas — os Lutheranos e os Reformados.

Servia de linha divisoria o modo de encarar a presença eucharistica, os elementos do pão e do vinho no sacramento da Communhão. Repeliam ambos esses partidos a *transsubstanciação* da Igreja Romana; porém os lutheranos com Lutero admittiam a *consubstanciação*, isto é, uma especie de presença real corporal ao lado dos elementos, e os reformados com Calvino só criam na presença real espiritual. Estas duas familias evangelicas, porém, accordes em todos os outros pontos da Reforma, fizeram serias tentativas para que a solidariedade moral se traduzisse em uma união formal, conseguindo, por vezes, tractados de amizade e união.

Zwinglio, Lutero, Melancton, Calvino, Bullinger, Bucer, Cranmer, envidaram sinceros esforços para reter o movimento individualista da Reforma, e vincular o espirito de liberdade em uma cooperação externa, que melhor representasse a unidade substancial, que, de facto, dominava as diversas confissões ou credos então elaborados, taes como — a *Confissão de Augsburgo* (1530), os *Catechismos maior e menor* de Lutero (1529), os *Artigos de Smalcald*, a *Formula Concordia* (1577), a *Segunda Confissão Helvetica* (1536),

o *Catechismo de Heidelberg* (1562), os *Trinta e nove Artigos da Igreja da Inglaterra*, os *Cânones do Synodo de Dort* (1617), a *Confissão e Catechismos de Westminster*, o *Consensus Tigurinus* ou o *Consensus de Zurich* (1549), o *Consensus Genevensis* (1552), a *Formula Consensus Helvetica* (1675).

Toda essa actividade confessional do Protestantismo revela, de modo incontestavel, a sua unidade dogmatica, embora ásperas e tempestuosas controversias theologicas baldassem reiteradas tentativas de união formal.

Nos dias da Reforma, como hoje, é patente a harmonia fundamental dos credos ou confissões de fé, que, em diferentes nações e por todas as communidades evangelicas, teem sido elaboradas. Naturalmente, não entram no quadro do protestantismo orthodoxo as seitas hereticas, taes como os socinianos, os unitarios e outras de menos renome, embora se chamem evangelicas. A florescencia da heresia e da extravagancia é contemporanea de todas as épocas, e de todos os systemas, que se impõem á acceitação geral.

Esta unidade doutrinaria é o facto historico que refuta cabalmente as variações apregoadas por Bossuet e Balmes.

Prova isto que todos beberam na mesma fonte, possuiram-se do mesmo espirito e acharam as mesmas verdades.

A harmonia, escreve Samuel Edgar, dessas declarações de fé é, na verdade, surpreendente, e constitue um acontecimento extraordinario na historia do homem. Não ha exemplo de tal accordo nos annaes da religião e da philosophia. Cada nação ou povo organizava, independentemente, sua declaração sobre os artigos de fé sem combinação nem collisão.

Nenhum poder havia ou auctoridade para fiscalizar o outro. Além disso os clerigos e leigos, que organizavam esses symbolos de fé, eram nu-

merosos e espalhados por um vastissimo territorio. Certamente, nesse progressivo desdobrar da actividade doutrinaria, vê-se o dedo de Deus, a providencia divina, que a regula e dirige. No padrão commum da divina Revelação, os próceres do Protestantismo formaram os artigos de sua fé, que, excepto em um ponto, para evidenciar a fraqueza humana, apresentavam uma perfeita unanimidade. A Confissão Zwingliana e a Lutherana, na realidade, diz Paolo, só differiam quanto ao sacramento. Todos esses epitomes comprehensivos de doutrinas, ostentavam, em varias linguas, uma admiravel unidade, em pontos capitaes, sobre todas as questões doutrinarias, embora pudessem divergir em materia de disciplina e cerimonia.

O absurdo da *consubstanciação* deformou, por algum tempo, o Lutheranismo. A pertinacia de Lutero em sustentá-la inflammou a controversia sacramentaria, que despertou uma serie de disputas ruidosas e inuteis. Essas discussões offereceram a Bossuet assumpto para triumphos vasio. Não lhe adviesse esse topico, por elle decantado em todos os tons, grande armazem de suas «variações», o bom do bispo ver-se-ia em lamentavel embarço.» (*Variation of Popery*, 28).

Não é, portanto, a variedade do Protestantismo, que nos deve impressionar, é, ao contrario, a sua unidade.

No movimento centrifugo, entretanto, e separatista da Reforma, é evidente a acção da Providencia, para impedir que um papismo teutonico se erguesse deante do papismo latino. Essa como *diaspora* da Reforma evitou a centralização, e o que ella perdeu em prestigio politico, ganhou em espiritualidade e vida.

Demais, essa liberdade de aggremações autonomas obedecia ao genio da Igreja primitiva.

Primitivamente era a Igreja Christã uma serie de igrejas locaes autonomas, como a de

Jerusalem, de Antiochia, de Epheso, de Smyrna, de Philadelphia, de Alexandria, de Corintho, de Roma, etc. Os Actos dos Apóstolos, as Epistolas e o Apocalypse dão testemunho dessa autonomia, que fazia de cada igreja uma republica democratica. Como era natural, pouco a pouco, a solidariedade moral e doutrinnaria dessas democracias locais foram-se convertendo em federações regionaes, que, agidas pela força centripeta de intima solidariedade, foram alargando o circulo e apertando os laços de uma vasta confederação ecclesiastica, a qual degenerou em catholicismo organizado e mechanicou ou imperialismo papal. Esta unidade externa foi, como já o mostrámos, o resultado de uma evolução multi-secular, favorecida por circumstancias historicas, que paulatinamente causaram a expansão do presbyterado apostolico no episcopado post-apostolico, do episcopado no patriarchado, do patriarchado no papado, que é a suprema centralização, a morte da democracia primitiva pela immobilidade do cesarismo pontificio.

Tal, mui plausivelmente, a trajetoria da Reforma (que reivindicou as antigas liberdades do povo de Deus), se não fôra o movimento descentralizador do Protestantismo. Na contingencia humana ha males necessarios, que são bens reaes.

Sob o influxo da liberdade e independencia, multiplicam-se as divisões ou livres aggremações evangelicas, nos diversos paizes, em que a Reforma se foi propagando.

Essas organizações no seio do Protestantismo teem o seu parallelo nas *ordens monasticas* ou religiões no seio do Romanismo. A *unidade* da Igreja Romana não fica prejudicada com a coexistencia das ordens religiosas, taes como — beneditinos, franciscanos, dominicanos, carmelitas, jesuitas, lazaristas, salesianos, e muitas outras, pois todas obedecem ao papa e ás lei canonicas. Tão pouco a *unidade* do Protestantismo deixa de

existir pela coexistencia de communidades evangelicas, taes como—lutheranos, presbyterianos, episcopaes, baptistas, methodistas, moravios, waldenses, e muitas outras; porquanto todas obedecem ao mesmo Christo, unico Cabeça da Igreja, ao mesmo Livro, e aos mesmos principios biblicos fundamentaes.

Não invalidam ainda essa *unidade espiritual* os sentimentos mesquinhos, as rivalidades egoisticas, que frequentemente surgem entre esses diversos agrupamentos religiosos, tanto no seio do Romanismo, como no seio do Protestantismo. Cá e lá más fadas ha.

Fôra tambem dar prova de espirito traco ou parcial, como aliaz faz Balmes, achar argumento contra o Protestantismo ou contra o Romanismo nas designações ou nomes com que se distinguem essas diversas organizações religiosas. O Protestantismo, bem como o Romanismo, subsistem ou caem, não por causa de nomes, que tomem ou que se lhes deem, mas pela substancia de seus credos.

Para se designarem imparcialmente, sem censura ou louvor, essas associações ou igrejas evangelicas, um termo novo foi adpotado na America do Norte — *denomination* e *denominationalism*, traduzido entre nós por — *denominação* e *denominacionalismo*.

«Para quem olha de fóra, especialmente para um romano ou infiel, escreve o grande historiador Philippe Schaf, apresenta o Protestantismo o aspecto de um chaos religioso ou anarchia, que deverá terminar na dissolução.

Porém a uma conclusão mui differente levamos o exame calmo da historia dos ultimos trez seculos e a presente condição da christandade. E' factó innegavel que exerce o Christianismo a mais forte influencia no povo, e ostenta a maior vitalidade e energia na patria e fóra della, nos paizes onde se falla o inglez, que são exactamen-

te os paizes em que é elle mais dividido em denominações e seitas. Comparando-se a Inglaterra com a Hespanha, ou a Escocia com Portugal, ou os Estados-Unidos com o Mexico e Peru' ou Brasil, vêem-se logo as vantagens de uma **variedade** viva sobre uma uniformidade morta. A divisão é, de facto, um elemento de fraqueza quando atacamos um inimigo consolidado; porém tem ella a vantagem de multiplicar os missionarios e as agencias de educação e evangelização. Cada denominação protestante tem o seu campo de utilidade, e a propria causa do Christianismo seria gravemente enfraquecida e restringida com o desaparecimento de uma dellas.

Nem devemos perder de vista que as differenças, que dividem as varias denominações protestantes, não são fundamentaes, e que os artigos de fé, em que allas concordam, são mais numerosos do que os em que discordam. Todas acceitam as Escripturas inspiradas como regra suprema de fé e practica, a salvação pela graça, e, podemos dizê-lo, todos os artigos do Credo dos Apostolos; ao passo que, em relação ao christianismo practico, ensinam ellas unanimemente que nossos deveres estão comprehendidos na lei real do amor a Deus e a nosso proximo, e que a verdade piedade e virtude consiste na imitação do exemplo de Christo, Senhor e Salvador de todos nós. Ha, pois, no Protestantismo unidade na diversidade, bem como diversidade na unidade.

A tendencia á separação e divisão é nelle contrastada por uma tendencia opposta: — a união christã, a inter-communhão denominacional, que se manifesta em um grau crescente e em varias fórmãs entre os Protestantes do tempo presente, mormente na Inglaterra e America, nos campos missionarios, indicio certo de que ella triumphará por fim.

O espirito estreito, fanatico e exclusivista deve afinal ceder o logar ao espirito de catholi-

cidade evangelica, que deixa, entretanto, livre cada denominação para cumprir sua propria missão conforme a sua *charisma* ou graça especial, e livre igualmente para cooperar, em uma nobre emulação, com todas as outras denominações, para a gloria do Mestre commum e estabelecimento de seu Reino.

O grande problema da união christã não pôde ser resolvido por uma volta á uniformidade de crença e de organização externa. Diversidade na unidade e unidade na diversidade é a lei de Deus na historia, bem como na natureza. A cada aspecto da verdade deve-se dar oportunidade para se desenvolver. Todas as possibilidades da vida christã devem ser realizadas.

O passado não o podemos perder; a historia move-se em zig-zag, como um navio singrando os mares, porém nunca para trás. O trabalho da historia da egreja, quer grega, romana ou protestante, não pôde ser vão. Toda denominação ou seita tem de fornecer algumas pedras para a edificação do templo de Deus.

É do meio da discordia humana, trará Deus a mais rica concordia.» (Germ. Reform. pg. 48-50).

Nestas sensatas palavras e profundos conceitos do eximio professor do *Union Seminary* de Nova York, está traçada, com summa maestria, a natureza, indole e destinação do denominacionalismo protestante. Ahi reina o conceito attribuido a Sancto Agostinho: *In necessariis, unitas; in dubiss, libertas; in omnibus, caritas.*

## A Reforma e o Racionalismo

Outra grave accusação contra a Reforma é a de ter sido ella a mãe do Racionalismo. Dão-lhe este papel tanto os escriptores catholicos romanos, como os proprios racionalistas; estes louvando-a, e aquelles vituperando-a.



A Reforma deu o primeiro passo, dizem, libertando-nos da tyrannia da Egreja, e o Racionalismo deu o segundo libertando-nos da tyrannia da Biblia. Leão XIII, em sua encyclica *Immortale Dei* (Nov. 1885), falla «das perniciosas e deploraveis tendenciãs revolucionarias, que se ergueram no seculo XVI, e que depois de levar a confusão á christandade, logo, por um curso natural, entrou do dominio da philosophia e da theologia na esphera da sociedade civil.» E neste tom lançam os auctores catholicos romanos sobre a Reforma a responsabilidade de ter desencadeado na terra a torrente das revoluções e impiedade, que vae rasgando o abysmo, que ameaça o throno papal.

A injustiça de taes imputações resalta do exame attento dos factos. Não é com certeza entre os povos protestantes que reina mais largamente o espirito revolucionario e irreligioso. E' exactamente em paizes catholicos, como na Hespanha, Mexico e outras républicas hispano-americanas, que o estado revolucionario se apresenta endemico, e é ainda entre as populações catholicas que se nota maior incredulidade religiosa. Explica-se naturalmente este duplo facto como «reacções desesperadas contra o despotismo hierarchico e politico», e contra «o supernaturalismo excessivo» da Egreja Catholica Romana. O assumpto, porém, merece mais detalhado exame.

Mostra o antagonismo dos respectivos principios que não póde ser a Reforma a genitora do Racionalismo. Racionalismo, a despeito de seus varios matizes, é a corrente de pensamento, que, em relação á theologia, encara a razão humana como a fonte e medida de todos os conhecimentos religiosos. Os racionalistas de varias escholas negam o sobrenatural, a revelação historica, a inspiração da Biblia, o milagre, a immaculada conceição e divindade de Jesus Christo, o cara-

cter grave do peccado, as penas eternas, a trindade de pessoas na unidade de Deus.

Ora, reconhece a Reforma tudo isso, porque para ella a razão não é a fonte nem a medida do conhecimento theologico, mas apenas o organo ou o vehiculo desse conhecimento. A fonte e a medida é para ella a Biblia, cujo inspirado conteudo é recebido e interpretado pela razão.

Brilha com intensidade o sol, mas é esse brilho apprehendido, em maior ou menor grau, pelo organo visual: é a razão o organo visual, mas não a luz. Da Palavra de Deus é que dimana a luz da verdade religiosa. Não é, pois, a Reforma racionalista, e tão pouco revolucionaria.

Repelliu ella o scepticismo da Renascença, e as tendencias anarchicas dos camponezes, dos anabaptistas, e dos libertarios na Suissa. Pela explosão dessas correntes demagogicas e hereticas não é ella responsavel.

Entretanto, importa confessar que o abuso é inseparavel do uso, e que toda virtude tem o seu vicio concomitante. São reacções inevitaveis na presente organização moral da humanidade. Tanto o Protestantismo como o Romanismo não podem deixar de produzir, no meio social, em que dominam, reacções intellectuaes e moraes de accordo com as suas respectivas indoles.

O Romanismo, enclausurando a intelligencia humana no ergástulo do absolutismo, e dando asas á imaginação no seu exaggerado symbolismo e excessiva pompa cultual, aggravada pelo poder magico e talismanico de seus ritos, dá ensanchas ao desenvolvimento de duas correntes igualmente perigosas: — de um lado, o sensualismo, o materialismo, que tem sua plena florescencia no desregramento e no atheismo; de outro. a feitiçaria, as superstições grosseiras que vão desaguar no espiritismo. Basta lançarmos rapido olhar para a America Latina, para que nos

impressionemos com a devastação social dessas duas correntes. O atheismo, ora franco, ora disfarçado no positivismo ou no pessimismo sceptico, é a nota dominante de nossa literatura, ao passo que o espiritismo e o occultismo fascinam e alastram, em proporção tremenda, na classe baixa e na classe média. Esses dois grandes males encontram, no meio catholico romano, facho para lavrar de modo assustador.

O Protestantismo, por sua vez, dando asas á intelligencia na proclamação do livre-exame, abre válvulas ao espirito critico, que nem sempre reconhece os limites naturaes ás suas investigações.

Abriu Noé a janella da arca, e soltou um corvo, que não voltou, e uma pomba, que á tarde regressou com um ramo de oliveira no bico. Assim a Reforma abriu a janella da prisão, onde o Papado encerrara o espirito humano, e deixou-o sahir livre. Sedentas de ar e de luz, ergueram o vôo as intelligencias. Umas, como a pomba, voltaram á arca da religião christã, trazendo o ramo de oliveira da reconciliação entre a philosophia e a theologia; outras, como o corvo, não mais voltaram, perdendo-se pela solidão das aguas no vôo incerto de uma razão altaneira e revel.

Não se culpe a Noé por ter soltado o corvo, nem á Reforma por ter aberto espaço á razão do homem. Certo, não voariam os passaros, se não se lhes abrisse a arca, nem se alçaria o espirito humano, se não se lhe quebrassem os ferros. Quem, entretanto, deixará de abençoar os proclamadores da liberdade espiritual, e superpor as suas desvantagens aos beneficios da tyrannia?

Destas considerações percebe-se a natureza da connexão historica da Reforma com o Racionalismo. Não ha negar que estes dois systemas, que theorica e practicamente se antagonizam, teem, entre sí, no dizer de Schaff, affinidades intelle-

ctuaes e criticas, tendo sido o Racionalismo inseparavel da historia do Protestantismo. O Protestantismo, porém, relaciona-se com o Racionalismo, como nos diz ainda o escriptor supra citado, como o uso recto da liberdade intellectual se relaciona com o excesso e abuso della.

Queixa-se S. Paulo de ter um espinho na carne, que era o anjo de Satanaz a esbofeteá-lo. O Racionalismo é esse espinho no corpo do Protestantismo evangelico. Seitas hereticas convertem em licença a liberdade espiritual, abusando do livre axame; o Protestantismo liberal, assim chamado, chega a negar a divindade de Christo e outros dogmas fundamentaes; o modernismo e a infatuação de certas sciencias augmentam a calamidade desse liberalismo negativo e racionalista.

Comtudo, é justiça reconhecer que em seus proprios extravios, nos proprios arrojões da alta-critica, esse racionalismo especulativo e indagador tem prestado serviços providenciaes ao Christianismo, estudando os seus documentos originaes e provocando um conhecimento mais profundo da Biblia.

## A Reforma e o Cânon

### A Biblia

E' a Biblia o livro sagrado de toda a christandade, que, com profunda veneração, a considera «Palavra de Deus».

Não discrepa deste conceito geral a Egreja Romana, que, no concilio Tridentino, fulmina anáthema sobre quem negar a auctoridade divina da Biblia. *Si quis libros ipsos integros ... non susceperit ... anathema sit* (Conc. Trid. 1. p. 88).

E' de origem grega o termo *Biblia*, que significa *livros*. Só do seculo quinto em diante é que começou a ser applicado aos 66 livros, de que ella se compõe.

Dá-se o nome de *cânion* da Biblia ao conjuncto dos livros divinamente inspirados. São deste numero excluidos os chamados livros *apocryphos*.

*Cânion* é egualmente de procedencia grega, e traz a idéa de *regra* ou *norma*. *Livros canonicos* são, portanto, os livros inspirados, que servem de regra infallivel de fé e de practica. São taes livros o padrão dos dogmas christãos, a pedra de toque da orthodoxia e heterodoxia das doutrinas e instituições dictas christãs.

Cumpre, porém, observar, com o cardeal Cajetano, que nem sempre a expressão *livros canonicos* teve esse sentido restricto e technico, que hoje lhe damos. Muitas vezes, na linguagem dos escriptores ecclesiasticos, designava não só os livros *inspirados* da Biblia, mas ainda certos livros religiosos, que eram publicamente lidos na Igreja para a edificação do povo.

Serviam elles como que de norma de costumes, se bem que não de fé. Eram abrangidos na designação mais ampla de *cânion ecclesiastico*.

Ouçamos o illustre cardeal, que precedeu de poucos annos o concilio de Trento.

«Neste logar acabamos o commentario dos livros historicos do Velho Testamento; pois o resto — a saber: *Judith*, *Tobias* e os livros dos *Machabeus*, eram tidos por Jeronymo como *livros fóra do cânion (extra canonicos libros)*, e collocados entre os apocryphos com os livros de *Sapiencia* e *Ecclesiastico*. Nem vos turbeis, noviço, se nalguma parte encontrardes estes livros incluidos entre os *canonicos*, quer por sagrados concilios, quer por doutores sagrados; pois tanto as palavras dos concilios como as dos doutores hão de reduzir-se ao dizer de S. Jeronymo, e,

segundo o seu sentido, aquelles livros e quaesquer outros semelhantes, que haja na Biblia, *não são canonicos*, isto é, não são de regra para firmar as coisas que são da fé; podem, comtudo, ser chamados *canonicos*, isto é, *de regra para edificação dos fieis*, de maneira que são *com este fim (ad hoc)* recebidos no «cânon» da Biblia e auctorizados. Por meio desta distincção, pois, podereis descobrir tanto as palavras de Sto. Agostinho (*in lib. II, de Doct. Christ.*), como tambem as coisas escriptas no concilio Florentino, sob Eugenio IV, e as coisas escriptas nos concilios provinciaes de Carthago e Laudicéa, e pelos pontifices Innocencio e Gelasio.» (Caj. *in omn. auth. Vet. Test. Hist., Lib. comm., p. 482, Paris 1545, ap. Rev. R. Holden*).

São sobremodo importantes estas observações do douto cardeal.

A mesma indiscriminação se nota ás vezes no uso das expressões *Escriptura* e *Escripturas Sagradas*.

De duas partes se compõe a Biblia: — do *Velho Testamento* (V. T.), escripto em hebraico pelos prophetas judeus, desde Moysés (1500 annos antes da E. C.), e do *Novo Testamento* (N. T.), escripto em grego pelos Apostolos, durante os 70 annos, que se seguiram á morte de Christo.

O cânon do V. T. é constituido por 39 livros, que os judeus reduziram a 22, numero das letras de seu alphabeto. Desta Biblia Hebraica existe uma traducção a grego, effectuada em Alexandria, no Egypto, por iniciativa do rei Ptolomeu Philadelpho (284—247), no sec. III antes da E. C. Reza uma tradição duvidosa que, a convite deste rei, desejoso de enriquecer a celebre bibliotheca de Alexandria com a literatura religiosa dos judeus, Eleazar, summo pontifice, enviara de Jerusalem setenta ou setenta e dois sabios para satisfazer a esta aspiração real. E' a celebre traducção dos Setenta (Lat. Septuaginta), de tão largo

uso entre os judeus hellenistas no tempo dos Apostolos. Comprehendia ella não só os livros *canonicos* ou inspirados, mas outros de feição religiosa, extra-canonicos, taes como os Machabeus, Tobias, etc., de que adeante tractaremos.

O N. T. encerra 27 livros, escriptos em grego pelos Evangelistas e Apostolos, e contém a historia, doutrina e instituições do Christianismo, como o V. T. as do Judaismo.

### TRADUCÇÕES

Nos primeiros seculos da E. C., corria uma traducção latina **da** Biblia, denominada *Itala*. No sec. IV, porém, S. Jeronymo (490—505) effectuou das linguas originaes uma traducção, que, conhecida com o nome de *Vulgata Latina*, exerceu larga influencia na christandade occidental. Esta traducção declarada infallivel pelo concilio Tridentino, e, apesar disso, revista e emendada por ordem de Sixto V e Clemente VIII, constitue hoje o texto auctorizado da Egreja Romana, a *Biblia Sacra, vulgatae editionis Sixti V Pontificis Maximi jussu recognita et Clementis auctoritate edita*.

O padre João Ferreira de Almeida, convertido ao Evangelho, auxiliado pelo hollandez Jacob ob den Akker, verteu a Biblia para o portuguez dos originaes hebraico e grego, em 1748.

O padre Antonio Pereira de Figueiredo, 35 annos depois, em 1783, fez o mesmo, tomando, porém, como base, o texto latino da *Vulgata*. E' esta traducção, auctorizada pelo patriarcha de Lisboa e pelo Arcebispo da Bahia.

Ultimamente se fez no Brazil uma nova traducção das linguas originaes. Levou-a a effeito o Rev. W. C. Brown, bispo da Egreja Episcopal, auxiliado por uma commissão.

São estas as trez traducções que as Sociedades Biblicas ingleza e americana espalham em

Portugal e no Brazil. Empenham-se estas benemeritas Sociedades, em não somente pôr a Biblia ao alcance do povo, mas tambem em que o texto vernaculo exprima tão exactamente quanto possivel o sentido do texto inspirado do original. Fundado todo nos textos biblicos, o Protestantismo não pôde ter outro interesse senão que a mente do Espirito Sancto, fundida no original, seja rigorosamente respeitada pelos traductores. Elle não tem, nem pôde ter Biblias falsificadas.

## Livros Apocryphso

O termo *apocrypho* é de origem grega e significa — *occulto, escondido*. E' elle applicado a certos livros ou escriptos religiosos, que acompanharam e seguiram o phenomeno historico da inspiração prophetica, tanto no V. como no N. T. Conjectura-se que o termo fôra applicado a taes escriptos por ser occulta ou ignorada a sua origem, ou, ainda, por pretenderem ter sentido obscuro, velado ou mythico, segundo o gosto do tempo. O certo é, porém, que o termo passou logo a significar *espurio* ou *falso*. E' este hoje o seu valor. Livros *apocryphos* são, pois, certos livros de auctores desconhecidos, que, á sombra da ignorancia dos tempos, procuraram insinuar-se no catálogo dos livros inspirados da Biblia.

Ha apocryphos do N. T., como do V. T.

De quatro grandes divisões se compõe o N. T.: os *Evangelhos*, os *Actos dos Apostolos*, as *Epistolas* e o *Apocalypse*, e em cada uma dessa divisões surgiram escriptos fraudulentos; como p. ex.: *Evangelium Pseudo-Matthæi sive Liber de Ortu Beatæ Mariæ et Infantia Salvatoris*, *Evangelium de Nativitate Mariæ*, *Evangelium Nicodemi*, *Acta Petri et Pauli*, *Acta Joannis*, *Epistola Abgari ad Christum et Epistola Christi ad Abgarum*, *Apocalypsis Joannis*, *Apoc. Petri*, *Apoc. Pauli*, *Apoc. Mariæ*.



Foi logo reconhecido o character espurio e fraudulento de todos esses escriptos, e a Reforma os encontrou e deixou em completo olvido.

Não succedeu o mesmo com alguns apocryphos do V. T., que são:

1 Tobias.

2 Judith.

3 Sabedoria.

4 Ecclesiastico.

5 Baruch.

6 I Machabeus.

7 II Machabeus.

8 Cap. X (do v. 4), XI, XII, XIII, ..... XIV. XV, XVI, accrescentados ao livro autentico de Esther.

9 Cap. III de Daniel, do v. 24 até 90; cap. XIII, XIV, todos accrescentados ao livro canonico de Daniel.

A Reforma os rejeitou; a Egreja Romana, porém, por intermedio do concilio de Trento, os recebeu, «sem qualquer indagação critica ou principio theologico definido», como diz Schaff. «Houve, entretanto, accrescenta o mesmo historiador, vozes que protestaram dentro do Concilio... Sarpi (historiador catholico do Concilio) censura-o por sua decisão (sobre o cànón) e theologos catholicos ha (come Sixtus Senensio, Du Pin, Jahn), que, a despeito da decisão, fazem distincção entre livros *protocanonicos* e *deutero-canonicos* (da Biblia tridentina), isto é, canonicos em primeiro logar e canonicos em segundo logar.

Maiores difficuldades offerece a discriminação destes, e para isso concorre não só um certo tom de seriedade, que, em geral, elles ostentam, mas ainda o facto historico de terem sido incor-

porados na versão grega dos Setenta. Esta versão circulava largamente entre os judeus de Alexandria no Egypto e entre os hellenistas da *diáspora* ou dispersão.

As vastas conquistas de Alexandre Magno, no Oriente, no terceiro seculo antes da era christã, generalizou de tal maneira a lingua grega, que esta lingua se tornou o vehiculo sagrado do Christianismo. Em grego foi escripto o N. T., em grego se redigiam as actas dos primeiros concilios, e, até o quarto seculo da éra christã, o grego era a lingua official da Egreja, mesmo no Occidente.

Mais do que o texto hebraico, era o texto grego do V. T. vulgarizado entre os christãos primitivos. Os proprios Apostolos o citam, ás vezes, de preferencia áquelle. Nestas condições, os supramencionados livros apocryphos mereciam dos judeus hellenistas e dos christãos primitivos especial respeito. S. Jeronymo, o traductor da Vulgata Latina, informa-nos positivamente, no prefacio de sua traducção, que a Egreja dos primeiros seculos os lia publicamente, não, porém, para confirmar dogmas, mas para edificar o povo, *ad edificationem plebis, non ad auctoritatem ecclesiasticorum dogmatum confirmandum*.

O mesmo declara Rufino († 410), em seu trabalho *Expositio Symboli Apostolici*, segundo nos refere o Padre Antonio Pereira, na *Prefação* á sua traducção da Vulgata. «Taes livros, explica elle, a Egreja os lia aos fieis como pios e edificativos, mas não como livros donde ella tirasse os seus Dogmas.»

Na escassa literatura dos tempos, era natural que largo e grato acolhimento se dêsse a esses escriptos religiosos, e que um tal acolhimento, favorecido pela profunda ignorancia da edade-média, se fosse transformando, no espirito de muitos, em franca canonicidade.

E se a todas estas circumstancias accrescen-

tarmos que nesses livros encontram apoio alguns erros accrescidos ao credo catholico romano, teremos percebido as influencias preponderantes, que levaram o concilio de Trento, em sua sessão 4.<sup>a</sup>, a catalogar todos esses *apocryphos* com os livros canonicos do V. T.!

A Reforma, porém, efficazmente auxiliada pelo estudo das fontes originaes da Biblia, de que eram corypheus Agricola, Reuchlin e Erasmo, e ainda pelo espirito critico da Renascença, repelliu taes livros, e, excluindo-os da Biblia, não negava a relativa utilidade de sua leitura.

Numerosas e claras são as razões da Reforma para recusar inspiração aos *apocryphos*. Vê-lo-emos mais adiante.

## A fixação do Cânon

A fixação do cânon biblico, isto é, a discriminação dos escriptos que teem o cunho divino é materia de suprema importancia para a Egreja. A ella a verificação cuidadosa dos limites do cânon sagrado.

Longo foi o processo de sua formação: de Moysés a S. João estendeu-se, por um periodo de 1500 annos. O que difficultou a fixação nesta sua integração secular, foi o apparecimento, nesse longo periodo, de outros livros de character religioso, que vieram confundir-se com os genuinamente canonicos, produzindo na Egreja duvidas e vacillações, que, para serem dirimidas, exigiram tempo e acurado exame. A esses livros es-purios, como vimos, dá-se o nome de *apocryphos*. Deu essa literatura *apocrypha* origem ao problema historico da fixação dos limites do cânon biblico.

Na solução desse magno problema não compete, por certo, á Egreja dar inspiração divina, mas apenas verificá-la. Não podem os doutores

da Igreja, tão pouco um concílio, por ecuménico que seja, tornar canonico ou inspirado um livro que não foi originalmente escripto por inspiração divina. Manifestamente a acção do Espirito Sancto não póde ter effeito retroactivo. Está isto na natureza das coisas.

E' a Biblia a revelação historica, dada por Deus a seu povo, por meio de homens escolhidos para isso.

Como documento historico, está ella sujeita naturalmente ás leis da critica historica, que deve examinar os seus titulos, verificando a sua *authenticidade* e *genuinidade*, e só depois de seu *veredictum*, é que se póde estabelecer a sua *canonicidade*, onde entra um outro elemento, aliaz importante, que é o testemunho interno do Espirito Sancto.

Ora, até o sec. XVI, não tinha sido ainda fixado por um accordo geral o cânon do V. T., e só havia unanimidade quanto ao cânon do N. Testamento.

Havendo ainda duvidas entre os theologos christãos sobre os limites do cânon hebraico, teve a Reforma de resolver por si o problema. De resto, tendo ella renunciado á auctoridade da Igreja Romana, em nome da auctoridade divina da Biblia, que ella collocara acima da dos concilios e papas, forçoso lhe era examinar e firmar, com muito cuidado, a canonicidade de cada um dos livros do volume sagrado.

Esta attitude da Reforma provocou a Igreja Romana a fazer o mesmo, e deste modo as correntes tradicionaes divergentes sobre o cânon, que se originaram no IV sec. da E. C., tiveram a sua expressão positiva e official no catálogo da Reforma e no catálogo do concilio de Trento.

Os dois catálogos coincidem quanto ao N. T., e, quanto ao V. T., consiste a divergencia nos chamados *livros apocryphos* do V. T., que o concilio de Trento, com gravissimo prejuizo de

sua pretensa inspiração, declarou canonicos, em seu decreto de 8 de abril de 1546.

## Cânnon do Velho Testamento

O cânnon do V. T. das edições protestantes da Biblia corresponde ao cânnon judaico; ao passo que as edições catholico-romanas vão além, e accrescentam á lista dos livros sagrados as nove partes apocryphas atraz declaradas.

Para exclui-las do volume sagrado, estribava-se a Reforma em razões de ordem externa e interna, que com irresistivel evidencia denunciavam o decreto do concilio de Trento como attentatorio da dignidade da Palavra de Deus.

Examinemos essas razões.

### Provas externas

1. — *Os judeus excluíram do cânnon da Biblia hebraica os livros apocryphos.*

Eis ahi um argumento que por si só compromette seriamente a infallibilidade do concilio Tridentino.

Eram os judeus, como diz S. Paulo, «os guardas dos oraculos de Deus», tiveram elles a grande vantagem, explica o Apostolo, de serem o povo a quem Deus confiara os inspirados ensinos de seus prophetas (Rom. III. 2). Delles, pois, deve a Egreja Christã receber os livros sagrados. Por isso lhes chama S. Agostinho os «bibliothecarios ou livreiros dos christãos.»

E' tradição que o cânnon hebraico fôra fixado pela Grande Synagoga, no tempo de Esdras.

Ora, é sabido que os judeus excluíam do seu catálogo os *apocryphos*. Josepho, celebre historiador da «Guerra Judaica», nascido em Jerusa-

lem, no anno de 37 ou 38 da éra christã, dá-nos a lista dos livros sagrados no seguinte trecho citado por Eusebio (Hist. Eccl., lib. 3, c. 10): «Temos somente 22 livros, que conteem a historia de todo o tempo, que propriamente são tidos por divinos: *cinco* destes são os livros de Moysés... Os prophetas depois de Moysés escreveram as coisas de seu tempo em 13 livros. Os 4 que restam, conteem hymnos a Deus e preceitos para a vida do homem. Desde os tempos de Artaxerxes, porém, até o nosso tempo teem-se escripto varios livros, mas não são *dignos* da mesma fé que aquelles que os precederam, por que não havia successão certa de propheta.»

Distribue Josepho os 22 livros do V. T., nos trez grupos da divisão adoptada pelos judeus — a *Lei*, os *Prophetas* e os *Salmos*, e della exclue os *apocryphos*, que foram escriptos depois de Artaxerxes, e enchem o hiato aberto entre o ultimo propheta Malachias e João Baptista.

O P.<sup>e</sup> A. Pereira de Figueiredo reconhece este facto, e informa-nos como muitos auctores catholicos continuam a não dar aos apocryphos a auctoridade que dão aos outros livros do V. T., classificando-os de *deutero-canonicos*. São estas as suas palavras na *Pref. Geral*: «Chamaram e chamam *Proto-Canonicos* aquelles que sempre em todas as Igrejas foram tidos por divinos... Chamaram e chamam *Deutero-Canonicos* aquelles do Velho Testamento, de cuja divina auctoridade duvidaram por muitos seculos algumas Igrejas, por causa de se não acharem no *Cânion Judaico*, a saber, os livros de *Tobias* e *Judith*, a *Sapiencia* e o *Ecclesiastico* e os dois dos *Machabeus*.»

II. — *Jesus Christo e os Apostolos, acceitando o cânon judaico, rejeitaram os apocryphos.*

Se os judeus tivessem sido guardas infieis dos oraculos divinos, e houvessem *truncado* a Palavra de Deus, o Senhor os teria reprehendido por isso, como os reprehendeu fortemente por terem invalidado a Palavra de Deus pelas suas tradições (Matth. XV. 3, 7, 8, 9; Marc. VIII. 9).

Longe disso, o Senhor acceita a classificaçãõ triplíce dos judeus, e declara aos discipulos depois de sua resurreiçãõ que: «era necessario que se cumprisse o que de mim estava escripto na *Lei* de Moysés, e nos *Prophetas*, e nos *Salmos!*» (Luc. XXIV. 44).

Mais ainda: ha no N. T. 205 citações directas do V. T., e 340 referencias e allusões, mas nenhuma se refere aos *apocryphos*. Este silencio do Senhor e de seus Apostolos clama eloquentemente contra o acto absurdo do concilio de Trento decretando uma inspiraçãõ retroactiva e gratuita!

III. — *O testemunho de S. Jeronymo não só exclue os «apocryphos» do cânon judaico, mas do cânon christão de seu tempo.*

Não menos valioso que o de Josepho é o testemunho de S. Jeronymo, nascido nos limites da Dalmacia e Pannonia, no anno 340 ou 342, e morto a 30 de setembro de 420, em Bethleem.

Era o mais erudito dos padres latinos e por isso cognominado o Doutor Maximo. Viajou largamente pela christandade contemporanea e immortalizou-se, como já vimos, pela sua versãõ da Biblia, a *Vulgata Latina*.

Ninguem, pois, mais do que elle estava aparelhado para conhecer os sentimentos da Igreja, no 4.º e 5.º seculo, em relaçaõ aos *apocryphos* do V. T. Categorias são sobre este assumpto as informações do Doutor Maximo.

No *Prologus Galeatus*, que se lê nas edições auctorizadas da Vulgata, enumera S. Jeronymo os 22 livros canonicos do texto hebreu, que correspondem exactamente aos 39 das edições protestantes, e, em seguida, declara: *Quidquid extra hos est, inter apocrypha est ponendum. Igitur Sapiencia, quæ vulgo Salomonis inscribitur, et Jesu filii Syrach liber, et Judith et Tobias, et Pastor, non sunt in canone*; o que em vernaculo quer dizer — que qualquer livro, fóra dos enumerados, deve ser posto entre os *apocryphos*, e nomeia o livro da *Sabedoria, Ecclesiastico, Judith, Tobias, Pastor*, que não estão incluídos no *cânon*.

Mais adeante, no *Prefatio in libros Salomonis*, escreve o douto traductor: *Sicut ergo Judith, et Tobia, et Machabeorum libros legit quidem Ecclesia, sed inter canonicas Scripturas non recepit; sic et hæc dua volumina legat ad ædificationem plebis, non ad ecclesiasticorum dogmatum confirmandum*.

Como as antecedentes, são claras e decisivas estas palavras contra a inclusão dos *apocryphos* no catálogo dos livros inspirados. Ahi se diz que assim como a Egreja lê (leitura publica) *Judith, Tobias* e os *Machabeus*, não obstante excluir taes livros das Escripturas canonicas, assim tambem lê os livros de *Sabedoria* e *Ecclesiastico*, para a edificação do povo e não para confirmar dogmas ecclesiasticos.

Explica facilmente a duvida de alguns sobre o character desses escriptos religiosos não só o habito de os lerem as Egrejas primitivas em suas assembléas, mas ainda o andarem incorporados na traducção alexandrina ou dos Setenta, citada pelos Apostolos, a veneração de que os cercavam judeus e christãos, a ignorancia dos tempos e a ausencia quasi completa do espirito critico nos dirigentes medievaes.



IV. — *Confirma o depoimento de Josepho e S. Jeronymo contra a canonicidade dos apocryphos o testemunho dos mais respeitaveis doutores da Igreja em todos os seculos até o concilio de Trento.*

Evidentemente essa nuvem secular de testemunhos põe a toda luz o erro grave de Trento, e justifica plenamente a Reforma em sua decisão sobre o cânon. A voz potente do Doutor Maximo, echoando, no 5.º sec., a crença dos primeiros seculos da Igreja, repercute, com intensas vibrações, até o 16.º sec.

Sigamos essas vibrações, a maior parte das quaes registradas no *Dictionary of the Bible* do Dr. W. Smith, obra altamente cotada no mundo saxonico.

Contra a canonicidade dos apocryphos pronunciaram-se:

- 1.º sec.: (F. Josephus, já referido, além de Jesus Christo e os Apostolos, que sancionaram o cânon judaico).
- 2.º sec.: Militão de Sardes (160).
- 3.º sec.: Origenes (183-253); *ap. Eusebius.*
- 4.º sec.: Athanasio (296-373); Cyrillo de Jerusalem (315-386); Gregorio de Naiaze... (300-391); Amphiloehius (380); Epiphânio (303-403); Hilarius Pictav. (370); Rufinus (380).
- 5.º sec.: (Jeronymo, já referido).
- 6.º sec.: Primasius, *Comm. in Apoc. IV. Cosin. § 92*; Lenotius (590) *De Sectis.*
- 7.º sec.: Gregorio, o Grande, papa, *Moral XIX 21, p. 622.*

- 8.º sec.: Beda, o Veneravel, *In Apoc. IV*; João Damasceno (†750), *De Fid. Orthox. IV. 17*.
- 9.º sec.: Alcuino, *ap. Hody 654, e Carm. VI, VII*.
- 10.º sec.: Radulphus Flay, *In Levit XIV, Hody 655*.
- 12.º sec.: Pedro de Clugni, *Epist. c. Petri, Hody l. c.*; Hugo de S. Victor, *De Script. 6*; John de Salisbury, *Hody, 6. 56, Casin. § 130*.
- 13.º sec.: Hugo Cardinalis, *Hody 656*; Thomaz Aquinus, *ap. Pref. Ger., p. XIX, P. e A. P. Figueiredo*.
- 14.º sec.: Nicholas Liranus, *Hody p. 657, Cosin. § 146*; Wicliff, *? comp. Hody, 658*; Occam, *Hody, 657, Cosin. § 147*.
- 15.º sec.: Thomaz Anglicus, *Cosin. § 150*; Thomaz Walden, *Id. 151*; Antonino, arcebispo de Florença, *S. Theolog., Part. III, Tit. 18, e 6.º, § 2*; Affonso Tostado, bispo de Avila, *ap. P. A. P. Figueiredo*.
- 16.º sec.: Cardeal Ximenes, *Ed. Compl. Pref.*; Sixtus Lenensis, *Biblioth. i. 1.*; Cardeal Cajetano, *Hody, p. 662, Cosin. § 173*.

Algumas observações nos suggere a lista supra.

1 Militão, bispo de Sardes, é o primeiro escriptor ecclesiastico, que, após diligentes viagens e pesquisas, nos dá o catálogo dos livros canonicos do V. T., reconhecido em seu tempo, no 2.º sec., poucos annos depois da morte do ul-

timo Apostolo. Pelo tempo e por ser o 1.º catálogo, o seu testemunho é sobremodo valioso. Ora, como Josepho, elle exclue os livros apocryphos.

2. Origenes seguiu de perto a Militão; é conhecido pela sua vasta erudição, e, como o bispo de Sardes, dá-nos o catálogo dos livros sagrados do V. T., excluindo os apocryphos.

3. O grande Athanasio, adversario de Ario, pouco depois de Origenes, dando-nos o catálogo dos livros hebraicos, escreve: «Além destes ha tambem outros livros do Velho Testamento, *que não são canonicos*... A Sabedoria de Salomão, a Sabedoria de Jesus, filho de Sirach, Esther, Judith, Tobias. *Estes não são canonicos*. (Synops Sac. Scrip. Pariz, 1627).

4. Ao testemunho de Athanasio e de outros celebres doutores do sec. 4.º, seguiu-se o catálogo do grande auctor da Vulgata, que mencionámos no paragrapho anterior. É o que é importante é que, dois seculos depois, no sec. 7.º, mantem o papa Gregorio, o Grande, a traducção firmada por S. Jeronymo, e pede desculpas por citar o livro dos Machabeus, que declara *não ser canonico* (Greg. Moral lib. 19, cap. 17, apud Rev. Holden).

Aqui se vê a infallibilidade do papa, descoberta no concilio do Vaticano em 1870, em opposição á infallibilidade do concilio de Trento, cujo anáthema, se tiver effeito retroactivo, deve ter feito estremecer os ossos do sanctissimo pontifice.

5. O protesto previo, erguido através dos seculos contra o decreto do concilio Tridentino, surgira nas vespervas do mesmo concilio; preferiram-no theologos de nomeada no seio da Egreja Romana, taes como os trez mencionados pelo P. e A. P. de Figueiredo — o cardeal Ximenes, o bispo Affonso Tostado, o bispo Antonino, canonizado, e o cardeal Caetano ou Cajetano, que atraz citámos.

V.— *O concilio de Laodicéa (364), confirmado pelo concilio de Trullo e pelo concilio geral de Chalcedonia (451), exclue do seu catálogo os apocryphos*

A primeira decisão synodica sobre o cânon biblico é a do concilio de Laodicéa em 364, que plenamente sanciona os catálogos particulares de Militão, Origenes, Athanasio e outros, pela exclusão dos apocryphos. O catálogo de Laodicéa é adoptado pelo concilio de Trullo, e pelo concilio geral de Chalcedonia em 451. No paragrapho antecedente vimos papa infallivel contra concilio infallivel; surge agora concilio contra concilio: Laodicéa, Trullo e Chalcedonia (concilio geral) contra Trento!

Ouçamos o P.<sup>e</sup> Antonio Pereira de Figueiredo, traductor da Vulgata: «De um e de outro Testamento temos o Catálogo que no meio do terceiro seculo deixou Origenes, descripto por Eusebio, no Livro VI, da Hist., Cap. 25. O de S. Cyrillo de Jerusalem na Catequese IV. O do concilio Laudiceno da Frygia no cânon LX. O de Filiastro de Brescia, na Heres. 88. O de Santo Athanasio na sua epistola Festal. O de S. Gregorio Nazianzeno no Poema 33. O de Santo Amfiloquio na sua Epistola Jambica a Seleuco. O de Rufino de Aquiléa na Expos. do Symbolo. O de S. Jeronymo na Epistola a Paulino, que tambem costuma andar nas nossas Biblias depois do Prologo Galeato. O de S. João Damasceno no Livro IV da Fé Orthodoxa, cap. 17. Em todos esses Catálogos omittiram seus Auctores no Testamento Velho os Livros de Tobias, e Judith, os da Sapiencia e Ecclesiastico e os dous dos Machabeus.» (Pref. Geral, p. VI).

Estas palavras do P.<sup>e</sup> A. P. de Figueiredo são ainda confirmadas por outro auctor catholico ro-

mano de grande nomeada, o Dr. Du Pin, que assim se exprime:

«O primeiro catálogo que encontramos dos livros das Escripturas entre os christãos é o de Militão, bispo de Sardes, dado por Eusebio no livro quarto da sua historia c. 26. E' perfeitamente de accordo com o dos Judeus... Origenes tambem em certa passagem tirada da exposição do Psalmo I conta vinte e dous livros do Velho Testamento... O concilio de Laudicea, o primeiro synodo que determinou o numero de livros canonicos; S. Cyrillo de Jerusalém na sua quarta leitura catechetica; S. Hilario, no seu prefacio aos Psalmos; o ultimo cânon, falsamente attribuido aos apóstolos; Amphilochiús citado por Balsamon; Anastasio Sinaita, sobre o Hexameron lib. 7; S. João Damasceno, no seu quarto livro da fé orthodoxa; o auctor da Synopsé das Escripuras, e da carta festiva attribuidos a Athanasio; o auctor do livro da jerarquia, attribuido a S. Dyonisio; e os Nicephorios; seguem o cânon do catálogo de Militão. Gregorio Nazianzeno é da mesma opinião.» (Bibl. des auteurs Eccles. v. I, Dis. pret. secç. 2, ap. R. Holden).»

### Provas internas

Não menos concludentes contra a inspiração dos livros apocryphos são as provas internas. Examinemol-as succintamente:

1. A' primeira vista se offerece o facto singular de terem sido os livros *apocryphos* escriptos não em hebraico, lingua dos judeus, mas em grego. Não é absolutamente crível que qualquer livro sagrado dos judeus fosse escripto em lingua estrangeira. A lingua, em que estão escriptos os *apocryphos*, é por si um solenne protesto contra a sua canonicidade. E além de lingua ex-

tranha, extranho é ainda o estylo e o tom da linguagem. Nelles não se encontra aquella pureza de doutrina e dignidade de linguagem, que caracterizam os livros genuinos da Biblia, como em seguida veremos.

2. ECCESIASTICO. — O prologo do livro apocrypho do Ecclesiastico mostra desde logo o seu character espurio. Declara nas primeiras linhas que — «mercidamente convem *louvar* a Israel pela sua doutrina e sabedoria.» E mais abaixo, escreve: «Eu vos exhorto... a que nos *perdoeis* naquelles logares, em que seguindo a imagem da sabedoria parece que desfallecemos na contextura das palavras.» O *louvor* e o *perdão* destoam por completo da nobre linguagem dos escriptos canonicos.

3. MACHABEUS, a) — Ignorando o auctor do 2.<sup>o</sup> livro dos Machabeus, como o do Ecclesiastico, que fallava por inspiração do Espirito Sancto, desce egualmente a desculpar-se com os seus leitores: «Se a minha narração está bem organizada e como convem á historia, isso é tambem o que desejo: mas se pelo contrario foi com menos dignidade, deve-se-me *perdoar, si minus digna concedendum est mihi.*» (2 Maccab. XV. 39.)

Tal perdão nunca pedem aos peccadores os que são os orgams legitimos do Espirito.

b) Em 2 Machab. XIV 42, louva o auctor o procedimento de Razias, nobre judeu, que para não ser preso por seu inimigo, rasga, como Cação, as proprias entranhas, e, arrancando-as, lança-as sobre o povo, e morre, «escolhendo antes morrer *nobrememente, nobiliter mori*, do que ver-se sujeito a peccadores!»

O louvor ao crime do suicidio revela a ausencia de divina inspiração; o adverbio *nobiliter* trae a mão profana, que escreve. (Exod. 20. 13.)

c) Em 2 Machab. XII. 40-46, Judas, fazendo enterrar seus soldados mortos, por causa de idolos que traziam consigo (v. 40), manda offerer «sacrificios pelos peccados dos mortos.» E termina: «E' logo um sancto e saudavel pensamento orar pelos mortos, para que sejam livres de seus peccados.»

A idéa pagã do purgatorio, exposta por Virgilio na «Eneida», e opposta a todo o ensino da Biblia, havia contaminado o mosaismo dos Machabeus, como seculos depois contaminara o catholicismo romano. E' possivel, portanto, que os theologos de Trento achassem, nessa invasão do paganismo, a prova da canonicidade deste livro apocrypho.

4. TOBIA — O livro de Tobias revela, á simples leitura, o seu character apocrypho. Nelle se photographam as credices, superstições e feiticismo de trevosos tempos. Basta, para nos convencer, expormos seu entrecho.

O velho e piedoso Tobias deitou-se um dia cansado, ao pé duma parede, onde moravam imprudentes andorinhas. Mais imprudente que ellas, parece que o velho Tobias dormiu com os olhos abertos e em posição perigosa. O facto é que alguma coisa quente, que veio de cima, lhe cegou ambos os olhos. (Tob. II. 10, 11).

Cego e pobre, envia a seu filho, o jovem Tobias, a Rages, longinqua cidade dos Medos, a receber de Gabelo, seu parente, dez talentos, que lhe emprestara. Deus envia o anjo Raphael para guiar o moço. (Tob. III. 25 e IV. 21, 22). Prestes para a viagem, apresenta-se o anjo, como um galhardo mancebo, e declara conhecer perfeitamente o caminho de Rages. — Quem és, lhe perguntou o velho? — Sou Azarias, filho do grande Ananias, lhe responde o Anjo. (Tob. V. 8, 16-18) Partem. Pousam ao pé do rio Tigre. Ao nelle lavar o jovem Tobias os pés, investe-o

monstruoso peixe. Clama por soccorro. — Pegalhe pelas guelras, brada-lhe o companheiro. O moço o tira para fóra, e, por ordem do Anjo incognito, rasga-lhe o ventre e tira-lhe o coração, o fel e o figado, explicando o Anjo que um pedacinho do coração, posto sobre brazas, produz uma fumaça, que afugenta demonios, ao passo que o fel dá vista a cegos! (Tob. VI. 4-89).

Pousando na casa de Raguel seu parente, pede-lhe a filha Sara em casamento. Lugubre fado pesa sobre Sara! Um demonio Asmodeu inciumara-se por ella (Tob. III. 8), e na noite de nupcias matara-lhe successivamente sete maridos!

Casa-se o jovem Tobias, e á noite queima, em vivo brazeiro, um pedacinho do coração do peixe, e o demonio, tonto pelo fumo, é preso pelo Anjo Raphael e ligado no deserto do Alto Egypto! (Tob. VIII. 2, 3).

Feliz e rico, regressa á casa paterna, guiado sempre por Azarias, filho do grande Ananias. Chegado, applica o fel do peixe nos olhos do pae, que recobra a vista. (Tob. XI. 13-15). Por fim o Anjo descobre o seu ardil!

Eis a lenda ridicula, que o decreto do concilio de Trento declarou de divina inspiração!

Obcecados os padres de Trento, não trepidaram na blasphemia de fazer o Espirito Sancto responsavel pelo extraordinario da cegueira, pela mentira do Anjo, pelo feitiço do peixe, pelos ciumes assassinos do demonio Asmodeu, preso no Alto Egypto!

E' incrivel como até hoje endossa a Egreja Romana tricas e feitiçarias tão grosseiras!

5. JUDITH. — Não menos eloquente contra a infallibilidade do concilio de Trento é o livro apocrypho de Judith. E' uma lenda patriotica, dessas que alimentam o orgulho e a coragem dos povos.



Viuva, ainda moça e bella, é Judith sorprendida pela noticia alarmante de que Holofernes, general de Nabuchodonosor, bloqueára Bethulia, cidade de sua residencia. Estimulada pela sua fé religiosa e gloriosas tradições de seu povo, ora e alenta os seus apavorados concidadãos. Vestese de gala, orna-se de ricos enfeites, realça a sua nativa formosura, e o Senhor lhe accrescenta gentilezas. (Judith X. 3,4). Penetra o acampamento inimigo, e em astucioso discurso convence a Holofernes de que elle é o glorioso instrumento para castigar o seu povo, que ella repudia. Com taes enganos e o fulgor de seus olhos, subjuga o terrivel general dos Assyrios, e, accedendo aos convites deste, corta-lhe, á noite, a cabeça, a elle, que dormia em profunda embriaguez. Transpõe em seguida o arraial, entra na cidade, e entrega a seus concidadãos a cabeça do seu inimigo, fructo de seu heroismo, astucia e deslealdade!

Como no livro de Tobias, revela o caracter espurio deste a mentira, aqui aggravada pela hypocrisia e traição! E' possivel que os theologos de Trento, na canonização deste apocrypho, se aspergissem com o immoralissimo principio de que o fim justifica os meios.

## Fundamentos do Concilio Tridentino

Em sua Prefação Geral, reconhece o traductor da Vulgata, P.<sup>e</sup> Antonio Pereira de Figueiredo, que foi o concilio Tridentino que fixou o cânon sagrado para os catholicos romanos. Achavam-se presentes, na IV sessão, em que se votou o decreto sobre o cânon, apenas 5 cardeaes e 48 bispos, segundo nos informa o dicto padre, instruido por Sarpi, historiador da celebre assembléa (Pref. Ger. p. 17, 18). Numero este, por

certo, insignificante para justificar-se o *sacro approbante œcumenico concilio*.

Se exíguo era o numero dos representantes da Igreja Universal, mais exiguas eram as provas em prol da canonicidade dos *apocryphos*, que o concilio, entretanto, sob pena de anáthema, ordenou fossem recebidos *pari pietatis affectu ac reverentia*.

Sentindo a necessidade de provar que o concilio era ecumenico ou geral, não obstante a exiguidade da representação, traz o P. e A. Pereira, á pagina XXI da Pref. Geral, o argumento admiravel de que esta era a convicção de «todos os Catholicos», mormente o era dos apoucados representantes, e para o mostrar narra o seguinte incidente altamente significativo, que se deu na mesma memoravel sessão IV, quando um dos membros do concilio teve escrupulos de receber a tradição sobre os apocryphos «com equal affecto e reverencia». «E foi que duvidando Jacques Naclanto, bispo de Chiozza, assentir a clausula do Decreto das Tradições, em que se dizia, que ellas se devião receber e venerar *pari pietatis affectu*, que as Escripturas: todos os outros Padres do Concilio o leváram tanto a mal, e o interpretarão tão rigorosamente, que pouco faltou que não dessem a Naclanto por Herege. Por ultimo ou atemorizado, ou convertido, subscreveo Naclanto sem alguma excepção ao Decreto, dando o sim não pela palavra que era do costume, *Placet*, mas dizendo, *Obediam*.»

Dá-nos este incidente, narrado por pessoa insuspeita, a conhecer o espirito de intolerancia e tyrannia, que soprava no animo dos que, arrostando toda a evidencia *externa e interna*, lavraram, na canonização dos *apocryphos* do V. T., imperecivel documento de sua fallibilidade.

E' debalde que, no cap. II de sua Prefação Geral, se esfalfa o traductor da Vulgata por justificar o Concilio em aggregar ao volume sa-

grado livros que não pertenciam ao cânon judaico, recebido por Christo e seus Apostolos.

Acompanhemo-lo nos fundamentos que apresenta a favor da decisão do concilio Tridentino.

1. SANCTO AGOSTINHO (354-430), contemporaneo de S. Jeronymo, é citado como um dos patronos dos theologos de Trento.

A sua attitude, de facto, quanto á extensão e numero dos livros do cânon do V. T., parece divergir da do Doutor Maximo, de sorte que estes dois vultos proeminentes do 4.º sec. chefiavam, através da idade-média, as duas correntes tradicionaes, que no sec. 16.º se fixaram, uma na Reforma, que abraçou o *cânon estreito* de Jeronymo; a outra no conc. de Trento, que adoptou o *cânon largo* de Agostinho.

Sobre isto escreve auctoridade competente: «A real divergencia em relação ao conteúdo do cânon do V. T., deve ter tido sua origem em Agostinho, cuja linguagem vacillante e incerta sobre o ponto fornece abundante material de controversia.

Em virtude de sua educação e caracter, occupava elle posição especialmente desfavoravel á critica historica, e, comtudo, quando della tractava em seus trabalhos ordinarios, sua influência dominante dava consistencia e força á opinião que parecia advogar, pois, com justiça, pôde-se duvidar que tenha elle divergido intencionalmente de Jeronymo a não ser apenas na linguagem.» (Dr. W. Smith, Dict. of the Bibl., vol. I, p. 362).

Realmente, não ha discrepancia entre S. Jeronymo e Santo Agostinho, desde que acceitemos a explicação do cardeal Cajetano, de que este nos falla dos apocryphos como pertencentes ao cânon ecclesiastico, onde se incluiam esses livros, que eram lidos na assembléa publica da Egreja. E isto explica, em grande parte, as vacillações e incoherencias desse luzeiro do 4.º seculo, quando

se esforça por fixar o cânon. Tornam ainda esta solução do cardeal Cajetano mais plausível as seguintes palavras com que elle prefacia o seu catálogo, citadas e commentadas pelo Rev. R. Holden:

«O methodo seguinte deve observar-se em referencia ás escripturas *canonicas*; as que são recebidas por todas as egrejas catholicas devem ser *preferidas* ás que algumas das egrejas ainda não reconhecem; e no caso tambem desta ultima classe, as que são recebidas pelas egrejas mais numerosas e importantes, devem ser *preferidas*.» De Doctr. Christ. liv. 2 c. 8.

«E' manifesto que a solução de Cajetano é propria, e que a palavra «*canonica*» nesta passagem, não é synonymo de *inspirada*, porque Agostinho seria o ultimo que cahisse a engano egual ao fallar em dar *preferencia* a uma parte da obra da inspiração mais do que a outra, quando tudo, sendo de Deus, havia de ter a mesma autoridade.»

As opiniões de Agostinho prevaleceram nos dois concilios regionaes, de que abaixo tractaremos, celebrados no norte da Africa, a que elle pessoalmente assistiu. O concilio de Hippona.. (393), na propria cidade de sua residencia, e o de Carthago (397), interpretando evidentemente o seu pensamento, tractam dos livros que devem ser lidos publicamente nas Egrejas, o que vem confirmar a hypothese do erudito cardeal supra-citado

Allude o P.<sup>e</sup> Figueiredo á tradição das egrejas africanas em abono do cânon tridentino. Esta tradição, como se vê, são as opiniões de Sancto Agostinho, que, aferrado por seu turno ás tradições provocadas pela traducção dos Setenta, feita em Alexandria e corrente naquella região, não podia deixar de prestar certo respeito e veneração a essa literatura religiosa innocente, sem

que isso approvasse o sacrilego *patri pietatis affectu* de Trento.

Finalmente, para remover o ultimo resquicio de duvida sobre a attitude de S. Agostinho e as egrejas da Africa, aqui transcrevemos o que escreve o Rev. R. Holden, a pag. 26 do seu interessante tractado «Os Livros Apocryphos».

«Quanto á igreja em Africa, ha dous Bispos africanos do seculo 6.<sup>o</sup> que, junctamente com o famoso Agostinho, devem ser ouvidos.

*Junilio*, fallando nos livros de Tobias, Judith e os Maccabeus, pergunta e responde: «Porque não correm estes livros entre as escripturas canonicas? — Porque tambem entre os Hebreus forão recebidos com esta differença, como testificação Jeronymo e outros mais» *Junil. African. de part. div. legis lib 1 c. 3.*

*Primasio*, Bispo de Adrumeto, no seu commentario sobre o Apocalypse c. IV. diz que pelas vinte quatro azas e vinte e quatro anciãos, São João faz referencia aos «livros do velho testamento, que *n'aquelle mesmo numero* recebemos pela auctoridade canonica.»

2. O CONCILIO DE CARTHAGO (397) e o de HIPONA (393), de que acima fallámos, são adduzidos pelo P.<sup>e</sup> A. P. de Figueiredo, como um dos fundamentos da decisão do conc. de Trento. Mui fragil fundamento, por certo, deante do que acabamos de dizer. Ambos estes concilios, expõem os sentimentos de S. Agostinho, presente a elles, e ratificam a supposição razoavel de que o apoio deste bispo de Hippona se refere ao cânon ecclesiastico, e não ao cânon inspirado, porquanto o conc. de Carthago, que echôa o hipponense, tracta dos livros que se devem ler em publico nas assembléas ecclesiasticas, e determina que só *se leiam as Escripturas canonicas*, e entre estas menciona os apocryphos. *Præter*

*Scripturas canonicas nihil in Ecclesia legitur.* Este *legitur* está indicando que a mente do concilio não era repellir o testemunho de S. Jeronymo, nem o do concilio de Laodicéa (364), apoiado pelo concilio de Trullo e pelo concilio geral de Chalcedonia (451), nem rebellar-se contra o sentimento unanime dos doutores da Egreja desde o 1.º seculo. A explanação do sabio cardeal Cajetano se impõe: não tractaram esses dois concilios africanos, senão de coarctar ou evitar abusos na leitura publica de livros piedosos, fixando o cânon ecclesiastico. O proprio teor do decreto suppõe essa intenção.

Como observa o conspicuo cardeal, a expressão *canonico*, não tinha na patristica o sentido restricto e technico, que hoje lhe damos, e o mesmo acontece, pondera o Rev. Ricardo Holden, com as palavras — *Esripturas, Sagra-das Esripturas*, que egualmente, em um sentido lato, abrangem a literatura religiosa de que, nas congregações dos primeiros seculos, era permitida a leitura publica.

O decreto de Carthago não discrepa, portanto, como faz o de Trento, dos sentimentos universaes da Egreja, e o proprio texto do decreto 47 suggere esta solução, pois tracta da leitura publica, *legatur*.

Desnecessario é ainda mencionar que ha razões para se suppôr espurio esse cânon ou decreto, pois além da confusão na redacção, existe ahi um *anachronismo de 21 annos*, porquanto menciona o papa Bonifacio, que só subiu ao pontificado em 418 (Livr. Apoc., R. Holden, p. 28). Reconhece o P.<sup>e</sup> A. P. de Figueiredo este *anachronismo*, attestado por Labbé (Pref. Ger., p. XV). Fica assim completamente desvalorizado este fundamento, que é apenas um prolongamento da attitude de Sancto Agostinho.

3. O PAPA INNOCENCIO I é invocado pelos defensores do acto irreflectido dos theologos de Trento. Em uma carta deste papa, datada de 405, vem appenso um catalogo dos livros canonicos, incluindo os *apocryphos*. E' o cânon ecclesiastico, explana o cardeal Cajetano, onde os apocryphos figuram como norma de costumes, e não de dogmas. E o que dá grande valor a esta explanação é que o papa Gregorio, o Grande... (590-604), successor de Innocencio no seculo seguinte, como já vimos, repudia a idéa de inspiração divina dos *apocryphos*.

O que é, porém, probabilissimo é ser o catalogo falso, pelas seguintes concludentes razões: a) o catalogo é um mero appendice da carta, facilitando a acção fraudulenta de mão extranha; b) o appendice só no seculo *nono*, 460 annos depois, é que se tornou conhecido, exactamente no seculo em que foram forjados por Isidoro Mercator uma multidão de documentos, de que se serviu o papado, e que hoje são repellidos por todo escriptor respeitavel da Igreja Romana; c) Cassiodoro, no 6.<sup>o</sup> sec., escrevendo sobre o cânon, não faz a minima allusão ao catalogo de Innocencio, e o mesmo faz, no 7.<sup>o</sup> sec., Cresconio, que tractando dos livros apocryphos, e tendo citado seis vezes a carta de Innocencio, não allude sequer ao appendice, que era então certamente desconhecido. (R. Holden).

E', pois, nullo esse documento.

4. O PAPA GELASIO (492-496) e um concilio de 70 bispos reunido em Roma, publicam um catalogo dos livros canonicos, que abrange os apocryphos.

Não é necessario soccorrer-nos da interpretação do cardeal Cajetano, para invalidarmos este documento.

a) Em primeiro logar nada se sabe ao certo sobre tal concilio. b) Depois, o testemunho citado

do papa Gregorio, grande pelo seu saber e piedade, ainda com mais razão, do que com respeito a Innocencio, annulla este documento, porquanto não é crível que ignorasse a decisão de um concilio em sua propria Sé. c) Finalmente, tal documento deve o conhecimento de sua existencia ao mesmo falso Isidoro, do seculo *nono*. Só isto basta para destrui-lo.

5. O PAPA EUGENIO IV é o ultimo chamado a depor em prol do decreto do conc. de Trento.

Em um catálogo que este papa publicou em 1441, depois do conc. Florentino, mencionam-se os *apocryphos*. E' sobremodo moderna tal lista, e por isso de valor muito secundario. Quanto mais se afasta do testemunho primitivo, a tradição favoravel aos livros espurios do V. T. vae-se tornando mera repetição do que disseram outros, e, como em geral acontece com toda a tradição dos antigos, converte-se em uma cadeia de élos ficticios.

Este catálogo de Eugenio IV, publicado depois do conc. Florentino, contem, segundo a douta opinião do cardeal Cajetano, que floresceu poucos annos depois, o *cânnon ecclesiastico*, e isto se deve dar por provado pelo testemunho de dois bispos que fizeram parte do concilio de Florença, Antonino e Tostado, que já citámos. Ouçamo-los:

«Antonino (canonizado por Adriano VI) diz: «Os hebreus contam 22 livros em tudo como authenticos. Chamam *apocryphos* os livros de Sabe-doria etc. A egreja com tudo recebe a *apocrypha* tambem como *verdadeira, e util e moral*,, ainda que *não valida* para prova em controversias sobre cousas *que são da fé*.» (Anton. Sum. Hist. P. I. Tit 3 c. VI.)

Affonso Tostado diz: «Nenhum d'aquelles *livros apocryphos*, ainda que seja escripto entre



os mais livros da Biblia, e lido na egreja, tem tanta autoridade que a egreja d'alli *argumente para provar qualquer verdade*, em quanto a isso não os recebe. Neste sentido é que Jeronymo diz: *apocrypha nescit ecclesia.*» (Tosta, enarr, ... praefat. in Paralip, 9. 7.)

De areia, pois, são os fundamentos em que se basearam os 53 membros, que formaram o concilio, na celebre Sessão IV, em que foram *canonizados* os livros *apocryphos* do V. T.

Ensina o cardeal Bellarmino, acerrimo defensor da infallibilidade papal, que «a Egreja não póde de nenhum modo *fazer canonico* um livro, que não o é; mas somente *declarar* quaes são os canonicos; e isto não a seu talante, mas segundo *antigos testemunhos*, a *semelhança de estylo* com os livros não controvertidos, e *sentido e apreciação* dos christãos. (De Verb. Dei Tit. I, c. 11).

Ora, como mostrámos, nada disso se deu.

1. Os *antigos testemunhos* são eloquentemente contra o concilio. Até o 4.<sup>o</sup> seculo, o testemunho era absoluto; apenas neste seculo as opiniões dubias de S. Agostinho trouxeram fraca perturbação, que, alias, segundo o douto cardeal Cajetano, foi apenas um mal entendido sobre o *cânnon ecclesiastico*. A lista de testemunhos, que demos, mostra que em todos os seculos erguem-se vozes numerosas e respeitaveis para proclamarem o erro e o sacrilegio do concilio de Trento.

2. A *semelhança de estylo* com os livros não controvertidos, aos quaes os proprios theologos romanistas dão primazia, denominando-os *proto-canonicos*, a despeito do anáthema tridentino, não existe, como já mostrámos com Ecclesiastico, Machabeus, Tobias e Judith. Ha, ao contrario, um contraste frizante entre o tom da linguagem entre os *canonicos* ou *proto-canonicos*

e os *apocryphos* ou deutero-canonicos. Naquelles o tom nobre e firme revela o dedo de Deus; nestes o temor, a vacillação, as desculpas e as superstições manifestam de plano auctores inconscientes da propria inspiração!

3. O *sentido e apreciação* dos christãos é, por certo, o assentimento geral da Igreja. Ora, o assentimento geral era exactamente o contrario, como, aliaz, nos faz conhecer o proprio cardeal Cajetano nas vespas da reunião do concilio.

Coisa curiosa é que uma Igreja, que avoca para si a infallibilidade, nada tivesse dicto sobre o numero dos livros sagrados até o seculo XVI, e que, no seu proprio seio, reinasse a duvida sobre materia de tão fundamental importancia.

«Muitos, escreve Pallavicini, famigerado historiador do Concilio, viviam à este respeito (de quaes eram os livros canonicos) na mais deploravel incerteza, o mesmo livro era *adorado* por uns como a expressão do Espirito Sancto, e *execrado* por outros como obra de um impostor sacrilego.» Tal era o dissentimento e divergencias no seio do Romanismo na época do proprio Concilio. No meio dessas duvidas confessadas por Pallavicini, dominava a corrente jeronymiana entre vultos eminentes do clero romano nas vespas de se reunir a assembléa de Trento, como podemos ver com o cardeal Cajetano, e os bispos Antonino e Tostado.

Deante, pois, dos proprios principios lançados pelo insuspeito cardeal Bellarmino, arenosos e movediços são os alicerces do decreto do concilio Tridentino egualando os livros apocryphos aos livros divinos da Palavra de Deus.

Em sua reacção cega contra a Reforma, que havia adoptado o cânon judaico, recebido por Christo, pelos Apostolos, pela Igreja primitiva e pela tradição de todos os seculos, os padres

de Trento foram impellidos a um acto sacrilego, incidindo no anáthema divino, inscripto ao encerrar-se o cânon biblico: «Porque eu protesto a todos os que ouvem as palavras da prophacia deste livro: que se algum lhe ajunctar alguma coisa, Deus o castigará com as pragas que estão escriptas neste livro. E se algum tirar qualquer coisa das palavras do livro desta prophacia, tirará Deus a sua parte do livro da vida, e da cidade sancta, e das coisas que estão escriptas neste livro (*imponet Deus super illum plagas scriptas in libro isto.*)» (Apoc. XXII. 18, 19).

Sobre o conc. de Trento e a Igreja de Roma incidem directamente estas pragas apocalypticas. Entretanto, sem o minimo criterio historico, appellidam *truncadas* as edições protestantes da Biblia, por não conterem os *apocryphos*; apoiados no *veredictum* seguro da critica historica e textual, nós é que com razão tachamos de *accrecentadas* as edições catholico-romanas do volume sagrado.

Não contente com a imputação falsa de *truncadas*, atira ainda o clero sobre as edições e traducções protestantes da Sagrada Escriptura a accusação calumniosa de *Biblia falsificada*. E levam o sacrilegio e impiedade ao ponto de lançar publicamente ás chammas a Palavra de Deus!

Mas, os que assim «resistem á verdade, homens corrompidos de coração, réprobos acerca da fé, não irão avante, porque a todos se fará manifesta a insipientia delles, *insipientia eorum manifesta erit omnibus* (2 Tim. III. 8).

## Cânon do Novo Testamento

Sobre o cânon do N. T., não ha divergencia entre a Reforma e o concilio Tridentino. Contem as edições protestantes da Biblia e as catholicas os mesmos livros em numero de vinte e

sete: 4 Evangelhos, 1 Actos dos Apostolos, 13 Epistolas de S. Paulo, 2 de S. Pedro, 3 de S. João, 1 de S. Tiago, 1 de S. Judas, 1 dos Hebreus, 1 Apocalypse.

Os *apocryphos* do N. T. foram escrupulosa e concordemente joeirados.

Morosa e successiva foi a formação do cânon do N. T., como tinha sido a do V.: os escriptos inspirados tiveram de passar pelo cadinho de um reconhecimento universal da Igreja. Na consecução paulatina de um consenso geral, foi o cânon expurgado dos escriptos *apocryphos*. Mais de dois seculos foram necessarios para a acceitação plena e unanime dos vinte sete livros de que consta o N. T. Foram estes livros distribuidos, no seculo III, por Origenes e Eusebio, em dois grupos, a que chamaram *homologumenes* (geralmente recebidos) e *antilegomenes* (duvidosos). Os desta classe eram cinco: as Epistolas de Tiago, de Judas, 2.<sup>a</sup> Pedro, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> João. Alguns acrescentam — Hebreus e Apocalypse. Do sec. III em deante, os seus direitos ao cânon foram reconhecidos por toda a Igreja.

Reabrindo, de necessidade, o problema da fixação do cânon, a Reforma teve de examinar com cuidado os titulos dos *antilegomenes*. Lutero teve suas duvidas sobre a inspiração ou grau de inspiração da epistola de Tiago, de Judas, da epistola aos Hebreus e do Apocalypse. Não só as duvidas da antiguidade christã sobre estes escriptos, mas principalmente o seu conteudo, levaram-no a aventar essas duvidas precipitadamente. Zwinglio levantou objecções apenas ao Apocalypse.

Ecolampadio dá a seis *antilegomenes* (exclue a epist. aos Hebreus) logar inferior, «porém appella não obstante para o testemunho delles!»

Mantem Calvino, o mais profundo theologo da Reforma, uma attitudo moderada e con-

servadora sobre o cânon, e as suas opiniões prevaleceram em todos os credos da Reforma. Dissiparam-se as duvidas passageiras de Lutero e outros, como se dissiparam as incertezas subsistentes entre os doutores christãos até fins do seculo terceiro. A liberdade critica dos Reformadores era apenas um reflexo da liberdade do criticismo dos padres primitivos, e revela, em uns e outros, o sentimento de responsabilidade na determinação ou verificação do cânon sagrado.

## A Reforma e a liberdade

«A Reforma, no dizer do eminente professor de *Union Seminary* de Nova York, foi um grande acto de emancipação da tyrannia espirital, e uma vindicação dos sagrados direitos da consciencia em materia de fé religiosa. A attitude de Lutero na Dieta de Worms, em face do papa e do imperador, é um dos mais bellos acontecimentos da historia da liberdade, e a eloquencia de seu testemunho resoa através dos seculos.

Quebrar a força do papa, que se chamava vigario visivel de Deus na terra, e que como tal era crido, e que segurava em suas mãos as chaves do reino do céu, requeria mais coragem moral do que para combater cem batalhas, e foi isso feito por um humilde monge no poder da fé.»

Filho da consciencia emancipada pelo heroismo dos Reformadores, tornou-se a Reforma o sopro vivificador de todas as modernas liberdades sociaes. Lançada a semente sagrada da liberdade religiosa, foi ella fructificando, pouco a pouco, e dissipando a intolerancia perseguidora desses tempos de fé e fanatismo, de zelo e barbaria. A fogueira dos martyres da liberdade ia projectando luz intensa na consciencia entenebrecida da humanidade.

Além disso, a Reforma poz a alma em contacto directo com o seu Deus, entregou ao povo o Livro Divino; restituiu-lhe o direito de o ler, entender e seguir; fez pesar sobre o individuo a responsabilidade de sua crença e de seu destino, e conseguiu a discriminação analytica entre o individuo e as suas opiniões, a compatibilidade christã entre a intolerancia para com os principios e a tolerancia para com as pessoas.

E que immenso progresso operou, na esphera da liberdade religiosa, a attitude da Reforma do sec. XVI para cá?

## Intolerancia e perseguições

O espirito de intolerancia e perseguição, era a alma ardente do fanatismo e barbárie da edade-média. O connubio adulterino da Egreja com o Estado, no quarto seculo, fez do braço secular o manejador do punhal assassino do Catholicismo Romano. Para isso concorreu o genio de Thomaz de Aquino (*Summa Theol., Secunda Secundæ*, Quæst. X. Art. 11, e XI. Art. 3), que provou, com especiosos argumentos, que os herejes e os corruptores da fé christã, depois de excommungados pela Egreja, deviam ser postos á morte pelo Estado (*... non solum excommunicari, sed et juste occidi*). Roma sancionou esta opinião do Doutor Angelico, e a proclamou no *Syllabus*. E' doutrina vigente do Romanismo.

De accordo com estes principios, instituiu o papa Innocencio III, «um dos melhores» (Schaff), o execrando tribunal da Inquisição, que «era, no dizer de Castellar, o punhal da Egreja», e apregou a sangrenta extirpação dos albingenses no sul da França. Nos annaes da crueldade humana, occupam logar saliente as atrocidades do Duque D'Alba contra os protestantes dos Paizes-Baixos (1567-1573). Declara Gibbon que o numero de protestantes executados pelos hespanhoes excedeu

em muito, em uma simples provincia, no curto reinado do celebre Duque, agente de Philippe II, o numero dos martyres no espaço de trez seculos, no Imperio Romano.

Segundo Grotius, subiram a 1.000.000 os martyres hollandezes. No saque de Haarlem, 300 cidadãos, atados dois a dois, costa a costa, foram arremessados no lago, e em Zutphen 500 foram afogados no Yssel. «As barbaridades commettidas entre o saque e ruinas de cidades esfomeadas e abrazadas vão quasi além do que se póde crer: creanças eram arrancadas do ventre dos corpos vivos de suas mães; mulheres e creanças violadas aos milhares, e populações inteiras queimadas e espantadas pelos soldados, por todos os meios que podia descobrir a crueldade em seu engenho diabolico.» (*Motley, Rise of the Dutch Rep., II, 504*).

A noite de 24 de agosto de 1572 assignala a horrivel carnificina de S. Bartholomeu, que se estendeu a toda a França, contra os Huguenotes. As victimas são variamente calculadas de 10.000 a 100.000 O Papa Gregorio XIII festejou o acontecimento com publicas acções de graça e com uma medalha, onde a effigie do papa e de um anjo vingador, trazia esta inscripção: — *Ugonottorum strages*. E consta que o sombrio Philippe II, campeão do papado, soltou pela primeira vez franca casquinada!

«Na sala regia, escreve Castellar, onde está a Capella Sixtina e a Paulina, ha um fresco em que um emissario do rei de França apresenta ao papa a cabeça de Coligny; ha um outro em que estão no meio dos anjos os assassinos da noite de S. Bartholomeu.»

A perseguição continuou, em mais larga escala, com as infames dragonadas de Luiz XIV, com a violação e revogação do edicto de Nantes (1598-1685). Crudelissimos eram esses processos para a extirpação do Protestantismo na

França, que mereceram, entretanto, a aprovação do clero e do proprio Bossuet. Expatriaram-se 800.000; outros dizem 400.000 francezes industriosos, mas outros 1.000.000, que foram levar sua actividade aos Paizes-Baixos, á Inglaterra, mormente á Prussia e Berlim, combatendo os seus descendentes contra a França nas guerras napoleonicas e concorrendo para o tremendo revés de 1870.

Em 1655, o violento morticínio contra os humildes vâldenses, no valle de Piemonte, provoca o horror do mundo protestante e um protesto vigoroso de Cromwell.

Roma jamais repelliu arrependida «sua cumplicidade com esses capitulos negros e satânicos da historia da Egreja.» Muito pelo contrario, o *Syllabus* papal (1864) sanciona esses principios de sangrentas perseguições, justificados por Thomaz de Aquino. Leão XIII, em sua Encyclica de 1 de nov. 1885, apoia a attitude de Pio IX nesse compendio de *anáthemas* contra o espirito de tolerancia e de liberdade.

Por infelicidade, a semente de liberdade e tolerancia, lançada heroicamente pela Reforma, não pôde medrar de prompto no seio de uma geração, que respirara por seculos uma atmosphera impregnada de fanatismo e barbárie, e, nos proprios paizes reformados, ora o *odium theologicum*, provocado por discussões doutrinarias e disciplinares, ora ambições politicas e tyrannias dyasticas, fizeram apparecer, muitas vezes, publicas violações do grande principio basico do movimento emancipador do sec. XVI.

A mais grave dessas violações incoherentes dos reformados é a de consentir Calvino no suplicio, em Genebra, de Miguel Serveto, medico hespanhol, que negava e ridicularizava o dogma da S. S. Trindade.

Condemnado ao fogo pelo tribunal da Inquisição em Vienna, França, foge elle para Ge-



nebra, onde, denunciado por Calvino, é preso e condemnado, segundo as leis medievas, e o sentimento unânime da Christandade européa, naquelles tempos de áspero fanatismo, á fogueira, e suppliciado a 27 de outubro de 1553, por «crime de heresia e blasphemia».

Erro fatal de Calvino, que mereceu então o apoio universal de catholicos e protestantes! E, coisa singular! o proprio Serveto, em carta a Calvino, reconhece, em parte, a justiça da theoria, que o fez soffrer, dizendo que a obstinação incorrigivel e a malicia mereciam a pena de morte (*hoc crimen est morte simpliciter dignum. Calv., Opera VIII, 708*).

O supplicio, pois, de Serveto foi antes um crime do tempo, que do homem.

Parece até, como diz Gaussen, que a voz de Calvino foi a unica na Europa, que mostrou alguma commiserção pela sorte de seu adversario. Procurou elle convencer, em vão, o magistrado para mitigar a penalidade legal do fogo pela espada. A Farel escrevia elle em 20 de agosto de 1553: *Spero capitale saltem fore judicium, pœnae vero atrocitatem (ignem) remiti cupio.*

«Felizmente, escreve Schaff, a tragedia de 1553, foi o ultimo espectaculo de se queimar hereje na Suissa.»

Contra essa obsessão do medievalismo a Reforma pôde protestar por bocca de Luthero: «*Quod, escreve, quæris, an liceat magistratui occidere pseudopphetas? Ego ad judicium sanguinis tardus sum, etiam ubi meritum abundat... Nullo modo possum admittere, falsos doctores occidi: satis est eos relegari.*» «Porque perguntas se é licito ao magistrado condemnar á morte os falsos prophetas? Tardo eu sou para sentença de morte, ainda mesmo lá onde abundem motivos justos. De modo nenhum posso eu admittir que sejam postos á morte os falsos mestres. Basta que sejam afastados.»

De modo nenhum, como se vê, admittiu o grande Reformador a pena de morte aos herejes, elevando-se dest'arte muito acima do seu tempo.

O Protestantismo, porém, não se contentou com essa nobre expressão dos altos principios da liberdade espiritual, que é a sua mesma vida.

A 27 de outubro de 1903, no logar em que se ergueu a fogueira de Serveto, erigiu-lhe elle um monumento expiatorio, onde, de um lado, se lê a data do nascimento e da morte de Miguel Serveto, e de outro os seguintes dizeres:

FILS

RESPECTEUX ET RECONNAISSANTS DE CALVIN  
NOTRE GRAND RÉFORMATEUR  
MAIS CONDAMNANT UNE ERREUR  
QUI FUT CELLE DE SON SIÈCLE  
ET FERMEMENT ATTACHÉS  
À LA LIBERTÉ DE CONSCIENCE  
SELON LES VRAIS PRINCIPES  
DE LA RÉFORMATION ET DE L'ÉVANGILE  
NOUS AVONS ÉLEVÉ  
CE MONUMENT EXPIATOIRE  
LE XXVII OCTOBRE MCMIII

O monumento foi custeado pelas Egrejas Reformadas da Suissa, França, Hollanda, Inglaterra e Estados Unidos.

Por occasião de sua inauguração, o Prof. Dourmergue de Montauban, proferiu, no discurso official, as seguintes palavras:

«Supponde que esta manhã dessem os jornaes diarios a seguinte noticia: «O Nuncio Papal em Pariz chegou a Roma, e Pio IX communicou-lhe logo um projecto, que, parece, tem elle muito a peito realizar. O assumpto se relaciona com

um monumento em expiação da carnificina de S. Bartholomeu.

Áfim de proclamá-la e repudiar em nome da Igreja os seus actos de perseguição e intolerancia nos seculos passados, resolveu o Papa erigir, em frente do Louvre, e á sombra de Saint Germain l'Auxerrois, cujo sino deu o signal daquella terrivel carnificina, um bloco de granito, com esta simples inscripção: *Em nome da Igreja e da Christandade Catholica: «Peccavimus»*. O monumento será inaugurado a 24 de agosto proximo.»

«Que espanto dominaria então o mundo politico e o mundo religioso! Com quanta ancia não tirariam os jornaes das mãos dos vendedores! A principio recusariam crer aos proprios olhos. E que immensa força e prestigio de chofre ganharia Roma! Desarmados seriam os seus mais perigosos adversarios. O livre-pensamento não mais a exprobaria por causa da Inquisição. Obrigados seriam os Protestantes a calar suas accusações contra as Dragonadas e a Revogação do Edicto de Nantes. Depois da Reforma do sec. XVI, nenhuma revolução seria tão completa nem de maior alcance.» (*Rev. C. H. Irving, J. Calv., p. 169-171*).

Enclausurada, porém, em sua infallibilidade, Roma jamais se penitenciou nem se penitenciará da mancha sangrenta, que nodôa a historia secular de sua intolerancia. Ainda hoje, no juramento de seus bispos, ella exige delles a declaração de que hão de perseguir os *herejes, usque ad mortem: Hæreticos, Schismaticos, et rebellis eidem Domino nostro* (o papa) *vel successoribus prædictis pro posse perseguar et impugnabo*.

O Papado, que exige dos bispos este juramento de combater e perseguir com todas as suas forças os *dissidentes*, e que instituiu, no sec. 13.º, o negro tribunal, que levou á fogueira milhares de infelizes, e de que são os bispos os *inquisidores natos*, não póde renegar o passado de

horrores, para poder guardar intactas suas pretenções ao infallibilismo. O concilio do Vaticano fechou-lhe a porta ao arrependimento, e Gregorio XVI (1832), Pio IX (1864), Leão XIII (1885), reafirmam, contra toda a corrente liberal da moderna civilização, a intolerancia perseguidora no dominio sagrado da consciencia.

Como os raios do sol nascente dissipam as nevoas accumuladas durante a noite nos largos valles dos nossos grandes rios, assim o grande principio da liberdade individual, promulgado pelo Christianismo e proclamado pela Reforma, reagiu efficazmente nos paizes reformados, e projectou sua influencia, em maior e menor grau, nos povos que se conservaram sob o jugo da tyrannia papal, provocando muito embora constantes protestos do Vaticano, que, no *Syllabus*, lançou o anáthema sobre todo o movimento liberal das sociedades modernas.

Os proprios erros do Protestantismo, suas transgressões, no começo, do nobre principio da tolerancia, suas revoluções e grandes soffrimentos, serviram para radicar mais profundamente, na consciencia publica dos povos evangelicos, o magno principio da liberdade espiritual. O monumento expiatorio de Genebra e a estatua da liberdade do porto de Nova York são symbolos gloriosos do triumpho definitivo do espirito christão nas relações do individuo com a sociedade, espirito que é o genio da Reforma.

## A Reforma e o progresso

Quatrocentos annos ha que o Protestantismo e o Romanismo se acham, face a face, dirigindo cada um os destinos de povos. O estado actual desses povos deve revelar, com segurança, o genio dessas duas religiões. Neste largó lapso de tempo, devem ter ellas demonstrado suas res-

pectivas aptidões para o progresso, para o desenvolvimento moral e intellectual, politico e economico das nações.

Para conhecermos as tendencias sociaes desses dois ramos da christandade, ouçamos Macaulay, historiador inglez.

«As mais bellas e ferteis provincias da Europa, sob o seu dominio (romanista) cahiram em pobreza, em escravidão politica, e em torpor intellectual; ao passo que os paizes protestantes, outr'ora de proverbial esterilidade e barbarismo, se tornaram, com a aptidão e industria de seus habitantes, em jardins, e podem gloriar-se de uma longa lista de heroes e estadistas, philosophos e poetas.

Qualquer que conhecer o que a Escocia e a Italia naturalmente são e o que realmente eram, quatrocentos annos atraz, poderá comparar a região em torno de Roma com a região em torno de Edinburgo, e será deste modo habilitado a formar juizo approximado das tendencias da dominação papal.

A mesma lição é proclamada não só pela quéda da Hespanha, a primeira dentre as monarchias, á mais profunda degradação, mas tambem pela elevação da Hollanda, a despeito de tantas desvantagens naturaes, a uma altura que jamais attingiram communitades tão pequenas.

Quem quer que, na Allemanha, passa de um principado catholico romano para um protestante ou na Suissa de um cantão catholico romano para um protestante, ou na Irlanda de um condado catholico romano para um protestante, sente logo que tem passado de um grau inferior de civilização a um grau superior.

Do outro lado do Atlantico prevalece a mesma lei. Os protestantes dos Estados-Unidos deixaram muito atraz os catholicos romanos do Mexico, Peru' e Brasil. Os catholicos romanos do Baixo-Canadá permanecem inertes, ao passo que

o continente inteiro, em torno delle, fermenta com a actividade e empresas constantes.

A França parece uma excepção. Os francezes teem dado indubitavelmente taes provas de energia e intelligencia, que, mesmo quando mal dirigidos, lhes dão o direito de serem chamados um grande povo. Esta apparente excepção, porém, quando examinada de perto, vem confirmar a regra; porquanto, em nenhum paiz chamado catholico romano, tem tido a Egreja Catholica Romana, durante gerações, menos auctoridade, que na França.»

O offercimento da Reforma foi feito a todos os povos, observa Carlyle: á Austria, á Hespanha, á Italia, á França, á Bohemia, e é curioso ver a sorte das nações, que não a quizeram aceitar.

E' por certo admiravel que Jayme Balmes, clerigo e philosopho hespanhol, em sua obra «O Protestantismo comparado com o Catholicismo em suas relações com a civilização européa», se mostre surdo ao clamor dos factos, e cego ás condições sociaes de seu próprio paiz!

Toca E. Pelletan na causa da hegemonia das nações protestantes. «A Reforma, diz elle, desenvolveu o eu, motor sagrado da machina humana, e na mesma medida o sentimento do trabalho; povo protestante, povo trabalhador, povo sabio, industrial, commerciante, *pioneiro*. Por toda a parte onde a historia assignala um rasgo de heroismo, ou um glorioso golpe de mestre em a natureza — a Hollanda arrebatada ao mar, a floresta virgem transformada em ricas searas, é a Reforma que ahí poz a picareta, e operou o milagre. A Reforma desenvolveu finalmente o amor da liberdade... «Entre o padre (romano) e o fiel ha uma alma de mais: a alma do fiel. A Reforma entregou a alma ao homem, e com a alma a faculdade de querer e de agir, segundo os seus interesses. Da liberdade interior á liber-

dade politica, ha apenas um passo.» (*La Mère*).

Mais que Pelletan, penetrou E. de Laveley na causa intima da superioridade social do Protestantismo sobre o Romanismo, em quatrocentos annos evidentemente demonstrada. Economista belga e professor em Liège, em seu estudo de economia social, intitulado «*De l'Avenir des peuples catholiques*», applicando o methodo scientifico de uma observação imparcial, mostra que a decadencia dos povos latinos não é devido á raça, mas á religião.

Não contesta o eminente professor que a raça e o meio explicam frequentes vezes o destino diverso dos povos. Em se tractando, porém, de nações, cuja população tem sangue tão misturado como os europeus, ou de povos que, occupando o mesmo meio, descendem de um mesmo tronco, desaparecem esses dois elementos na comparação de seu respectivo destino.

Estabelecidas estas premissas, passa elle a examinar os factos.

Escocezes e irlandezes são da mesma origem; estes, porém, catholicos e aquelles protestantes. Até o seculo dezeseis, sobrepujavam os irlandezes; de então para cá, como mostra Mauley, os escocezes levaram decidida vantagem não só aos irlandezes, mas aos proprios inglezes, e isto a despeito de seu inhóspito clima, e solo ingrato. Cannaught e Ulster são duas provincias da Irlanda, que se defrontam; a primeira é catholica, e a segunda evangelica. Que grande não é a differença entre ellas!

«Ulster está rica pela industria, Connaught apresenta a imagem da ultima extremidade da miseria humana.» Duas populações, lado a lado, da mesma raça, sob o mesmo regimen politico, que outro factor póde explicar o contraste senão os respectivos systemas religiosos?

Na Suissa, os cantões de Neufchatel, de Vaud e de Genebra são latinos e protestantes, e grande

é a deanteira que levam, no progresso, aos cantões de Lucerna, do Alto-Valais e aos Florestaes, germanicos e catholicos!

Mais ainda: o cantão de Appenzell, habitado por uma população germanica identica, compõe-se de duas partes, uma catholica e outra protestante — Rhodes interiores e Rhodes exteriores. Que é que se vê? Na primeira, catholica — a ignorancia e a pobreza; na segunda, protestante — a instrucção, a actividade, a industria, a riqueza!

Haverá situação mais triste do que a da Hespanha? A França é tambem digna de ser lastimada. O ultramontanismo é a causa de sua desgraça; elle tem enfraquecido o paiz pela acção deleteria de que o auctor tractará mais adeante. Foi elle quem, pela imperatriz Eugenia, instrumento do partido clerical, determinou a expedição do Mexico, para levantar as nações catholicas na America, e a guerra da Prussia, para pôr obstaculo ao progresso dos Estados protestantes na Europa.

Emquanto os povos protestantes se desenvolvem rapidamente, conclue Laveley, os povos catholicos parecem atacados de esterilidade. Thiers caracterizou a capital do Catholicismo Romano pela expressão *viduitas et sterilitas!* e um patriota italiano escreveu: — *I popoli di religione papale o sono già morti o vanno morendo!*

Facto tão estupendo, que interessa vivamente os destinos da sociedade, não basta expendido, necessita estudado em suas causas intimas. E' o que faz o conspicuo economista belga. Eliminado o factor da raça e do meio, pelo modo já mencionado, desce elle a indagar das razões de um contraste social tão manifesto entre povos catholicos e protestantes. Encontra elle quatro razões.

1.<sup>a</sup> *A diffusão da instrucção publica.* — A primeira condição do progresso é a diffusão das luzes. O trabalho é tanto mais productivo, quanto



mais intelligente. Além disso, a instrução é indispensável á practica das liberdades constitucionaes. Importa que o eleitor tenha consciencia de seu voto, sem o que o paiz será mal governado e terá a inercia ou a desordem. E', pois, ella a base da liberdade e prosperidade de um povo. Ora, é sabido, continúa elle, que os paizes protestantes levam immensa deanteira em instrução aos paizes catholico-romanos.

A razão é clara. O culto reformado repousa sobre um livro — a Biblia: o protestante deve, pois, saber ler. O culto catholico-romano repousa sobre os sacramentos e sobre certas practicas, que não exigem leitura. Para isso não é preciso saber ler, é antes um perigo, porque abala o principio de obediencia passiva, sobre que se apoia todo o edificio catholico romano: a leitura é caminho que conduz á heresia. E' por isso que a organização da instrução popular data da Reforma.

2.<sup>a</sup> *A moralidade.* — A moralidade, diz Laveleye, é a força das nações. Quando os costumes se corrompem, o Estado está perdido. Ora, está averiguado que o nivel moral é mais elevado entre os povos protestantes, do que entre os povos catholicos. Compare-se a literatura franceza com a ingleza, e ter-se-á a prova concludente. No fundo de todas as obras literarias ou do theatro francez encontra-se sempre o adulterio em todas-as suas variedades, e seus romances e comedias devem ser severamente banidos do circulo das familias honestas. Tal não succede na Inglaterra.

A corrupção da literatura franceza deita suas raizes na corrente provençalesca e na Renascença. A Reforma poz um dique a esses desregramentos e o puritanismo protestante salvou o mundo da completa dissolução dos costumes,

«dando aos homens uma tempera moral incomparavel.»

De dois modos pôde-se combater a Egreja Romana: ou mostrando ter-se ella desviado do Evangelho, e prégando-se esse Evangelho, ou insurgindo-se pela ironia contra seus dogmas. Os Reformadores seguiram o primeiro, Rabelais e Voltaire o segundo. Firmaram os primeiros o sentimento moral; arruinaram-no os segundos.

Na França são catholicos e absolutistas os que respeitam a moral; ao passo que, na Inglaterra e na America, os puritanos e os *quakers*, rigidos seguidores da moral, são os mais decididos partidarios da liberdade.

Enfraquecido o sentimento religioso nos paizes catholicos pela necessidade da reacção do espirito liberal contra o absolutismo ultramontano, enfraqueceu-se com o mesmo golpe o sentimento da moralidade.

A Reforma foi incomparavelmente mais efficaz que a Renascença para a libertação da humanidade.

Os paizes que abraçaram a Reforma tomam manifestamente a deanteira áquelles que ficaram com a Renascença.

E' que a Reforma tinha em si uma força moral que faltava á Renascença, Ora, a força moral é com a sciencia a fonte de prosperidade das nações. A Renascença é uma volta para a antiguidade, a Reforma para o Evangelho. Sendo o Evangelho superior á tradição antiga, devia dar melhores fructos.

3.<sup>a</sup> *Instituições livres.* — Além da instrucção e moralidade, accrescenta o illustre publicista as instituições politicas livres.

A Reforma leva os povos a um governo democratico, liberal, ao passo que o Romanismo conduz ao despotismo ou á anarchia, ou, alternadamente, a um e outro. O governo despotico

ajusta-se á sua indole. Quando os povos dominados por elle, tentam sacudir as cadeias do despotismo, caem na desordem e se enfraquecem. As revoluções da Inglaterra, Paizes-Baixos, America do Norte, deram bons resultados; emquanto a revolução franceza parece ter encalhado. Voltaire deu a razão disso, dizendo: «A Inglaterra sacudiu o jugo vergonhoso de Roma, ao passo que um povo mais leviano o tem supportado, affectando rir, e dançando com os seus ferros.»

Verdade é, porém, que o proprio Voltaire excitava o riso, e dirigia a dança.

Tão profunda é a acção que exerce a religião sobre os homens, que elles sempre se inclinam a dar á organização do Estado fórmas tiradas da organização religiosa.

Ora, o catholicismo romano é uma monarchia absoluta e theocratica, sua projecção na sociedade civil é necessariamente o despotismo dos reis representantes directos da divindade.

O christianismo primitivo, pelo contrario, era uma instituição altamente democratica e livre.

Todos os poderes emanavam do povo. «As primitivas egrejas christãs eram verdadeiras republicas democraticas.»

«Os defensores e os adversarios da egreja romana, confundem, tanto uns como outros, o christianismo e o catholicismo romano. Os que atacam o christianismo lhe attribuem os principios, os abusos e os crimes da egreja romana, e os que defendem a egreja romana, invocam os meritos, as virtudes e os beneficios do christianismo. Erro de lado a lado. O christianismo é favoravel á liberdade; o catholicismo romano é seu inimigo mortal, e seu chefe infallivel é quem o affirma».

Sua marcha na historia é a de uma concentração constante de poderes, até culminar no absolutismo da infallibilidade papal.

A projecção do seu despotismo na sociedade civil foi formulada na seguinte proposição de Bossuet: «O príncipe não deve dar contas a ninguém do que ordena.»

Assim, logicamente, conclue E. Laveleye, em um paiz catholico o governo deve ser despotico, porque tal é o da egreja que lhe serve de typoe, depois, porque os reis, recebendo o poder directamente de Deus ou do papa, este poder não póde ser limitado, nem fiscalizado.»

«A Reforma, pelo contrario, sendo uma volta para o christianismo primitivo, gerou, por toda a parte, o espirito de liberdade e resistencia ao absolutismo.»

Os protestantes não se inclinam deante da auctoridade infallivel de um homem, porém deante da auctoridade infallivel de um Livro, que elles examinam e discutem por si: onde triumpham, estabelecem instituições livres.

4.º *O sentimento religioso está mais enfraquecido nas classes intelligentes e dominantes nos paizes catholicos, do que nos paizes protestantes.*

Affirma Laveleye que não ha quem negue este facto.

Estudando este phenomeno, acha para elle duas explicações.

1.ª «O catholicismo romano por seus dogmas multiplicados, ceremonias pueris, milagres e peregrinações, colloca-se fóra da atmospherá do pensamento moderno.» Ao contrario, a simplicidade do protestantismo fá-lo adaptar-se a esse pensamento.

«Os excessos de superstição conduzem inevitavelmente á incredulidade.» Dahi a apathia e o atheismo úos paizes catholicos romanos.

Sobre este ponto não podemos furtar-nos ao desejo de transcrever uma nota ao texto que vamos summariando. E' de Agassiz em sua *Voya-*

*ge au Brésil* e tracta da influencia do catholicismo em nosso paiz. «O padre é o instructor do povo. Deve-se deixar de crer que o espirito possa se contentar, por unico alimento, com procissões grotescas, com sanctos coloridos, velas accesas e ramalhetes baratos. Emquanto o povo não reclamar outro genero de instrucção religiosa, irá se deprimindo e não se levantará.»

2.<sup>a</sup> A segunda explicação do indifferentismo religioso nas classes letradas dos paizes catholicos romanos é a hostilidade da egreja romana ás idéas e liberdades modernas.

«O grito de Voltaire — *Ecrâsons l'infame* — é, por toda a parte, a senha patente ou occulta do espirito liberal. Sem descanso, o liberal ataca e deve atacar os padres e os frades, porque estes querem sujeitar a sociedade ao papa e a seus delegados, os bispos.»

Dahi a incredulidade, dahi a *padrephobia*.

O odio ao padre torna-se uma das fórmãs do instincto de conservação nas luctas seculares da liberdade.

Concluamos: instrucção, moralidade, liberdade, vida religiosa, são as causas da superioridade social do protestantismo; obscurantismo, immoralidade, despotismo, apathia religiosa, são as razões da inferioridade social do catholicismo romano. E' na indole dos dois systemas religiosos, e não na raça, nem em condições mesologicas, que devemos assignalar as causas dos destinos differentes dos povos da Europa e da America.

E' esta a these, são aquelles os pontos que discute e exuberantemente prova o sapientissimo professor de Liége.

## A Reforma e a Escola

Ao lado do templo a Reforma ergueu a escola.

Da Reforma, di-lo Laveleye, data a organização do ensino publico. Ao movimento religioso imprimiram os Reformadores um serio impulso educativo.

«A Reforma, escreve Guex, que exerceu tão profunda influencia na vida religiosa, fez ao mesmo tempo penetrar um espirito novo na escola.» (*Hist. de l'Inst. et de l'E'duc, p. 61*).

O ministerio evangelico é um magisterio publico, e o pulpito a cadeira do pedagogo. «Se eu não fosse ministro, dizia Luther, quereria ser mestre-escola; e não sei ainda qual melhor; ninguém deveria ser pastor sem ter sido professor.»

A causa dessa indole pedagogica da Reforma, no-la deu o insigne publicista belga atraz citado; no-la dá ainda o eminente pedagogista francez Michel Bréal, no seguinte trecho:

«Tornando o homem responsavel por sua fé, e collocando a fonte da fé na Escriptura Sancta, contrahiu a Reforma a obrigação de pôr cada um em estado de se salvar pela leitura da Biblia... O estudo da lingua materna e o do canto se associaram á leitura da Biblia e ao serviço religioso.» (Apud F. Guex, p. 62).

Lançando sobre o individuo a responsabilidade de seu destino, a pedagogia evangelica firma o character, fortalecendo-lhe a independencia e cultivando o sentimento do dever.

No polo opposto, agita-se a actividade pedagogica de Roma.

O analphabetismo é a vida cancerosa da Igreja Romana; a ignorancia a condição de seu florescimento. Demonstrou cabalmente o publicista belga, mencionado no capitulo anterior. Ao Protestantismo deve ella o movimento educativo em seus arraiaes.

Propondo-se a luctar contra a Reforma, perceberam logo os jesuitas a necessidade de oppor aos estabelecimentos educativos protestantes, ins-

tituições educativas catholico-romanas, para poder reter a mocidade.

Desprezando o ensino primario, fundaram, por toda a parte, collegios secundarios. São elles o expoente maximo do criterio educativo do Romanismo.

Criticando a pedagogia jesuitica, escreve o abalisado pedagogista suiso, F. Guex:

«Descobre-se facilmente as lacunas (do programma de ensino dos jesuitas). Pouco ou quasi nada de estudos concretos. Fechados ficam ao menino a natureza e os seus thesouros! A historia quasi banida do ensino! «A historia é a perdição do que a estuda», disse um padre jesuita. Apparece, é verdade, esta disciplina, discretamente, na explicação dos textos latinos e gregos, na medida em que é necessaria á intelligencia do trecho estudado; porém, nada de historia nacional, nada de historia moderna; e egualmente nada de ensino scientifico nas classes inferiores. Desta estreiteza de espirito é penetrado todo o ensino dos jesuitas. Inimigos do progresso e de toda a novidade, se tem elles esforçado por formar fieis a-la-par obedientes e cegos, e não pensadores, espiritos emancipados. Expurgaram auctores antigos a ponto de darem delles idéas falsas aos alumnos. Negligenciam o juizo e raciocinio, para darem exclusiva attenção á cultura da fôrma, da imaginação, do gosto e da arte da palavra.» (Hist. de l'Inst. et de l'E'duc., p. 95,96).

Sobre inimigos, são falsificadores da historia os padres da Companhia. Affirma-o Janus, a que para isso sobeja competencia. Useiros e veseiros são elles em forgicar a historia da Egreja. Basta lembrar a falsificação da historia ecclesiastica da Hespanha, authenticada por milagres apocryphos em barda inventados e divulgados (Vide *O Papa e o Concilio*, p. 49).

O valor dessas duas correntes didacticas divergentes, oriundas da Reforma e da Contra-

Reforma, destaca-se nitido, no estado actual, nos respectivos campos de quatro seculos de experimentação.

A ninguém é licito, deante da theoria e dos factos, desconhecer que os collegios jesuitas são o tumulto moral e intellectual da mocidade.

---



# 0 PROTESTANTISMO

---



## O PROTESTANTISMO

---

Imperecível é o Christianismo, — immortal a Igreja. Não os revocou a Reforma dos sepulcros da historia, mas dos cárceres de Roma.

No sec. XVI, proseguiu sua marcha historica o Catholicismo Apostolico, tendo repellido de si o espurio Romanismo.

Não foi o Protestantismo uma innovação, mas uma renovação; a designação nova de uma nova phase da Igreja. Não houve solução de continuidade na vida secular da Esposa do Cordeiro. Os nomes não mudam a essencia das coisas: são meros accidentes, que podem apenas assignalar aspectos varios na evolução dos seres.

E', pois, capciosa a pergunta: «Onde estava a Igreja antes de Lutero?» — Estava onde outr'ora esteve o povo de Deus, estava captiva em Babylonia. Gemia nos ergástulos da Curia, e alguns de seus filhos errantes nos desertos, nos montes, e escondendo-se nas covas e nas cavernas da terra», «soffrendo ludibrijos e açoites, e, além disto, cadeias e prisões; apedrejados, sercados pelo meio, tentados, mortos ao fio da espada, necessitados, angustiados, afflictos.» (Heb. XI. 37,38). Perseguidos a ferro e fogo pela apostasia predicta, realizavam, em sua fidelidade

de martyres, as previsões do Mestre, que declarou vir tempo em que aquelles que os matassem julgariam prestar serviço a Deus.

Em todos os seculos se fizeram ouvir as vozes dessa Igreja prisioneira nos protestos das «pias testemunhas da verdade», que foram os precursores da Reforma.

A apostasia official do Catholicismo Romano não impediu que se cumprissem as promessas de Christo de estar sempre com a sua Igreja, até a consummação do seculo.

A Igreja, na accepção biblica e rigorosa, é o aspecto concreto do Christianismo, a reunião ideal de todos os christãos verdadeiramente convertidos. Objecto do eterno amor de Deus, é ella, neste aspecto, edificada sobre a Rocha dos seculos, «o Filho de Deus vivo», e «contra ella não prevalecerão as portas do inferno», jamais sobre ella baqueará a campa da sepultura.

Captiva, por seculos, na Babylonia espiritual do Romanismo, séde da apostasia triumphante, libertou-se, e sahiu.

*Exite de illa, populus meus.*

Não crearam religião nova os Reformadores; tão pouco fundaram de novo a Igreja de Christo. O herdeiro de um throno é lançado nas masmorras de infecta prisão por uma conjuração de falsos pretendentes. Um dia, porém, de lá o tiram seus amigos. Que differente o aspecto do infeliz principe! Esqualido, desgrenhado, maltrapilho, não tinha realmente parecença de que fôra e do que era. Mas, ei-lo transformado e restituído ao seu estado, no garbo e majestade de um rei sobre o seu throno! Tal a Igreja. Onde estava ella antes da Reforma? Onde estava o rei antes da restauração? Ao rei não lhe privou dos direitos a violencia de seus inimigos; á Igreja não lhe arrancou a vida e tão pouco a dignidade a crudelissima oppressão da hierarchia papal.

Reformar a Igreja, libertando-a das excrescências judeo-pagãs, expurgando-a da liga romana, era o intuito modesto, que visavam os Reformadores.

«Quando Martinho Lutero, diz Oncken, iniciou a Reforma religiosa, nem elle nem seus émulos pensaram em introduzir uma separação no seio da Igreja Catholica do Occidente, sendo apenas a sua idéa reconstituir o mundo catholico sobre as bases do primitivo christianismo.» (G. Oncken, Hist. Univ., XIII, p. 587).

Não falharam, pois, as promessas de Christo á sua Igreja, ella existiu ininterrupta desde o dia de Pentecoste, subsistiu aos esforços sangrentos da Contra-Reforma, e subsistirá eternamente.

A Reforma dividiu a christandade occidental, no sec. XVI, em duas grandes parcialidades oppostas: — o Romanismo e o Protestantismo.

Apoderou-se o Protestantismo principalmente das raças do Norte, constituindo hoje a religião dominante no Imperio Britannico, Alemanha, Suissa, Hollanda, Dinamarca, Suecia, Noruega, Estados-Unidos, e extendendo sua actividade missionaria sobre todas as terras pagãs.

Se tormarmos em globo a população actual desses paizes, deverá attingir a 200.000.000 a população protestante do mundo. E' elle incontavelmente a parte mais activa e progressiva da christandade.

Livre em sua aggremação externa, assume elle, desde os dias da Reforma, trez grandes modalidades diferenciadas pela sua organização exterior, a saber, a Igreja Anglicana, na Inglaterra; a Lutherana, na Alemanha; e a Reformada, Calvinista ou Zwingliana, na Suissa, Hollanda, Escocia e França. Sob o influxo de ampla liberdade, subdividem-se estes grandes ramos da christandade protestante em organizações autonomas ou denominações, constituindo todas

uma unidade moral pela harmonia fundamental de seus credos, firmados todos na Biblia.

Esta unidade moral e dogmatica, affirma-se frequentemente em convenções ou congressos ecumenicos, em que milhares de delegados de todas as denominações e paizes se congregam para o estudo e deliberações relativas aos grandes problemas, que interessam a vida e o desenvolvimento do Protestantismo no mundo.

Um desses congressos foi a celebre *Conferencia Missionaria Mundial (World Missionary Conference)*, celebrada em Edinburgo em 1910. Foi uma assembléa imponente: 1.200 delegados affluiram de todas as denominações evangelicas e de todas as partes do mundo, numero que jamais reuniram todos os concilios ecumenicos da christandade.

A «*Encyclopedica Britannica*», no artigo *The Christian Church*, fornece-nos os seguintes dados estatisticos da influencia relativa mundial dos trez grandes ramos da Christandade — grego, latino e saxonico.

A influencia politica ou ascendencia do Christianismo no mundo cresce prodigiosamente, e no ramo saxonico ou protestante é que elle ostenta o seu maior vigor.

a) A área do mundo é approximadamente calculada em 50.000.000 de milhas quadradas, assim distribuidas:

Nações não-christãs . . . . .	9.684.000
» gregas orthodoxas (christãs) . . . . .	8.752.000
» catholico-romanas (christãs) . . . . .	14.147.000
» protestantes (christãos) . . . . .	17.417.000

Dá isso a seguinte porcentagem:

Nações não-christãs . . . . .	18 %
» gregas orthodoxas . . . . .	18 %
» catholico-romanas . . . . .	28 %
» protestantes . . . . .	36 %

b) A população relativa presta-se ás seguintes informações:

Sob governo christão . . . . .	890.000.000
» grego orthodoxo . . . . .	128.000.000
» catholico romano . . . . .	242.000.000
» protestante . . . . .	520.000.000

Da marcha relativa da população, nos dois ultimos seculos, dá-nos idéa o seguinte quadro:

Data	Greg. orth.	Cath. rom.	Protest.	TOTAL
1700	33.000,000	90.000,000	32.000,000	155.000,000
1900	128.000,000	242.000,000	520.000,000	890.000,000

c) A diffusão das linguas nos ultimos 100 annos é um indicio não desprezivel da relativa influencia mundial das nações. Em 1800 eram fallados:

Francez por . . . . .	31.000.000
Allemão e russo por . . . . .	60.000.000
Hespanhol . . . . .	26.000.000
Inglez . . . . .	20.000.000

Em 1890:

Francez por . . . . .	51.000.000
Allemão e russo por . . . . .	150.000.000
Hespanhol por . . . . .	42.000.000
Inglez por . . . . .	111.000.000

Porcentagem:

Francez . . . . .	64.5 %
Allemão e russo . . . . .	150 %
Hespanhol . . . . .	61.5 %
Inglez . . . . .	450 %

Dá-nos ainda, o importante estudo, curiosas informações sobre a grande superioridade actual das nações protestantes na população relativa e influencia economica.

Bastam estes dados estatísticos para contrastar o atrophiamiento successivo dos povos que vivem sob o sceptro papal, e o vigor e pujança crescente dos que obedecem livremente ao influxo vital da Biblia aberta.

Proclamam esses algarismos que, na marcha fatal da civilização, a historia tem comminado sentença de morte aos povos, que se abrigam á sombra do Romanismo.

Da grande actividade missionaria do Protestantismo actualmente assaz nos falla a convenção de Edinburgo em 1910, acima referida.

Nessa mesma reunião, planejaram alguns delegados um congresso semelhante para a America Latina.

Discussida essa idéa em Nova York, em 1913 e 1914, pelas junctas missionarias, ficou assentada a convocação de um congresso «missionario pan-americano» para a cidade de Panamá, que posteriormente se denominou «Congresso da Obra Christã na America Latina». Foram designados os dias 10 a 20 de fevereiro de 1916, devendo celebrar-se em seguida congressos regionaes em Porto-Rico, Lima, Santiago, Buenos Aires e Rio de Janeiro, presididos por uma commissão do congresso original de Panamá.

Nesta assembléa podemos sorprehender melhor a attitude, indole e character do Protestantismo hodierno, e mormente do protestantismo americano, que mais nos interessa conhecer.

Em companhia de mais quatro delegados do Brasil, partimos para o congresso religioso pan-americano de Panamá. Ahi, nessa pequena capital da pequena republica do mesmo nome, que, á sombra do pavilhão estrellado, se quéda embevecida na contemplação silenciosa do im-



menso panorama do Pacifico, busquemos apprehender os traços salientes do Protestantismo contemporaneo e o modo por que a raça saxonica está desempenhando a sua missão providencial, como depositaria dos oraculos de Deus.

## **O Congresso Evangelico Pan-Americano de Panamá**

**Do Rio a Nova York**

Nove horas da noite eram já passadas, quando, a 11 de janeiro de 1916, levando ancoras, começou o «Vasari» a deslizar-se mansamente pelas quietas aguas da bahia do Rio de Janeiro.

A um subito estremecimento, seguiu-se um ruido surdo e continuo, como as pulsações que marcam o compasso da vida, e, propellido pela hélice, aproou o vapor barra fóra.

Chovia. Tremeluziam festivas as luzes da Avenida, no espelho escuro de Guanabara.

Como vedeta do porto, ergueu-se logo em frente o Pão de Assucar, e lá das alturas, parecia enviar-nos o Corcovado, através da escuridão, o adeus da Patria.

Um tiro de canhão quebrara o silencio augusto, annunciando a partida.

Transpostas as fortalezas da barra, breve o embate forte das ondas no costado nos fazia sentir que se empegava o «Vasari» no Atlantico, qual phantasma perdido no denso negrume da noite.

Era tempo. Descido ao camarote, dentro em pouco cerravamos os olhos, e sobre cuidados, saudades e temores correram do Lethes as frias aguas.

Quando de seu thálamo de purpura surgia radiante o sol, percorriamos, com o olhar embevecido de viajante noviço, o espectáculo empolgante do alto mar,

Vasta planície movediça ia perder-se, de todos os lados, na linha longinqua e indecisa do horizonte, e, no azul escuro do movel plaino, abria o astro nascente uma como estrada rutilante ao paiz da aurora.

Irriquietas e marulhosas, superpondo-se umas ás outras, vinham as ondas rasgar-se em alvas rendas e verde gaze nos flancos do «Vasari», deixando pela popa uma esteira esmeraldina, rendada de brancas espumas.

A's vezes, ao sopro mais rijo da brisa, encarneirava-se o mar, e a vasta planície se transformava em um como immenso prado, onde saltitavam alvissimas ovelhas de um infindo rebanho. E, o que era mais curioso, em certa altura, longas e estreitas faixas de algas, de côr terrosa, fingiam, com admiravel semelhança, os carreiros ou trilhos, que faz o gado em nossas pastagens.

No fundo de nosso ser accorda a solidão um sentimento indefinivel, que é, em sua essencia, o horror do isolamento, do nada, da morte.

Por isso, no largo e agitado deserto, buscam os nossos olhos, com vivo interesse, uma manifestação de vida real fóra de nós, com que nos possamos associar em um protesto mudo contra as falsas apparencias de vida, que nos rodeiam. Com que satisfacção acompanhamos o vôo cansado da gaivota, que, acaso, apparece como que perdida na vastidão dos mares! Com que jubilo agitamos os lenços ao veleiro, que passa, de velas enfunadas, trepando e descendo corajoso no dorso irrequieto das vagas! Com que curiosidade assestamos o binoculo ao pennacho negro que, lá ao longe, denuncia a presença de seres humanos, em direcção a outros mares!

E' que ha uma solidariedade mais larga que a da familia humana: é a solidariedade da vida universal.

Mais frequentemente, nas solidões do Atlan-

tico, eram os humildes peixes voadores, que, voando á flôr das aguas, nos vinham revelar esse laço mysterioso, que prende os seres vivos.

Infelizmente, destas e de outras cogitações philosophicas, que em nós evocava o mar oceano em sua grandeza, fomos chamados logo a uma das mais tristes realidades da vida, em que se perdem todos os nobres instinctos de solidariedade.

A brisa feria mais de rijo as ondas encrespadas, e o mar engrossava, obrigando o «Vasari» a altear a prôa e afundil-a de prompto, semelhante ao poldro bravo montado pelo gaúcho nas pampas do sul. Mas, sem nenhuma dubitação, o gaúcho se sentia mais á vontade nos lombos do poldro bravo, aos corcovos pelas planicies do sul, do que nós no largo dorso do «Vasari», aos pinotes pelos plainos do mar.

Afortunadamente, como não ha mal que sempre dure, lançámos ancoras no terceiro dia deante da historica cidade de S. Salvador.

A velha capital espreguiça-se em uma longa e abrupta elevação de terreno, a cavalleiro da bahia, contemplando somnolenta o esplendido panorama, que a seus olhos se desdobra.

Em rapido passeio, chamaram-nos a attenção bellos edificios de construcção moderna; mas o que nos impressionou foi a feição vetusta e colonial de algumas ruas estreitas e tortuosas, de beccos escuros, ladeiras rapidas e mal calçadas, velhos e solidos templos, vastos conventos despovoados, casas carcomidas pelo dente roaz dos seculos. Tudo isso evocava, de subito, a visão de nossos arrojados avós a implantar no Novo-Mundo a civilização iberica.

Fazendo-nos ao largo, em poucos dias, vimos surgir de um mar manso e bellissimo, no meio de suavissimos cambiantes de um chromatismo admiravel, a ilha de Barbados, cujo nome contrasta com a formosura de seu aspecto.

Acudiu logo, em vozeria ensurdecadora, multidão de barqueiros, que, em um inglez duro e retumbante, apregoavam a excellencia de seus bateis. Meninos e rapazes, semi-nus, cuja pelle ia do ebano reluzente ao branco sardo, em chusma, de seus barquinhos feitos de taboas de caixão mal ajustadas, lançavam-se de mergulho ao mar, e traziam contentes na bocca as moedas, que lhes atiravam os passageiros. Um delles, do alto do vapor, de uma altura approximadamente de doze metros, em vôo atrevido, desapareceu nas aguas marulhosas, para emergir logo, risonho, sacudindo triumphante da melena encarapinhada as gottas do mar.

Dois terços da população da ilha são negros. Foi ella descoberta em 1536 por portuguezes, que lhe deram o nome de «Los Barbudos», por causa de certas figueiras, que ahi eram cobertas do que chamam nossos caboclos — «barba de pau». Em 1605, della tomaram posse os inglezes, que até hoje a governam.

E' curioso o aspecto da capital Bridgetown, onde se cruzam 12.000 habitantes de todos os matizes pigmentados. Enxameiam nas ruas homens e mulheres, na sua maioria da côr do ebano. Estás, á moda daquelles, trazem chapéos e bonnés; como elles, não se incommodam as senhoritas e muito menos as matronas com duas coisas que torturam, aliáz, o bello sexo em nossas capitaes: — a moda e a elegancia. Felizes por se verem livres destes dois tyrannos, ostentam ellas na cabeça os mais variados e phantasticos sombreiros.

Não havendo na occasião transporte directo dahi a Panamá, objectivo de nossa viagem, fomos os delegados brasileiros obrigados a ir primeiro a Nova York, onde chegámos domingo de manhã, 30 de janeiro.

O frio era intenso, e um espesso nevoeiro

cobria o porto, deixando, entretanto, entrever margens baixas e sem encantos.

Como os cavalleiros da média idade, que se apresentavam na liça cobertos de armas defensivas, assim de dentro de uma armadura de dobrada lã sentiamos estimulantes brios contra os rigores do inverno dessa zona septentrional. Algo esmoreciam, entretanto, taes estimulos, ao soprar da brisa fria, os pavilhões lateraes desguarnecidos e a extremidade nasal nas mesmas condições.

E' um colosso o emporio commercial da grande republica. Seis milhões de habitantes formigam dentro delle, e já, em seu precipitado crescer, ameaça lançar o guante victorioso ao gigante secular, que se banha nas aguas do Tâ-misa.

Essa multidão, porém, acode dos quatro ventos da terra, e torna Nova York uma cidade cosmopolita de variadissimo aspecto moral e physico. Só de judeus contém mais de um milhão. A população nativa cede, em numero, o passo á estrangeira.

Seus edificios, muitos de 15 a 50 andares, são gigantescos pombaes, e delles existem em que aggravam a escassa elegancia da fachada longas escadas em zig-zag, para a ascensão dos adestrados bombeiros na emergencia de um incendio.

Por cima da terra, em baixo e acima, correm, com electrica velocidade, apinhados vagões, no «fervet opus» do «make money».

Em quatro dias apenas pouco pudemos vêr. Assistimos, comtudo, a uma festa curiosa. No vasto salão da Guarda Nacional, mais de seis mil pessoas enchiam o recinto e as galerias, em noite chuvosa e fria.

Era a Associação Christã de Moças, que celebrava o seu jubileu.

Trez bandas de musica, romperam, quando 3.250 moças, agitando bandeirolas de variega-

das côres, penetraram no salão. O espectáculo era imponente.

Na plataforma, ao lado da presidenta, miss Hazel Mac Hays, achavam-se o prefeito da cidade, J. P. Mitchel e o Coronel Theodoro Roosevelt. A este apresentou influente amigo os delegados brasileiros ao Congresso Evangelico de Panamá. Saudou-nos elle em termos de franca amizade e entusiastica admiração pelo Brasil, recordando os agradaveis dias, que entre nós passou, e declarando que considerava a attitude das egrejas evangelicas no Brasil uma poderosa força regeneradora em nosso meio social. No seu discurso fez menção dos brasileiros presentes, e do que viu em nosso bello paiz.

Antes fallára o prefeito, cavalheiro sympathico, espirito largo e tolerante, que, embora catholico romano, salientou a importancia da associação protestante como um elemento poderoso de educação moral e civica, e lhe assegurou todo o apoio do poder municipal.

Occuparam ainda a plataforma muitas senhoras e senhoritas, e, entre estas, uma chineza, fallando todas «ex-abundantia cordis».

Afinal, em larga companhia de delegados, ao declinar do quarto dia, embarcámos para Panamá.

Cahia a neve mansa e mansa sobre o enfumado colosso, e deante de nós iam passando os «sky scrapers», quando pela direita nos surge, de braço erguido, a estatua agigantada da liberdade.

Salve, liberdade, que, com Washington, Bolívar, San Martin, José Bonifacio, Bocayuva, Constant, Deodoro e Peixoto, surgiste immortal no Novo Mundo!

Irradia tua luz, e, nesta hora sombria da marcha ascensional da humanidade, mostra a senda da paz no amplexo fraternal das duas Americas.

## O Pan-Americanismo

Antes de encararmos o Congresso de Panamá, merece ligeiro estudo sua feição pan-americana.

O pan-americanismo está na ordem do dia.

Amiudam-se os congressos, os discursos, os artigos, os livros, que exaltam o seu nobre ideal.

Algures disse certo orador que de Jupiter, Marte, Venus, podia formar conceito definido, não assim do deus Pan da mythologia grega; do mesmo modo o «pan-americanismo» não lhe suscitava no espirito idéa definitiva.

E' natural, não pelo character incerto da divindade mythologica; mas porque esse neologismo hybridado é ainda a expressão de um ideal vago de confraternização e paz, que nasceu, entretanto, na alma americana aos primeiros clares da independencia.

E' elle a affirmação da consciencia continental, que se vae clareando á luz da liberdade e do progresso; é o nobre sentimento de solidariedade dos povos do hemispherio occidental, que balbuciam paz e amor, neste momento angustioso, em que um continente inteiro se afoga no sangue de uma guerra barbara e fratricida.

Lição tremenda são as grandes desgraças da Europa, que não podem deixar de imprimir cunho sério e character de urgente actualidade ás nossas aspirações pan-americanas.

Essa explosão medonha de odios de raças, de ambições dos governos, das rivalidades e desconfianças dos povos, da cobiça mercantil, dará, não ha duvida, uma feição mais positiva e practica aos grandes ideaes, que se adivinham em nosso neologismo hybridado — o pan-americanismo.

Tal expressão generalizou-se, segundo o insigne publicista peruano Dr. Annibal Maurtua, de 1889 para cá, substituindo a expressão —

«União e Liga Americana», que, desde 1818, vinha manifestando esse movimento de aproximação dos povos americanos, determinada por certos interesses communs.

De facto, comprehenderam os dois grandes libertadores da America hespanhola, Dom José de San Martin, argentino, e Dom Simon de Bolívar, venezuelano, a necessidade de alliaem-se os povos recentemente libertados contra as ambições do imperialismo europeu.

Iniciado esse movimento de união, em 1818, por San Martin, e secundado, em 1824, por Bolívar, tem elle provocado uma série de congressos, chronologicamente enumerados pelo illustre publicista supracitado, que são: o congresso de Panamá, em 1824; o projectado em Tacubaya, Mexico, em 1826; os de Lima, em 1864 e 1877; o segundo de Panamá, em 1882; o sul-americano em Montevidéo, em 1888; o primeiro pan-americano em Washington, em 1889; o do centro americano da paz, em 1892; o congresso americano do Mexico, em 1896; o segundo pan-americano do Mexico, em 1901; o 3.º pan-americano do Rio de Janeiro, em 1906; o quarto pan-americano de Buenos Aires, em 1910. E a estes devemos accrescentar o financeiro e o scientifico em Washington, em 1915, e o religioso em Panamá e o financeiro ainda em Buenos Aires, neste mesmo anno.

Como se vê, o pan-americanismo, de um modo ou de outro, nunca deixou de preoccupar os espiritos pensantes de nosso continente, desde os primeiros dias das nacionalidades americanas.

Porém, antes mesmo da emancipação da America Latina, já o presidente dos Estados-Unidos, Thomaz Jefferson, escrevia, em outubro de 1808: «Nós consideramos os interesses destas colonias (da America hespanhola) identicos aos nossos, e, consequentemente, nosso proposito deve excluir toda a influencia européa neste he-



mispherio («to exclude all european influence from this hemisphere»).

O ideal pan-americano, nascido de interesses communs aos paizes deste vasto continente, já é, pois, secular, e tempo é que se lhe dê o baptismo de uma consagração practica na realização de uma alliança, que assegure a paz e a harmonia na marcha progressiva da humanidade.

Menos vago e ambicioso que o pan-slavismo, o pan-slavismo e o pan-germanismo, tem o pan-americanismo, nos limites geographicos de suas aspirações, uma base racional de legitimo e nobre escopo. Não é elle uma religião ou uma raça, que, desconhecendo fronteiras politicas, ameace outras religiões ou outras raças; mas apenas encerra a natural aspiração da approximação amigavel de povos, que teem um destino commum a realizar no seio da humanidade; approximação, que sé concretize em uma federação ou alliança de interesses reciprocos, e que seja para todos um penhor de paz interna e externa, em nosso continente.

Nada ha que seriamente impeça a realização de tão alevantado ideal de união e de amor; nada que obste que o palacio de Haya, erguido na America, traga inscripto em sua fachada a divisa da bella Helvetia: «Todos por um, e um por todos».

Um pacto continental, em que todas as nações americanas, animadas, como são, dos mesmos sentimentos democraticos, generalizassem o principio liberal da Constituição Brasileira, de arbitragem obrigatoria em nossas pendencias internas; estabelecessem, em artigos positivos, a doutrina de Monroe, de reciproca defesa no caso de invasão estrangeira, e creassem um tribunal central juridico, que regulasse o nosso direito publico internacional, é, com certeza, o sublime ideal pan-americano, que, na hora angustiosa e

ameaçadora, que corre, se impõe ás sérias cogitações de todo o espirito pensante e humanitario.

Ao encerrar-se o Congresso Financeiro Pan-Americano, a 13 do mez passado, em Buenos Aires, foram proferidos eloquentes discursos sobre as generosas aspirações pan-americanas, pelo ministro das Finanças, da Argentina, o Sr. Murature, pelo senador Flichter, delegado norte-americano, e pelo ministro da Fazenda, o sr. Pandiá Calogeras, delegado brasileiro.

Do discurso do ministro argentino aqui transcrevemos os seguintes topicos, onde, ao lado de grandes idéas, fulguram nobres sentimentos:

«Observae, senhores, que cada vez são mais frequentes e cada vez tambem mais fecundas estas expressões syntheticas da confraternização internacional.

E' uma tendencia espontanea do sentimento colectivo que as promove, entre os nossos povos; é uma comprehensão justa do interesse commum que as revigora.

A' medida que avançamos no desdobrar do progresso, se dilata, para todos, a visão dos nossos destinos, e comprehendemos a necessidade de multiplicar, pelo apoio reciproco, as forças que impulsionam a nossa marcha.

As affinidades que nos ligam tomam raizes nas mais remotas distancias de nossa historia. Todos os povos da America — tanto o que já chegou ao apogeu da grandeza, como os que luctam ainda com as difficuldades da elaboração interna — todos foram, em sua origem, illuminados pelo mesmo generoso ideal de liberdade, que mais tarde, nem um só instante, se apagou, no decurso de uma existencia secular. E, qualquer que seja a altura do caminho em que hoje se encontrem, podem todos dizer com equal convicção do passado e com equal fé pensar no futuro: que se soffreram tropeços e commetteram

erros; se pagaram com um tributo de dôr e de estrago o noviciado da independencia, — jamais se consummou na terra americana uma defecção irreparavel contra o dogma democratico pré-gado pelo verbo de Washington e de Bolívar:

Vivemos muito tempo num isolamento relativo, porque as preocupações da formação nacional eram demasiado absorventes para não monopolizar por inteiro as nossas energias.

Chegou, porém, o momento em que, estabelecida a normalidade funcional de nossos organismos politicos, sentimos a conveniencia de coordenar propositos e de unir vontades, para darmos á nossa acção toda a potencialidade que uma politica de fraternal intelligencia lhe póde imprimir».

A consecução, porém, de tão alto e opportuno objectivo, reclama o estudo de duas questões visceraes encerradas no pan-americanismo, a saber: as relações das duas raças dominadoras do continente e a doutrina de Monroe.

Nos dois capitulos subsequentes lançaremos sobre uma e outra rapido olhar.

### As duas raças

Dois problemas de extrema relevancia, dissemos, suscita o pan-americanismo: as relações das duas raças dominadoras do continente e a doutrina de Monroe.

Ambos offerecem margem a curiosas indagações. Para o primeiro, volvamos agora a nossa attenção.

E' corrente a distincção entre raça latina e raça saxonica. São esta os dolichocéphalos do norte da Europa, e aquella os dolichocéphalos do sul. Se o indicio céphalico não as discrimina, affinidades especificas as distinguem.

Para o nosso continente, transportou-se a differenciação ethnica da velha Europa: o norte,

colonizado pelos inglezes, é a America saxonica ou do Norte; o sul e o centro, povoados pelas nações ibericas, é a America latina ou do Sul.

O conceito de raça anthropologicamente incerto, e historicamente confuso, mantem-se pelas nacionalidades e condições physico-sociaes das existencias dos povos.

Ninguem se revolta mais, em nome da sciencia, contra o monogenismo da familia humana, desde que o transformismo estabeleceu a possibilidade de um hypermonogenismo, em que não só as raças humanas, mas todos os animaes, através de uma cadeia indefinida, teriam tido sua origem em protoplasma primitivo.

Nada póde, portanto, no dominio das especulações scenticas, obstar que todas as raças humanas sejam concebidas como variedades de uma só familia primitiva, chefiada pelo patriarcha biblico. Cresce disto a evidencia desde que a doutrina transformista admittiu a possibilidade de terem sido nossos primitivos paes Adão e Eva o primeiro casal de saurios, ophidios ou batrachios, que, de rasto ou aos saltos, passeavam nas praias ignoradas de mares primevos, isolados e melancholicos, sem terem antegostado o justificado orgulho da brilhante linhagem, que de seus frios lombos encheria de gloria a terra, num longo e esplendido futuro!

A esta hora deveria ter entrado em cõma o polygenismo das raças humanas, e a sciencia contemporanea, de mãos dadas com a religião christã, estaria proclamando a fraternidade de todas as raças, a egualdade original de todos os ramos da familia humana, se dominasse exclusiva a solução darwiniana.

De facto não ha distincção absoluta physiologica e psychologica entre os diversos agrupamentos ethnicos, a que chamamos raças. Nos individuos de todos elles, ha os mesmos orgams e funcções, as mesmas faculdades intellectuaes

e moraes, os mesmos pensamentos e sentimentos essenciaes.

Não ha duvida que existem differenciações importantes no aspecto secundario desses agrupamentos, como as ha entre os individuos de uma familia; porém, essas differenciações ethnicas, determinadas, evidentemente, pelo meio physico-social e mesologia historica, mórmente quanto ás qualidades do espirito, não constituem elementos exclusivos, mas apenas desenvolvimento especial de aptidões communs.

Estabelecidos estes preliminares, é logico concluir que as duas grandes raças, a teuto-anglo-saxonica e a latina, depositarias dos destinos da America, são duas grandes variedades da familia humana, que possuem fundamentalmente as mesmas paixões e sentimentos, as mesmas idéas e aspirações, e que os traços secundarios, que as distinguem, não podem ser impecilho real á effectiva cooperação de ambas, em o nobre escopo da solidariedade continental pan-americana.

Contrastemo-las, e veremos que é na comunicação reciproca das respectivas qualidades e aptidões caracteristicas que se poderá realizar o ideal futuro de nossa civilização continental.

A nota geral desse contraste parece no-ladar o «individualismo» de uma, e o «collectivismo» de outra.

Caracteriza manifestamente a raça saxonica da America do Norte a tendencia individualista, a nota pessoal; e a raça latina da America do Sul, incluindo a America Central, a tendencia collectivista, a nota social.

Destas tendencias fundamentaes, decorrem consequencias graves e importantes.

Na vasta e fecunda esphera da vida intellectual, o individualismo se revela congruentemente na aptidão analytica, e o collectivismo na aptidão synthetica.

Caracteriza, pois, a raça saxonica o analytismo, e a latina o synthetismo.

O maior desenvolvimento respectivo destas qualidades, alias, communs, dá-nos a média differencial destes dois agrupamentos, que se acampam, face a face, no vasto continente americano.

Estas aptidões ou tendencias características dão origem a uma série de qualidades boas e más, que torna o contacto de ambas as raças a-la-par util e perigoso.

O individualismo saxonico gera homens fortes, energicos, autonomos, que encontram na suficiencia propria poderosos elementos de independencia individual. Dahi sua expressão favorita «*help yourself*»; cada individuo deve contar consigo mesmo no — «*struggle for life*», na lucta pela vida.

Como não ha, porém, virtude sem seu vicio concomitante, não raro nasce dessas preciosas qualidades o egoismo, a arrogancia, a violencia, a rispidez, que tanto escandaliza aos seus irmãos latinos.

Sob o influxo analytico, não os impressiona tanto o conjuncto das coisas, como cada coisa em si.

Não se preocupam muito com theorias, buscam factos; são homens do facto, «*matter of fact men*», essencialmente practicos, positivos, realistas, utilitarios.

Abona singularmente estas conclusões a corrente do pensamento philosophico insular, de Rogerio Bacon a Herbert Spencer. Predomina com insistencia nos corypheus do philosophismo britannico o methodo experimental e analytico, a corrente sensualista. Rogerio Bacon, no seculo XIII, Francisco Bacon, Locke, Hobbes, David Hume, Stuart Mill, Huxley, Herbert Spencer, e na America, Emerson, são nomes que assignalam o decidido pendor sensualista ou positivista do espirito saxonico.

Esta corrente, que não vingou no ramo germanico, requintou na America do Norte, que, nas aptidões practicas, leva vantagens, parece, á antiga metropole. Na propria construcção de suas casas, desattendem não raro o conjuncto esthetico do exterior, porém jamais se esquecem do confortavel e segurança: *safety first*, é entre elles expressão comezinha.

Sufficientes a si proprios, são, em geral, reservados, auctoritarios, infensos a controversias e discussões, que facilmente os orritam, tornando-os, não raro, rispídos e intolerantes.

Em politica, são congruentemente presidencialistas, porém, contra o abuso possivel do presidencialismo federal, ergue-se a barreira do presidencialismo individual, local e regional.

O genio da raça latina ao contrario é unionista, collectivista, social.

Sympathizantes e communicativos, affectivos e mutualistas, teem os latinos nestas bellas qualidades o ponto fraco de seu character: a miudo superpõem elles seus affectos e sympathias aos principios basicos da justiça e da verdade.

Esta corrente de sentimentos altruisticos fá-los, com certeza, refractarios ao particularismo exclusivista da outra raça, porém enfraquece-lhes os estimulos de independencia pessoal, collocando o individuo na exaggerada dependencia da comunidade.

A degenerescencia do individualismo anglo-saxonico é a insolencia e o egoismo, e a degenerescencia do collectivismo ibero-americano é a indolencia e o parasitismo.

No dominio intellectual, o pendor unionista da raça latina assume feição synthetica.

Impressiona-nos mais o conjuncto das coisas, do que cada coisa em separado, e, por isso, mais o geral do que o particular.

Faz-nos esta tendencia mais especulativos e theoreticos, ao passo que o analytismo de nossos

vizinhos fronteiriços fá-los mais activos e practicos.

Buscamos de preferencia a harmonia, a esthetica, o ideal, as generalidades; e elles, o confortavel, o util, o real, as especialidades.

Universalistas e enthusiasts, a palavra obedece de prompto a nosso espirito anejo; enquanto elles, particularistas e fleumaticos, são frios e tardos de lingua.

Em politica temos pendores unitarios, e contra o abuso do poder central não possuimos, em regra, sufficientes energias individuaes, locaes ou regionaes.

O senso moral é proeminente na raça saxonica, na latina o senso esthetico.

M. Keane, illustre anthropólogo, caracterizando os saxões, acha-os — *serios, resolutos, energeticos, robustos, pesados (stolid)*; e aos latinos *altivos, brilhantes, vivos, subtis, impulsivos inconstantes*. Aquelles são «reservados, reflectidos, profundamente religiosos»; estes «sociaes, cortezes, sem estabilidade e sem palavra», «de senso esthetico elevado e de senso moral pouco desenvolvido, bravos, imaginosos, musicos e ricamente dotado do lado da intelligencia.» (N. Colajanni, *Lat. et Angl-Sax.*, p. 45).

Se estas idiosyncrasias ethnicas promanam de um fundo atavico primitivo, ou são o resultado apenas de uma evolução determinada por especial mesologia geographico-historica, ou, ainda, se são o producto de ambos esses factores, problema é que não nos compete discutir.

Entretanto, as condições historicas, em que essas raças se desenvolveram, parece darem-nos a chave de sua actual indole respectiva.

Toquemos de leve nesta feição attrahente do problema.

Habitando a raça anglo-saxonica as asperas regiões do norte da Europa, pôde, em antigos tempos, guardar, mais ou menos, sua barbara



independencia contra os esforços centralizadores do imperio romano.

Durante o longo periodo da idade-média, conservou-se independente e isolada na pequena ilha, onde, após luctas seculares, se constituiu o imperio britannico.

No seculo XVI, o seu personalismo autonomo, forjado no longo padecer de sangrentas guerras, dentro e fóra do paiz, recebeu poderoso influxo da revolução religiosa, que abalou a Europa. A Reforma, pondo em evidencia a feição individual do Christianismo, lançando sobre o individuo a tremenda responsabilidade de seu proprio eterno destino e de suas relações pessoas com a Divindade, encontrou terreno preparado no espirito desses povos do Norte, que, através dos seculos, tinham luctado, corpo a corpo, com a dureza das coisas e dos homens, retemperando na fragua dessas luctas épicas as aeneas fibras de seu character individual.

Representada pelos Puritanos, que, mais que ninguem, tinham absorvido o principio de independencia individual, lançou essa raça do norte os fundamentos da grande nação da parte septentrional de nosso continente.

O individualismo atavico ahi vibra com toda a sua intensidade, e é, na vida social como na vida religiosa, o conceito basico do character.

Outra foi a educação historica da raça latina. Roma moldou-lhe a feição unitaria no discorrer de dois mil annos.

Da centralização imperial passou para a centralização papal, e para o absolutismo unitario, em que se foi fragmentando o imperio dos Cesares.

Sob o influxo historico desses regimens centralizadores, desapareceu o individuo, desenvolveu-se o instincto da sociabilidade, creou-se um ambiente de intima solidariedade e mutua sym-

pathia, desabrochou a flôr da fraternidade, do entusiasmo e do amor.

A geographia deu a mão á historia na formação de nosso character social; o meio cosmico nos favoreceu: o clima do sul da Europa, donde procederam as correntes migratorias dos ibero-americanos, era doce, a terra fertil, a brisa fagueira, os mares mansos, o ar puro e o céu azul. Favorecidos da terra e do céu, faltou-nos o látigo estimulante de um meio aspero e implacavel, para dar ás energias individuaes poder de reacção contra o atrophiamiento de regimens centralizadores.

Com a asphyxia do individuo, alastrou-se a miseria, cresceu o pauperismo, e o povo, como a antiga plebe romana, espera de seus dirigentes *panes et circenses*.

O ideal de uma civilização perfeita não está, manifestamente, no individualismo exclusivo da raça anglo-saxonica, nem tão pouco está no exclusivo collectivismo mutualista da raça latina; mas na combinação harmonica das qualidades characteristics das duas raças.

Uma dellas nos dá a variedade e a outra a unidade; e a unidade na variedade é a harmonia.

O individualismo de uma gera a analyse, que encara cada coisa em si, na sua utilidade; o collectivismo da outra determina a synthese, que contempla as coisas no seu conjuncto e relações.

Na vida intima do pensamento, o individualismo é o real, o concreto, o objectivo, a experimentação e a practica; o collectivismo é o ideal, o abstracto, o subjectivismo, a generalização, a theoria.

A civilização dos povos recebe a sua feição do genio das raças, depositarias respectivas do patrimonio da humanidade.

Do exposto, conclue-se que a approximação das duas raças dominantes deste continente não

póde deixar de trazer mutuo beneficio, na promoção dos grandes ideaes da civilização americana.

○ intercambio das idéas, dos sentimentos, das tendencias, das qualidades ethnicas, deve de ser fecuado no prospecto dos grandiosos destinos reservados ao hemispherio occidental. ○ isolamento seria fatal moral e politicamente aos dois povos.

Nas differenças aparentemente antagonicas das duas raças existe, na realidade, um estimulo ao generoso escopo do pan-americanismo.

### A Doutrina de Monroe

Nas aspirações pan-americanas de paz e concordia, de civilização e progresso, duas questões fluctuam, de palpitante interesse: as duas raças e a doutrina de Monroe. Prende-se a primeira ás relações moraes, e a segunda ás relações politicas dos povos, que habitam o continente.

São ellas as antitheses de uma synthese superior, que encerra os grandes destinos de nosso hemispherio.

Das raças já tractámos, procurando demonstrar que a sua mesma divergencia deve determinar a sua convergencia no ideal da futura civilização americana; da doutrina de Monroe tractaremos ágora, relanceando rapido olhar pelo seu aspecto historico e alcance practico.

○ monroismo é anterior a Monroe. Antes de o presidente dos Estados-Unidos, Jayme Monroe, proclamar, em 1823, a doutrina de que a America era um continente intangivel ás ambições europeas, já em outubro de 1808 declarava o presidente Thomaz Jefferson que «considerava os interesses das colonias hespanholas identicos aos dos Estados-Unidos, e, consequentemente, era seu proposito excluir toda a influencia europeá neste hemispherio.» (La Idéa Pan-Americana, Anibal Murtua, p. 17).

Taes principios assumiram vulto, quando, em

1818, o governo norte-americano declarou que não permitiria a intervenção europeia nos negocios da America (Ib).

Afinal, em 3 de dezembro de 1823, em sua mensagem ao Congresso Nacional, formulou o presidente Jayme Monroe sua declaração pan-americana, em que dizia: «Com os movimentos de nosso hemispherio estamos de necessidade mais immediatamente interessados por motivos que são claros a todo o observador illustrado e imparcial...

Devemos... declarar que consideramos qualquer proposito de sua parte (das potencias europeas). de extender o seu systema a qualquer porção deste hemispherio como perigoso á nossa paz e segurança. ... com relação aos governos americanos que hão declarado e mantido a sua independencia, a qual temos reconhecido por graves considerações e justos motivos, não podemos deixar de considerar qualquer intervenção, com o fim de opprimi-los ou de exercer qualquer outra influencia sobre seus destinos, senão como uma manifestação de inimizade que attinge os Estados-Unidos» (Ib., p. 21).

Tão generosos principios de autonomia pan-americana concretizou-se mais tarde na conhecida expressão: — «A America para os americanos».

De plano se vê que o monroismo, embora possua uma feição sympathica de altruismo continental, não póde deixar de ter, por motivo basilar, os interesses e conveniencias nacionaes; porém essas conveniencias e interesses são reciprocos.

Reconheceram essa reciprocidade os libertadores da America hespanhola, San Martín e Simon Bolívar, e todos os estadistas, que, posteriormente até nossos dias, teem promovido reiterados congressos pan-americanos.

Em duas datas recentes foi posta á prova a sinceridade da doutrina de Monroe, em 1895 e em 1902.

Na primeira dessas datas, litigava a Inglaterra com a pequena Republica de Venezuela sobre limites. Eis que como um raio apparece uma mensagem do presidente Cleveland, em nome da doutrina de Monroe, compellindo o governo britannico ao arbitramento. Os animos se sobressaltaram aquém e além do Atlantico; felizmente a Inglaterra cedeu.

Em 1902, o caso não foi menos caracteristico.

Particulares venezuelanos deviam grossas quantias a capitalistas allemães, inglezes e italianos.

Exigiram os respectivos governos o pagamento prompto, e, aliados, resolveram estabelecer na Venezuela um «bloqueio pacifico»; o que fizeram, cortando com ella relações, a 8 de dezembro de 1902.

J. Hay, ministro dos Estados-Unidos, mostrando o absurdo de um «bloqueio pacifico», propoz o arbitramento. Cederam a Inglaterra e a Italia, resistiu a Allemanha.

Roosevelt, que então occupava a presidencia, manda chamar ao embaixador allemão, o Dr. Helleben, e declara que se não consentirem no arbitramento, dará ordem ao almirante Dewey que siga com a esquadra para a Venezuela, pois estava decidido a manter a doutrina de Monroe.

Protesta o embaixador, dizendo que tal alvitre já fôra rejeitado. Insiste Roosevelt. Uma semana depois, interpella este de novo ao representante do governo teutonico. Nada havia elle recebido do seu governo, foi a resposta. Calmo, porém firme, marca-lhe o presidente 48 horas para communicar-se de novo com seu governo, e em 36 veio a resposta, designando a Roosevelt arbitro. Este atirou o arbitramento para o tribunal de Haya, que resolveu o litigio pacificamente.

Taes factos, embora generosos, teem, não ha duvida, uma feição desagradavel de protectorado americano unilateral; porém, é chegado

o tempo de se lhes dar cunho diverso. E' natural que, no passado, o isolamento e instabilidade dos Estados do Sul tenham deixado a Republica do Norte agir sozinha; agora, porém, a sua acção isolada na manutenção do principio de Monroe seria o desprestigio deste.

E nem podemos nós suppor que outra interpretação queiram seriamente dar nossos irmãos do Norte, provocando desse modo o inteiro fracasso do monroismo.

Citam-se, é verdade, certos factos e mormente o acto recente do governo americano em relação ao canal de Panamá, de que se queixa amargamente o governo colombiano:

Os governos das nações não são vestaes, nem isentos de graves erros politicos; são varios, e dominados quasi uniformemente pelo egoismo dos interesses nacionaes. Os governos, que se teem succedido na grande Republica americana, não pretendem, com certeza, abrir excepção nesta corrente geral. Porém, não raro, a feição moral dos factos muda, quando mais de perto os observamos.

Tomemos, por exemplo, o facto recente, que determinou a abertura do canal de Panamá.

Tentar absolver inteiramente o Sr. Theodore Roosevelt, que d'elle foi o protagonista, fôra baldado esforço: pois americanos do norte e do sul são accórdes em lhe malsinar neste ponto a politica violenta. Entretanto, o caso não tem a gravidade que parece ter; por quanto assim correu elle nos seus elementos essenciaes.

A companhia franceza concessionaria do Canal, dizimada pelas febres de mau-caracter, não pôde levar a cabo a colossal empresa. Neste interim, accordou o governo americano sobre a alta inconveniencia politica, para ambas as Americas, de estar o Canal sob dominio de potencia estrangeira.

A defesa das costas banhadas pelo Atlantico e pelo Pacifico, a doutrina de Monroe e o commercio mundial reclamavam a abertura do Canal pelos Estados-Unidos, já que a Colombia, senhora da região, não estava em condições de arcar com tão gigantesco empreendimento.

Entra então o governo americano em negociações: promette pagar á Companhia do Canal 40 milhões de dollares pela transferencia do contracto e materiaes existentes; assigna em 1903, com o representante da Colombia, o tractado Hay-Henan, de accordo com o então dictador colombiano Maroquim, em que se propunha dar á Colombia 10 milhões de dollares, e, após 9 annos, um quarto de um milhão annual, com outras regalias.

Contra toda a expectativa, rejeitou o Congresso colombiano o tractado, sem qualquer outra proposta.

Tal rejeição fez pessima e profunda impressão em Roosevelt, que francamente a attribuiu á desmarcada e crescente ambição de políticos sem escrupulos.

Nesta emergencia, os panamaenses, que se julgaram directamente prejudicados, sem qualquer outra perspectiva, revoltaram-se, aliaz, não pela primeira vez; proclamaram a sua independencia, e chamaram a si as negociações para a abertura do Canal.

Roosevelt, cuja intervenção não se prova, aproveitou, sem hesitação, como os proprios panamaenses, a oportunidade, e, mais depressa do que talvez se déra em condições normaes, reconheceu a independencia da pequena republica, entrou em negociações immediatas com ella, concedeu-lhe todas as vantagens que havia proposto á Colombia, e não consentiu que as tropas colombianas atravessassem a zona do Canal, em que já tinha direitos e grandes interesses empenhados.

Tal attitude impediu a guerra civil, e garantiu a independencia da nova republica.

Saneada a pestifera região, foi o Canal aberto ao commercio mundial.

Eis como Roosevelt resolveu a intrincada questão. Levado pelo impeto de seu character impulsivo e desassombrado, e pelo individualismo de sua raça, qualquer outra solução protelatoria, nas circumstancias expostas, seria para elle, sobre absurda, ridicula.

John Hay, o grande estadista e auxiliar de Roosevelt, cujo character moral se impõe ao respeito universal, deu ao acto a sua sancção. Isto basta para que tal procedimento politico, embora aberto á coima de precipitado, não possa ser attribuido ao imperialismo yankee.

E', por certo, perigoso em politica o brocardo — «salus populi suprema lex», e muito mais a maxima immoral de que «o fim justifica os meios». Entretanto, no curso da vida das nações, como na dos individuos, surgem, por vezes, angustiosos problemas, em que os dictames da moral se põem em conflicto com as praxes do direito.

O espirito humano vacilla, e pergunta se não é dever optar pela moral, sotopondo o direito.

Feriu-nos a imaginação infantil o episodio de um pequeno drama, a cuja representação assistimos, quando de tenra idade.

Levava-o á scena a rapaziada letrada da cidade de Baependy, como soia acontecer naquelles bons tempos, em occasião de festa. Aparecia no palco um velho frade, de longas barbas, e, grave, propunha um problema de moral: «E' licito matar um para salvar a dez?»

Não se sabe se John Hay, auxiliar de Roosevelt na questão de Panamá, sentiu alguma coisa semelhante á perplexidade do bom do frade; o que se sabe é que elle approvou plenamente a decisão que seu governo teve de tomar de



prompto contra a invasão das forças colombianas, evitando, assim, o derramamento de sangue e resalvando os interesses do Canal.

Viajamos, de Panamá ao Chile, com o distincto general Rafael Reys, ex-presidente da Colombia, que era então o commandante das forças encarregadas de subjugar a revolução panamaense. Foi elle particular amigo de D. Pedro II, e é sincero admirador do Brasil. Em seu bello livro «Las dos Americas» exalta com enthusiasmo as bellas e fidalgas qualidades da raça latina, e defende o Brasil contra certos exaggeros de Bryce.

Personagem de alto destaque e cavalheiro de fino tracto, faz elle larga propaganda de uma alliança ibero-americana, que sirva de anteparo aos pendores imperialistas da grande Republica saxonica do Norte.

Percebe-se, de prompto, que uma tal propaganda encerra em si uma grave ameaça para o futuro.

Assim entendeu um importante semanario de Lima, o «Variedades», que, dias depois de chegarmos a essa capital, a 4 de março (1916), escreveu:

«Nosso distincto hospede colombiano, o general Reys, emprehendeu uma viagem pelos paises da America latina, seguindo um ideal muito nobre, como é a solidariedade do espirito americanista, baseado na communitate de raça, de tradição historica, de idioma e de interesses politicos. Já antes do general Reys, percorreu os diversos Estados americanos o conhecido escriptor argentino Manuel Ugarte, fazendo propaganda activa do mesmo ideal, por meio de artigos, livros e conferencias, e hoje já não se discute, em parte nenhuma, a conveniencia commum, que traria a consolidação dos interesses do continente, mediante uma vinculação estreita.... Outro erro

que sem duvida se commette é o deixar perceber, com bastante clareza, uma finalidade concreta de defesa e de hostilidade contra a influencia «yankee». Manuel Ugarte, com animosa franqueza, buscava a vinculação latino-americana, não tanto para dar uniformidade á acção dos Estados americanos contra as emergencias do futuro, contra os perigos geraes, que, com respeito á integridade e autonomia politica, geram os attractivos de nossas riquezas naturaes, de nosso vasto e despovoado territorio, que podem estimular, no futuro, planos expansionistas do Japão ou das nações europeas; não. Ugarte assignava, como unico e formidavel perigo, o imperialismo «yankee»....

«Em nosso conceito, tem sido um grande erro dar a este ideal da vinculação latino-americana um sentido defensivo particular, um valor de previsão contra os avanços imperialistas de «alguem», porque isso é ferir esse alguem e buscar sua natural hostilidade, coisa que não é politico nem opportuno fazer, e muito menos deve ser o nucleo central de um ideal tão vasto e generoso de solidariedade.... Não é dos Estados-Unidos, como nação, que devemos precaver-nos: é de seus millionarios, de seus negociantes, de seus industriaes.... Seria tolice querer afugentar o capital norte-americano.... nem todos os capitalistas, nem todos os industriaes da America do Norte são um perigo de acção má, nem de intervencionismo official....; e englobar dentro de uma desconfiança geral para com a influencia norte-americana, a acção vivificante e fecunda do esforço e do capital dessa nação, será, pelo menos, uma injustiça e uma indignidade. E' do capital dos «trusts», é dos industriaes sem escrupulos, é do capital-polvo, que devemos precaver-nos; e, por isso, agora que esse «trust» do petroleo, que se chama «Standart Oil» — que

devorou o Mexico — tem lançado suas garras neste paiz, havemos chamado a attenção e soltado o brado de alarma.

«Se, pois, o grandioso ideal, que acaricia o general Reys, se depura de suas finalidades intimas, para significar o abraço da raça, a amálgama dos interesses communs e solidariedade do continente, claro é que achará, em toda parte, sympathico acolhimento; e, quando desapparecerem os obstaculos circumstanciaes, que o fazem difficil hoje, terá elle completa realização.»

Estas sensatas palavras do hebdomadario peruano mostram o gravissimo erro politico de se oppôr um imperialismo a outro imperialismo, applicando á cura dos males internacionaes a therapeutica homeopathica do «similia similibus curantur», que neste caso poderia dar uma dynamização fulminante. Contra tão desastrada propaganda ahi se ergue, em aviso solenne, a conflagração européa.

O imperialismo das grandes potencias, como a fatuidade, ambição e protervia dos poderosos, é um producto morbido plethorico, que tem o seu correctivo efficaz no bom-senso nacional, nas relações internacionaes amistosas e nos tractados de alliança.

Dada a corrente imperialista no gigante do norte, e, sob seu influxo, a interpretação unilateral do monroismo, não é certamente o meio de evitarmos futuras desgraças, assanhar o touro com a bandeira vermelha de um latinismo exclusivista; mas é, antes, estreitar os actuaes laços de amizade, em pacto solenne, em que seja codificado o direito internacional americano, assentada, de modo formal, a interpretação bilateral da doutrina de Monroe e erguido o tribunal da paz sobre o firme fundamento da arbitragem obrigatoria. O que importa é completar o alphabeto continental pelo fraternal amplexo

das duas raças, e erguer na America a estatua da liberdade com a legenda helvetica: «Todos por um e um por todos».

### Abertura, saudações e theses

A 10 de fevereiro de 1916, abriu-se o Congresso na cidade de Panamá, no salão do grande Hotel Tivoli.

Enchiam o espaçoso recinto, onde se viam as côres variegadas de todos os paizes da America, 300 delegados e uns 200 visitantes de 21 nações. A estreiteza da cidade limitára o numero de delegados. Mais de trinta junctas missionarias achavam-se ahi representadas.

Por unanime aclamação, foi eleito presidente effectivo do Congresso o Sr. Roberto E. Speer, e da Commissão de Negocios («Business Committee»), por onde deviam passar todos os papeis endereçados ao Congresso, o Dr. John Mott.

Ambos são vultos de alto relevo no mundo evangelico da America do Norte; sua influencia no movimento religioso é mundial, não só pela actividade e fascinação pessoal, mas ainda pelas obras escriptas, onde se estampa a grandeza e lucidez de seus espiritos, a par da magnanimidade e piedade de seus sentimentos. Ambos já honraram o Brasil com a sua presença.

O Sr. Robert Speer é presidente da juncta de missões estrangeiras da Igreja Presbyteriana em Nova York e membro da directoria que dirige os grandes institutos de educação em São Paulo — o Mackenzie e a Escola Americana.

O Dr. John Mott é o grande espirito que se acha á testa do movimento mundial em favor da mocidade — da Associação Christã de Moços e da Federação dos Estudantes.

Foi eleito presidente honorario do Congresso o Dr. Eduardo Monteverde, lente da Universidade de Uruguay e representante de seu paiz no Congresso Scientifico de Washington. Largo espirito humanitario e de extrema modestia, o Dr. Monteverde impõe-se logo á sympathia dos que d'elle se acercam. Os trez brasileiros, que daqui partiram, foram igualmente distinguidos na vice-presidencia, secretaria, commissão da imprensa, e um delles entre os historiadores do Congresso.

Para proferir o discurso de abertura, ergueu-se na plataforma, em meio de respeitoso silencio, a pessoa do presidente, o Sr. R. Speer. A figura é sympathica, o ar modesto, os gestos sobrios; a voz, porém, é timbrada e forte. Sente-se em seus másculos accentos o ferreo character de um genuino saxão. Vibra no discurso a nota intensa de uma piedade pessoal. Não ha, entretanto, rasgos; o discurso corre calmo e profundo, e o orador, como que de proposito, tolhe á imaginação o vôo aquilino. Singelo e unguido, elle fere o diapasão sagrado por onde se afinam todos os oradores subsequentes — a devoção pessoal a Christo, o Filho de Deus. 'E' esta para elle a plataforma de Panamá. Espirito lucido, positivo e profundamente christão, não lhe faltava, por certo, coragem moral ou intellectual para enfrentar, em qualquer terreno, os grandes problemas da America Latina, mas, para elle, como espécimen eximio da raça, o Congresso era uma conferencia ou conjugação de forças e esforços para a solução effectiva dos problemas concretos, que se relacionam com a vida moral e religiosa dos povos sul-americanos.

A fórma e a substancia de seu discurso inaugural, a sua attitude humilde e modesta na abertura dos trabalhos, assaz condiziam com a concepção practica, que, alias, já havia formulado dos intuitos constructivos do Congresso.

«Algumas doces palavras do amado Salvador», era o que um crente nas Philippinas desejara d'elle, e era o que elle trazia á attenta assembléa, que ali se deliciava com o tom reconfortante de seu discurso.

O primeiro que se levantou a saudar o Congresso, foi o Sr. Ernesto Lefèvre, ministro do Exterior da Republica de Panamá, que, em nome do governo, dava as boas vindas, e, apesar de catholico, fazia sinceros votos pelo bom êxito do Congresso, no qual reconhecia um elemento de progresso e civilização.

Subiu á plataforma, para responder, o Dr. John Mott. Porte erecto, rosto franco e desbarbado, fronte erguida, e, sob espessas e eriçadas sombrancelhas, olhos vivos e bondosos.

Em voz solenne e ponderada, sauda o grande orador a s. exc., e lhe agradece as amaveis e francas palavras, que acabava de proferir, fazendo, por sua vez, ardentes votos pela prosperidade do nobre governo da jovem Republica de Panamá.

Uma outra saudação sobremodo significativa recebe-a o Congresso do juiz Dr. Emilio del Toro, membro do Supremo Tribunal de Porto Rico. Declara elle que veio ao Congresso na firme convicção que d'elle resultaria um grande bem para sua raça latina, uma luz nova, uma nova inspiração de elevado progresso em todos os departamentos da vida.

Embora catholico, elle cria na efficacia do Christianismo que tinha feito a grandeza dos Estados-Unidos. Julgava elle ainda que «aquelles que amam o progresso das nações, que estudam a historia desapaixonadamente, que teem fé no progresso da humanidade, não podem deixar de sentir profunda sympathia pelo facto de que a Reforma se espalha, de que a livre investigação abre horizontes mais largos ao espirito humano, de que o Christianismo, prégado e interpretado

por todos, dissemina sua benéfica influencia e levanta o nível da sociedade.»

Ouvi nestes dias, accrescenta o nobre orador, a voz da America expressa em trez linguas, e por minha imaginação passou seu vasto territorio, suas muitas raças, seus complicados problemas, e com mais brilho luziram em minha consciencia as palavras de Jesus, no Sermão do Monte: «Ouvistes o que foi dicto aos antigos: Amarás a teu proximo e odiarás a teu inimigo; porém, eu vos digo: amae vossos inimigos e orae por aquélles que vos perseguem, para que possaes ser filhos de vosso Pae, que está no Céu, que faz brilhar o sol sobre maus e bons, e cahir a chuva sobre justos e injustos.»

Termina o generoso representante de nossa raça declarando que o espirito de amor, essencia do Christianismo, deve inspirar trabalhadores e «leaders». «Sómente o amor, sem o qual a caridade, fé e religião são meros corpos sem alma, póde impressionar a America Latina.»

Correu liberrima a discussão dos relatorios, nas trez linguas officiaes — o inglez, o hespanhol e o portuguez. A cada orador eram concedidos sete minutos. Um espirito de oração e fraternidade permeava a assembléa. No fim da primeira sessão de cada dia, celebrava-se o culto, em que um sermão, feito pelas notabilidades do Congresso, versava os grandes themes da theologia, e exaltava a pessoa divina de nosso Senhor Jesus Christo.

As noites eram reservadas para a apresentação de theses.

O bispo Francisco J. M. Connell, da Egreja Methodista Episcopal, de Colloradò, homem de sciencia e auctor de livros que tractam das relações da vida christã com o pensamento moderno, discorreu com fluencia e proficiencia sobre — «A fé christã em uma época scientifica».

Nestes ultimos cincoenta annos, disse o orador, a fé christã e o espirito scientifico teem se penetrado mutuamente, de modo notavel. Por trez estadios bem caracterizados tem evoluído o ponto de vista scientifico, desde a proclamação, em 1859, da theoria da evolução de Darwin, e da Publicação dos «Primeiros Principios de Spencer.»

A principio, a hypothese evolucionista apresentou-se com um caracter francamente materialista. Tyndall, por exemplo, affirmava que podia prolongar sua visão retrospectiva até poder ver na materia a promessa e a potencialidade de todas as coisas. Porém esta explosão de materialismo não durou muito. Seguiu-se um periodo de agnosticismo, de que é exemplo o prof. Goldwin Smith, que acceitava os principios scientificos, porém confessava-se em completas trevas em relação a Deus, á liberdade e á immortalidade.

Ao estadio agnostico seguiu-se um periodo de regresso á fé. Sir Oliver Lodge, reconhecido cientista, proclama-se substancialmente christão orthodoxo.

Esta evolução do pensamento scientifico tem sido determinada pela pressão do ambiente christão. Por sua vez, as influencias do ambiente scientifico não teem sido menos sensiveis sobre o pensamento religioso. O estudo moderno das Sanctas Escripturas, embora deixasse de pé os factos nella contidos, deu-nos, comtudo, maior luz na intelligencia delles. O estudo critico da Biblia não lançou fóra a Christo de sua posição de inherente supremacia espiritual.

Desta reciprocidade de espirito scientifico e religioso na vida do pensamento humano, conclue o orador a cooperação da religião e da sciencia no progresso humano. O Christianismo e a Sciencia devem conquistar a natureza physica em nome da humanidade, e, junctos, resolver os urgentes problemas da saude e do pauperismo,



bem como os problemas sociaes da organização e moralidade.

Em summa, o Christianismo e a Sciencia devem capturar as forças materiaes deste mundo e fazê-las brilhar com toda a intensidade sobre as nossas trevas, afim de dar a revelação da gloria de Deus, na face de Jesus Christo.»

Sobre sciencia e religião, ergueu-se ainda na plataforma a figura respeitavel e captivante do Dr. Henry Churchill King, presidente do Collegio de Oberlin, em Ohio, de alta reputação scientifica, pelas varias obras que tem publicado.

Definiu elle o espirito scientifico como a maneira honesta de encarar os factos, a attitude de um espirito aberto á observação do mundo com um sentimento de profunda integridade. Este verdadeiro espirito scientifico nos tem dado uma visão mais ampla de Deus. Nada conhece o orador no mundo intellectual moderno que possa racionalmente impedir a qualquer homem de ser, no mais profundo e verdadeiro sentido da palavra, um seguidor de Jesus Christo. Não ha conflicto entre a verdadeira religião e a verdadeira sciencia. Sciencia e religião são duas correntes parallelas, ou, melhor, são duas forças convergentes no aperfeiçoamento da humanidade.

Sobre este importante assumpto, outros espiritos eminentes, como o Dr. Charles T. Paul, director do Collegio de Missões, de Indianapolis, occuparam proveitosamente a attenção do escolhido auditorio. Mostraram todos que não ha incompatibilidade entre a sciencia e a religião, não ha antagonismo entre a fé e a razão, as quaes são duas forças que se completam na realização dos destinos do homem.

A lucta que se apregoa é apenas o conflicto passageiro entre os interpretes incompetentes de uma e de outra: é o fanatismo da sciencia ás garras com o fanatismo da religião, trombeteado pelo espirito revel de um racionalismo barato.

## A America Latina através dos Relatorios

Dezenove nações americanas tiveram no congresso de Panamá seus representantes, e, sobre ellas, oito relatorios volumosos, forneciam abundantes dados estatisticos, informações e considerações sobre todos os ramos da vida social. Trez grossos volumes encerram esses relatorios e outros trabalhos do congresso. Delles extrahimos breves informações.

Vinte republicas, com uma área de 8.459.081 milhas quadradas e uma população de 80.203.902, formam a America Latina, occupando a America Saxonica uma área de 6.557.700 milhas, com uma população de 108.679.000. Contém, pois, o nosso hemispherio, em uma área de 15.016.781 milhas quadradas, uma população de 188.882.902.

Calcula Calderon que, no fim do seculo XX, teremos 250.000.000, e Reclus acha que a America poderá manter 2.000.000.000 de habitantes.

Divide-se a população da America Latina nas seguintes classes:

Branços . . . . .	18.000.000
Indios . . . . .	17.000.000
Negros . . . . .	6.000.000
Mestiços de branco e indio .	30.000.000
Mestiços de branco e negro.	8.000.000
Mestiços de negro e indio .	700.000
Hindu's, japonezes e chinezes	300.000
Total . . . . .	<u>80.000.000</u>

A America Latina é um campo aberto á imigração estrangeira. No Brasil, em 1913, embarcaram 193.000 immigrants, e, no mesmo anno, nos paizes da America do Sul, um milhão.

Assignalam-se, na parte meridional, grandes estadistas, como Rio Branco, no Brasil; Gonzalo Ra-

miro, no Uruguay; Sarmiento, na Argentina, teem honrado a America Latina não só pela capacidade intellectual, mas também moral. San Martin colloca-se na altura de Washington, pelo desinteresse pessoal.

Os estadistas do Brasil tornaram impossivel a escravidão, sem qualquer convulsão politica ou economica.

Porém, uma onda de incredulidade ou irreligiosidade ameaça as republicas do sul. O surto da sciencia moderna no seculo dezenove poz em crise o mundo religioso.

O pensamento christão tem estado enfrentando um novo racionalismo, materialismo e pessimismo, em toda a sua subtileza e virulencia.

O Espiritismo é outra onda do mal, que vae enchendo o vacuo aberto pela incredulidade e indifferença religiosa.

Aggrava estes males sociaes um outro, que afflige a America Latina: é o analphabetismo, que attinge de 50 a 80 por cento.

Um em vinte era a média da assistencia á escola em 1912; na Allemanha um em seis, no Japão um em sete, na Colombia um em vinte e dois, na Bolivia um em quarenta, na Argentina um em dez.

Contra todos esses males publicos, opina o relatorio, deve erguer-se o Christianismo, e, em torno da pessoa historica de Jesus Christo, prender as intelligencias, illuminando-as. E' elle a verdade e o bem, e necessidade não tem de apologia: basta apresentar-se em seu fulgor nativo e primitiva belleza.

Indispensavel é, porém, que para isso se vulgarize entre o povo o livro admiravel, que o contém e revela — a Biblia. Esse livro divino tem sido a grandeza dos povos do norte, se-la-á dos do sul. De suas paginas inspiradas jorra a unica luz de fé e esperanza capaz de varrer do espirito

sul-americano o pessimismo e o desanimo, que ora nos acabrunha.

Dada ao povo, lida, conhecida, amada, obedecida, a Biblia produz ricos fructos de justiça, afasta os homens do peccado, condu-los a Deus, proclama o Salvador, fornece o programma de seu Reino terrestre, alistando seus subditos em um serviço de amor e abnegação. «A existencia da Biblia, escreveu Emmanuel Kant, é o maior beneficio que jamais experimentou a raça humana». Convém espalhá-la do Mexico ao estreito de Magalhães.

A Sociedade Biblica Britannica e Extrangeira, em 1915, publicou 10.165.413 Biblias e partes da Biblia. E' ella impressa em 487 linguas. A Sociedade Biblica Americana, em 1914, publicou .... 6.406.323, e, desde sua fundação em 1816.... 109.926.214, em 85 linguas. Todas as sociedades biblicas imprimem, por anno, uma média de ... 21.000.000.

Tracta ainda o Relatorio do estado sanitario, social e politico, das raças, das linguas, da liberdade de consciencia, do espirito de tolerancia e mutua comprehensão dos povos ibero-americanos. Merecem-lhe especial cuidado os selviculas dos diversos paizes.

E' estudado o trabalho de avangelização dos indios, e exposta a necessidade de se lhe dar maior amplitude.

Do relatorio sobre «Mensagem e Methodo» colhemos profundas observações. «O Evangelho para a America Latina, como para todo o mundo, é uma mensagem de vida sufficiente, abundante, inexaurivel.»

Deste facto fundamental conclue o relator que não é somente direito, mas inevitavel obrigação de as Egrejas Evangelicas proclamarem, interpretarem e praticarem o Evangelho de Christo na America Latina, como em toda parte, em

sua pureza e plenitude, e implantar seus principios e espirito na vida individual, social e nacional.

Declara que na proclamação da mensagem divina o mensageiro deve «fallar verdade em caridade», e que a Biblia é a fonte inspirada dessa mensagem de salvação. Não ha maior auctoridade que esse Livro, sobre a nutureza do Christianismo, e suas verdades salvadoras; não ha fóra delle outro fundamento historico, nenhum outro tribunal de appello para a exposição e defesa dos ensinos de Jesus Christo e dos Apostolos, sobre que foi fundada a Igreja. A propria Igreja Romana appella para esse Livro, como Palavra de Deus, nos decretos do Concilio de Trento, nos ensinos de seus theologos, e na encyclica do fallecido papa contra o modernismo.

Em seguida o Relatorio expõe a graciosa paternidade de Deus, a pessoa e a obra de Jesus Christo, a nossa communhão directa com Deus e com Christo, affirmando o grande facto de livre acesso do peccador ao Pae por meio do Filho, como unico mediador entre Deus e o homem.

Estuda depois, nas republicas sul-americanas, a complexidade das raças, o espirito dominante, o isolamento politico, o idealismo democratico, estabelecendo o caracter social do Evangelho.

Substanciosos estudos sobre a educação, a literatura, a posição da mulher, as igrejas nacionaes, as missões estrangeiras, a catechese dos indigenas, abrem amplas discussões e largo escopo aos generosos intuitos do protestantismo americano.

Ao discutir-se, por fim, o problema da «co-operação e promoção da unidade christã», é que se revela a largueza e generosidade dos intuitos do congresso evangelico pan-americano de Panamá.

No nobre esforço para se promover «a obra christã na America Latina», externavam esperan-

ça e intenção de alliciar a cooperação da Egreja Romana em certos aspectos sociaes de beneficencia.

Se louvaveis eram esses intuitos, que de principio ostentavam, força é reconhecer, com muitos congressistas, que excessiva era a esperança e desmemoriada a intenção.

## A feição moral do Congresso

Busquemos agora a feição moral do Congresso Evangelico Pan-Americano de Panamá, que assumiu, por ultimo, o modesto titulo official de Congresso da Obra Christã na America Latina.

Um congresso dessa natureza não é certamente um corpo deliberativo, e muito menos o é legislativo. Não é um concilio para resoluções disciplinares ou definições dogmaticas.

Porém, não deve ser tão pouco uma simples commissão para a investigação de factos, organização de estatisticas, estudo de certos processos e recommendação de certos methodos. Sem duvida, isso entra no seu programma; mas limitá-lo a isso, exclusivamente, fôra convertê-lo em mera commissão encarregada de dar relatorio a um poder competente.

Acima dos factos, das estatisticas, dos problemas particulares, é de esperar que haja um ponto elevado de reunião, uma synthese superior, em que essa collectividade moral possa affirmar a sua unidade. Nesta possibilidade está, parece, o character differencial, que separa um congresso de uma mera commissão nomeada para investigações e estudos.

Embora, pois, a natureza dessas assembléas as inhiba de serem deliberativas ou legislativas, nada impede que sejam declarativas, e affirmem a sua unidade superior, a sua solidariedade intima, na esphera elevada de principios communs. Expostos estes preliminares, volvamos nossos

olhos para os diversos aspectos moraes do Congresso religioso de Panamá.

O primeiro, que nos fere, é o espirito de confraternização, que domina a assembléa.

O Protestantismo dividido, fragmentado, sectario, é um espectáculo que sobremodo escandaliza aos latinos. Entretanto, ali, como na convenção de Edinburgo, se manifesta, no seio d'elle, uma grande força de cohesão, que approxima e une, em uma affirmação consoladora de amor fraternal, de unidade moral e dogmatica, trinta a quarenta denominações differentes. Presbyterianos, methodistas, baptistas, episcopaes, lutheranos, moravios, fazem tabua rasa de seus nomes particulares, e todos, em torno do divino Mestre, repudiam o sectarismo, que é a negação da unidade substancial do Christianismo.

Vozes chegam a erguer-se contra os proprios nomes distinctivos desses agrupamentos moraes no seio do Protestantismo evangelico, e a favor da fusão de todas as denominações em uma só igreja evangelica nacional, em cada paiz.

E' possivel que esta seja a visão gloriosa do Millennio, porém, dada a actual constituição moral do homem, e, se quizerem, a contingencia de nosso estado imperfeito, esses agrupamentos ecclesiasticos respondem a uma exigencia natural, espontanea.

Quem diz liberdade de pensamento, diz variedade de opinião. Ora, as affinidades intellectuaes, que constituem as correntes varias de opinião, provocam espontaneamente diversidade de agremiação.

Na historia do Christianismo, as affinidades doutrinaes, disciplinaes e ritualisticas teem sempre determinado agrupamentos distinctos, que mantem a nota de diversidade na unidade superior do systema geral.

No proprio catholicismo romano, ferrenho pregoeiro da unidade da Igreja, observa-se este

phenomeno historico nas agremiações, ordens, confrarias ou «religiões» (no dizer de nossos bons escriptores ecclesiasticos), que nos dão uma prova convincente de que taes organizações particulares não são, de necessidade, fructos das paixões do homem; antes são tendencias irresistiveis no estado actual da humana contingencia, cujo perigo, como o de muitas outras coisas, está apenas no abuso e na perversão de nobres intuitos.

O mal está no partidarismo egoista, no espirito orgulhoso de seita, na intolerancia e exclusivismo arrogante de homens acanhados, incapazes de absorver e assimilar o generoso espirito da vocação christã.

Querer eliminar nomes e destruir agremiações particulares, não será porventura tomar o effeito pela causa, confundir a uniformidade com a unidade, e procurar substituir um individualismo divergente e vivo, por uma especie de individualismo colectivo atrophiante? Entre o individualismo protestante e o collectivismo romano, oscilla a solução do problema da unidade da Igreja. E' evidente que devemos procurar a desejada solução não na paralysação regulamentar, mas na livre movimentação da consciencia christã.

Em todo caso, esse mesmo exaggero de alguns membros do Congresso era a expressão emphatica do espirito de unidade fundamental e harmonia de sentimentos que reinava em todos os representantes das varias comunidades evangelicas.

Se, porém, ao calido ambiente da piedade christã, evaporava o sectarismo religioso no vasto salão do hotel Tivoli, o mesmo não succedia com o temperamento dispar das duas raças, que ali se defrontavam.

A essas tendencias ethnicas divergentes serviram de pedra não de escandalo, mas de toque, as relações com a Igreja de Roma.



Reunido com o fim de estudar o problema religioso da America Latina, não podia o Congresso desconhecer o facto capital de que a Egreja Catholica Apostolica Romana domina esta parte do continente.

Aos latinos, apoiados por alguns missionarios, parecia que a assembléa, em declaração formal e solenne, deveria reconhecer este facto, e, deante d'elle, definir franca e lealmente a sua attitude. A oportunidade, no parecer delles, era grande para uma exposição de principios, que dignificasse o Congresso acima de uma commissão de estudos e de uma convenção fraternizadora, aos olhos abertos da America do Sul.

Assim, porém, não sentiam os irmãos do Norte. Julgavam elles que sobre o assumpto era sufficiente o que esparsamente se dizia nos relatorios.

Havia ali um conflicto latente de temperamentos. Elles a temer a loquacidade latina, nós a recear a taciturnidade saxonica; elles a temer que se compromettesse o prestigio do Congresso, fallando-se de mais; nós a recear que isso se fizesse, fallando-se de menos. A fecundia de uns e a reserva de outros miraram-se por alguns dias.

Para elles era o Congresso uma reunião de estudos practicos e conhecimentos reciprocos, para a união de pensamentos, de sentimentos e esforços, e, por isso, afastavam cuidadosamente qualquer assumpto que pudesse trazer divergencia, polemica ou controversia.

Para nós, a tudo isso devêra accrescentar-se uma exposição de principios, uma declaração formal de attitude e intuitos.

Circumstancias adventicias vinham aggravar esta opposição latente de indoles ethnicas.

Em primeiro logar, a uns se afigurava haver na reunião de Panamá certo compromisso moral de um tal pronunciamento, desde que ella fôra convocada como uma reacção contra a attitude

da grande convenção missionaria de Edinburgo. Depois, por maior que seja a caridade, tolerancia e largueza de vista dos missionarios evangelicos em paizes latinos, elles serão sempre interpellados sobre sua missão e acoimados de intrusos em casa alheia. Nesta conjunctura, era de esperar apresentassem ao reputado dono suas credenciaes, ou o mandato do juiz, que os auctorizasse á penhora dos bens, á confiscação das almas.

Por ultimo, era a primeira vez, após a Reforma, que o Protestantismo evangelico se encontrava assim, face a face, com o Romanismo, a sós, em um continente, cuja posse moral é, em ultima analyse, de suprema importancia para um e para outro. Excluida, por conseguinte, a idéa de uma posse pacifica em commum, e sendo inevitavel a lucta de principios e methodos, o momento providencial apresentava, sobremodo propicia para os destinos dessa lucta sagrada, a publicação de um documento claro, leal, incisivo e caridoso, em que o Congresso consubstanciasse os seus nobres principios e generosos intuitos. Ninguém, por certo, nesta livre America, se escandalizaria com um tal documento.

Outro era, entretanto, o pensar dos representantes da America do Norte, na sua maioria. O arrojo topava com a reluctancia da raça.

Antes de tudo, já haviam elles traçado, em reunião prévia, o programma practico do Congresso. Fixando o seu espirito e proposito, haviam elles determinado que «a Conferencia de Panamá não era uma reunião para legislar sobre questões ecclesiasticas ou mesmo sobre assumptos de politica missionaria. Não tinha elle tal auctoridade. Era uma reunião para a investigação honesta dos problemas do trabalho missionario na America Latina, e para uma conferencia plena e fraternal sobre o modo como as necessidades da America Latina podem ser mais effectivamente satisfeitas pelo Evangelho de Christo». E quanto

às conferencias regionaes, «o seu objecto era comunicar inspirações e suggestões, bem como o espirito e a mensagem do Congresso de Panamá aos irmãos nos campos da America do Sul, e estudar em plena sympathia e, tanto quanto possível, de primeira mão, o meio, as obras e os problemas de cada campo visitado.»

Adstrictos a este programma prévio, era natural a sua perplexidade deante de questões de outra ordem, já afastadas.

Além disso, a attitude da parte ritualista da Igreja Episcopal nos Estados-Unidos e a de outros elementos evangelicos aconselhavam prudencia aos promotores do Congresso de Panamá. Receavam elles que no conceito de muitos pudesse o Congresso ser encarado como uma simples cruzada contra a Igreja Romana, o que o amesquinhava e os vexava. Neste sentido já os seus promotores tinham soffrido vivos ataques, e sentiam necessidade de provar o contrario com um largo espirito de cooperação, amor e tolerancia.

Finalmente, é possível que um outro elemento de boa politica internacional soprasse ali na mesma direcção conciliatoria. Todos os nobres espiritos nos Estados-Unidos, a esta hora, se acham empenhados numa interpretação generosa do monroismo e no congraçamento das republicas do sul; acaso um leve temor haveria de melindrar as populações latinas.

Tal o ambiente moral quando se abriu o Congresso.

Trez papeis, que se relacionavam com a questão romana, foram á commissão de negocios, para serem apresentados ao Congresso.

Cheios da candura das pombas e vasios da prudencia das serpentes, os directores do Congresso mostraram-se perplexos em introduzir directa e officialmente a questão, embora modificassem a sua attitude cooperativa com a Igreja Romana. Foram retirados os papeis, sendo um delles

apresentado ao congresso regional do Rio. Se não pôde o espirito latino erguer o Congresso á visãõ ampla de um mundo novo, animou-o, todavia, o espirito practico, caridoso e forte da raça anglo-saxonica. Não pôde deixar de encerrar grandes promessas a uniãõ dos dois espiritos, o amplexo das duas raças.

Panamá não será somente, para o surto da civilizaçãõ americana, o elo que prende dois oceanos, mas será mais: será o vinculo sagrado que prenderá dois mundos em um novo mundo, com que apenas sonhara Colombo.

## Do Panamá a Perú

A 21 de fevereiro partimos da curiosa capital da pequena republica panamaense.

Eramos quarenta, entre delegados e delegadas, os que nos dirigiamos aos congressos regionaes de Lima, Santiago, Buenos Aires e Rio de Janeiro.

O sol já começava a derramar a flux seus vividos raios, quando o «Huállaga», levando ancoras, nos conduzia serenamente através do largo golfo de Panamá.

Pelas bandas do norte succediam-se escarpadas e verdejantes ilhotas, como mudas atalaias da remansosa bahia.

O dia era esplendido e esplendido o panorama.

O céu de um azul purissimo arqueava, inundado de luz, sobre o vasto oceano, que, rivalizando as bellezas da superna immensidade, se espreguiçava, manso e amplo, a perder-se nas brumas longinhas do occidente. Como um immenso lago betado de ouro, scintillava em reverberos ofuscantes, ao beijar-lhe a inquieta superficie, o astro que, pouco havia, se desprendera radiante dos roseos braços da Aurora.

O tempo era bonança, e o galerno, aquecido, nos açoutava docemente a face.

A' medida que o Pacifico nos ia abrindo, hospitaleiro, o vasto seio, ia-se adelgaçando, pelas bandas do oriente e do norte, o longo perfil recurvo da estreita faixa, que corre a entroncar-se na republica de Costa Rica.

Afinal, aproámos ao sul, e breve á esquerda nos surgiram os contrafortes verde-negros dos Andes colombianos.

Reinava a bordo expansiva alegria. Cercados de tanta belleza e esplendor, sentiamos todos a doçura, de que, com tão suave poesia, nos falla o cantor d'Israel: «Oh! quão doce e suave é habitarem os irmãos em união».

Ha na troca de affectos, de sorrisos de sympathia, de palavras de amizade e fraternã confiança, um perfume, que enleva a alma, um fresco orvalho, que refrigerã o coração.

Quanta formosura e quanta felicidade nas obras de Deus!

Mas, oh! contraste doloroso! nesse mesmo dia começava a horrenda batalha de Verdun!

A medonha hecatombe dessa lucta titanica vinha ajunctar mais uma nota de horror á pavorosa carnificina européa, que deshonra a civilização, a justiça e a religião de Christo.

Qual a visão dantesca que pudera antecipar o quadro terrifico e abominavel, que ao mundo e aos anjos offerece a Europa civilizada?

«Mãos poderosas, brada um dos nossos mais eloquentes tribunos, desencadeando a procella, quebraram as amarras eternas do futuro das nações, ameaçadas agora pelas incertezas de uma situação, que aboliu todas as garantias da confiança dos homens nos homens, dos povos nos povos. Terriveis sorpresas vogam no oceano tenebroso do inesperado, onde até as nuvens do céu cospem destruição, e os recessos do abysmo se

associam á cegueira destruidora, que lhe coalha a superficie, ao largo, dos destroços de todas as tradições christãs. Nega-se o direito, bane-se a justiça, elimina-se a verdade, contesta-se a moral, prescreve-se a honra, crucifica-se a humanidade, o vendaval de ferro ataca os symbolos sagrados, a arte, os thesouros da sciencia accumulada, os grandes archivos da civilização, o sanctuario do trabalho intellectual. Nada mais subsiste de todas as leis, senão a lei da necessidade, a lei da força, a lei do sangue, a lei da guerra. O Evangelho substitue-se pela religião da polvora e do aço.»

Ha, por certo, nessa guerra cyclopica das nações, algozes e victimas, tyrannos e martyres; ha uns que lançam mão do direito de defesa e outros que accommettem, calcando aos pés, o direito, a justiça e a misericordia; ha uns que são arrastados aos campos sangrentos de batalha pelo sentimento de dever e obediencia ás auctoridades superiores, e outros que para ahi marcham inflammados do fogo infernal do orgulho e ambições humanas; ha uns que assassinam e outros que são assassinados! Ha innocentes e ha culpados.

O Supremo Juiz saberá distinguir entre uns e outros; a nós o lamentar a sorte de ambos, o chorar com as victimas, com as mulheres e as creanças por toda a parte cobertas de lucto e de tristeza; o supplicar que o Senhor detenha a espada do Anjo Exterminador, que ora vinga a escandalosa infidelidade dos povos, que assumiram perante o mundo a responsabilidade ostensiva da civilização christã; a nós o levantar o nosso ardente protesto, em face dos responsaveis, quaesquer que sejam, contra a iniqua barbaria e inominavel perversidade de um tal conflicto!

Volvamos, porém, ao Pacifico.

Prazenteira e tranquillã correu nossa viagem, na amavel convivencia fraterna.

Tendo estacionado por algumas horas no bello estuario de Guyaquil, no Equador, aportámos afinal, a 29 de fevereiro, em Callao, onde, desembarcados, tomámos o trem, que, em vinte minutos, nos conduziu a Lima, capital do Peru?

Não conta esta cidade mais de 120.000 habitantes, porém é uma bella cidade, «precioso relicario de las galanterias y esplendor coloniales».

De facto, fundada em 1535 por Fernando Pizarro, sente-se um quê saudoso dos antigos tempos coloniaes, no rico aspecto de seus numerosos templos, entre os quaes avulta a famosa cathedral; na vetusta apparencia de muitas de suas ruas e casas; nas salas, corredores, retratos e inscrições do edificio de sua Universidade, fundada em 1551 por Carlos V, e no proprio trajar de suas mulheres, envoltas em negras e longas mantilhas hespanholas. Na rica e velha cathedral me foi mostrado o esqueleto de Pizarro, e no Museu a mesa onde funcionava o horrendo tribunal da Inquisição.

Muita é a pobreza que se ostenta pelas ruas, o que lhe dá certa expressão melancholica de desanimo. Domina negro pessimismo os seus intellectuaes. São numerosos os homens e mulheres de minusculas proporções, e a pouco trecho topa-se com rostos inexpressivos e deselegantes de chinezes e indigenas. Em compensação cruzam nas mesmas ruas frequentes typos airosos e senhoris da nobre prosapia iberica, que não raro se revela emmoldurado de rendada mantilha a fluctuar graciosamente, presa de leve ao penteado, e a confundir o seu negrume com o das enroladas tranças e com o brilho dos aveludados oíños.

Ao lado desses bellos vestigios da nobre raça, de que faz timbre a aristocracia peruana, sente-se ainda na fidalguia do tracto as finas qualidades do cavalheirismo castelhano.

Em Lima nunca chove; cercada de desertos, alimenta-lhe a secular existencia o pequeno Ri-

mac, que, precipitado e murmurejante em pedregoso leito, corre de longe, entre aridos e escalavrados montes, e vem fertilizar perto da cidade um longo valle.

Em Chosica, pequeno povoado na extremidade desse valle, existem abundantes vestigios da larga população indigena anterior á conquista. Muros de pedra, sepulturas, craneos e ossos esparsos á superficie do solo, trapos de tecidos, testos, pedaços de ceramicas, annunciam um povo varrido pelo furacão da Providencia. No Museu de Lima, grande quantidade de despojos não só nos fazia conhecer o grau de desenvolvimento industrial dessas tribus, mas tambem da corrupção moral a que tinham chegado. Dos incas ruinas megalithicas proclamam, em Cusco, Arequipa e outros logares, o desvanecido esplendor.

São seus actuaes descendentes os *quíchuas*, que constituem grande parte da população interior.

Em 4.500.000 é computada a população do Peru. Nesse paiz, como em todas as republicas hespano-americanas, com excepção do Uuruguay, a Egreja Romana é a religião do Estado, porém ahi, como em todas as outras, sopra uma aragem de liberdade, que vae annullando a intolerancia dessa união.

Assistiu ao congresso regional, ahi celebrado, uma das sympathicas victimas dessa intolerancia.

Francisco G. Penzotti foi o primeiro que penetrou no Peru como humilde colportor em 1890. Prégou ao povo, e reuniu em torno de si um grupo de crentes dedicados. Foi preso em Arequipa e transportado para os calabouços subterraneos de Callao, permanecendo ahi detido por nove longos mezes, e só pôde ser solto por influencia de consules estrangeiros. Felizmente, em outubro ou novembro do anno passado, foi modificado, no sentido da liberdade de culto, o art. 4.º da Constituição, que regula a união da Egreja



Romana com o Estado, após tenaz opposição do elemento catholico.

Esteve o Congresso reunido de 29 de fevereiro a 4 de março. Cordiaes e instructivas foram as discussões. Tractou-se, como em Panamá, da occupação missionaria mais effectiva do territorio, do trabalho entre os indios quíchuas, da educação e da formação cuidadosa do ministerio nacional, da literatura evangelica, do trabalho entre as mulheres, da união e cooperação das diversas denominações evangelicas.

Trez sociedaes missionarias trabalham no Peru: a Igreja Methodista, a Igreja Christã (União Evangelica da America do Sul), e o Exercito da Salvação. A heresia sabbatista (Adventistas do Septimo Dia) tem ahi os seus propagandistas.

O trabalho começado em 1891 tem até agora aggreariado 1.030 crentes professos. Publicam-se em Lima dois pequenos semanarios, e um periodico mensal «El Cristiano», em typographia propria.

Ha varios estabelecimentos de educação, porém a educação ministerial tem sido inteiramente descurada. Sobre este ponto, porém, deixou o Congresso boas esperanças.

A 8 de março, a bordo do «Aysen», abraçando os sympathicos irmãos, deixámos saudosos as plagas peruanas em derrota para o sul.

## Do Perú ao Chile

Findos os trabalhos do Congresso Regional de Lima, eis-nos de novo a caminho em demanda de Valparaiso.

Correndo ao longo da costa, viamos erguerem-se á esquerda, nus e escarpados, os socalcos da grande cordilheira, cujos pincaros nevados se entreviam, a logares, envoltos na gaze brumosa de longinquos e altivos horizontes.

Aves aquáticas em nuvens, peixes em piracema, attrahiam e distrahiam, a cada passo, nossos olhares.

A' tarde, ao immergir-se nas aguas do Pacifico o disco rubro do deus dos incas, quando as sombras iam cahindo do lado dos Andes, colleava, no espaço, por sobre as ondas inquietas, como uma serpente aérea, uma longa fila de patos bravos, de pescoços tendidos e pandas asas, em busca de pouso nas altas e alcantiladas penedias, que ouriçavam a costa.

Ostentava-se ahi então a natureza na plenitude de sua majestade, e evocava nas almas scismadoras a saudade mysteriosa de uma belleza infinita.

No ocaso, nuvens afogueadas, franjadas de deslumbrante purpura, eram uma como muralha de ouro a reter as aguas do oceano e a enxotar, ao mesmo tempo, as sombras, que, a pouco e pouco, as iam cobrindo.

Breve o lucido arrebol desmaiava em um avermelhado triste, e logo apenas tenue clarão assignalava o tumulto do astro-rei.

Accendiam-se, nesse momento, os cirios no céo; lá das alturas derramava a lampada da noite tristonha claridade, e, na vasta superficie silenciosa do mar, tremia a luz prateada de funebre cortejo.

E a natureza, em sua bella majestade, envolta na suave melancholia do crepusculo vespertino e no crepe transparente da noite constellada, semelhava a uma noiva ainda toucada para as nupcias, que chora em silencio a morte do noivo anciosamente esperado.

Ha, de facto, nos esplendores da terra uma nota de profunda tristeza, um contraste melancolico, que tem inspirado aos poetas sentidas elegias, suaves endechas e amargos threnos. E todos esses gemidos dos poetas não são mais do que

os suspiros dolorosos da alma escrava da morte nas magnificencias da criação.

Ouve o Apostolo dos gentios os queixumes da natureza casando-se, em intima solidariedade, com os gemidos do genero humano: *Omnis creatura ingemiscit... et ipsa intra nos gemimus.*

Commentando S. Paulo neste passo, diz Godet: «Eis o que dizia Schelling, em uma de suas admiraveis lições sobre a philosophia da revelação: «A natureza, em seu encanto melancholico, é semelhante a uma noiva que, já toda adornada para a hora do hymeneu, viu morrer no mesmo instante do casamento o esposo a que ella se ia unir.»

«A alma do philosopho-poeta encontrou aqui a do Apostolo. Os antigos pensadores fallavam muito em uma alma do mundo. Não era isto um mero sonho. A alma do mundo era o homem. Toda a Biblia, mormente este passo, repousa sobre esta idéa profunda.»

Em mar bonançoso continuámos a derrota para o sul, recreando nossos olhos nas scenas sublimes, que apresentava a terra e o mar, o dia e a noite.

Porém em poucos dias o Pacifico, fustigado por ventos ásperos, começou de encrespar o largo dorso e fazer de nossa embarcação mareante gangorra.

Advertido por biliosa experiencia, só levantámos a cabeça do travesseiro, quando, descida, mordida a ancora o fundo do porto de Valparaíso.

Em leque aberto, trepa a bella cidade pelos montes, que marginam o porto.

Conta ella 270.000 habitantes, e está entregue em grande parte ao commercio inglez e allemão.

O Rev. David Trumbull foi o primeiro missionario do Chile, que, a esta cidade chegando

cerca do anno 1845, em 1860 fundou a primeira escola protestante.

Ahi trabalham presbyterianos e methodistas, a A. C. M., o Exercito da Salvação. Ha, além disso, duas grandes egrejas inglezas e uma alle-mã. Existe, como em Santiago, uma *Egreja-União* (*The Union-Church*), frequentada pelos anglo-americanos, com excepção dos anglicanos. Tem-se desenvolvido um numeroso grupo, separado da egreja methodista, chefiado por um missionário que se deixou levar por certos principios pentecostistas. E' um grupo forte, que se mantém por si mesmo. Conta-se ainda trabalho entre os marinheiros, um hospital anglo-americano, um albergue nocturno, e um asylo de orphams anglo-saxão.

No bello templo da Egreja Anglicana existe um esplendido organ, no valor, cremos, de 40 contos, offertado pela colonia ingleza, em signal de gratidão a Deus pelo facto de, annos ha, não ter morrido um só inglez num grande terremoto na cidade, onde pereceram mais de 5.000 pessoas.

Recebido hospitaleiramente pela A. C. M., tomámos o trem ao escurecer, e á meia-noite, mais ou menos, desembarcámos em Santiago, populosa capital do Chile, onde devíamos celebrar o segundo congresso regional.

Fundada por Valdivia em 1541, conta ella hoje 450 a 500 mil habitantes. E' uma bella cidade e grande centro intellectual do Chile. Ruas extensas, largas, limpas, planas, uniformes; bellos edificios, porém de monotona architectura; poucos jardins e um esplendido cemiterio. O pequeno monte de Santa Lucia é o mais lindo passeio da cidade. Surge elle abrupto em uma extremidade da cidade, do lado da Cordilheira. Transformado em um logradouro publico, domina elle do alto toda a cidade, que se apinha em larga explanada. Fronteiro, a curta distancia, empina-se, nu e dasbarrancado, um outro monte,

em cujo topo se avista uma imagem da Virgem, padroeira da cidade, que á noite é illuminada. Nessa mesma direcção, no fundo do horizonte, ao longe, alvejam os cimos nevados dos Andes. Logo, a meio caminho, em subindo o largo e calçado passeio, que ladeia as escarpas de Sta. Lucía, vê-se á esquerda uma estatua de mulher, em cuja peanha se lê: «Aos expatriados do Céu e da terra, que aqui jazeram por meio seculo, . . . . 1820-1872». O logar fôra por esse tempo cemiterio protestante.

Ao estrangeiro revela essa inscripção a persistencia no Chile do espirito de intolerancia catholica, combalido, aliaz, pelo espirito de liberdade, que vae dissipando essa herança do fanatismo peninsular dos tempos coloniaes.

O cemiterio catholico, que não longe está de Sta. Lucía, é notavel pela riqueza e belleza architectonica de seus variados monumentos.

Em uma de suas formosas ruas, ostenta-se, sobre uma elevada columna, o busto do grande Andrés Bello, tributo de gratidão do Chile ao insigne colombiano, que diffundiu, na universidade de Santiago, a luz intensa de seu saber, como jurista, grammatico e literato.

Não conta o Chile mais de 3.500.000 habitantes, divididos, em geral, em duas classes — os *nobres* e os *rotos*. Nesta é visivel o predomínio do sangue indigena, e naquella o sangue azul da linhagem castelhana. O negro é ahi uma excepção rara. A abundancia e excellencia do vinho, que dos mellifluos racimos se fabricam, está parece, ameaçando de irmanar as duas classes na abjecção do vicio.

Em connubio precario o Catholicismo Romano, religião do Estado, ahi se une com o espirito republicano, que, militarizado por instructores allemães, se revela de um patriotismo ardente.

O clero, entretanto, sahido da classe nobre, é geralmente instruido e liberal, garantindo-lhe predominio nacional o espirito feminino profundamente religioso.

Como acontece, porém, em todas as democracias sul-americanas, um sopro ardente de liberdade e racionalismo agita o espirito dos homens, e sacode os grilhões de Roma.

Os presbyterianos contam em Santiago duas animadas egrejas, sob o pastorado de ministros nacionaes, um bem frequentado e bem dirigido collegio, *El Instituto Ingles*, fundado em 1877, que conta uns 80 a 100 internos, outros tantos meio-pensionistas e uns 50 ou 60 externos. Desde 1887, tal estabelecimento sustenta-se a si proprio.

Os methodistas mantem egualmente um bom trabalho na cidade, já de propaganda, já de educação. Em 1913 uniram-se elles com os presbyterianos em um seminario commum, e fundiram os seus respectivos orgams *El Heraldito Evangelico* e *El Cristiano* em um jornal semanal commum — *El Heraldito Cristiano*. Tambem entraram em um amigavel accordo quanto á divisão do territorio. Todos esses movimentos, porém, indicam apenas a boa vontade dos missionarios: a egreja nacional a elles assiste, naturalmente edificada.

A preparação séria de um ministerio nacional e de *leaders* nacionaes é ali ainda um problema a resolver, apesar do bem dirigido collegio presbyteriano *El Instituto Ingles* e do Seminario commum — *Union Theological School*.

Como em Valparaiso, há na cidade uma Egreja-União (*Union-Church*), mantida pelo elemento evangelico estrangeiro ahi residente, em cujo amplo recinto celebrou o Congresso suas sessões.

Existem ahi ainda a Egreja Anglicana e a Egreja Lutherana.

As forças protestantes em actividade no Chile, em sua ordem historica, são: presbyterianos, methodistas, anglicanos, Alliança Christã, baptistas, Exercito da Salvação, Sociedades Biblicas Americana e Inglesa e a Associação Christã de Moços.

Missionarios e clerigos existem 34, missionaria, 1, esposas de missionarios, 34; professores missionarios estrangeiros, 54; internatos, 9; *escuelas populares*, 12; pastores nacionaes, 51; auxiliares nativos, não ordenados, 78; egrejas (inglezas e hespanholas), 53; capellas e centros de prégação, 125; commungantes — inglezes, 550, hespanhoes, 5.700.

O elemento nacional revelou-se piedoso, intelligente e dedicado.

O paiz está aberto á causa evangelica.

Homens de importancia social reconhecem a necessidade de ser ella diffundida, e um missionario presbyteriano, o Rev. Maclean, occupa uma cadeira na Universidade.

Uma tal ou qual falta de coordenação na propaganda, e a barreira social subsistente entre os *rotos*, aquecidos pelo sangue araucano, e os aristocratas, banhados pelo sangue azul de Castella, teem retardado o passo ao Evangelho, na sociedade chilena.

Um dia, porém, a democracia da livre America abrirá largas sendas triumphaes ás verdades fundamentaes do Christianismo, e a luz serena de um novo dia virá illuminar as numerosas estatuas patrioticas de suas bellas praças, que proclamam os fastos gloriosos de sua historia.

## Do Chile á Argentina

Já no poente morrera o ultimo clarão do dia, e a orgulhosa capital do Chile se adereçava com as luzes scintillantes de uma esplendida illumina-

ção. Grande multidão de viajantes invadia azafamada o trans-andino, que, em quarenta e oito horas, os devia conduzir a Buenos Aires. Entre elles nos aboletámos e alguns delegados, que dos companheiros tomámos a dianteira.

Soou afinal o signal da partida, e começámos a subir o declive das encostas occidentaes da grande cordilheira. Breve os haustos fortes da possante machina denunciavam mais áspera ascensão. Contorneando difficuldades, vencendo rampas, transpondo gargantas, fomos, pouco a pouco, attingindo as alturas solitarias, onde reina a morte e o silencio.

Alçados finalmente ao dorso immano, onde paira altivo o vôo do condor, vimos, a curta distancia, acima de nossas cabeças, a neve eterna, que corôa as arestas da Cordilheira. De lá escorriam numerosos filetes, que iam alimentar correntes pobres e turvas, as quaes, precípites, buscavam, em seus leitos profundos, longinquas planicies.

Em certo logar dessas alturas desertas, reflectia um pequeno lago, no espelho tremulo de suas aguas, o azul do céu vizinho, e os pincaros nevados, que d'elle em torno se erguiam.

Ao approximar-nos da linha divisoria, mergulhámo-nos nas trevas do grande tunel, em que correm os limites do Chile com a Argentina. Em cima, onde se tocam os dois territorios, no silencio da solidão, ergue-se uma estatua colossal de Christo; segurando com uma mão a cruz e com a outra alçada, olha para o Norte, constituindo-se o penhor sagrado de um pacto eterno de paz entre as duas democracias limitrophes. No pedestal da bronzea estatua, lê-se:

«A pó reduzir-se-ão estas montanhas, antes que violem chilenos e argentinos a paz jurada aos pés de Christo o Redemptor».



Oxalá do Norte venha a mensagem de paz, que consolide a paz entre as democracias americanas.

Da banda do nascente, como do poente, o aspecto tragico do terreno denuncia, por toda a parte, as pavorosas convulsões geologicas do mundo primitivo, ao emergirem, rasgando a crosta, as formações plutonicas, cujo immenso acervo constitue a altiva cordilheira.

O conjuncto cyclopico dessas montanhas desnudas vae-se inclinando e abaixando até morrer nas pampas argentinas.

Nosso comboio, em carreira vertigonosa, serpenteia por largos desfiladeiros escalavrados, boqueirões rochosos, taludes ameaçadores, córtes arrojados, estreitos valles, onde, á beira de escassa corrente, esboça vegetação rachitica pallido sorriso de vida.

Em rochas tombadas á borda da estrada, lia-se, de espaço a espaço, o texto biblico, que ahi escrevera mão piedosa em alvas letras garrafaes: «La sangre de Jesucristo nos limpia de todo pecado».

Nessas regiões de uma desolação pathetica, vívida imagem de nosso mundo moral, o texto grava-se na mente como um consolo supremo no supremo sentimento de nossa miseria.

Cahira a noite, quando cortavamos rapidos as numerosas ruas illuminadas da cidade de Mendonza, que, ao sopé dos Andes, olha para as planuras infindas, batidas pelo pampeiro.

Ahi, após algum repouso, tomámos um trem gigantesco e confortavel, que, transpondo célere a extensa faixa de ubertoso terreno de alluvião, inexgottavel thesouro da Argentina, nos conduziu em uma noite e um dia á famosa capital portenha.

Na electrica travessia, como em um kaleidoscopio phantastico, estancias succediam a estancias, quaes ilhas em um mar de verduras; ricas

pastagens a flavas searas; o gado vaccum, repou-  
sado e nedio, ao cavallar anafado e altivo; o re-  
banho numeroso de gordos e lanudos carneiros  
ao bando pensativo de mansos abestruzes. Nuvens  
de aves aquaticas de vivas e variegadas côres con-  
fundiam-se, ao longe, com os nenu'fares, que ma-  
tizavam as frequentes lagoas.

Afinal, no negror de uma noite tempestuosa,  
surge, banhada de luz scintillante, a rainha da  
America Latina, e na sumptuosa estação de Bue-  
nos Aires desembarcámos.

A população da Argentina é computada em  
7.500.000 habitantes, se bem que a estatistica de  
1895 lhe dê apenas 4.044.911.

A sua bella capital é considerada a mais po-  
pulosa cidade da America Latina, apesar de, em  
1899, ser a sua população calculada apenas em  
795.323.

De alguns annos a esta parte, tendo cessado  
os «pronunciamientos» revolucionarios, atirou-se  
essa filha «primogenita das democracias sul-ame-  
ricanas, á estrada franca de um admiravel pro-  
gresso.

No seu rapido crescer, ha grandes esperan-  
ças, porém tambem graves perigos.

O multiplicar das riquezas fomenta ardentes  
ambições e irrita o prurido do prazer, que suf-  
foca os nobres instinctos da humanidade, e o  
Romanismo, religião do Estado, não tem, para  
a onda, que cresce, paradeiro moral. Lá, como no  
Brasil, nos grandes centros, alastra-se a prosti-  
tuição, desenvolve-se a criminalidade, despresti-  
giam-se os tribunaes, campeia a impunidade, le-  
vanta o collo a anarchia, e avassala as intelli-  
gencias a impiedade e o pessimismo.

O futuro torna-se pejado de negras ameaças.  
Em mares tão incertos e tenebrosos, brilha, como  
unica esperança da Argentina e da America do  
Sul, a Estrella de Bethleem.

Uma reacção poderosa no seio da população ibero-americana de nosso continente, determinando o resurgimento de um Christianismo puro, é o unico meio de se conjurarem os graves perigos do futuro.

Mas esse movimento de reacção só poderá ser provocado e dirigido pelas forças evangelicas, que infelizmente não teem ainda na Argentina, como em toda a America do Sul, consciencia de sua missão e de sua responsabilidade. E' de esperar que o appello de Panamá desperte essa consciencia e inaugure uma éra nova e mais fecunda na evangelização de nosso grande continente.

Data de 1867 a propaganda evangelica em lingua hespanhola na Republica Argentina, pela Egreja Methodista. Desde 1820, entretanto, colonos protestantes inglezes, allemães e suissos tinham ali estabelecido o culto evangelico.

Porém a ambição do lucro e os casamentos mixtos teem quasi annullado o testemunho dessa colonia. Todavia a egreja presbyteriana escoceza mostra uma certa vida expansiva, e o Dr. Flaming, pastor de uma poderosa egreja em Buenos Aires, em cujo sumptuoso templo se celebrou o Congresso, mostra vivo interesse e empenha fructiferos esforços no desenvolvimento da propaganda. Egualmente o bispo anglicano dóe-se ahi da apathia religiosa da Egreja Episcopal.

Domina o campo a Egreja Methodista, que em Buenos Aires começou a propaganda em... 1867; conta actualmente uns 4.400 commungantes. Veem depois os baptistas com uns 800 commungantes, 8 missionarios e 7 pastores nativos; o Exercito da Salvação com 35 missionarios; a Egreja Christã e as Sociedades Biblicas.

Além dos Adventistas do Septimo Dia, 14 sociedades trabalham em desenvolver ahi o Reino de Deus. Existem uns 6.500 commungantes como resultado deste trabalho.

Entre as forças evangelicas devemos contar a colonia Valdense, cujos pastores, presentes ao Congresso, mostraram-se espiritos activos e entusiastas.

Um contraste impressiona no trabalho evangelico na Argentina: são os poderosos elementos em actividade em confronto com o parco resultado obtido.

Existe, em Buenos Aires, uma escola evangelica gratuita, dirigida pelo Dr. Morris, cuja frequencia sobe a 5.000 alumnos e a mais. Na literatura é grande a vantagem da propaganda argentina sobre a do Brasil. Grande numero de brilhantes pennas nacionaes tem versado, em livros e obras de fôlego, os variados assumptos e problemas da propaganda evangelica. Numerosas obras importantes estão traduzidas em castelhano. O jornalismo reflecte os poderosos recursos moraes e materiaes, que dão impulso ao movimento literario. O movimento espiritual, porém, não tem correspondido a este prospecto animador. Algum vicio profundo deve de existir aqui nos methodos de trabalho, que convem indagar.

Abriu-se no dia 26 de março o Congresso, no vasto salão de uma sociedade italiana.

Uma bem adestrada banda de musica do Exercito da Salvação realçou o cantico dos hymnos.

Os oradores officiaes, o Dr. E. Monteverde, o Rev. F. Barroetaveña e o escriptor destas linhas foram recebidos com entusiastica salva de palmas, apresentados successivamente pelo Dr. Halsey, illustre presidente do Congresso.

A sala estava repleta e o auditorio respeitoso. As outras sessões foram celebradas no vasto salão annexo ao espaçoso e rico templo da Igreja Presbyteriana escoceza.

Logo na primeira sessão levantou-se o Rev. Juan C. Varetto, distincto ministro baptista, e reclamou, calmo e energico, a apresentação de um

discurso seu sobre a Igreja Romana. Ergueu-se forte opposição, porém triumphou a liberdade de expressão, como havia triumphado em Panamá.

Com voz clara e vibrante, criticou o sympathico orador a mudança de nome de *Congresso Missionario para Congresso da Obra Christã*. Com leal franqueza verberou a indulgencia no modo de encarar o Romanismo, indulgencia que o orador attribuia a causas varias e perigosas, e defendeu, com elevada e calorosa eloquencia, a *controversia* como *meio* necessario de propaganda.

Animada e fraternal, correu a discussão sobre os varios relatorios apresentados.

Ao tractar-se da educação ministerial, tornou-se evidente que a orientação missionaria da Argentina era a mesma que a do Chile: ligeira instrucção theologica sem um ensino sério e regular de preparatorios.

O magno problema de um ministerio nacional idoneo encerra todo o futuro da propaganda. O brado missionario — «adelante, adelante!» — sem se cogitar de organizar e consolidar a parte já conquistada, é a grande ameaça das missões na America Latina.

Já se fazia sentir essa ameaça. Alguem disse no Congresso que — «para ter gente para a igreja, é preciso ter igreja para a gente».

Sobre o trabalho entre os indios do Paraguay foram interessantes as informações dadas.

A Associação Christã de Moços, sob a sábia direcção do dedicado secretario o Sr. Shuman, conta para cima de mil socios, e entre estes intellectualidade evangelica de primeira ordem.

Ao despedir-nos do Congresso, antecipando a nossa partida, asseguramos-lhes que traziamos para o Brasil, com os sentimentos de um amor mais intenso, a impressão forte do espirito másculo dos queridos irmãos argentinos, revelado na voz sonora e vibrante, que por dias nos encantara os

ouvidos, e edificara o coração. Na patria guardariamos saudosa lembrança do espirito obsequioso e amavel de tão bondosos irmãos.

## Da Argentina ao Brasil

Pela tarde desferrou o «Frisia» do caes portenho, e pela manhã do dia seguinte, surdiamos deante da graciosa capital do Uruguay.

Horas depois, empegavamo-nos de novo no Atlantico, não mais, porém, como marinheiro de primeira viagem.

Abria-se-nos, em mar de rosas, a liquida estrada; o vento mareiro affagava-nos suavemente o rosto.

Era viva a hilaridade a bordo e expansiva a alegria.

Breve, envolto em gaze vaporosa, delineia-se, na penumbra do horizonte, o vago perfil das terras saudosas da patria, e, a pouco e pouco, foi emergindo das ondas, guapa e altaneira, a serra do Mar.

Finalmente, á pequena distancia, ergue-se á nossa vista a formosa Paranapiacaba, coberta de espessas mattas, antigo miradouro dos selvicolas, anteparo secular do planalto de Piratininga.

Na renovada e prospera cidade de Braz Cubas, nos detivemos um dia.

Após quatro mezes de um constante rodar por terra e por mar, foi-nos dado fechar o cyclo de peregrinações, entrando na abrigada bahia do Rio de Janeiro. E ao contemplar sua encantadora belleza, sentiamos que em muito sobrepujava ella a magia de todos os panoramas, que a nossos olhos revelara a parte percorrida do continente.

O arrojado e phantastico de suas montanhas, o viço e exuberancia de suas mattas, as rochas cyclicas, esparsas na terra e no mar,

as ilhotas graciosas, semeadas pelo vasto golfo, as aguas tranquillias espelhando um céu profundo e uma vegetação de um verde-negro carregado e luxuriante, tudo isso fórma um conjunto incomparavel, onde a natureza se ostenta com toda a pompa e galas de seu noivado, e a mão do 'Creador com a glória majestosa de sua munificencia.

Entrámos.

De pé lançava o Corcovado sobre nós as bençams da pátria, ao estrondo festivo da fortaleza de Santa Cruz, antecipado pelo fumo lucido de suas peças.

Ao atracarmos, os repórteres agrupavam-se a bordo em torno dos passageiros e nas proximidades do caes apinhava-se a multidão. Grande era a azáfama e o borbórinho: amistosas despedidas, abraços e protestos cortezes de amizade, solicitações curiosas dos representantes da imprensa, o movimento afanoso dos carregadores, o encontro ruidoso de saudosos amigos, constituíam uma scena de indescriptivel vivacidade, que intensificava o goso de quem curtiu, por largos mezes, a saudade dos seus.

O Rio de Janeiro ia encerrar a serie dos congressos regionaes da America Latina. Convinha-lhe fechar com chave de ouro tão auspicioso movimento.

No dia 12 de abril, celebrou-se a sessão inaugural no vasto templo presbyteriano da antiga Travessa da Barreira. Presidida pelo eloquente bispo da Igreja Episcopal do Rio Grande do Sul, o Rev. L. L. Kinsolving, coube ao Sr. C. J. Ewald, sympatico e dedicado secretario geral da America do Sul, da Associação Christã de Moços, e a nós expormos ao auditorio, que enchia o amplo recinto, as impressões e lições do Congresso da Obra Christã de Panamá.

Salientámos então a sua importancia como um movimento de união e confraternização, estu-

do e cooperação, na grandiosa obra da evangelização da America Latina. Na historia fragmentada das denominações protestantes, marcará Panamá uma época nova de amor, de intelligencia mutua, e solidaria convergencia de esforços do Protestantismo evangelico mundial.

Pacificos e vivos, correram os debates sobre os diversos assumptos desenvolvidos nos relatorios impressos.

Foi logo consignado nas actas um voto de profundo pezar pela guerra européa, que continuava a cobrir de luto, de confusão e de sangue paizes christãos, levando a miseria a todos os membros da familia humana. Neste voto de sympathia e solidariedade na dôr, ia uma supplica pela paz e concordia da familia humana.

Em seguida foi proposto ao Congresso um documento que definia a attitude do Protestantismo em face do Romanismo.

Era justo que, em uma movimentação das forças protestantes, na America Latina, definissemos com clareza a nossa attitude deante da Igreja Romana, occupadora do campo, declarando lealmente os nossos nobres intuitos. Era uma succinta declaração de principios, que procurava remover do espirito latino qualquer suspeita sobre os intentos e methodos do Protestantismo.

Em Panamá, como no Rio de Janeiro, recebeu esse documento plena approvação dos elementos radicaes, e apenas soffreu, lá como aqui, uma certa opposição, como inopportuno e precipitado, por parte de certos elementos moderados, que receavam o amargo espirito de controversia.

Duas correntes oppostas se vão discriminando na propaganda do Evangelho na America Latina, que obedecem, parece, ao influxo das duas raças. Uma latina, viva, impulsiva, veheamente, ironica, mordaz, que zurze o adversario



com o látego implacavel de uma linguagem acrimoniosa e rude; a outra fria, tolerante, inoffensiva, timida, infensa á polemica, que se filia, pela indole, ao saxonismo individualista e pacato.

O documento apresentado procurava traçar a linha média entre os dois extremos: levava para o erro a vivacidade intolerante latina; e para os erroristas a brandura tolerante saxonica. E' esta a orientação, que obedece á indole do Christianismo, e que poderá fazer com que a propaganda protestante na America Latina, fugindo de Scylla, não succumba em Carybdes.

«Em todas as nossas discussões com a Egreja Romana, pondera sensatamente *The Christian Advocate*, não devemos perder de vista a discriminação entre Roma como um systema, uma organização politico-religiosa, manipulada por astutos cardeaes e bispos, e a Egreja Catholica como uma reunião de pessoas, muitas das quaes são puramente religiosas e sinceras e todas (pe-lo menos grande numero) practicamente innocentes da chicana, da politica, e, ás vezes, até victimas de perseguição por parte dos *leaders* da Egreja.»

Taes ponderações do organ methodista recommendam-se ao sentimento de justiça e caridade e ao bom-senso universal.

Teve o Congresso o grande prazer de ouvir, em uma das suas sessões, a palavra auctorizada de sympathica saudação do Dr. José Carlos Rodrigues, ex-redactor e ex-proprietario do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

O eminente brasileiro, que por largos annos tem exercido profunda e benefica influencia nos circulos intellectuaes e politicos do nosso paiz, manifestou-se ardoroso crente na palavra de Deus, e recommendou, com a força que lhe dava a propria experiencia, a divulgação da Biblia e de seus passos admiraveis. Contou-nos o vivo

interesse que de toda a parte acolhia seus artigos sobre a vida e a morte de nosso Senhor Jesus Christo, e revelou-nos que, em nossa sociedade, muitos homens intellectuaes e sinceramente religiosos, mais do que podiamos suppor, liam a Biblia com reverencia. Deu-nos ainda a grata noticia de que elle tinha entre mãos um estudo largo sobre a Biblia e seus livros, que breve publicaria.

Figurou o Brasil em Panamá com 500 egrejas organizadas, 284 templos, 185 ministros nacionaes, 47.000 membros commungantes, 289 missionarios, sendo 92 ministros ordenados. Trabalham no Brasil 12 sociedades missionarias estrangeiras.

Votadas as conclusões e recommendações, encerrou-se o Congresso regional do Rio de Janeiro.

Despedindo-se da delegação norte-americana de Panamá, presidida pelo venerando e amavel Dr. Holsey, um dos delegados brasileiros, em nome de seus patricios, exprimindo a sua profunda gratidão pelo esforço desinteressado de seus irmãos do Norte, esperava que a «união e cooperação», nota sympathica e fecunda do movimento de Panamá, tivessem plena realização na propaganda no Brasil.

Eis ahi o Protestantismo em acção. No campo de actividade melhor lhe podemos surprehender a indole.

Transportado pelos Puritanos para o Novo-Mundo em 1620 e 1630, ahi medrou, e, em trez seculos, modelou o povo admiravel, que ao nome de Washington, que salvou a independencia da America, reuniu o de Wilson, que salvou a independencia do mundo.

Cinzelou elle o character viril da jovem nação saxonica. Livre dos entraves europeus, o genio do Protestantismo, em rapido surto, transformou os humildes fugitivos da intolerancia fra-

tricida do velho continente em uma potencia de primeira grandeza na escala das nações mundiaes.

O espirito que domina a sua organização re-religiosa, é, segundo Tockville, o baluarte de suas instituições democraticas, a fonte de sua grandeza, prestigio e força.

O espirito practico da raça tem desenvolvido espantosa energia nas empresas missionarias, nas obras de beneficencia, sociabilidade, educação e bem-estar da humanidade,

Ha, como se viu em Panamá, uma sincera e entusiastica consagração á divina pessoa de Jesus Christo e um ardente desejo de servir aos nobres ideaes da caridade christã.

Se a religião, porém, agiu sobre a raça, sublimando-a, reage a raça sobre a religião, tolhendo, por vezes, o vôo idealista do genio christão.

Embora fortalecido e sanctificado, o individualismo ethnico tende a ultrapassar os marcos sagrados, sob o impulso auctoritario e empirico, que não raro trava as rodas do carro missionario.

Sublime em sua força, admiravel em sua influencia espiritual, na regeneração de individuos e sociedades, o Protestantismo retemperar-se-ia, entretanto, no idealismo latino da America do Sul.



# O ROMANISMO

---



## O ROMANISMO

---

Estudemos o Romanismo mais de perto.

E' elle, como já mostrámos, uma mistura, á larga, de principios, practicas e superstições pagãs com as doutrinas e ritos do Christianismo. Alterou completamente a massa do catholicismo occidental o fermento pagão.

Não passa, pois, o Romanismo de um Christianismo corrompido por elementos corrosivos e pompas sensuaes do gentilismo.

Vimo-lo emergir, a pouco é pouco, das multidões pagãs, que, desde o seculo de Constantino, vieram, na pia baptismal, sellar um pacto nefando entre a Egreja e o Mundo.

Ao tractarmos do syncretismo catholico romano, teremos oportunidade de especificar os accrescimos romanistas ao credo christão, aliaz já assignalados no rapido esboço das causas determinantes da Reforma.

Em Roma é que se firmou o pacto, em Roma é que se forjou o neo-paganismo, que traria encerrada a Egreja no longo captiveiro da nova Babylonia, até que, no sec. XVI, volvesse á liberdade.

Foi o Papado o auctor desse crime historico; ao Papado, pois, volvamos agora especial attenção.

Passemos primeiro em revista os seus *titulos*, examinando-os á luz do *Novo Testamento*, dos *padres apostolicos* e *post-apostolicos*; pesquisemos em seguida suas *origens*; rastree-mos suas pégadas, e assignalemos a sua *evolução*, até a infallibilidade proclamada pelo concilio do Vaticano. Encerraremos esta parte denunciando o credo incongruente, fructo singular do hybridio connubio da Egreja com o Paganismo.

## O Papado e o primado de S. Pedro

### Trez textos e uma cadeia

Vigario (1) de Christo é o titulo de que se ufana o papa, avocando, entre os homens, o prestigio e a auctoridade do eterno Filho de Deus.

«O papa é Jesus Christo na terra» — affirma-o eminente prelado catholico, Monsenhor de Ségur. «E' Deus na terra», declarou-nos um padre em discussão publica.

O Papado é, portanto, no sentir da ortho-doxia catholica, a theocracia de um procurador inamovivel» da Divindade; a monarchia absoluta universal do vice-Deus romano; a dictadura incontrastavel do *rector orbis*, que estende seu dominio não só sobre os corpos, senão tambem sobre as almas dos homens. Para castigar estas e punir aquelles, coruscam em suas mãos infalliveis dois gladios ameaçadores — o gladio espirital e o temporal. Declara-o Bonifacio VIII.

Cingindo em sua fronte inerrante a triplice corôa da realza papal no Céu, na terra e no inferno, descreve o mesmo papa, nos seguintes

---

(1) *Vicarius*, o que faz as vezes de outro, substituto. (S. Saraiva).



termos, a sublimidade de sua dictatura theocratica: «Tão grande é a dignidade do papa e tão excellente, que elle não é mero homem, porém um como Deus e o vigario de Deus (*non simplex homo, sed quasi Deus et Dei vicarius*). Só o papa chama-se sanctissimo.... O papa é de tão alta dignidade e poder, que elle constitue com Christo um<sup>1</sup> e o mesmo tribunal (*faciat unum et idem tribunal cum Christo*), de sorte que tudo quanto o papa faz parece proceder da bocca de Deus (*ab ore Dei*) ..... O papa é como Deus na terra (*papa est quasi Deus in terra*) (1).

Por mais incriveis que se nos afigurem o arrojo dessas pretensões, ellas se acham todavia em pleno vigor. Confirmadas pelo Concilio do Vaticano que, em 1870, decretou a infallibilidade papal, estão ellas ainda abrigadas pelo 23.º artigo do *Syllabus*, que fere de anathema quem disser terem papas exorbitado. (2)

Ellas, entretanto, implicam a abdicação de Christo, a alienação de suas divinas prerogativas, a negação de seu Pontificado pessoal, a rejeição de sua mediação directa, a incrível annullação de sua Pessoa no seio da christandade.

Monstruoso crime de lesa-majestade divina serão essas inauditas pretensões, se, em apoio dellas, não forem apresentados documentos auctorizados, formaes, irrecusaveis.

Onde estão esses documentos? Qual a origem e o divino fundamento da theocracia papal?

Os documentos auctorizados affirmam elles estarem nas paginas inspiradas do Novo Testamento; a origem e o fundamento dizem encontrarem-se no *primado official* de S. Pedro.

---

(1) *Romanism and the Reformation*, by H. G. Guinness, F. R. G. S., pag. 25.

(2) *Romani Pontifices et Concilia Oecumenica a limitibus suae potestatis recesserunt, jura principum usurparunt, atque etiam in rebus fidei et morum definiendis errarunt.* Quem isto affirmar, seja anathema! (*Syllabus*, 23).

Christo — ensinam os defensores do Papado — nomeou S. Pedro chefe dos Apostolos, primaz de seus collegas, superior hierarchico da ordem clerical, papa da christandade. S. Pedro, morrendo, transmittiu estas suas altas prerogativas aos bispos de Roma.

Mas, onde estão em o Novo Testamento os titulos dessa *nomeação e dessa transmissão hereditaria*.

A importancia do Papado e o arrojo de suas pretensões reclamam titulos claros, incontestaveis, tanto de *nomeação*, como de *transmissão* original.

Onde estão elles?

O P.<sup>e</sup> Bergier, em seu *Diction. Theol.*, tom. III, pag. 579, cita trez passos do Novo Testamento, como a base do direito divino e original do Papado.

O Rev.<sup>mo</sup> Snr. Conego Ezechias Galvão da Fontoura, em suas *Liç. de Dir. Ecc.*, vol. I, pag. 118, apresenta os mesmos logares, como a fonte sagrada da hierarchia suprema do bispo de Roma.

Ei-los em seguida os trez *titulos divinos* da criação do Papado:

1.<sup>o</sup> — S. MATHEUS XVI., 18-19:

«*Tambem eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.*

«*E eu te darei as chaves do Reino dos Céos. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos Céos: e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado tambem nos Céos.*»

2.<sup>o</sup> — S. LUCAS XII., 31-32:

«*Disse mais o Senhor: Simão, Simão, eis-ahi vos pediu Satanaz com instancia, para*

*vos joeirar como trigo: mas eu roguei por ti, para que tua fé não falte: e tu enfim depois de convertido, conforta a teus irmãos.»*

3.º — S. JOÃO XXI., 15.-17:

*«Tendo elles pois jantado, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, tu amas-me mais de que estes? Elle lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.»*

Trez vezes lhe dirige o Senhor a pergunta e trez vezes lhe ordena de apascentar os *cordeiros* e as *ovelhas* do seu rebanho.

Por mais que rebuscassem, não encontraram os imaginosos theologos ultramontanos outra origem divina do Papado, senão esses trez passos celebres do Novo Testamento.

Deixando para mais tarde o exame da *divina* instituição do pontificado romano, aplainemos hoje o caminho com algumas considerações preliminares.

1.<sup>a</sup> Antes de mais nada, convem observar que não contestam os protestantes o primado moral de S. Pedro, mas o primado de jurisdicção ou supremacia official.

Sendo o apostolo mais antigo e de um temperamento arrojado, era elle no collegio apostolico o *primus inter pares*.

Em todas as assembléas, ha homens que exercem sobre os outros certa preeminencia moral, já pelos seus talentos, já pela sua idade ou posição social. Os *leaders* das camaras deliberativas, os deputados, que se impõem pelo seu character e influencia, exercem espontaneamente um certo *primado moral*, sem que isto lhes dê direito a um primado jurisdiccional, a uma supremacia hierarchica sobre seus collegas. Ha, pois, um abysmo entre o primado moral ou de honra

e o primado de jurisdição ou supremacia hierarchica.

Não negamos o primado moral de Pedro, mais tarde offuscado pela primazia de Paulo; porém é claro como a luz do dia, para os que lêem o Novo Testamento, que Pedro não exerceu nenhuma auctoridade jurisdiccional sobre seus collegas.

2.<sup>a</sup> Das trez passagens acima citadas, a primeira, a de S. Matheus, é realmente a unica importante. As de S. Lucas e S. João são apenas subsidiarias; são meros reforços á interpretação ultramontana do — *Tu és Pedro*.

A' propria imaginação vivissima do cardeal Bellarmino não teria occorrido arvorar em titulo de nomeação ao Papado uma simples recommendação feita a Pedro, em Lucas, de *confortar a seus irmãos*, e, em João, de *apascentar as ovelhas e os cordeiros* de Christo.

O eminente arcebispo de S. Luiz, Kenrick, no seio do proprio concilio do Vaticano, mostrou que nenhum apoio têm o Papado nesses dois passos. Em Lucas, explica elle, Christo annuncia apenas a *quêda* de S. Pedro, que naquella noite o negaria trez vezes, como aliaz é evidente do v. 34; promette orar por elle para que não lhe *falte* DE TODO a sua fé, como faltou a Judas cahindo no desespero, e recommenda-lhe que *conforte* a seus irmãos com a experiencia da graça, que o ergueria em virtude da valiosa intercessão d'elle, Christo.

Em João, a triplice recommendação de *apascentar as ovelhas e os cordeiros* do rebanho, corresponde á triplice negação, foi apenas a restauração solenne de Pedro ao apostolado, de que decahira. O illustre arcebispo firma a sua interpretação, que é a nossa, nas seguintes palavras

de S. Agostinho: «A triplice confissão corresponde á triplice negação.» (1)

Consequentemente, os dois textos subsidia-  
rios de Lucas e João não offerecem nenhum sub-  
sidio real á criação e transmissão do Papado.

Os titulos divinos, as credenciaes do Papa-  
do, perante a consciencia de catholicos esclare-  
cidos, só se acham afinal na famosa passagem  
de S. Matheus XVI. 18,-19. Nella, pois, con-  
centraremos este nosso estudo.

De facto, o *Tu es Petrus et super hanc pe-  
tram* é o grande texto do papismo, a clava vi-  
brada a cada momento contra as mil cabeças  
dos que impugnam a auctoridade do papa.

Esse texto é, em ultima analyse, a unica fonte  
primitiva donde dimana o poder papal. Estan-  
cada ella, o Papado torna-se na historia o leito  
secco de um rio cavado pela alluvião turva da  
ambição, do orgulho, da ignorancia, da apathia  
religiosa e do fanatismo. Ora, *à priori*, antes  
de discutirmos o assumpto, é probabilissimo  
que um poder tão elevado, tão intimamente li-  
gado á existencia da Egreja, tenha, entretanto,  
por fundamento isolado uma declaração *unica*  
de J. Christo! Isto já nos faz perceber a fia-  
queza original dos defensores do pontificado ro-  
mano.

3.<sup>a</sup> Mais: essa declaração *unica*, esse inci-  
dente isolado da vida de Christo, é apenas narra-  
do por S. Matheus. Dos quatro evangelistas,  
só elle se lembrou de registrá-lo.

Esses quatro biographos sagrados de J.  
Christo referem, em geral, os factos importantes  
da vida do Mestre. Entretanto,—coisa admiravel—o  
grande facto da instituição do Papado só é referido  
por um dos historiadores sagrados! Os outros es-

---

(1) *An inside view of the Vatican Council*, pags.  
115, 116.

queceram-se de mencionar a nomeação do Vigário de Christo, do representante infallível de Deus, do soberano Senhor da christandade e do mundo!

Fatal *esquecimento* para a interpretação romana do texto de S. Matheus!

Porém, este silencio dos trez evangelistas é sobremodo aggravado pelo silencio de todo o N. Testamento sobre tão relevante assumpto.

O texto de S. Matheus, unica credencial apresentada pelo Papado no Livro de Deus, acha-se em cerrado bloqueio de silencio altamente significativo.

Hão de convir em que é intuitivamente contestavel um titulo de tão fundamental importancia que, em ultima analyse, só tem em seu favor uma *unica* declaração de Christo, registrada por um *unico* evangelista e bloqueada pelo silencio universal das Escripturas Sagradas.

4.<sup>a</sup> Mais afflictiva se torna a situação dos doutores papaes em referencia a esse *insulado* texto, quando consideramos seu caracter altamente *figurado* ou *tropologico*.

O illustre jesuita J. Perrone, em seu compendio de theologia, declara que o supremo poder de Vigário de Christo na Igreja visível foi dado a Pedro — *sub gemina fundamenti et clavium metaphora*, isto é, *sob a dupla metaphora de fundamento e de chaves*.

Ora, é principio comezinho de hermeneutica e do bom-senso que textos figurados, linguagem metaphorica, expressões tropologicas, susceptiveis de interpretações varias, não podem servir de titulos válidos de nomeação para cargo nenhum, muito menos para o cargo de um tremendo dominio universal.

Em resumo, uma passagem *unica, isolada, metaphorica* do Novo Testamento é a credencial divina que o Papado apresenta á consciencia

christã da humanidade, como o fundamento original de seus direitos!

Esta circumstancia faz-nos presentir a suprema fraqueza de suas grandiosas pretensões, e suspeitar da validade do titulo.

5.<sup>a</sup> Finalmente, embora titulo tão duvidoso fosse acceito, ainda necessario seria provar trez coisas para que elle pudesse aproveitar ás actuaes pretensões do Papado: seria necessario provar *a)* que, sendo Pedro a *pedra* e o dono das *chaves*, era, por isso, chefe dos Apostolos; *b)* que na cidade de Roma, e não em Jerusalem ou Antiochia, estabeleceu elle a séde de seu governo; *c)* que aos bispos de Roma instituiu elle seus herdeiros.

Quatro são, de facto, os elos da corrente que deve prender a metaphorica barca de S. Pedro ao cáes de uma instituição divina. São elles os seguintes:

- 1.<sup>o</sup> Pedro é a pedra fundamental de que tracta o texto de S. Matheus, XVI 13-19, e o senhor exclusivo das chaves do Reino dos Céos.
- 2.<sup>o</sup> Pedro foi o superior hierarchico dos Apostolos.
- 3.<sup>o</sup> Pedro estabeleceu em Roma a séde de seu Episcopado e a cathedra de sua soberania universal.
- 4.<sup>o</sup> Pedro instituiu os bispos de Roma seus herdeiros.

Um só desses elos falhos exporá a celebre barca, sem leme, aos vagalhões inclementes da critica historica. Encerram os dois primeiros elos a grande herança de S. Pedro, que dizem contida no famoso texto de S. Matheus, e os dois outros as condições indispensaveis de sua transmissão aos pretensos herdeiros. Examinemos nos elos successivos o metal da corrente.

# O Papado e a primazia de S. Pedro

## O primeiro elo

### XI.

“E veio Jesus para as partes de Cesaréa de Felippe: e fez a seus discipulos asta pergunta, dizendo: Quem dizem os homens que é o Filho do Homem? E elles responderam: Uns dizem que João Baptista, outros que Elias, e outros que Jeremias, ou alguns dos Prophetas. — Disse-lhes Jesus: E vós quem dizeis que sou eu? Respondendo Simão Pedro, disse: *Tu és o Christo, Filho do Deus vivo.* — E respondendo Jesus lhe disse: Bemaventurado és Simão filho de João: porque não foi a carne e sangue quem t’o revelou, mas sim meu pae que está nos Céos. Tambem eu te digo que tú és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. — E eu te darei as chaves do Reino dos Céos. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos Céos, e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado tambem nos Céos”.

Matheus XXI. 13-19.

Encaremos esse celebre texto de S. Matheus.

E’ elle, em ultima analyse, o unico texto inspirado em que o Papado procura seu ponto de apoio na Palavra de Deus. É pelo menos a cidadella central, o baluarte mais importante, a trincheira proclamada inexpugnável das usurpações papaes.

Toda a difficuldade, se difficuldade póde haver na comprehensão deste texto, consiste na interpretação das duas metaphoras, mencionadas pelo jesuita Perrone — *pedra* e *chaves*. Quem é a *pedra*? e que são as *chaves*?

Elucidemos successivamente as duas metaphoras.

Ao terminar seu celebre discurso da Montanha, falla-nos Christo de duas casas: uma «edificada sobre rocha» (*supra petram*), e a ou-



tra sobre areia. Aquella resiste á chuva, aos rios trasbordados, aos ventos rijos; esta é arrastada ao desencadear destes elementos (S. Math. VII, 24-27).

A Igreja que «Christo, Filho de Deus vivo», ia edificar, é chamada na Escripura «Casa de Deus vivo, columna e firmamento da verdade» (1 Tim. III. 15). A «pedra», pois, do texto é a rocha ampla e firme sobre que assenta a «Casa de Deus», que deve, através dos seculos, resistir aos vendavaes destruidores, que no pó precipitam todos os artefactos humanos.

A pedra da Igreja representa, portanto, metaphoricamente aquelle poder incontrastavel que, em todo o tempo, tem sido o seu sustentaculo.

Esse poder é a *pessoa divina* de *Christo*, confessada por Pedro; declara, porém, Roma que é a *humana pessoa de Pedro*, rediviva nos seus successores.

Vejamo-lo.

De caminho com os Apostolos, interpella-os Jesus: «Quem dizeis vós que sou eu?» «Tu és o Christo, Filho do Deus vivo» — responde Pedro, tomando a dianteira a seus collegas e confessando a divindade e o character messianico do Filho do homem. — Bemaventurado és, Simão Barjona, porque foi meu Pae quem te revelou este grande mysterio, objecto constante das visões dos Prophetas. Eu tambem confesso o teu nome: tu és Pedro, e sobre esta rocha (Math. VII. 24), que acabaste de assignalar na confissão que meu Pae pôz em teus labios, e de que tens a honra de ser um fragmento (*petrus*), edificarei a minha Igreja, que, assim firmada, prevalecerá contra todas as potencias destruidoras da morte (*hades*).

A confissão de Pedro, reconhecendo Jesus como o divino Messias dos Prophetas, o Christo de Deus, é incontestavelmente a «pedra» fundamental sobre que se apoia a fé e a esperanza de todos os filhos de Deus, cuja totalidade constitue

a Igreja. A verdade dessa exegese resalta nitida *a)* do confronto dos textos parallelos, *b)* da tropologia prophetica e *c)* das leis da grammatica e da linguagem.

1. Confrontemos os textos sobre a «pedra»; porém antes notemos o facto providencial de que é exactamente S. Pedro o encarregado de tirar toda a duvida sobre o uso metaphorico dessa palavra. Elle o faz em um discurso perante o Synhedrio e em sua primeira epistola.

Dois annos seriam apenas passados depois de proferidas as palavras, que têm sido o cavallo de Tróia do Papado. Pouco havia, occorram em Jerusalem as scenas da Paixão, em que Christo fôra rejeitado e crucificado pela nação judaica. Pedro prégava nas praças da cidade deicida. E' preso, e, perante as altas dignidades, declara, fallando de Christo:

«Esta é a *pedra*, reprovada por vós, architectos, que foi posta pela primeira fundamental do angulo, e não ha salvação em nenhum outro, porque do céu abaixo nenhum outro nome foi dado aos homens pelo qual nós devamos ser salvos.» (Acts. IV. 11-12).

Temos nesta declaração a interpretação autorizada, de que a pedra rejeitada, pelos architectos judaicos foi, entretanto, lançada por Deus como pedra do angulo, que sustenta todo o peso do novo edificio.

Cita o Apostolo o Salmo CXVII. 22,23, que diz: «A pedra que desprezaram os edificadores, esta foi posta por cabeça do angulo. Pelo Senhor foi feito isto, e é coisa admiravel nos nossos olhos.»

Não se satisfaz S. Pedro em citar a propheta messianica do Salmista, mas, referindo-se ao propheta Isaias, escreve em sua 1.<sup>a</sup> Epistola, cap. II. v. 4-6: «Chegae-vos para elle (Christo), como

para a *pedra* viva, que os homens tinham, sim, rejeitado, mas que Deus escolheu e honrou. Também sobre ella vós mesmos, como pedras vivas, sêde edificados em casa espiritual em sacerdocio sancto, para offerecer sacrificios espirituaes que sejam acceitos a Deus por Jesus Christo. Por cuja causa se acha na Escripura (Isaias XXVIII. 16: «Eis ahi ponho eu em Sião a principal *pedra* do angulo, escolhida, preciosa; e o que crê nella não será confundido. Ella é, pois, honra para vós que credes; mas para os incredulos, a *pedra* que os edificadores rejeitaram, esta foi posta por cabeça do angulo (Isaias VIII, 14-15.))

Não podia ser o Apostolo mais explicito em justificar a interpretação protestante do famoso texto de S. Matheus, e arredar a interpretação papista.

Antes de Pedro, já o Senhor tinha citado e applicado a si essa figura messianica, em que se compraziam os videntes do V. T.: «Nunca lêstes, pergunta o Senhor aos doutores judaicos, nunca lêstes nas Escripturas: a *pedra* que foi rejeitada pelos que edificavam, essa foi posta por cabeça do angulo? Pelo Senhor foi feito isto e é coisa maravilhosa nos nossos olhos.» (S. Matheus XXI. 42).

Traz ainda S. Paulo valioso subsidio á interpretação dessa «pedra mysteriosa» das visões propheticas. Fallando da «pedra» do deserto, que jorrava agua ao ser ferida pela vara de Moysés, escreve este Apostolo aos corinthios: «Todos beberam de uma mesma bebida espiritual (porque todos bebiam da *pedra* mysteriosa, que os seguia; e *esta pedra* era Christo» (1 Cor. X. 4).

Deante destas citações, como podiam deixar de estar presentes ao espirito do Senhor Jesus essas prophecias, quando declarou aos Apostolos — «sobre esta pedra edificarei a minha Egreja»?

São ellas evidentemente a chave interpretativa da solenne declaração de Christo, e, só na ignorancia da idade-média, e perante quem não abre a Biblia, póde a Egreja de Roma pretender que S. Pedro seja a «pedra»!

Se necessario fôra corroborar ainda a interpretação que os evangelicos dão á *pedra da Egreja*, poderíamos adduzir o que escreve S. Paulo aos corinthios e aos ephesios.

«Segundo a graça de Deus, que me foi dada, lancei o fundamento como sabio architecto.... veja cada um como edifica sobre elle. Porque ninguem póde pôr outro *fundamento*, senão o que foi posto, que é Jesus Christo.» (1. Cor. III. 10-11).

E aos ephesios escreve:

«Vós sois (os fieis).... edificados sobre o fundamento dos Apostolos e dos Prophetas, sendo o mesmo Jesus Christo a principal *pedra angular*.» (Ephes. II. 19-22).

E não se refuja á clareza destes textos, dizendo-se que Christo é a *pedra primaria* e Pedro a *secundaria*; pois, neste caso, os outros Apostolos e os Prophetas são chamados englobadamente «fundamento», são do mesmo modo *pedras secundarias*, e, assim sendo, lá se vae o primado de S. Pedro, e, com elle, as pretensões papaes!

O confronto dos textos parallellos derrama, pois, vivissima luz sobre o famoso texto, e varre, por completo, toda a duvida que possa incutir a auctoridade de uma tradição forjada nas trevas de tempos de barbaria, onde apenas lampejava, a espaços, a luz furtiva da verdade divina!

2. Os passos do V. T., que acabamos de citar, em abono da interpretação seguida pelos protestantes, teem valor literario, que não é de

somenos importancia no estudo do assumpto, que nos occupa.

O aspecto da natureza e a historia do povo forneciam á tropologia hebraica imagens predilectas de especial belleza.

As rochas altaneiras, que ouriçavam os cimos do Horeb e os pincaros do Sinai, affrontando impassiveis com os furacões do deserto; as fragosas penedias, inabalaveis contrafortes das montanhas, de cujo seio manavam frias aguas crystallinas; os empinados penhascos, que emergiam de medams de areia, projectando fresca sombra sobre o cansado beduino, nos ardores do verão, despertavam a imaginação poetica dos cantores d' Israel, suggerindo-lhes expressivas metáphoras da eterna firmeza, do infinito poder, fidelidade e doçura de Jehovah. Opulenta-se a literatura hebraica com bellos trópos, que resaltam da formação plutonica do terreno, e pena é que nem sempre o nosso P.<sup>e</sup> Antonio Pereira de Figueiredo tenha conservado as formosas imagens do original. Além das já mencionadas, é commum encontrarem-se figuradas expressões como estas: «O Senhor é o meu *rochedo*; e o meu esforço é o meu Salvador!» «Que Deus ha senão o Senhor? e que *rocha* senão o nosso Deus?»

Taes figuras, porém, applicam-se uniformemente a Deus e a suas obras poderosas, e nenhum judeu, conhecedor de sua literatura, se lembraria de applicar a expressão «pedra» ou «rocha» das palavras de Christo a um homem, embora fosse elle apostolo ou propheta.

Viria isto corroborar, se preciso fosse, a applicação que dessa expressão consagrada da poesia hebraica, fazem Christo, S. Pedro e S. Paulo.

3. Longe de rebellar-se a syntaxe contra essa interpretação directamente patrocinada pelo proprio S. Pedro, tem ella a seu favor a propria

crítica grammatical e as leis fundamentaes da linguagem, como organo do pensamento.

Sobre a grammatica, basta apenas dizer que em — «Tu és Pedro e sobre esta pedra eu edificarei a minha Egraja» — *esta*, demonstrativo da primeira pessoa, vae melhor com Christo, que fallava, do que com Pedro, com quem elle fallava. Ora, a 1.<sup>a</sup> pess. grammatical é, no texto, logicamente identica com a 3.<sup>a</sup>, isto é, com a coisa de que se fallava, que não podia deixar de ser a confissão de Pedro — «Christo, Filho de Deus vivo». Assim, independentemente do «gesto no espaço elucidativo do pensamento», de que nos falla Bréal, inherente á indole dramatica da palavra, o adjectivo pronominal *esta* melhor se accomoda com Christo do que com Pedro.

Quanto ás leis da linguagem, observaremos apenas que a differença generica significativa existente entre *petros* e *petra* mostra que Christo, estabelece um contraste entre esses dois termos. «Tu és *Pedro* e sobre esta *pedra*» — não encerra um mero trocadilho ou jogo de palavras, mas um recurso poderoso de linguagem, para indicar com emphase ou salientar pelo contraste o *fundamento* da *Egreja*. *Petros* é masculino, e significa um fragmento de rocha, uma pedra de pequenas dimensões; *petra* é feminino, e significa uma pedra de maiores dimensões, uma rocha. (1)

A interpretação papal, fazendo de *Pedro* a *pedra*, identificando *petros* com *petra*, amesquinha a linguagem elevada de Christo, reduzindo-a a mero trocadilho, destrõe a belleza e a energia do

---

(1) — Sobre o valor significativo dos termos *gregos-petros* e *petra*, dado no texto, temos a opinião abalisada do seguinte lexacon :

*Petros* a stone, piece of stone, fragment of a rock.

*Petra* a rock, large stone; a mass of stone. *A Greek and English Dictionary, by the Rev. John Groves.*

contraste entre os dois termos, e despreza, sem motivo logico, a differença de genero e de significação, que existe entre as duas palavras originaes.

Respeitando a connexão logica e o valor grammatical dos termos, a elevação da lingua-gem e a grandeza do pensamento, bem como a tropologia prophetica e as declarações peremptorias de S. Pedro, S. Paulo e do proprio Christo, affirma a Igreja Evangelica, com a maioria dos «sanctos padres», que não a pessoa de Pedro, mas a pessoa theanthropica de Christo, exalçada na «confissão de fé», que nos labios do Apostolo imprimira o Espirito do Senhor, «o Christo, Filho de Deus vivo», é a *pedra*, a rocha, o amplo fundamento indefectivel da Igreja.

A distincção que se costuma fazer entre a «confissão de Pedro» e a «pessoa de Christo», no texto estudado, é meramente grammatical e não tem valor logico. A dualidade verbal funde-se forçosamente numa unidade real.

Considerar, como fazem muitos doutores antigos e certos commentadores protestantes, a *fé* de S. Pedro, typo da fé do povo de Deus, como a *pedra da Igreja*, é differir apenas na apparencia da interpretação acima; pois o mesmo é dizer *Christo* e a *fé em Christo*. E' evidente que as duas expressões interpretativas são dois aspectos de uma verdade fundamental: um, o aspecto *objectivo*, o outro, o aspecto *subjectivo*.

A verdade *objectiva*—«Christo, Filho de Deus vivo», Deus e homem verdadeiro, Salvador do mundo pelo sacrificio de sua cruz, *subjectivamente* appropriada pela fé sincera de cada membro da familia de Deus, é o que constitue a Igreja, e lhe dá a eterna firmeza de «uma casa construída sobre a rocha» (S. Matth. VII. 24.), contra a qual não prevalecerão as «portas ou poder de *hades*», região dos mortos. A morte, que tudo aniquila, Satanaz, o genio do mal, jamais pode-

rão eliminá-la da face da terra. A Igreja não é infallível, mas é imperecível.

Launoy, Du Pin, Calmet, auctores catholicos romanos, encontram entre os doutores antigos quatro classes de interpretação sobre *pedra*; todas, porém, em ultima analyse, reduzem-se a duas — a *pessoa de Christo* e a *pessoa de Pedro*: a interpretação protestante ou a interpretação romana.

Reconhece o P.<sup>e</sup> Antonio Pereira de Figueiredo, em nota que insere ao capitulo XVI, verso 18, de S. Mattheus, que a interpretação seguida pela Igreja Evangelica é a do grande S. Agostinho e de muitissimos outros doutores antigos. Eis as suas palavras, que veem no fim do Ev. de S. Mattheus, na edição de Lisboa:

«Santo Agostinho no Tratado CXIV sobre S. João entende por *esta pedra* não a Pedro, mas a Christo, em quanto confessado Deus por Pedro, como se Christo dissera: Tu és Pedro, denominado assim da pedra, que confessaste, que sou eu, sobre a qual edificarei eu a minha Igreja: *Ecclesia fundata est super petram, unde Petrus nomen accepit... Ideo quippe ait Dominus: super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam; quia dixerat Petrus: Tu es Christus Filius Dei vivi. Super hanc ergo, inquit, petram, quam confessus es, ædificabo Ecclesiam meam.*

Pelas mesmas palavras de Santo Agostinho expoz o nosso Santo Isidoro de Sevilha este lugar no Liv. VII das Origens, Cap. IX. E he uma interpretação communissima dos outros Padres, quer anteriores, quer posteriores a Santo Agostinho. Veja-se o meu *Appendice da Tentativa Theologica*, pag. 240 e segg.»

De alta relevancia é esta confissão leal do P.<sup>e</sup> Antonio Pereira de Figueiredo, abalisado traductor da Vulgata, que mostra o fundamento de



areia em que assenta o artefacto colossal do Papado.

Indaguemos agora o sentido da expressão — *chaves do Reino do Céu*.

«E eu te darei, accrescenta o Senhor a Pedro, as chaves do Reino dos Céos. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos Céos; e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado tambem nos Céos.»

Ora, não é mysterio para ninguém, que toda a chave serve para abrir e fechar. «As chaves do Reino dos Céos» servem naturalmente para abrir e fechar o Reino dos Céos.

Que é o Reino dos Céos, no texto? E', todos concordam, a Igreja, que ia ser edificada sobre a rocha dos seculos. A Igreja de Jesus Christo é chamada por S. Paulo: «*Casa* de Deus vivo, columna e firmamento da verdade» (1 Tim. III. 15); é tambem comparada com uma *cidade*, a cidade de Deus, do grande Rei, a Nova Jerusalem (Gal. IV. 26, Apoc. XXI. 9).

As cidades antigas, cercadas de muros, tinham, como as casas, portas que se fechavam de noite e se abriam de dia.

Esse uso das chaves de abrir e fechar é significativamente expresso no texto, por *ligar* e *desligar* ou *desatar*.

As chaves, que abrem e fecham a Casa de Deus, ligam os homens á Igreja, ou della os desligam, são as leis do Evangelho, as condições da salvação acceitas ou rejeitadas por elles. A proclamação do Evangelho, dos termos propostos para a salvação eterna dos peccadores, foi primeiro confiada a S. Pedro.

Tendo sido elle o primeiro a proclamar esse Evangelho na pessoa de «Christo, Filho de Deus vivo», perante seus condiscipulos, teria a honra ainda de primeiro proclamá-lo perante os judeus e depois perante os gentios. E assim succedeu.

Na festa de Pentecoste, celebrada cincoenta dias após a morte de Christo, foi Pedro o primeiro a prégar o Evangelho aos judeus, abrindo, com a chave da Palavra de Deus, as portas do Reino dos Céos a trez mil judeus, que se converteram (Acto II, 14-41), e, mais tarde, foi elle ainda o primeiro a annunciar aos gentios, reunidos na casa de Cornelio, centurião romano, em Cesaréa, «a paz por meio de Jesus Christo, Senhor de todos», segundo a «palavra enviada por Deus aos filhos d'Israel» (Acto X.), ligando então á Egreja, pelo baptismo, a primeira leva de gentios convertidos.

Nisto apenas consistiu o privilegio de São Pedro no uso das *chaves*, porque mais tarde foi esse uso formalmente concedido aos outros Apostolos no capitulo dezoito, nos seguintes termos: «Em verdade vos digo (a todos os discipulos, vid. v. 1) que tudo o que vós ligardes sobre a terra será ligado tambem nos Céos; e tudo o que desatardes sobre a terra será tambem desatado nos Céos» (S. Matth., XVIII. 18).

E' evidente, deante deste texto, que as chaves não foram dadas a Pedro, como propriedade exclusiva ou prerogativa especial, pois os outros Apostolos receberam o poder das chaves nos mesmos termos. Se, pois, a elles foi dado o mesmo poder de ligar e desligar, de abrir e fechar as portas do Reino dos Céos, é intuitivo que Pedro só teve a precedencia chronologica sobre seus collegas, e egualmente intuitivo é que essa não podia elle legar a seus pretensos herdeiros. Logo ruem por terra as altas pretenções do Papado, baseadas na absurda primazia jurisdiccional das chaves.

Desnecessario parece documentarmos a interpretação que acima démos, de que na mente de Christo a metáphora das chaves indicava a auctoridade de exporem os Apostolos as condições de entrada na Egreja e de exclusão della, e,

de accordo com ellas, receber ou excluir os homens.

Comtudo, essa documentação temo-la no seguinte passo: «Ai de vós, doutores da lei, exclama Jesus, que depois de terdes arrogado a chave da sciencia, nem vós entrastes, nem deixastes entrar os que vinham para entrar» (Luc. XI. 52).

Em S. Mattheus assim se exprime o Salvador: «Ai de vós, escribas e phariseus hypocritas, que fechaes o Reino dos Céos deante dos homens, pois nem vós entraes, nem aos que entrariam deixaes entrar» (S. Matth. XXIII. 14).

Do confronto destes textos com as palavras dictas a Pedro, conclue-se o que já expuzemos, isto é, que a chave é a «sciencia» do plano de Deus, e que o seu uso é a proclamação desse plano aos peccadores, recolhendo-se no gremio da Igreja os crentes e penitentes, e excluindo pela palavra ou pela disciplina os incredulos e impenitentes.

Existia na auctoridade das chaves, dada aos Apostolos, de necessidade, não só um poder *declarativo*, mas tambem um poder *legislativo*; pois o plano da salvação concretizado no Evangelho, os termos ou condições do perdão, que havia trazido á terra «o Christo, Filho de Deus», deviam destacar-se das instituições mosaicas, despojar-se dos ritos judaicos, despir-se das roupagens leviticás, para revelar-se em toda a sua plenitude e belleza no Christianismo. Os Apostolos receberam nas chaves auctoridade para ligar e desligar na Lei de Moysés.

Mostra Ligthfoot, auctoridade acatadissima na literatura biblica, que entre os rabbinos «ligar e desligar» era synonymo de «prohibir e permittir».

Competia a esses doutores judaicos decidir, pela «chave da sciencia», que se arrogavam, como disse o Divino Mestre, o que era *licito* e o que era *illicito*, segundo a Lei de Moysés. Ju-

risperitos na legislação theocratica da velha dispensação, traziam elles uma *chave* como symbolo de sua auctoridade professional de ligar e desligar, atar ou desatar no Livro da Lei.

Nas palavras, que estudamos, confere o Senhor a seus Apostolos, nos proprios termos da jurisprudencia de seu tempo, o poder legislativo de estabelecer a Lei da liberdade sobre os escombros da escravidão legalista do judaismo, sendo para isso inspirados. Nos Actos dos Apostolos e nas Epistolas exemplificam elles abundantemente o duplo symbolismo das chaves — abrir ás intelligencias os thesouros da Graça, e ás almas as portas do Reino dos Céos.

Pelo poder *legislativo* completaram e firmaram o credo christão, o culto e a disciplina, segregando-se do judaismo, e pelo poder *declarativo* fundaram e firmaram a Egreja, sobre o «unico fundamento que foi posto (2 Cor. III. 11), «Jesus Christo, Filho do Deus vivo».

Com os Apostolos completou-se e desapareceu o poder legislativo. Ao escrever o ultimo capitulo do Novo Testamento, registra o Discipulo Amado o seguinte aviso: «Eu protesto a todos os que ouvem as palavras da prophecia deste livro: que se algum lhe ajunctar alguma cousa, Deus o castigará, com as pragas que estão escriptas neste livro. E se algum tirar qualquer cousa das palavras do livro desta prophecia, tirará Deus a sua parte do livro da vida, e da cidade sancta, e das cousas que estão escriptas neste livro» (Apoc. XXII. 18, 19).

O Novo Testamento é sufficiente, a Palavra de Deus é completa.

Mortos os Apostolos, cumpria á Egreja, na pessoa de seus ministros e de todos os seus membros, empunhar «as chaves do Reino dos Céos», e, no exercicio do poder *declarativo*, «prégar o Evangelho a toda a creatura, para que todo o que

crer, e fôr baptizado, seja salvo, e o que, porém, não crer seja condemnado» (S. Marc. XVI., 15, 16. Vid. S. Matth. XXVIII. 19, 20).

Declara o concilio de Trento (Sessão IV), que o poder das chaves, de ligar e desligar, prometido a S. Pedro (e, aliaz, aos outros Apostolos (S. Matth. XXIII, 18), foi conferido por Christo no Evangelho de S. João XX, 22, 23, na noite mesma do dia de sua resurreição. Jesus apparece inesperadamente no meio dos Apostolos e outros discipulos, e assoprando sobre elles, diz: «Recebei o Espirito Sancto. Aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-ão perdoados; e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-ão elles retidos». Em sua Sessão XIV, declara o concilio tridentino que nestas palavras temos especificado o *poder das chaves*. «... para que, diz o Concilio, pelo poder das chaves (*pro protestate clavium*) pronunciem sentença de perdão, ou retenção dos peccados (cap. V)»... «as chaves dos sacerdotes lhes foram concedidas não somente para desatar, mas tambem para ligar» (Conc. de Trento, Tom. I, Sess. XIV, cap. V, e VIII).

A prerogativa das chaves já não é, segundo o Concilio, privativa de S. Pedro, mas de todos os bispos e padres. Portanto, o bispo de Roma, pseudo-herdeiro de S. Pedro, não póde, fundado no donativo das «chaves», invocar a seu favor prerogativa especial de dominio sobre os outros bispos, nem sobre a Igreja Catholica.

Generalizando, como é de justiça, o poder das chaves, tira-lhe, entretanto, o Concilio o character *declarativo*, e imprime-lhe um character *sacerdotal*. Feito isto, ergue o *confessionario*, e arma cada representante do absolutismo papal do poder judicial, de absolver ou condemnar por uma sentença sacramental, de decidir, por um poder intrinseco ao officio de *sacerdote*, da sorte eterna dos homens!

A tão pavorosa interpretação do texto de S. João oppõe o Protestantismo fundamentados em-bargos.

1. Em primeiro lugar, não traz esse texto uma referencia directa ás «chaves», pois estas, como vimos, dizem respeito a *doutrinas* (*o que ligares*), e em S. João a *peessoas* (*aos que perdoardes*). Não é, pois, segura a relação estabelecida pelo Concilio; porém que o fosse, não havia razão para tirar ao uso das chaves o caracter meramente *declarativo* de perdão, de que já tractámos e que adeante mostraremos.

2. Do confronto de S. Luc. XXIV. 33 e S. João XX. 19, vê-se que estavam reunidos não só os onze Apostolos, nessa primeira noite da resurreição, mas os outros discipulos, e que o poder de *perdoar* e *reter* foi por Christo conferido a todos. E' um poder que pertence á Igreja, a seus ministros especialmente; e a todos os membros em geral. Não póde, portanto, haver ahi a instituição de um tribunal judicial, nem a criação de uma casta sacerdotal.

3. Tractando S. João (XX. 19-22) e São Lucas (XXIV. 33-49) claramente do mesmo acontecimento, é evidente que S. Lucas deve explicar a S. João e não S. João a S. Lucas, pela razão sufficiente de ser S. Lucas mais simples, explicito e claro. Ora, S. Lucas assim explana o pensamento do Senhor, expresso no supracitado texto de S. João: «Então lhes abriu (Jesus) o entendimento para alcançarem o sentido das Escripturas, e disse-lhes: Assim é que estava escripto, e assim é que importava que o Christo padecesse, e que resurgisse dos mortos ao terceiro dia, e que em seu nome se prégasse penitencia (arrependimento) e remissão de peccados em todas as nações, começando por Jerusalem (S. Luc. XXIV. 45-57).

Exprime S. Lucas com clareza o pensamento do Senhor, e elucida as expressões de S. João. O *perdoar e reter os peccados*, segundo João, é, segundo S. Lucas, o mesmo que *prégar o ar-rependimento e a remissão de peccados em nome de Christo*. E', como se vê, não o poder *legislativo*, mas o poder *declarativo* das chaves.

A linguagem de João obedece ao genio das linguas antigas: é *synthetica*, attribue ao mensageiro a efficacia da mensagem; a de Lucas é *analytica*, distingue a mensagem do mensageiro, e attribue o perdão dos peccados á acceitação, pela fé, da prégação da remissão delles em nome de Christo, Filho do Deus vivo».

O *synthetismo* de S. João é, como se sabe, o caracter distinctivo entre as linguas classicas e as linguas modernas. Estas são o resultado de uma evolução *analytica*, que accusa o esforço constante do espirito humano em exprimir, com mais discriminação e clareza, o pensamento. A linguagem de Lucas manifestamente obedece a este esforço, e por isso deve ser explanatoria da de João, que revela, na ousadia de sua expressão, o genio da lingua hebraica. De facto, encontramos no V. T., de que é o hebreu a lingua original, expressões identicas ás de S. João, que, justificando as considerações que acabamos de adduzir, veem, por sua vez, projectar luz sobre o texto, em que Roma tem baseado o seu tribunal de penitencia. Em Jeremias II. 9,10 encontramos igual espécimen da ousada *synthese* do Discipulo Amado. «Eis-ahi te puz, diz o Senhor a Jeremias, na tua bocca as minhas palavras. Eis-ahi te constitui eu hoje sobre as gentes, sobre os reinos, para arrancares e destruires, e para arruinares e dissipares, e para edificares e plantares.»

Aqui, como em S. João, confunde-se o mensageiro com a mensagem, e attribue-se áquelle o que pertence a esta. Quem arranca e destroe», planta e edifica reinos, não é, por certo,

a pessoa do propheta, mas a palavra de Deus de que era elle portador auctorizado. Assim tambem quem «perdoa e retém peccados» não são os Apostolos e os outros discipulos do Senhor, mas a palavra do Evangelho de Christo, de que eram elles prégadores. E' o que S. Lucas explica, como mostrámos acima.

O poder de perdoar e reter peccados, conferido aos Apostolos, e á Egreja em geral, não é, portanto, um poder sacerdotal, porém ministerial e declarativo; não é elle inherente ao prégador, mas á prégação; não cria um tribunal exterior de penitencia, mas ergue-o no fôro intimo da consciencia. «Ce qui sauve une âme, ce n'est pas l'homme qui porte la Parole, c'est la Parole que l'homme porte.» Este bello conceito de D'Aubigné exprime a grande e preciosa verdade de que aquillo que salva uma alma não é o homem que préga a Palavra, mas a Palavra que o homem préga.

E' este o ensino de todo o N. T., que Christo concretizou no grande mandato, já contido nas memoraveis palavras proferidas na noite do primeiro dia da resurreição supracitada. «Ide, disse Elle, ide por todo o mundo, prégae o Evangelho a toda a creatura. O que crer e fôr baptizado será salvo; o que porém não crer, será condemnado» (S. Marcos XVI. 15-16).

«Que faremos, perguntam trez mil pessoas convertidas, quando pela primeira vez abriu S. Pedro as portas do Reino dos Céos na festa de Pentecostes, em Jerusalem. — «Arrependei-vos, responde-lhes o Apostolo, exemplificando o poder das chaves, em obediencia ao grande mandato, arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Christo, para remissão de vossos peccados» (Acto II. 38).

«A doação das chaves, escreve Edgar, mencionada por S. Mattheus, e adduzida como pro-



va da supremacia (papal) por Baronio, Bellarmino, Binius e os seus partidarios, offerece um outro tópicó de opinião diversificada entre os amigos do Romanismo. Este argumento, se tal nome merece, fórma um dos mais miseraveis sophismas, que affrontaram as paginas da controversia.

As chaves, que conferem o poder de ligar e desligar, de perdoar e reter peccados, foram dadas, conforme os antigos e muitos modernos, aos Apostolos e a todos os christãos, que pertencem á communitade ecclesiastica. Tem sido isto demonstrado, fóra de toda a duvida, pelos mais ardentes amigos do Papado, taes como Du Pin, Calmet, Maldonat e Alexandre. A prova da doação das chaves a todo o collegio apostolico e a toda a communitade christã, foram colligidas por Du Pin e Maldonat. Os da Sorbona e os jesuitas declaram a unanimidade dos antigos sobre esta opinião (*Antiqui, unanimi consensu, tradunt, claves istas, in persona Petri, toti ecclesiae datas, Du Pin 308.*) Du Pin, para exemplo, cita os sanctos Cypriano, Jeronymo, Ambrosio, Agostinho, Leão, Fulgencio, e os sanctos padres Tertulliano, Optatus, Gaudencio, Theophylato, Eucharío, Beda, Raban, Hinemar e Odo.

Maldonat especifica, em favor da mesma interpretação, os nomes de Chrysostomo, Ambrosio, Origenes e Theophylacto... O systema, portanto, ora repellido pela eschola italiana do Romanismo, foi patrocínado por toda a sanctidade desde Cypriano até Fulgencio e Chrysostomo» (V. of. Popery, Samuel Edgar, D. D., p. 168, 169).

As «chaves», como a «pedra», não conteem, como mostrámos, nenhum apoio ao supposto primado de S. Pedro. S. João, elucidado por S. Lucas e Jeremias (II. 9, 10), e por todo o ensino do N. T., não offerece nenhum endosso ao tribunal de penitencia, nem a prerogativas exclusivas de S. Pedro.

E' falho, completamente falho o primeiro elo da cadeia papal. O texto unico, isolado, metaphorico de S. Matth. XVI. 13-19, não offerece sombra sequer de abono ás altas pretensões do Papado. E' elle o objecto de uma mystificação forjada na conspiração medieval do patriarchado latino, e que tem petrificado o bom-senso dos que renunciam toda a actividade intellectual na esphera religiosa.

## O Papado e o primado de S. Pedro

### O segundo elo

---

—  
Tiago, e Cephas (Pedro), e João, que pareciam ser as columnas, conheceram a graça que se me havia dado.

S. Paulo.

Desfaçamos agora o segundo elo da cadeia papal: provemos que S. Pedro não foi o chefe dos Apostolos.

Parece ocioso discutirmos este ponto, pois já se acha elle prejudicado pela discussão do primeiro. De facto, provado que Pedro não é a pedra fundamental da Egreja, fica destruido o ponto de apoio de seu primado de jurisdicção.

«Sendo constituido o fundamento da Egreja, recebeu (Pedro) o primado de jurisdicção,» affirma o Snr. Con. E. G. da Fontoura, em suas Lições de Direito Ecclesiastico. Ora, tendo sido cabalmente demonstrado que Pedro não foi constituido fundamento, por terra se acha sua supremacia official e com ella as pretensões papaes. Mas, como a arvore do Papado tem deitado fundas raizes no solo da ignorancia, superstição, indifferença e apathia religiosa de nossa malaventurada patria, convem excavar o terreno e acom-

panhar pacientemente as bifurcações, que se entranham com terrível tenacidade.

Demais, este segundo ponto nos abre um novo aspecto da grande questão, dando-nos uma nova oportunidade de patentear os fundamentos arenosos do soberbo edificio do Papado.

Vamos, pois, particularmente provar que — *S. Pedro não foi chefe dos Apostolos, porque estes eram eguaes sob a jurisdicção exclusiva de Jesus Christo.*

O papa, dizem, é o successor de S. Pedro como os bispos são successores dos Apostolos; logo os bispos estão para o papa, como os Apostolos para Pedro.

Deante do Novo Testamento, é completamente falsa esta proporção catholica do governo ecclesiastico. Pedro nunca possuiu ou exerceu qualquer supremacia jurisdiccional sobre seus collegas do Apostolado.

Facil é demonstrá-lo.

1. Conta-nos S. Matheus no cap. XVIII. 18 que Christo deu a todos os apostolos o poder, o qual na famosa passagem do cap. XVI. 19 dera a Pedro, isto é, o poder de ligar e desligar: «Em verdade vos digo que tudo o que vós ligardes sobre a terra, será ligado tambem no Céó: e tudo o que vós desatardes na terra será desatado tambem no Céó.»

Ora, o tremendo poder de ligar e desligar é o poder das «chaves do Reino dos Céos» dadas a S. Pedro. Nisto concorda o concilio Tridentino ensinando que a promessa feita a S. Pedro de lhe dar as «chaves» cumpriu-se no cap. XX. 23 de S. João, onde o Senhor deu a seus «discipulos» o poder de perdoar e reter os peccados.

E' intuitivo que, tendo sido dado o poder das chaves aos outros apostolos, nenhum argumento póde ser legitimamente tirado da promessa de Christo em favor da supremacia de S. Pedro.

Qualquer que seja o poder das chaves, elle não pertence exclusivamente a S. Pedro: a mesma auctoridade que o conferiu a Pedro, o conferiu egualmente aos outros Apostolos.

Além disso, já deixámos patente, na interpretação do celebre texto de S. Matheus, que o poder das chaves de atar e desatar, de perdoar e reter, de abrir e fechar o Reino de Deus, não é um poder *adherente* a Pedro e aos mais Apostolos, mas *inherente* ao Evangelho por elles pré-gado e transmittido. A promessa especial de um poder commum feita a Pedro, cumpriu-se em ter sido elle o primeiro a annunciar esse Evangelho aos judeus e aos gentios (Acts. II. 14, Acts. X. 34).

Teve elle, pois, a primazia em abrir com as gloriosas chaves do Reino dos Céos aos que primeiro creram e entraram pelo baptismo.

Seja este ou não o sentido da expressão metaphorica — *chaves*, pouco importa para nossa argumentação: basta-nos o facto incontestavel de que S. Pedro não foi o possuidor exclusivo dellas.

Vê-se, por conseguinte, que nenhuma das expressões figuradas do texto de S. Math. auctORIZA as sacrilegas pretensões dos bispos romanos.

2. Conta-nos ainda o evangelista São Matheus, no cap. XIX. 28, que Christo fez a todos os seus apostolos a seguinte promessa: «Em verdade vos affirmo que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do Homem sentado no Throno de sua Gloria, vós, torno a dizer que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze Thronos, e julgareis as doze Tribus d'Israel.»

Não ha na promessa um throno mais elevado para Pedro: a egualdade dos thronos, symbolos do poder real, indica com clareza a egualdade jurisdiccional dos Apostolos.

A mesma egualdade apparece na visão apocalyptica de S. João: «E o muro da cidade ti-

na doze fundamentos e nelles os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro» Apoc. XX. 14.

Na linguagem do propheta de Patmos, já Paulo tinha proclamado a egualdade absoluta dos Apóstolos, dizendo: «(Vós sois) edificados sobre o fundamento dos Apóstolos e dos Prophetas, sendo o mesmo Jesus Christo a principal pedra angular» Eph. II. 20.

Tal não seria a linguagem da Escripura, se entre Pedro e os outros Apóstolos existisse a mesma distancia que ora existe entre o papa e os bispos.

3. Conta-nos S. Lucas que por duas vezes se levantou a questão de primazia entre os apóstolos, Luc. IX. 46, XXII. 24-30. Esta ultima vez realizou-se na Ceia, na noite em que o Senhor foi preso.

«E excitou-se — diz Lucas — entre elles a questão sobre qual delles se devia reputar o maior. Porém, Jesus lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre elles: e os que teem sobre elles auctoridade chamam-se bemfeitores. Não ha de ser, porém, assim entre vós-outros: mas o que entre vós é o maior faça-se como o mais pequeno: e o que governa, seja como o que serve.»

A questão do *primado* debate-se franca e formalmente entre os Apóstolos na presença de Christo, conforme se vê no trecho supra. Claro é que essa questão não podia debater-se, se Christo, de facto, tivesse já nomeado Pedro *primaz* na declaração prévia registrada no celebre texto de S. Matheus. E', portanto, evidente que os Apóstolos até o dia da prisão de seu Mestre não sabiam ainda do *primado* official de seu collega.

Supponhamos — o que não é provavel — que elles não tivessem comprehendido a *dupla metáphora* da nomeação papal, de que falla Perrone. Neste caso era urgente, e magnifica a op-

portunidade, para o Senhor corrigir o engano, pôr fim ao debate secular, restabelecer, sem figuras, a instituição do Papado e confirmar a nomeação de Pedro como papa, supremo hierarcha da christandade, e chefe dos Apostolos.

Entretanto — coisa admiravel! — nada disso. Ao contrario, o Senhor declara que entre os Apostolos não haverá o dominio hierarchico da sociedade civil, onde o rei impera com poder absoluto. Entre elles só haverá a superioridade moral do mais humilde, e, no exercicio de sua auctoridade apostolica, elles deviam governar a Igreja como se fossem servos, seguindo neste particular as pisadas do Mestre.

Nestas ultimas palavras, o Senhor confirma solennemente o que já lhes havia dicto: — «Mas vós não queiraes ser chamados Mestres, porque um só é o vosso Mestre, Christo, e vós todos sois irmãos. ... E a ninguem chameis pae (papa) vosso sobre a terra, porque um só é o vosso Pae, que está nos Céos» S. Matheus XXIII. 8, 9.

Não podem ser mais contrarias ao pseudo-papado de Pedro, do que são, as palavras e a attitude de Christo, resumidas nos trez pontos acima. A egualdade dos Apostolos sob a suprema jurisdicção exclusiva de Christo ahi se apresenta com inilludivel clareza.

Mas continuemos a folhear o N. Testamento, e passemos dos Evangelhos para os *Actos* e as *Epistolas*.

4. No cap. VIII. 14 dos Actos dos Apostolos se lê: «Os Apostolos, porém, que se achavam em Jerusalém, tendo ouvido que Samaria recebera a palavra de Deus, mandaram-lhes lá a Pedro e a João.»

Com indubitavel certeza, os subalternos não mandam a seu superior. Logo, se os Apostolos mandaram a Pedro prégar o Evangelho em Samaria, depois da morte de Christo, é que con-

tinuavam a ignorar o seu primado delle de jurisdicção. Absurdo seria suppôr os bispos reunidos em Roma e mandando ao papa prégar o Evangelho em qualquer outra cidade da Italia. Esse absurdo eguala ao dos que suppõem ser Pedro chefe ao mesmo tempo que recebe ordens de seus inferiores!

5. No cap. XV dos Actos historia-se a reunião do concilio de Jerusalem, o prototypo dos Synodos, na phrase do Conego E. Galvão da Fontoura. Se Pedro fosse papa, a elle competia convocar o concilio, presidi-lo, sancionar-lhe os decretos e promulgar-lhes os cânones. Os decretos de um concilio, diz-nos o supracitado conego em suas Lições de D. Ecclesiastico, devem ser approvados pela Santa Sé para serem fontes de direito ecclesiastico.

Da leitura do cap. absolutamente não consta que S. Pedro convocasse o concilio, nem que o presidisse, nem que sancionasse individualmente seus decretos, nem que promulgasse os seus canones. (1)

Apenas se diz que — «congregaram-se os Apostolos e os Presbyteros para examinar este ponto, e, *depois* de se fazer sobre elle un grande exame,» Pedro levantou-se e tomou a palavra.

Fallou por ultimo Tiago, que poz fim ao debate, propondo um alvitre, o qual foi acceito pelo concilio (vs. 6, 7, 13, 22).

O decreto do concilio foi promulgado em nome dos «Apostolos e dos Presbyteros irmãos.» (v. 23).

---

(1) — Entretanto, lê-se á pagina 48, vol. I, das Lições do Dir. Eccles. do Snr. Conego Ezechias Galvão da Fontoura: «Pedro, o chefe dos apostolos, convoca seus irmãos no apostolado, reúne um concilio sob sua presidencia, e envia o decreto decisivo á Igreja de Antiochia».

Ora, nada disto se encontra nos Actos dos Apostolos!

Com certeza ou os Apostolos não sabiam o que era o direito ecclesiastico, ou então os modernos fabricantes de direito ecclesiastico dão a Pedro uma função papal, que elle e seus colegas completamente desconheciam.

6. S. Paulo, em dous logares de sua 2.<sup>a</sup> epistola aos Corinthios, é frisantemente explicito contra a supposta supremacia de S. Pedro. «Mas eu cuido — diz elle — que em nada tenho sido inferior aos maiores dentre os Apostolos.» 2 Cor. XI. 5, XII. 11.

Entra pelos olhos que esta asserção absoluta de Paulo é incompativel com a theoria romana, e vibra golpe mortifero na herança papal do primado de S. Pedro.

7. Na epistola aos Gálatas, é o Apostolo dos gentios por ventura ainda mais cruel contra as pretensões papaes.

Explica elle, logo no cap. I, que recebeu seu apostolado «não dos homens, nem de algum homem, mas directamente de Christo e de Deus Pae.»

Trez annos depois veio a Jerusalém para «ver» (1) a Pedro, e ficou com elle quinze dias. (v. 18).

Quatorze annos mais tarde, subiu elle novamente a Jerusalém para consultar com os outros Apostolos sobre questões suscitadas pelos judaizantes (II. 1, 2).

Ouçamol-o.

«Mas quanto áquelles que pareciam ser mais consideraveis, (quaes tenham sido noutro tempo

---

(1) — Com soberano desprezo pelos factos declaram os advogados do papismo, á cata de argumento em abono de seu constituinte, que Paulo viera a Jerusalem receber as ordens de Pedro! Assim uma mera visita de cortezia é arteiramente convertida em um acto de submissão.



nada me toca: Deus não acceita a apparencia do homem), a mim certamente os que pareciam ser alguma cousa, nada me communicaram. Antes pelo contrario, tendo visto que me tinha sido encommendado o Evangelho do prepucio, como tambem a Pedro o da circumcisão: (porque o que obrou em Pedro para o Apostolado da circumcisão, tambem obrou em mim para com as gentes) e como Tiago, e Cephaz (Pedro), e João, que pareciam ser as columnas, conheceram a graça que se me havia dado, deram as dextrás a mim e a Barnabé, em signal de companhia; para que nós fossemos aos gentios e elles á circumcisão (judeus).....

Ora, tendo vindo Cephaz (Pedro) a Antiochia: eu lhe resisti na cara, porque era reprehensivel.» Gal. II. 6-11.

Como podem os doutores do papismo conciliar esta linguagem e attitude de S. Paulo com o papado de S. Pedro?

Declara ahi Paulo que «não recebeu communicação alguma dos que pareciam ser alguma cousa» na igreja de Jerusalém!

O verbo *pareciam* clama duplamente contra o papado de Pedro, não só quanto á sua significação, mas tambem quanto ao seu numero.

Mais: Paulo ahi *coordena* e não *subordina* o seu apostolado ao de Pedro. Ambos tiram a sua auctoridade da mesma fonte e do mesmo modo. Paulo é constituído por Christo apostolo dos gentios e Pedro apostolo dos judeus. Roma, capital do gentilismo, está por ordem divina na circumscripção particular de Paulo; como Jerusalém, capital do judaismo, está na de Pedro.

Os bispos — dizem os theologos da curia — são successores dos Apostolos, como o papa é o successor de S. Pedro. Os bispos recebem seu apostolado ou episcopado do papa: Paulo devera receber o seu de Pedro. Tantó mais que elle fôra

chamado ao apostolado á ultima hora, quando Pedro devera estar na plena posse de seu poder.

Porém Paulo desconhece por completo essa engrenagem ultramontana, e mostra a miragem perigosa dessa fonte phantastica do direito ecclesiastico, chamada o Papado.

Ainda mais: «Tiago, Cephas (Pedro) e João pareciam ser as columnas» da egreja de Jerusalm, declara Paulo.

Ahi se acha de novo o verbo *pareciam* a clamar duplamente contra o primado de Pedro. Se Pedro fosse realmente o Vigario de Christo, a nova encarnação do Verbo Eterno, o Deus na terra, o chefe supremo dos Apostolos, a columna vertebral da egreja, poderia acaso S. Paulo englobar os trez Apostolos e dizer, pondo Tiago na frente — «Tiago, Pedro e João pareciam columnas» da egreja em Jerusalm? Certamente que não.

Finalmente, para coroar sua obra de campeão anti-papal, escreve S. Paulo que reprehendeu publicamente a S. Pedro em Antiochia. Esta reprehensão que S. Paulo se viu obrigado a publicar nas egrejas, não falla com menos eloquencia, do que o verbo *pareciam* duas vezes repetido, contra o imaginario papado de S. Pedro.

8. A toda esta multidão de provas devemos ajunctar a attitude humilde do proprio S. Pedro. Como Paulo e os outros collegas seus, elle ignorava inteiramente possuir a posição e os titulos pomposos que, em seu nome, os papas sacrilegamente assumem. Em suas epistolas não ha o minimo vestigio dessa auctoridade unica a que os pontifices romanos invariavelmente alardeiam em suas bullas e encyclicas.

Entretanto, como os papas, Pedro deveria sentir a alta conveniencia de reforçar suas ordens com os titulos de seu supremo poder. Se Christo lhe tinha, de facto, delegado, a elle ex-

clusivamente, sua divina auctoridade, se elle era o vice-regente de Deus omnīpotente, o supremo hierarcha da christandade, cujo braço invencivel devia manejar contra os espiritos e contra os corpos dos homens a dupla espada do papa Bonifacio VIII, corria-lhe o sagrado dever, sempre tão vivo na consciencia de seus pseudo-successores, de apresentar esses titulos á obediencia dos povos, maxime havendo nos seus collegas do apostolado absoluto esquecimento dessas suas prerogativas.

Porém, nada, realmente nada em suas epistolas que se pareça com um decreto do Vaticano. Em palpavel contraste com os anáthemas e o auctoritarismo vanglorioso das bullas papaes, escreve S. Pedro: «Simão Pedro, servo e Apostolo de Jesus Christo».... «Esta é a rogativa que eu faço aos presbyteros, eu presbytero como elles.»

A humildade de Pedro e o inteiro desconhecimento de suas proprias prerogativas papaes revelam-se ainda eloquentemente na escolha do substituto de Judas Iscariotes. *Actos* I. 25, 26.

Pedro não assume ahi nehuma jurisdicção papal. Apenas lembra elle a conveniencia da escolha. Os «irmãos» propõem dois, e a *sorte* decide. (1)

A attitude humilde de Pedro é a cabal justificação do procedimento de Christo e dos Apostolos, tractando-o em pé de perfeita egualdade official com seus colegas.

Concluindo, diremos com distincto escriptor: — a ausencia do sol ao meio-dia não é mais notavel do que a ausencia da supremacia official de S. Pedro nas paginas do Novo Testamento.

---

(1) — Desrespeitando a verdade historica, affirma ainda o Snr. Con. E. G. da Fontoura: «Depois da ascensão de Jesus Christo, Pedro reúne os Apostolos e dá um successor a Judas!» *Ib.* pag. 119.

## Os titulos ao Apostolado

O Papado, para manter-se como instituição christã perante a consciencia esclarecida da humanidade, necessita provar, pelas Sanctas Escripturas, que S. Pedro possuia o primado universal como uma herança transmissivel, e que elle possue legitimos titulos a essa herança.

Em connexão com os quatro elos da cadeia papal, estabelece o historiador P. Schaff os seguintes pontos, que, para a legitimidade de suas pretensões, devem os papas provar:

1.º — Que a controvertida primazia ou supremacia de Pedro não era um privilegio pessoal, como os de Paulo e João, mas era official, hereditaria e transferivel.

2.º — Que ella fôra transferida por Pedro não ao bispo de Jerusalém ou ao de Antiochia, mas ao bispo de Roma.

3.º — Que Pedro não só esteve em Roma, mas ahi agiu como bispo e designou successor.

4.º — Que os bispos de Roma, como successores, possuiram e exerceram a jurisdicção universal.

Antes de descermos ao terreno dos factos historicos para demonstrarmos *à posteriori* a falsidade dos titulos papaes á herança apostolica, consignaremos aqui algumas considerações *à priori*, para o mesmo effeito.

Demonstrámos a inexistencia dos dois primeiros elos da cadeia papal: nem Pedro foi a «pedra» angular da Igreja, nem possuia exclusivamente as «chaves» do Reino dos Céos», nem sobre os seus collegas exerceu supremacia jurisdiccional. Agora, antes de examinarmos os dois ul-

timos elos, e mostrarmos que elle nem sequer esteve em Roma, nem deixou testamento instituindo herdeiro o bispo desta cidade, abramos breve parenthese para algumas observações sobre os titulos papaes do Apostolado.

Em primeiro logar, os titulos são falsos, porque falsa é a herança.

Demonstrado, como se acha, que phantastico é o legado de S. Pedro, excusado seria examinar os documentos do pretenso legatario.

Em segundo logar, supposta a herança divina, são falsos os titulos, porque são meramente *humanos*.

O Papado se vê obrigado a sahir da esphera da Revelação, para tentar estabelecer seus direitos divinos ao cobiçado thesouro.

Não encontrando um unico versiculo da Palavra de Deus que assegure a transferencia dos imaginados direitos de S. Pedro aos bispos romanos, é elle constrangido a lançar mão do testemunho *fallivel* dos homens, como base *infallivel* de suas tremendas pretensões, e appellar para a *tradição*.

A fallibilidade da *tradição* de ter estado S. Pedro em Roma por vinte e cinco annos, tradição em que a critica sensata não reconhece sequer os fóros de authencidade historica, a fallibilidade dessa tradição é, não obstante, o fundamento unico da infallibilidade do bispo de Roma.

As credenciaes do patriarcha latino são, pois, confessadamente humanas e não divinas.

E' debalde que o Papado, sentindo a humana fragilidade de seus titulos ao primado de Pedro, procura satisfazer aos reclamos da consciencia divinizando essa tradição, elevando sacrilegamente a palavra do homem á categoria de Palavra de Deus.

O estratagema é subtil e profano; é uma calva mystificação com que o Papado procura

sahir-se aiosamente da humilhante contingencia de reclamar com testamento humano uma herança divina.

Decretando, porém, elle proprio a revalidação de seus documentos, é claro que se torna procurador em causa propria, e se arvora em juiz incompetente de direitos, que gratuitamente se arroga.

Uma herança divina tão rica e prodigiosa reclama intuitivamente titulos divinos, que o Papado claramente não possui.

Em terceiro lugar, são falsos, porque, supposta ainda a herança apostolica, os bispos de Roma não possuem os requisitos biblicos para entrarem no goso della.

Para herdarem os papas o *primado*, necessario é que herdem o *apostolado*, e sejam *successores* do apostolo, antes de o serem do primaz.

Os papas, na verdade, reclamam essa função apostolica; porém, para ser alguém apostolo de Jesus Christo, no sentido proprio, tecnico, official do termo, exige manifestamente o Novo Testamento os seguintes requisitos:

1.º — *Ter visto Jesus Christo, ser testemunha ocular do Filho do Homem resuscitado.*

S. Pedro e S. Paulo são os que nos revelam a necessidade deste requisito.

Propondo o substituto de Judas, diz S. Pedro: «Convem, pois, que destes varões, que têm estado junctos em nossa companhia todo o tempo, em que entrou e sahiu o Senhor Jesus... que um dos taes seja testemunha comnosco de sua resurreição.» Actos I. 21.

Provando o seu apostolado, diz S. Paulo: «Não sou eu Apostolo? Não vi eu a nosso Senhor Jesus Christo?» I Cor. IX. 1.

Com toda a certeza o papa não pôde apresentar esta prova essencial de seu pretenso apostolado.

2.<sup>o</sup> — *Ser pessoalmente infallivel no ensino religioso.* 1 Cor. XIV. 37.

Ora, a pretensa infallibilidade papal, ultimamente proclamada (1870), é irrisoria para os que conhecem a historia do Papado.

3.<sup>o</sup> — *Ter o dom de fazer milagres.*

«Entre vós se teem visto os signaes do meu apostolado em todo o genero de tolerancia, nos milagres, e nos prodigios, e nas virtudes.» 2. Cor. XII. 12.

Acaso pôde o papa apresentar estes signaes de seu apostolado?

Querer ser Apostolo sem possuir evidentemente esses trez requisitos essenciaes é querer ser propheta sem o dom da propheta, ou mestre das creanças sem o conhecimento do alphabeto, como reflexiona Hodge.

Quem não pôde o menos, não pôde o mais: quem não tem as *notas* de Apostolo, não pôde possuir as *regalias* de Principe dos Apostolos.

4.<sup>o</sup> — Em quarto lugar, os titulos são falsos, porque aos pretensos legatarios fallece mais uma condição essencial, além das já mencionadas, para entrarem na posse do supposto legado.

De facto, o legado exige que o legatario, além de Apostolo, seja tambem a cabeça da Egreja.

Ora, apesar de reclamar o bispo de Roma para si esta funcção, o Novo Testamento a attribue exclusiva e insistentemente a Jesus Christo.

«Elle (Jesus) é a Cabeça do corpo da Egreja, Elle é o Principio, o Primogenito dentre os mortos: de maneira que elle tem a primazia em to-

das as cousas, porque foi do agrado do Pae que residisse n-Elle toda a plenitude.» Colossenses I. 18. Vede Ephes. I. 22.

Manifesta é, deante destas formaes declarações do Novo Testamento, que o papa não pôde assumir a funcção de Cabeça do corpo mystico da Egreja, sem se apresentar perante a consciencia da christandade como um usurpador blaphesmo ou Anti-Christo.

Não podem, portanto, deixar de ser antecedentemente falsos os titulos a uma herança divina não existente, e que, se existisse nas proporções annunciadas pelos pretendentes, envolveria condições que os dictos pretendentes não poderiam absolutamente satisfazer, deante dos positivos ensinos do Novo Testamento.

Accresce, além disso, a circumstancia importante que os pretensos possuidores desses titulos são pessoas incompetentes, destituídas de inspiração, isto é, de auctorização divina.

O Papado, crêmos havê-lo demonstrado, é uma excrescencia ou superfetação no singelo organismo ecclesiastico da religião christã.

Desnudados os alicerces, o Papado se apresenta a nossos olhos admirados como um edificio de estructura gigantesca, repousado, entretanto, sobre a areia movediça da ignorancia supersticiosa e da indifferença interesseira dos homens.

Ao espirito critico e reflectido, que pesquisa a razão das cousas, ergue-se elle na sociedade moderna, como, no campo de Dura, a estatua colossal de Nabuchodonozor. Fascina pela sua grandeza, e impressiona pela rijeza metallica de seus membros; porém, descansa em pés de barro.

As trez passagens do Novo Testamento citadas pelos corypheus da monarchia theocratica do bispo de Roma absolutamente não fornecem apoio biblico a suas tremendas pretenções. A prin-



cipal dellas, *unica, isolada, metáphorica e em manifesto antagonismo com todo o Novo Testamento* na interpretação romana, entra, quando legitimamente interpretada, na corrente harmonica dos textos inspirados, que proclamam, de uma a outra extremidade do Livro da Divina Revelação, a CHRISTO FILHO DE DEUS VIVO como a *Rocha secular* de nossas mais caras esperanças, o *fundamento* inabalavel da fé imperecivel do povo de Deus, o *Rei dos reis*, o *Senhor dos senhores*, «o *Sancto* e o *Verdadeiro*, que tem a *chave* de David: que abre e ninguem fecha: e que fecha e ninguem abre» (Apoc. III. 7), o *Esposo* e a *Cabeça* de sua Igreja, que tem «todo poder no Céu e na terra», «hontem, hoje e para sempre». (Mat. XXVIII, 18. Heb. XIII, 8.

O Papado é a impossivel abdição do Summo Pontifice da christandade, Jesus Christo, em um Vigario de que não ha sequer sombra de menção nas paginas inspiradas do Novo Testamento, apesar de cingir elle a tiara de triplice corôa, symbolo de sua realza universal.

O Papado, instituição essencialmente humana, é a suprema mystificação do Christianismo, legada aos tempos modernos pela superstição caliginosa dos tempos medievaes.

O Papado é a culminação da apostasia vaticinada com insistencia pelos Apostolos do Senhor (2 Thess. II. 3, 1 Tim. IV. 1, 2 Tim. III. 1-9): a origem dos grandes infortunios de nossa nobre raça latina.

E' elle, no decorrer dos seculos, a evolução lenta do «mysterio de iniquidade», assignalado por S. Paulo (1); o desdobramento paulatino do principio de dominação revelado a Daniel na successão dos quatro grandes imperios da antiguidade (2); a tremenda realização historica do

---

(1) — 2 Thess. II. 7.

(2) — Daniel. VII. 8, 21, 25.

grande Anti-Christianismo contemplado nas visões apocalypticas do propheta de Patmos (3).

Completamente extranho á humildade e simplicidade do Christianismo genuino do Novo Testamento, o Papado não é uma nova encarnação do Filho de Deus, na blasphema supposição de Manning; é antes a transsubstanciação do paganismo imperialista, a continuidade historica do cesarismo romano.

O Papado não é o legado de Pedro, porém de Nero. Roma papal é a personificação historica de Roma imperial. Uma e outra são manifestações de uma mesma corrente do espirito, cuja nascente assignala Daniel no orgulho arrogante da antiga Babylonia.

Cumprida a sua missão nos destinos da humanidade, na lucta tremenda das trevas contra a luz, o idolo do Vaticano será precipitado no seio da historia com o impeto de uma pedra arremessada no fundo do mar.

## **O Papado e o primado de S. Pedro**

O terceiro e quarto elo

### **S. Pedro em Roma**

Esteve S. Pedro em Roma? — eis o problema de visceral importancia ás pretensões do Papado.

Sendo o papa o declarado herdeiro de São Pedro, importa provar que não somente S. Pedro possuia herança transmissivel, mas, ainda, que elle a transmittiu ao bispo de Roma, e não ao bispo de Jerusalem, de Antiochia, de Epheso ou de Corintho.

---

(3) — Apoc. XIII, XVII.

Da herança de S. Pedro já tractámos na primeira parte desta obra; resta-nos agora suppor a existencia dessa herança, e examinar os titulos que o bispo de Roma apresenta para reclamá-la.

E' evidente que elle necessita provar trez coisas: 1.<sup>a</sup> que S. Pedro esteve em Roma; 2.<sup>a</sup> que S. Pedro fez de Roma a séde de seu governo apostolico; 3.<sup>a</sup> que elle legou aos bispos seus successores a sua auctoridade de primazia apostolica.

Poderia S. Pedro ter estado em Roma de passagem, ou poderia ter estabelecido a séde de seu apostolado em Roma, e não ter passado a sua auctoridade apostolica, por intransferivel, aos bispos, seus successores no governo da egreja estabelecida em Roma.

Admittida mesmo a supremacia jurisdiccional de S. Pedro no collegio apostolico, resta ainda ao Papado justificar as suas altas e tremendas pretensões firmando perante o senso historico da humanidade os trez elos acima expostos.

Longa e erudita controversia tem levantado o interessante problema historico da estada de S. Pedro em Roma no caracter de bispo universal, de todas as egrejas christãs.

Historiadores catholicos e protestantes teem lançado mão diligente de todos os recursos da critica historica, do talento e erudição, no estudo do debatido problema, e, graças ás profundas investigações desses homens da sciencia, temos hoje dados seguros para resolvermos a questão.

Dizem os theologos catholicos romanos, advogados das pretensões papaes, que S. Pedro, no primeiro anno do reinado de Claudio, pelos annos de 41 a 43, veio a Roma com S. Paulo e ahi estabelecera a séde de seu governo, e que, tendo governado a Egreja por 25 annos, ahi falleceu martyr com S. Paulo, sob o reinado de Nero, no anno 67 da era christã.

Se, de facto, isso aconteceu, devem conter provas disso os documentos históricos dos tempos apostólicos e sub-apostólicos.

Os documentos históricos do tempo dos Apóstolos, por elles escriptos, são os escriptos sagrados do Novo Testamento, e destes os *Actos dos Apóstolos* e as *Epistolas* são as fontes onde podemos colher dados sobre as viagens e actividade missionaria dos Apóstolos, depois da ascensão do Senhor Jesus.

Os *Actos dos Apóstolos* foram escriptos por S. Lucas, que não é um apóstolo, no sentido tecnico do termo, mas um companheiro e discipulo de S. Paulo, reconhecido pela Igreja entre os escriptores inspirados.

Não descreve elle propriamente os actos de todos os Apóstolos, mas só os de S. Pedro na primeira parte e os de S. Paulo na ultima. Sua narração cobre um periodo de trinta annos, mais ou menos, desde a ascensão do Senhor, no anno 33, até a chegada de Paulo preso em Roma no anno 65.

O escopo manifesto do elegante escriptor dos *Actos* é dar-nos a fundação e os primeiros desenvolvimentos da Igreja, fazendo-nos conhecer a sua marcha triumphante de Jerusalem a Roma, do centro do judaismo ao centro do paganismo. Pedro é o campeão proeminente da primeira phase, e Paulo o da segunda. Termina elle abruptamente, deixando S. Paulo em um quarto alugado em Roma, prégando livremente por dois annos o Reino de Deus, com uma sentinella á vista.

Compulsemos, pois, os *Actos* e as *Epistolas*, que teem sobre o assumpto alto valor, como documentos sagrados que são.

Para maior clareza, estudemos os factos em sua ordem chronologica, firmando-nos em criticos de reconhecida competencia.

Cumpre-nos, entretanto, notar de passagem que ha um erro de 4 annos, mais ou menos, sobre a data do nascimento de Christo, segundo as modernas auctoridades na materia. Conforme estas, Christo nasceu 4 annos antes da éra vulgar, de sorte que a sua morte e resurreição no anno 30 correspondem realmente ao 34.

Antes, porém, de acompanharmos S. Pedro através dos *Actos* e *Epistolas*, fixemos nossas idéas sobre a natureza do Apostolado.

## O Apostolado

O apostolado, que o Senhor Jesus Christo creara em torno de si, tinha uma missão extraordinaria e intransmissivel: fundar a Igreja sobre a Rocha dos seculos.

Como fundadores da Igreja, eram os Apostolos officiaes extraordinarios, *testemunhas oculares* de Christo resuscitado (Acts. I, 23), que «foi declarado Filho de Deus pela resurreição dentre os mortos» (Rom. I. 4).

Não soffre contestação que é nas paginas inspiradas do N. T. que devemos procurar conhecer a natureza e caracter do Apostolado, ou do officio de Apostolo de Christo.

Do grego, lingua sagrada do N. T., nos vem o termo *apostolo*, de *apo=de*, ponto de partida, e *stolo* de *stellô=enviar*. O valor etymologico é, pois, de enviado, mensageiro, embaixador.

No N. T. tem o termo triplice applicação: applica-se, em um sentido particular, a Christo como enviado do Pae, é elle chamado — o «Apostolo e Pontifice de nova confissão» (Heb. III. 2); applica-se, em um sentido geral, aos cooperadores dos Apostolos no trabalho do Evangelho (Acts. XIV. 13); e, finalmente, designa, em um sentido tecnico, especial e restricto, aos doze homens e mais tarde a Paulo, enviados por Christo para levarem a todas as nações a *boa nova* ou o *Evangelho* de

um Salvador universal erguido da casa de David, para revelar aos judeus e aos filhos extraviados no gentilismo o caminho perdido da casa paterna, abrindo de par em par as portas que fechara o peccado.

E' esta a idéa saliente dada pelo Divino Mestre, quando pela primeira vez apparece aos Apostolos reunidos no mesmo dia de sua resurreição: «Paz seja comvosco — diz Elle —; assim como meu Pae me enviou, tambem eu vos envio a vós» (João XX. 21).

E quarenta dias mais tarde, no momento de sua gloriosa ascensão, declarando que elle recebera todo o poder no céu e na terra, envia-os a todas as nações, dizendo-lhes: «Ide por todo o mundo, prégae o Evangelho a toda a creatura: quem crer e for baptizado, será salvo; mas quem não crer será condemnado» (S. Marc. XVI. 15, 16. S. Math. XXVIII. 18, 19).

S. Pedro e S. Paulo completam a idéa do apostolado, dando-nos a nota fundamental do officio apostolico.

Narra-nos S. Lucas que S. Pedro, levantando-se no meio dos Discipulos, cujo numero subia a cento e vinte pessoas, propoz, logo depois da ascensão do Senhor, que, entre os varões, os quaes haviam convivido com Jesus desde o baptismo de João Baptista, fosse escolhido um para ser «comnosco, diz elle, testemunha de sua resurreição» (Acts. I. 21, 22).

Os Apostolos, portanto, tinham por missão especial ser testemunhas oculares e auriculares da resurreição de Jesus Christo.

Reconhece S. Paulo esta caracteristica essencial do apostolado, quando, defendendo em Corintho sua auctoridade apostolica, pergunta: «Não sou eu Apostolo? Não sou livre? Não vi eu ao Senhor Jesus?» (1 Cor. IX. 1).

O ter visto Christo resuscitado era condição fundamental do officio apostolico.

Além disso menciona S. Paulo, como um dos *signaes do apostolado* — «a tolerancia, os milagres, os prodigios e as virtudes» (2 Cor. XII. 12). E, em outro lugar, auctoridade divina para o que elle prescrevia (1 Cor. XIV. 37).

Os Apostolos eram, portanto, funcionarios extraordinarios, especiaes, que não tiveram, nem podiam ter successores. Eram os embaixadores de nosso Senhor Jesus Christo, portadores das credenciaes supramencionadas, para exporem a todas as nações as condições de perdão, e reconciliação com Deus, afim de «tomar o Senhor, dentre os povos gentilicos, um povo para o seu nome» (Acts. XVI. 14), que constituisse a sua Igreja.

Dado, pois, o character do Apostolado, e dos Apostolos, como embaixadores extraordinarios, munidos de credenciaes intransmissiveis, é evidente serem completamente vãs as pretensões do bispo de Roma e de todos os bispos catholicos romanos de possuirem na igreja auctoridade apostolica.

Em judeus e gentios era então dividida a população do mundo, e correspondentemente em duas secções coordenadas se dividia o Apostolado de Christo: o Apostolado dos judeus ou da circumcisão, e o Apostolado dos gentios ou do prepucio. Este pertencia proeminente a S. Paulo, e aquelle a S. Pedro, como se vê em Gálatas II. 6-8. Não implicava, porém, esta divisão do Apostolado funcções exclusivas ou limites territoriaes. O que, porém, affirma sem a minima duvida o Apostolos dos gentios é que elle era igual a S. Pedro no exercicio de sua função apostolica.

S. Pedro e S. Paulo, eguaes e independentes no Apostolado, apenas se distinguiam dos outros onze como *primi inter pares*.

Eram os Apostolos como bispos ecumenicos ou universaes, sem qualquer supremacia jurisdiccional de uns sobre os outros, possuindo cada um

a plenitude dos poderes espirituaes em qualquer parte do mundo em que se achasse.

Os bispos ou presbyteros do N. T. eram ministros locais, que com o andar dos tempos, se tornaram bispos diocesanos, metropolitanos, patriarchas e papas. O episcopado, pois, actual diverge radicalmente da instituição apostolica, e vae-se historicamente prender não ao Apostolado, mas ao presbyterado primitivo.

Acompanhemos agora S. Pedro através dos trinta annos do seu apostolado, cobertos pelos *Actos dos Apostolos* e *Epistolas*, a ver se o podemos encontrar em Roma. Antes, porém, de rastrear as pégadas do Apostolo dos judeus, notemos a) a grande distancia geographica que separa Jerusalem de Roma, e b) a grande distancia moral e official que separa o Apostolo dos bispos da mesma cidade.

## **S. Pedro no exercicio de seu Apostolado**

1. No anno 33, cincoenta dias depois da resurreição e dez depois da ascensão do Senhor, estava S. Pedro em Jerusalem com os seus collegas e condiscipulos, em oração perseverante, aguardando a promessa do Espirito Sancto, o baptismo de fogo.

Celebrava-se em Jerusalem a grande festa agraria de Pentecoste. Enxameavam nas ruas os israelitas dispersos pelas mais longinquas nações (Acts. II).

Subitamente se ouviu o estrondo de um como vento impetuoso, e, no cenaculo onde estavam reunidos os Discipulos, appareceram linguas de fogo, que repousavam sobre cada um. Era o cumprimento da promessa, e o «poder lá do alto», que baixava sobre os novos embaixadores.

Pedro, pondo-se de pé no meio da multidão agglomerada, é o primeiro a dar o testemunho



de Christo crucificado para a salvação de todo o que crê.

Aberto o Reino dos Céos com as chaves da prégação, entraram, pelo baptismo, trez mil pessoas, e fundou-se a Egreja sobre a «Pedra» da esquina. Cumpriu-se a recompensa promettida a S. Pedro na prioridade do uso das «chaves». A palavra apostolica acceita pela fé e arrependimento absolveu os peccados dos novos conversos, e condemnou os incredulos e impenitentes. O mesmo fizeram os outros Apostolos.

2. No anno seguinte, 34, encontra-se ainda S. Pedro em Jerusalem, e é enviado junctamente com S. João, pelos outros Apostolos, a prégar o Evangelho em Samaria (Acts. VIII. 14). Até essa época era ignorada a sua supremacia.

3. No anno 40 está ainda S. Pedro na Judéa, e é visitado em Jerusalem por S. Paulo.

Este Apostolo é quem nos dá conta desta visita em sua epistola aos Gálatas 1.18.

Logo depois de sua conversão no caminho de Damasco, facto que, segundo os criticos, se realizou no anno 37, partiu S. Paulo para a Arabia (Gal. I. 17), provavelmente afim de preparar-se para o Apostolado que acabava de receber não «de homens, nem de algum homem, mas de Jesus Christo» directamente (Gal. I - 1).

Trez annos depois, isto é, no anno 40 é que foi visitar seu collega Pedro e com o qual permaneceu quinze dias em Jerusalem (Gal. I. 18).

4. Quatorze annos mais tarde, no anno 51, sobe elle outra vez a Jerusalem, e ali encontra os Apostolos e entre elles S. Pedro (Gal. II. 2).

E' por occasião dessa visita que elle faz as solennes declarações, já consideradas, contra o primado de Pedro. Diz elle que os Apostolos em Jerusalem reconheceram que elle fôra encarregado do Apostolado dos gentios, do mesmo mo-

do que Pedro fôra encarregado do Apostolado dos judeus, que Aquelle que déra auctoridade a Pedro, lhe dera tambem a elle, e que Tiago, Pedro e João, os quaes *pareciam ser as columnas da egreja* em Jerusalem, lhe deram as dextas de companhia, para que elle fosse aos gentios e elles aos judeus (Gal. II. 7-9).

Destas datas e da frisante linguagem do Apostolo dos gentios se deduz claramente que S. Pedro não só nesses tempos estava longe da cidade de Roma, senão tambem mui distante da theoria romana do primado de S. Pedro.

5. Cerca do anno 41, assistimos a partida de S. Pedro, não para Roma, segundo a tradição catholica, mas para Cesaréa, a chamado do centurião Cornelio (Acts X).

E' interessante esta viagem de S. Pedro para os nossos intuitos, e merece narrada.

Cornelio, centurião da cohorte italiana, destacada em Cesaréa, era, apesar de gentio, «varão piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa,» fazia muitas esmolas ao povo e velava de continuo em oração.

Era elle provavelmente um proselyto do judaismo, ou um converso ao Deus d'Israel.

Seriam trez horas da tarde, quando elle, posto em oração, teve a visão clara de um anjo de Deus, que lhe chamou pelo nome: «Cornelio!» Atemorizado, responde: «Que é, Senhor?»

«As tuas orações e as tuas esmolas — disse-lhe o mensageiro divino—teem subido em memoria deante de Deus. Manda a Joppe, e faze vir a Simão Pedro e elle te dirá o que deves fazer.» (Acts. X).

Obedece Pedro, e ao entrar na casa de Cornelio, cae-lhe este aos pés. «Levanta-te, brada-lhe o Apostolo, que eu tambem sou homem» (Acts. X). Igual procedimento teve Paulo (Acts. XIV. 14), e o Anjo (Apoc. XXII. 9).

Que contraste entre Pedro e o idolo do Vaticano, cujos pés beijam aviltados outros homens!

A' prgação de Pedro na casa de Cornelio, convertem-se os primeiros gentios, a quem se abrem as portas do Reino dos Céos.

6. Pelos annos de 41 a 44, segundo Godet, apparece S. Pedro preso em Jerusalem, por ordem de Herodes Agrippa (Acts. XII. 3-7).

Libertado pelo Anjo, vae bater á porta de Maria, mãe de Marcos, onde irmãos reunidos oravam por elle. Tendo-lhes contado sua libertação miraculosa, «sahindo dali partiu para outro logar», diz o escriptor sagrado (v. 17).

Desta expressão — *partiu para outro logar*, conclue Thiersch que elle partiu para Roma.

Com razão observa Godet, eminente critico, que tal conclusão é inteiramente gratuita. Porque occultaria o escriptor o nome de Roma, se de facto o Apostolo tivesse emprehendido tão importante e longinqua viagem?

«Demais — continu'a Godet — nesta época (41 a 44), Pedro difficilmente poderia ter chegado até Roma, pois, em 51 (Acts. XV), nós o encontrámos em Jerusalem, e em 54 em Antiochia, na Asia. O proprio Paulo, o grande *pioneiro* do Evangelho do lado do Occidente, não havia ainda, em 42, posto pé no continente europeu e prgado na Grecia... A maior parte dos escriptores catholicos serios e independentes combatem hoje a idéa da residencia de S. Pedro em Roma sob o reinado de Claudio.» *Com. sur l'épître aux Romains*, pag. 86, 87.

7. Em 50 ou 51, reuniu-se o celebre concilio de Jerusalem, conforme Schaff, Godet e a generalidade dos theologos (Acts. XV. 1-34). S. Pedro estava presente, e mais uma vez mui distante de Roma, e do papa, seu pseudo-successor.

Os christãos de origem judaica, ergueram-se contra os ensinios de Paulo e Barnabé, que não sujeitavam os conversos do gentilismo á obediencia de certos preceitos da lei de Moysés, taes como a circumcisão, a paschoa, os sacrificios, e outros ritos leviticos do ceremonial religioso.

Tolerava S. Paulo que continuassem a observar esses ritos os que a elles estavam affeitos pela educação, mas recusava absolutamente admittir que se impuzesse esse jugo legal á liberdade dos christãos de orgem gentilica, como queriam os phariseus (Acts XV. 1).

Forte controversia ia scindindo o christianismo apostolico em dois grupos — o judaico e o gentilico.

O partido judeo-christão ou judaizante olhava para Pedro, Tiago e João, como seus chefes, e desprezavam a Paulo como um intruso no Apostolado.

Paulo teve uma revelação intima (Gal. II. 2) para ir conferenciar com os Apostolos e irmãos em Jerusalem, e tambem a Egreja de Antiochia, em cujo seio brotara vivo o conflicto, resolveu enviar a Paulo, Barnabé e alguns outros irmãos para, no seio da egreja-mãe de Jerusalem, decidirem a questão (Acts XIV. 26).

E' evidentemente phantastica a contradicção imaginada por Baur, chefe da eschola de Tübingen, entre a revelação de Paulo e a resolução da egreja de Antiochia: a coincidencia entre o facto subjectivo de que nos falla S. Paulo em sua epistola aos Gálatas (II. 2), e o facto objectivo de que tracta S. Lucas nos «Actos dos Apostolos» (XV. 2), indica apenas a unidade do Espirito que dirigia a Egreja.

Dois eram os pontos controversos, que se deviam resolver nesse primeiro synodo da egreja primitiva: 1.º as relações da Egreja christã com o Judaismo; 2.º as relações de S. Paulo com S. Pedro e os outros Apostolos.

Reune-se o concilio, os Apostolos e os anciãos (Acts. XV. 6) examinam o assumpto. Não occupa S. Pedro nessa assembléa ecclesiastica nenhuma das posições que o papa ou os seus legados reclamam seculos depois. Elle não a preside, não falla primeiro, nem por ultimo resolvendo a questão.

A presidencia parece occupá-la Tiago, que falla por ultimo propondo a solução accéita.

Após largo debate (v. 7), é que Pedro se levanta para fallar.

Rejeita elle francamente a posição que o partido judaizante lhe queria dar (v. 10), e apoia sem reserva a attitude assumida pelo seu collega Paulo.

S. Paulo nos dá conta, no supramencionado capitulo segundo de sua epistola aos Gálatas, do segundo ponto.

Foram solennemente reconhecidos os direitos de Paulo ao apostolado dos gentios no mesmo pé de egualdade que os direitos de Pedro ao apostolado dos judeus (v. 7, 8).

Os dois apostolados receberam a auctoridade directa do mesmo Senhor (v. 8), e «Tiago, Pedro e João, que pareciam as columnas... deram a Paulo e a Barnabé as dextras de companhia» (v. 9).

Como se vê, a nóbre attitude de S. Pedro neste sancto concilio, não somente confundiu os doutores judaizantes de Jerusalem, senão tambem os de Roma, que, no decurso dos seculos, se teem revelado nas pretensões do papismo.

8. Em 51 ou 52, logo depois do concilio de Jerusalem, segundo Schaff, S. Pedro e São Paulo se encontraram em Antiochia, capital da Syria.

A egreja desta importante cidade da Asia, fundada por Paulo e Barnabé, tornou-se a mãe da christandade gentilica, no dizer do illustre his-

torizador acima citado, assim como a egreja de Jerusalem era a mãe e o centro da christantade judaica.

Foi em Antiochia que os discipulos de Christo deixaram de ser conhecidos como a «seita dos Nazarenos», e receberam o nome de *christãos* (Acts. XI. 26).

S. Paulo é que nos narra o seu encontro com S. Pedro nessa cidade, em sua epistola aos Gálatas II.

Em sua narrativa conta-nos o Apostolo dos gentios a collisão que teve com seu collega, com o fim de assignalar aos judaizantes da Galacia, que lhe eram infensos, a independencia de seu apostolado em face do mais antigo e respeitavel dos Apostolos.

Estudemos o incidente, que vem ao encontro de nosso proposito.

O concilio de Jerusalem, adjudicando a palma da victoria a S. Paulo, apenas abrirea treguas na guerra tenaz, que lhe movia o espirito exclusivista dos judaizantes.

De accordo com os principios liberaes, que francamente expuzeram no concilio, S. Pedro não se recusava em Antiochia a comer com os seus irmãos de origem gentilica, á mesa do Senhor provavelmente (Gal. II. 12), imitando neste particular o procedimento correcto de S. Paulo.

Eis que chegam em Antiochia os enviados de Tiago, bispo de Jerusalem, representantes das idéas conservadoras e exclusivistas dos judeo-christãos.

S. Pedro vacilla mais uma vez «com medo de offender aos que eram da circumcisão,» subtrae-se, separa-se das mesas de seus irmãos incircumcisos, no que é acompanhado por muitos e, até, por Barnabé, companheiro de Paulo (vs. 12, 13).

Era manifestamente uma incoherencia practica de S. Pedro, que punha em perigo os grandes

principios liberaes do Christianismo apregoados por seu eminente collega, e já firmados nos decretos do synodo de Jerusalem.

Ergue-se, pois, Paulo e resiste a Pedro «na cara», publicamente (v. 11). Mostra a sua incoherencia, em querer agora, pela sua simulação, obrigar seus irmãos gentios a judaizar, negando assim mais uma vez o Divino Mestre, que pelo seu sacrificio nos libertou, mediante a fé; das obras da Lei (vs. 14-16).

O golpe foi vibrado com mão de mestre, e calou fundo no animo dos judaizantes. Paulo terá de pagar caro a sua coragem, ousadia e zelo pela verdade: na Galacia e em Corintho terá de verter lagrimas em acirrada lucta contra seus adversarios despeitados, que procurarão em Roma cobrir de desprezo e ridiculo a sua memoria veneranda.

A S. Pedro, entretanto, não cabe nenhuma censura nos soffrimentos de seu collega. Portou-se elle com summa humildade na reprehensão publica de seu egual no Apostolado, e não guardou em seu coração o minimo vestigio de resentimento, pois escrevendo, doze ou treze annos mais tarde, a sua segunda epistola, refere-se a Paulo, chamando-o de «carissimo irmão Paulo». Todavia Pedro demonstrou mais uma vez que apesar de significar *pedra* o seu nome, não offerencia a sua pessoa a solidez necessaria para sobre ella edificar-se a Igreja imperecivel de nosso Senhor Jesus Christo.

«A inconsistencia — reflexiona P. Schaff — é a caracteristica de sua tempera impulsiva, que o faz timido ou corajoso, conforme a natureza da impressão do momento.»

Em todo o caso, a attitude energica de São Paulo e a nobre submissão e sancta humildade de S. Pedro em Antiochia fazem «explodir a ficção romana da supremacia e infallibilidade papal.»

9. Temos ainda no N. Testamento uma prova segura de que em 58 da éra christã não estava S. Pedro em Roma, nem podia ter ahí estado até essa data.

E' ella fornecida pela importante epistola aos Romanos escripta por Paulo nesse tempo, segundo o consenso dos criticos.

De Corintho, onde se achava, escreve o Apostolo dos gentios a sua mais importante epistola doutrinaria e practica á egreja christã, que já nessa época florescia na cidade de Roma, grande centro do paganismo.

Esse importantissimo documento justifica varias considerações pelas quaes se vê que S. Pedro ali não residia, nem residira, como fundador e bispo daquella egreja.

Em primeiro logar, se Pedro ali tivesse a séde de seu episcopado, S. Paulo não invadiria anarchicamente diocese alheia. Haveria na egreja quem autorizadamente doutrinasse e exhortasse o povo. Tanto mais que na mesma epistola declara S. Paulo que elle tinha por principio «não edificar sobre fundamento alheio» Rom. XV. 20.

Não é, pois, crível que elle se tivesse esquecido de seus proprios principios e da cortezia devida a seu collega.

Além disso, a epistola termina saudando nominalmente para mais de vinte irmãos, e, entre estes, não se lê o nome de S. Pedro (Rom. XVI-1-15). Absolutamente é incomprehensivel que fossem saudadas as ovelhas e não o pastor.

Admittida ainda a hypothese, aliáz improva-vel, de que S. Paulo soubesse estar S. Pedro ausente de Roma, quando enviou a carta por mão da irmã Phebe (Rom. XVI-1), não se justificaria mesmo assim o ter elle escripto a sua pastoral, e muito menos que nella não fizesse menção cortez ao alto dignitario daquella egreja.



A epistola aos Romanos varre, pois, a hypothese de ter estabelecido S. Pedro, até o anno 58, sua séde episcopal em Roma.

Revela-nos ainda esta importante epistola, monumento theologico do Christianismo, que, vinte e oito annos depois da Resurreição, já existia na longinqua capital do paganismo uma igreja christã numerosa, «cuja fé era divulgada em todo o mundo» (Rom. I.-8).

Quem foi o seu fundador?

Problema interessante é este, aberto ás conjecturas dos sabios investigadores dos velhos archivos.

S. Pedro e S. Paulo são, pela unanime tradição dos primeiros seculos, proclamados os fundadores dessa igreja, que deveria mais tarde reclamar, como recompensa aos reaes serviços que prestou á christandade primitiva, o titulo blasphemo de «mãe e senhora de todas as egrejas christãs».

A alta critica moderna de abalisados historiadores tem demonstrado á saciedade o nullo fundamento de tão generalizada tradição.

Do resultado dessa critica nos temos valido para mostrar que Pedro e Paulo, como fundadores da igreja de Roma, são um mytho semelhante ao de Romulo e Remo fundadores da cidade.

Conjecturam Godet, Greenwood e muitos outros conceituados auctores que a igreja em Roma teve a sua origem em alguns dos «forasteiros de Roma», que, na festa de Pentecoste, em Jerusalem, ouviram pela primeira vez o Evangelho dos labios inspirados de S. Pedro, e, convertidos, foram, na providencia de Deus, os anonymos fundadores da comunidade, a qual, por causa da grandeza e importancia, adquiriu rapidamente larga notoriedade e influencia no seio da christandade, a ponto de attrahir a attenção e cuidadosa solitudine do grande Apostolo dos

gentios, manifestada na epistola que acabamos de considerar.

Esta plausivel hypothese tem a vantagem de explicar como é que o nome de S. Pedró está sempre ligado á fundação de Roma sem haver prova nenhuma positiva de sua presença nessa cidade, pelo menos trinta e tantos annos depois desse facto, isto é, até as vespéras da morte de S. Paulo, como veremos.

10. Em 60 E. C., estava S. Pedro em Babylonia, pois dessa cidade data elle a sua 1.<sup>a</sup> epistola: «A Egreja que está em Babylonia vos sauda, e Marcos meu filho» (1 Ped. V.-13).

O cardeal Baronio, segundo Elliot, dá a esta epistola a data improvavel de 45 E. C., porém a maioria dos criticos opinam pelo anno 60.

Elle endereça a carta «aos estrangeiros que estão dispersos pelo Porto, Galacia, Cappadocia, Asia e Bithynia» (1 Ped. I.-1).

Assim, pois, em 60 ou mesmo em 45, S. Pedro estava bem distante de Roma, em longinqua cidade da Asia, e, no exercicio de seu apostolado da circumcisão, dirige-se aos judeus dispersos pelas varias regiões do Oriente.

Querem, entretanto, os theologos do Papado tirar da expressão — «Egreja de Babylonia» — a prova de que S. Pedro estava em Roma, pois Babylonia é o nome mystico ou figurado de Roma.

Sobre este assumpto escreve o Dr. W. Smith em seu *Dictionary of the Bible*:

«Em apoio da opinião de que Babylonia designa tropicamente Roma (em 1 Ped. V.-13), citam uma tradição narrada por Eusebio (H. E. II-15) com a auctoridade de Papias e Clemente de Alexandria, para mostrar que a 1.<sup>a</sup> Pedro foi escripta em Roma. OEcumenius e Jeronymo affirmam que Roma era figurada por Babylonia.»

Esta opinião, diz elle, deve ser rejeitada, visto que nada ha que indique ser o nome (Babylonia) ahí usado figuradamente, maximè porque a data de uma epistola é o ultimo logar, em que se deve esperar encontrar-se uma designação mystica.

«De todas as conjecturas, a mais natural, continúa Smith, é que Babylonia indica a velha Babylonia da Assyria, que nesse tempo era largamente habitada por judeus (Joseph *Ant.* XV-3 § 1; Philo, *De Virt.*, p. 1023, ed. Franc. 1691).»

O eminente professor de Cambridge e bispo de Durham, o Rev. John Lightfoot, opina no mesmo sentido que Babylonia da Assyria era nesse tempo o maior centro ou nó (*knot*) dos judeus no mundo, e S. Pedro era o ministro da circuncisão.

De facto, não é crível que no estylo epistolar, que se distingue pela simplicidade e singeleza didactica, empregasse Pedro uma figura que traria necessariamente ao espirito dos «extrangeiros esparsos» por varias regiões da Asia, a confusão sobre o *logar* onde elle estava, e sobre *quem* os saudava.

Além disso, só quarenta e tantos annos mais tarde é que a *figura* recebeu a sancção do N. T. com a publicação do Apocalypse, no fim do primeiro seculo. Antes do Apocalypse, não consta, segundo observa Elliott, que escriptor algum chamasse Roma de Babylonia.

Assim se desfaz, como o pó deante do vento, a melhor prova que os defensores do Papado possuem da estada de S. Pedro em Roma. E', de facto, a unicã que elles podem invocar no N. T.

11. Em 63 ou 61 E. C., chega S. Paulo preso a Roma.

S. Lucas, seu companheiro e historiador, de-

pois de descrever a penosa travessia do Mediterraneo e o naufragio juncto á ilha de Malta, diz que elles embarcaram em navio de Alexandria que levava por insignia Castor e Pollux, chegaram a Rhegio e dahi a Puzzolo, «onde, — continúa — como achamos irmãos, elles nos rogarão que ficassem em sua companhia sete dias, e, passados elles, tomamos o caminho de Roma, donde, porém, tendo os irmãos novas que chegavamos, sahiram a receber-nos á praça de Appio, e ás Trez Vendas. Paulo, como os viu, dando graças a Deus, cobrou animo» (Acts. XXVIII-11-15).

S. Pedro com certeza ahi não se achava nessa occasião; do contrario, S. Lucas teria assignalado nominalmente a sua presença entre os irmãos, que vieram ao encontro do velho Paulo trazer-lhe a palavra de amor e conforto.

Ainda mais: trez dias depois de sua chegada, gosando de certa liberdade em sua prisão, convoca S. Paulo os principaes dos judeus e estes lhe pedem que lhes falle sobre a «seita» a respeito da qual nada sabem, se não que «em toda a parte a impugnam» (Acts. XXVIII-17-22).

Ora, não é absolutamente crível que, sendo S. Pedro bispo naquella cidade desde o anno 41 (havia, portanto, mais de 20 annos), conforme quer a tradição romana, e sendo o Apostolo dos judeus, tivesse deixado, entretanto, os representantes da colonia judaica na completa ignorancia sobre a «seita dos Nazarenos», isto é, sobre o Evangelho de Jesus Christo.

Deante destes factos, affirmar que S. Pedro nessa occasião residia em Roma, como bispo exclusivo daquella diocese, é representá-lo sob uma luz mui desfavoravel a seu character apostolico.

2. Em 66 E. C., ainda S. Pedro não residia em Roma, pelo menos ahi não se achava, como vamos ver. E' esse o anno do martyrio de S.

Paulo e de S. Pedro nessa cidade, a cremos na tradição papal.

A hypothese natural é que em 63 não tinha ainda S. Pedro estabelecido a séde de seu imaginario governo na «cidade eterna».

A maioria das auctoridades collocam, d factu, o martyrio de S. Paulo em Roma entre A. D. 64 e 66. Conybear e Howson o collocam em 68.

Escrevendo a Timotheo nas vespervas de seu supplicio, diz o grande luctador: «Eu estou a ponto de ser sacrificado, e o tempo de minha morte se avizinha» (2. Tim. IV-6).

E, continuando, diz, cheio de tristeza: «Nenhum me assistiu na minha primeira defesa, mas todos me desampararam; permitta Deus que isto lhes não seja imputado. Mas o Senhor me assistiu e me confortou, para que fosse cumprida por mim a prégação e a ouvissem todos os gentios, e assim fui livre da bocca do leão.» (2. Tim. IV-16-17).

Ora, S. Pedro não póde estar envolvido nesta queixa de seu collega, e nem por longe podemos nós suppor que elle tivesse medo da «bocca do leão».

Logo elle não podia estar em Roma nesse tempo. Dir-se-á, porém, que estava, mas preso como seu collega, e assim se explica a razão por que não lhe assistiu na sua primeira defesa.

Não satisfaz a hypothese, pois não é plausivel que Paulo, derramando suas queixas no coração de seu amigo Timotheo, por se achar isolado nas prisões de Roma, se esquecesse de mencionar, entretanto, que com elle gemia nas mesmas prisões o mais velho dos Apostolos, aguardando como elle a hora do sacrificio.

O nobre character do Apostolo dos gentios, o largo amor e infinda ternura, que se abrigava em seu amplo peito, auctorizam a forte presumpção moral, de que S. Pedro não estava preso e muito

menos livre na cidade de Roma quando S. Paulo desabafava, em carta intima, o seu coração contristado pelo indigno procedimento de seus irmãos.

De seu captiveiro em Roma, enquanto esperava o resultado do processo a que foi submettido como o instigador de insurreições entre judeus e chefe das seitas dos Nazarenos (Acts. XXIV. 5), S. Paulo, além da epistola a Timotheo, a que nos referimos, escreveu quatro outras, entre os annos de 61 e 63 — aos Colossenses, Ephesios, Philippenses e a Philemon. Em nenhuma dellas faz referencia a S. Pedro, embora se declare nellas «o prisioneiro de Jesus Christo», e transmitta aos Philippenses as saudações de seus irmãos da «casa de Cesar» (IV-22).

A presumpção moral, pois, é decisiva contra o facto tradicional de ser S. Pedro nesse tempo bispo de Roma.

Uma dupla impressão recebe o que segue attento as pégadas de S. Pedro nos trinta annos da historia apostolica do N. T.: é a grande distancia geographica que o separa de Roma e a grande distancia moral e religiosa que o separa do pontifice romano.

Nem historica, nem moral nem dogmaticamente o venerando Apostolo tem, nos escriptos divinos do Christianismo, laços especiaes de solidariedade que o prendam ao Papado.

E' isto fatal á legitimidade dos titulos apostolicos do bispo de Roma.

Acompanhando chronologicamente os passos de S. Pedro através dos documentos cânónicos da religião christã, e apoiado em abalisados criticos modernos, a'ssignalámos a presença do celebre Apostolo da circumcisão bem longe da séde papal, em varios logares da Asia, nas seguintes datas:

	A. D.
Em Jerusalem	33
„ Samaria	34
„ Jerusalem	40
„ „	44
„ „	48—50
„ Antiochia	52—54
Não estava em Roma na data da epistola aos Romanos	58
Em Babylonia, na data de sua 1. <sup>a</sup> Epistola.	60
Não estava em Roma durante a prisão de S. Paulo nessa cidade	61—63
Não estava ainda na data do martyrio de S. Paulo	64—66

São, pois, legítimas as seguintes conclusões:

1.<sup>a</sup> Não ha, nos documentos inspirados do N. T., o minimo indicio de ter S. Pedro estado em Roma até o anno de 63 ou 66 da E. C. E se elle ahi esteve antes dessa época, o que, como se viu, é altamente problematico, só poderia ser de passagem ou com pouca demora. Ao Papado, pois, falta mais este elo na cadeia de suas altas pretensões.

Sobre este assumpto ouçamos abalisado historiador ecclesiastico.

«O completo silencio dos *Actos dos Apostolos*, no cap. 28 (chegada de S. Pedro a Roma) a respeito de Pedro, bem como o silencio de Paulo em sua epistola aos Romanos, e nas epistolas escriptas de Roma durante a sua prisão ahi, nas quaes Pedro não é mencionado nas saudações, são provas decisivas de que elle estava ausente daquella cidade a maior parte do tempo entre 58 e 63. Antes do anno 58 é possivel que tivesse havido alguma visita casual, porém é isso extremamente duvidoso em vista do facto

que Paulo trabalhava independentemente, e nunca edificava sobre fundamento de outro (Rom. XV-20, 2. Cor. X-16); donde se vê que elle provavelmente nunca teria escripto sua epistola aos Romanos, e, se a escrevesse, nunca sem fazer allusão a Pedro, caso tivesse elle sido, no sentido proprio, o fundador da Egreja de Roma..... Concluimos, portanto, que a presença de Pedro em Roma antes de 63 é extremamente duvidosa, se não impossivel, por causa do silencio de Lucas e Paulo, quando fallam ou escrevem de Roma, e que a presença d'elle nessa cidade depois de 63 não pôde ser provada nem improvada pelo N. Testamento, mas só pôde ser decidida por testemunhos post-biblicos» (P. Schaff, H. of the C. Church, V. I., pags. 250, 251).

2.<sup>a</sup> Absolutamente não podia S. Pedro ter sido bispo de Roma 25 annos, de 42 ou 44 a 67 ou 69.

«A tradição romana de 20 ou 25 annos de episcopado de S. Pedro em Roma é sem contestação um erro chronologico colossal», diz o mesmo illustre historiador supracitado.

Se admittirmos a hypothese absurda, de ter sido S. Pedro bispo de Roma durante 25 annos, força seria convir em que elle não soube cumprir os deveres rudimentares de bispo, assignalados por S. Paulo (Acts. XX-28). Em prolongadas ausencias de sua diocese, nas constantes e longinquas viagens missionarias no Oriente, não pôde elle vigiar o seu rebanho contra os lobos vorazes. Ora, reconhece a Egreja Romana que o dever primordial de um bispo é estar sempre á testa de seu rebanho.

Acode o cardeal Baronio, para salvaguardar a honra episcopal de S. Pedro, no mau exemplo de andar sempre ausente de sua diocese, com a hypothese de que, quando Claudio expulsou os judeus de Roma, em 42, S. Pedro foi obrigado a



ausentar-se por todos os longos annos sobre que projecta luz o N. T. (Ann. LVIII. § 51. apud., Dr. Salmon, pag. 350). E quanto ás subsequentes ausencias, accrescenta ainda o illustre historiador romano, explicam-se pelos deveres que lhe impunham os cuidados de todas as egrejas, como chefe que era dos Apostolos.

Sobre ser inteiramente gratuita a primeira hypothese, poder-se-ia dizer com o Dr. Salmon — porque assumiria então Pedro deveres diocesanos em Roma, que elle não podia desempenhar? A verdade é que Pedro absolutamente não foi bispo de Roma, onde a historia inspirada da Igreja não offerece o mais ligeiro indicio de ter sido a séde de seu governo. E não o foi por duas razões mais: a) o Apostolado era incompativel com o episcopado, e b) não havia ainda, nos tempos apostolicos, episcopado, em sentido technico e restricto da palavra, no governo hierarchico da Igreja.

Sobre este assumpto escreve o regio professor de theologia na Universidade de Dublin: «Não só julgamos absurdo fallar-se de um Apostolo como bispo de Roma, mas tambem, sem de modo nenhum querer negar a origem apostolica do episcopado, cremos ser um anachronismo fallar-se de quem quer que seja como bispo de Roma em 42» (*The Infallibility of the Church*, pag. 357).

Os Apostolos eram superiores hierarchicos e exerciam não só os poderes exercidos pelos bispos em tempos posteriores, mas ainda maiores. Eram elles, por assim dizer, bispos universaes, cuja diocese era o mundo, e pela natureza de seus proprios cargos não podiam prender-se a egrejas ou dioceses particulares.

Absurdo é, portanto, ser Pedro, na qualidade de Apostolo, *bispo universal* e mais do que bispo de todas as dioceses da christandade, e ser ao mesmo tempo *bispo local ou particular* de Roma.

O mesmo fôra dizer que o Presidente federal poderia ser simultaneamente governador do Estado de São Paulo, ou o governador estadual, ao mesmo tempo, prefeito municipal. Demais o episcopado, tal como hoje existe na Igreja Romana e na Igreja Anglicana, só apparece no segundo seculo, como reconhece von Döllinger, illustre historiador catholico (E. Primitiva, II. 130, apud. Dr. S., 356). Os bispos de que tracta o N. T. são equivalentes a *presbyteros*, podendo existir mais de um em uma igreja particular (Phil. I-1; Acts XX-28).

E', pois, um anachronismo fallar-se no bispo de Roma em 42 E. C.

3.<sup>a</sup> Não sendo S. Pedro bispo particular da igreja de Roma, mais do que o foi de Jerusalem ou de Antiochia, não podia ter por successor o bispo daquella igreja, nem a elle transmittir qualquer auctoridade apostolica peculiar; que por ventura possuísse.

Ainda mesmo que os bispos romanos fossem successores dos Apostolos, como o declara o concilio Tridentino, e S. Pedro fosse o chefe dos Apostolos, como quer o Papado, não teria, mesmo assim, o bispo particular de Roma titulos á herança dos Apostolos dos judeus. Nenhuma razão historica legitima ou de qualquer outra natureza tem o bispo particular, que ha seculos sustenta o seu cajado ás margens do Tibre, para arvorar-se em «bispo universal», e a sua igreja em «mãe e senhora» de todas as igrejas da christandade. O Papado é, pois, perante o Christianismo puro do N. T., perante a Igreja Apostolica, uma usurpação ousada, uma mystificação colossal.

Fallece-lhe, por completo, base dogmatica e historica no Livro de Deus, fallece-lhe inteiramente a auctoridade divina, para exigir da christandade obediencia sob pena de eterna maldicção. Com que direito, em nome de quem ou de

que principio, reclama o «papa» reconhecimento de sua auctoridade (espiritual e temporal, como condição necessaria para a salvação eterna das almas immortaes?

Mas, se é vedado ás pretensões papaes o terreno sagrado do periodo apostolico, busca elle refugio nas tradições post-apostolicas, e apoio na auctoridade extra-biblica.

Batido no campo da auctoridade divina, vae o Papado intrincheirar-se no testemunho fallivel da auctoridade humana.

Coisa extranha! a infallibilidade papal busca apoio na fallibilidade de tradições humanas, que a critica não pôde sequer firmar no terreno digno da historia.

Acompanhemo-lo, entretanto, no terreno es-corregadio das tradições patristicas.

### **Testemunho dos padres apostolicos**

O periodo apostolico vae até a morte de S. João, cerca do anno 99 da éra christã.

Nerva baixava ao tumulo e Trajano assumia o sceptro do vasto imperio romano, quando se encerrava, com o ultimo suspiro do Discipulo Amado, a idade apostolica da Igreja.

Rebusquemos nos documentos extra-canônicos dos escriptores desses tempos o testemunho que não encontramos nos documentos canônicos em abono da estada de S. Pedro em Roma como séde do seu governo episcopal e apostolico.

Em sua obra monumental — *Cathedra Petri, Historia political do grande Patriarchado Latino*, o Dr. Thomaz Greenwood, notavel historiador allemão, analysa todos os documentos invocados pelos defensores dos titulos papaes á famigerada herança de S. Pedro.

Nos amplos mananciaes dessa obra prodigiosa iremos buscar abundantes subsidios para o nosso estudo.

Clemente de Roma, Papias de Hierapolis na Phygia, Ignaciõ de Antiochia, são os trez nomes invocados no periodo apostolico em abono da estada de S. Pedro em Roma.

Vejamõs o que elles dizem.

Clemente foi, segundo Bunsen, bispo de Roma pelos annos de 78 e 86. Julga-se ser o mesmo mencionado por S. Paulo em Phil. IV-3.

Em uma epistola, tida por authentica, escripta por elle aos Corinthios, encontra-se o seguinte topico:

«Como Pedro e na mesma causa, Paulo tambem recebeu a recompensa da paciencia: sete vezes foi lançado em prisões, muitas vezes açoiado com varas, e apedrejado; de sorte que, tendo sido o arauto do Evangelho no Oriente e no Occidente, recebeu as honras da fé; porquanto, depois de ter ensinado a justiça por todo o mundo, e alcançado os extremos limites do Occidente, deu elle seu testemunho deante dos supremos magistrados, e assim passou deste mundo e entrou na morada dos bemaventurados, tendo deixado para todos um nobre exemplo de paciencia.»

Ha neste trecho manifestamente uma allusão ao martyrio de Pedro e ao de Paulo, mas não se diz onde nem se foram simultaneos. Ao martyrio de Pedro é vaga a allusão, e, parece, até, não coincidir elle com o de Paulo.

Tirar, pois, deste topico da epistola de Clemente a conclusão de que Pedro e Paulo moraram e morreram junctos em Roma, é levar a conclusão muito além das premissas.

Papias, bispo de Hierapolis e discipulo, segundo se crê, do Apostolo S. João, pouca luz

traz ao ponto em questão. Seus escriptos se perderam, e apenas Eusebio, historiador ecclesiastico do meado do 4.<sup>o</sup> sec., nos informa ter elle declarado que ouvira de «João o Presbytero» ter Marcos, secretario de S. Pedro, escripto o seu Evangelho exactamente como ouvira dos labios de Pedro. Conta-nos ainda Papias, segundo Eusebio, que S. Pedro, seguindo Simão Mago (Acts. VIII-18-20) a Roma, onde este se fizera adorar, fez taes milagres que acabou com a impostura e a vida de Simão. Os ouvintes de Pedro maravilhados pedem a Marcos que lhes deixe alguma memoria escripta das doutrinas daquelle. Pedro, informado «por uma revelação do Espirito Sancto» do que fizera o seu discipulo e do sancto zelo de seus ouvintes, deu solenne sancção ao escripto.

Pouco adiante esta noticia fragmentaria e confusa, que mais de trez seculos depois extrae Eusebio dos escriptos perdidos de Papias. Demais o mesmo Eusebio dá pouco valor ás narrações maravilhosas e anedócticas, observando que — «elle lhe pareceu ter sido um homem de fraca intelligencia, como é evidente de seus livros (H. E. lib. III., cap. 39).

Ignacio, bispo de Antiochia, é a terceira testemunha do periodo apostolico invocada pelos theologos do Papado.

Eleito bispo em 69 da era christã, logo depois da morte de S. Pedro e S. Paulo, e em vida ainda de S. João, foi condemnado pelo imperador Trajano a ser lançado aos leões no Coliseu, em Roma, entre os annos de 107 e 116, pela firmeza com que confessara a sua fé em Jesus Christo.

Em seu longo trajecto ao logar de seu martyrio, escreveu elle cartas de exhortação a varias egrejas. Na carta que escreveu á igreja em Roma, diz elle: «Eu não sou vosso mestre, como Pedro e Paulo o foram; pois elles eram

apostolos e eu um condemnado; elles eram homens livres, porém eu sou um escravo até esta hora; mas se eu soffro, torno-me um liberto de Jesus Christo, e nelle eu me erguerei homem livre.»

O que ahi temos é apenas a associação dos nomes de Pedro e Paulo, como mestres ou doutores dos christãos em Roma.

Esta intima associação, porém, que se nota igualmente em seu contemporaneo Clemente de Roma, «não tem, pondera Greenwood, um caracter tão positivo que exclua explanações de outras fontes de informação. Allega-se com grande plausibilidade que os ministerios distinctivos de cada um delles — o de Pedro da circumcisão e o de Paulo da incircumcisão — reconhecidos por elles mesmos (Gal. II-7), tornara-se assumpto de notoriedade em toda a Igreja. Estas duas funcções reunidas comprehendiam um ministerio completo, de sorte que a associação dos nomes era antes uma associação de idéas, do que de pessoas. Os nomes Pedro e Paulo viriam assim representar a communitate ou união do ministerio dos judeus e dos gentios, fundamento ou columna dupla da dispensação evangelica, sentido este que frequentemente tem em vista escriptores christãos subsequentes» (Co. Petri, Liv. I. pag. 24).

Realmente, este tópico da carta de Ignacio não affirma positivamente que Pedro estivesse pessoalmente doutrinando em Roma, mas apenas declara que elle, Ignacio, escrevia aos christãos judeus e gentios, que reconhecidamente compunham a igreja christã dessa cidade, não com a auctoridade com que escreveram Pedro e Paulo, os mestres inspirados do mundo judaico e gentilico. Onde chegaram as *epistolas* destes dois representantes do Apostolado, ahi foram elles realmente mestres, sem haver, em rigor, necessidade da presença pessoal delles.

Escrevendo hoje a qualquer igreja christã na America, poderíamos usar com toda a propriedade da mesma expressão, principalmente se quizessemos, como Ignacio, contrastar a humildade de nosso ensino com o desses luminares do Christianismo.

Eis tudo quanto nos *padres* chamados *apostolicos*, podem respigar em abono da estada e residencia de S. Pedro em Roma. Ao silencio dos escriptores sagrados e ás provas categoricas da chronologia do Novo Testamento, apenas oppõem phrases vagas que não auctorizam nenhuma conclusão segura, dos escriptores contemporaneos dos Apostolos.

Assim, pois, nos escriptos dos Apostolos e dos *padres apostolicos* nada ha que justifique a affirmação de ter estado S. Pedro em Roma, e muito menos de ter elle feito dessa cidade a séde de seu governo episcopal e apostolico.

O periodo *apostolico* encerra-se com a morte do ultimo Apostolo, S. João, em '99 da era christã. Segue-se o periodo *post-apostolico*, que contém o *sub-apostolico*, o qual vae até a morte de Polycarpo em 155, ultimo discipulo dos Apostolos.

No periodo *apostolico* nada encontrámos, quer nos documentos biblicos, quer nos documentos extra-biblicos, que possa dar plausibilidade á tradição romana do episcopado de S. Pedro em Roma.

O papa Bonifacio VIII. declarou ser condição necessaria, á salvação eterna, submissão ao Papado, obediencia ao papa, que é Deus na terra, *Deus in terris*. E' este ainda o ensino dos theologos infallibilistas da Igreja Romana e o sentimento geral dos catholicos ultramontanos.

Como é, pois, que tão tremendas pretensões não encontram sequer sombra de apoio nos documentos canônicos e extra-canônicos do periodo *apostolico*?

Fallece inteiramente aos titulos do Papado, durante a vida dos fundadores do Christianismo, emquanto viveram e respiraram na terra Christo e seus Apostolos, qualquer fundamento dogmatico ou historico.

Julgamos tê-lo demonstrado cabalmente nas paginas que até aqui temos escripto.

Para os catholicos sinceros que ainda crêem existir uma base dogmatica para o Papado no *Tu es Petrus*, não pôde deixar de impressionar a completa ausencia de fundamento historico, exactamente no tempo em que a historia poderia offerecer-nos alguma certeza divina no caracter sagrado ou semi-sagrado dos escriptores.

E' evidentemente fatal á theologia infallibilista este silencio systematico da historia da Egreja primitiva.

Exclusivamente entregues ao testemunho humano dos tempos post-apostolicos se acham os supremos interesses papaes!

Nas tradições meramente humanas devemos buscar os titulos divinos do Papado!

Triste ironia dos seculos! a infallibilidade do papa tem por sustentaculo o testemunho fallivel de uma tradição confusa e contradictoria, a que a critica historica não pôde dar os foros de factos comprovados, e onde teve de desvendar muitas fraudes manifestas.

Teremos occasião de demonstrá-lo no decorrer deste estudo; por agora passemos em revista os auctores post-apostolicos citados em abono da presença de S. Pedro na séde do Papado.

Abre-se um claro significativo na tradição durante a primeira metade do segundo seculo, que comprehende os tempos sub-apostolicos, já estudados.

Após Clemente, Papias e Ignacio, emmu-dece por algum tempo a vaga e incerta tradição da estada de Pedro em Roma. Em Barnabé, Polycarpo e Hermas, escriptores ecclesiasticos, sub-



apostolicos, contemporaneos daquelles, não encontramos della vestigios (C. Petri Co. II, pg. 29).

Na geração seguinte de escriptores christãos, apparece na primeira linha Dionysio, bispo de Corintho, como o esteio principal da tradição romana.

Este escriptor floreceu em 170 E. C., e delle conservou Eusebio (325) um fragmento de uma carta dirigida a Soter, bispo de Roma, onde se lê o seguinte tópico: «Assim tambem agora vós por esta vossa admoestação tendes de novo misturado em uma aquella plantação dos romanos e corinthios, que foi a principio semeada por Pedro e Paulo; pois ambos, tendo-nos plantado aqui em Corintho, ensinaram-nos da mesma maneira, e então tendo ensinado na Italia da mesma maneira e logar, deram elles seu testemunho (martyrio) cerca do mesmo tempo». (C. P. I. I, c. II. pg. 30). Este é o documento mais antigo e positivo em abono da presença de Pedro em Roma, que, entretanto, nada aproveita á tradição papal, visto que associa S. Paulo á fundação da Igreja de Roma, prejudicando a idéa de um episcopado exclusivo de S. Paulo, a que aliaz nem sequer allude.

Entretanto, a simples presença de S. Pedro em Roma, unica inferencia legitima deste documento fragmentario, é enfraquecido pelas seguintes ponderações:

1.<sup>a</sup> O trecho é confuso e os termos vagos; grande divergencia tem provocado a sua traducção (do original grego).

2.<sup>a</sup> Pedro é ahí considerado como fundador da igreja de Corintho, quando sabemos pelos *Actos dos Apostolos* (XVIII-11) que São Paulo é o seu exclusivo fundador.

3.<sup>a</sup> Pedro e Paulo são ahi considerados *plantadores* ou fundadores da igreja de Roma, quando sabemos igualmente pelos *Actos dos Apostolos* (XXVIII-15) e pela epistola aos Romanos, que antes de Paulo desembarcar em Roma já ahi existia uma igreja numerosa. Mui provavelmente cabem aqui as considerações de Greenwood que atraz transcrevemos sobre a associação dos dois Apostolos dos judeus e dos gentios. Um elemento judaizante ou petrino e um elemento gentilico ou paulino, existentes em Corinto e Roma, reclamavam a invocação dos dois nomes como o fundamento completo desses dois grandes centros do Christianismo primitivo. E se Pedro podia ser invocado como plantador ou fundador da igreja de Corinto, sem que o fosse no sentido rigoroso do termo, e o mesmo podia acontecer em relação a Roma, é claro que o mesmo raciocinio podemos applicar a Pedro com respeito á fundação da igreja de Roma. As expressões de Dionysio não nos auctorizam a concluir a presença pessoal de Pedro no *inicio* da igreja em Roma, mais do que a sua presença nas mesmas condições em Corinto, ou a de Paulo na cidade dos sete montes.

4.<sup>a</sup> As vagas expressões do bispo de Corinto não nos dizem se os dois Apostolos foram plantadores das duas igrejas pelo ensino fallado ou escripto, pela palavra prégada ou escripta em suas immortaes epistolas, que incontestavelmente circulavam em todas as igrejas apostolicas, doutrinando a todos nos fundamentos impereciveis do Christianismo. As considerações do paragrapho antecedente nos levam a julgar que o auctor não fazia distincção essencial entre o ensino oral e o escripto. Deste modo os Apostolos eram de facto os plantadores de todas as igrejas christãs, quer estivessem presentes quer não, pois os seus ensinos é que eram o fundamento

auctorizado. E Pedro e Paulo eram os representantes do Apostolado, sendo, como taes, constantemente citados na literatura patristica. Disto concluimos que o testemunho de Dionysio, bispo de Corintho, não offerece base segura para affirmarmos a presença pessoal de Pedro em Roma.

Examinemos agora um outro de grande valor: é o de sancto Irineu, bispo de Lião, na Gallia, discipulo de S. Polycarpo, que o foi de S. João. Pelo anno de 178, tendo vindo elle do Oriente, foi eleito bispo dessa importante communi-  
dade do Occidente.

Activa polemica teve elle de sustentar contra as heresias gnosticas, que formigavam em seu tempo. Contra as egrejas hereticas teve de manter os direitos das egrejas orthodoxas, como as legitimas representantes do verdadeiro Christianismo. Dos seus escriptos só existe, informa-nos Greenwood, uma obra contra os hereges, e esta em uma imperfeita versão latina.

Em um tópico dessa obra, escreve elle: «Para não enumerar a successão episcopal de todas as egrejas, temos por costume confundir os adversarios oppondo-lhes as *tradições* que a maior, a mais antiga (?) e mais bem conhecida de todas as egrejas, a igreja *fundada* pelos gloriosos apóstolos Pedro e Paulo em Roma (*Maxima et antiquissima et omnibus cognita, a gloriosissimo apostolis Paulo et Petro Romæ fundita et constituta ecclesia*) recebeu dos proprios Apóstolos; e transmittiu por uma successão regular de bispos até nossos dias. Consequentemente é dever de cada um recorrer a essa igreja por causa de sua preeminencia mais auctorizada (*potentio-rem principitatem*) neste respeito; e tal deve ser o procedimento do fiel em qualquer parte em que se ache, porque naquella igreja as tradições transmittidas dos Apóstolos são recebidas por todos (C. P., Liv. I., c. II. pg. 32).

Irineu, como se vê, repete a Dionysio, quanto á fundação da egreja em Roma, portanto a elle se applicam, *mutatis mutandis*, as ponderações que sobre este fizemos.

De facto, a associação insistente de Pedro e Paulo na origem da egreja em Roma, que encontramos em Irineu, Dionysio, Clemente e Papias, afasta a idéa de um episcopado exclusivo de Pedro: o testemunho desses sanctos padres primitivos dão o mesmo direito a Paulo, coordenando-o com Pedro na implantação e doutrinação da «maior e mais antiga das egrejas christãs».

Para o episcopado romano de S. Paulo teriamos argumentos ponderosos, que fallecem inteiramente para o de S. Pedro. Em primeiro lugar, S. Paulo era apóstolo dos gentios, e Roma a séde do gentilismo. Depois existe uma *pastoral* de S. Paulo aos romanos, e não existe nenhuma de S. Pedro; e, finalmente, ha provas biblicas de ter estado S. Paulo em Roma, e não as temos em relação a S. Pedro.

Incontestavelmente assignalado serviço prestou ao Protestantismo o partido judaizante, que prevaleceu em Roma na escolha de Pedro, como chefe; pois outras seriam as difficuldades da polemica, se a escolha tivesse cahido em Paulo, o grande e activo Apóstolo do gentilismo.

Não somente Roma, senão tambem Antiochia, Corintho e Alexandria reclamam S. Pedro como fundador das respectivas egrejas. Tambem Epheso, onde S. João residiu em seus ultimos annos, invoca no mesmo sentido o nome deste Apóstolo. Entretanto, sabemos dos *Actos* que estes Apóstolos não foram os iniciadores dessas communiidades christãs.

Deste facto e do valor do termo original grego, conclue o illustre auctor de *Cathedra Petri* que — *fundador*, na literatura patristica, nem sempre indica o *iniciador* de qualquer com-

munidade, mas também designa uma personagem de grande distincção e merito, que toma parte em seu doutrinamento e consolidação. Assim sendo, percebe-se a razão por que S. Pedro é, na tradição patristica, considerado o *fundador da igreja* em Roma, apesar de não abonarem os factos a sua presença nessa cidade.

Tendo essa igreja o seu inicio mui provavelmente nos «forasteiros» convertidos por S. Pedro no dia de Pentecoste em Jerusalem (Acts. II.), o nome deste Apostolo ficou indelevelmente ligado á nova communitate, de que elle fôra *indirectamente* o fundador.

Ajunctae a esta consideração a circumstancia, geralmente reconhecida pelos criticos, de que o elemento judaico era numeroso na jovem communitate, e que este elemento se instruiria com especial cuidado nas epistolas do Apostolo dos judeus, e tereis a chave interpretativa da continua associação de S. Pedro a S. Paulo na fundação da igreja de Roma. Quanto ao grande valor que Irineu dá á tradição apostolica na refutação das pretenções gnosticicas ao gremio christão, releva fazer duas observações:

1.º Irineu não se refere á igreja de Roma como «a fonte *exclusiva* da tradição authentica». «Elle poderia — escreve Irineu em paragrapho precedente ao tópico citado — se lhe conviesse, enumerar os bispos installados naquellas egrejas e seus successores até seus dias, para mostrar que elles não tinham ensinado nada de tudo aquillo com que sonharam os herejes; sendo, porém, esse um processo por demais tedioso, escolhera as tradições da igreja de Roma com que confutar as falsidades e dissipar as illusões dos herejes» (C. P. L. I, c. II., pg. 33).

A preferencia dada ás tradições da igreja de Roma, não se refere á pureza e authenticidade, mas á contiguidade e notoriedade dellas.

2.º Na memoria de Irineu, discipulo de Polycarpo, que o fôra do Apostolo S. João, como na memoria de seus contemporaneos da segunda geração, conservavam-se vivos os ensinamentos oraes dos Apostolos do Senhor. A torrente dos seculos não tinha ainda turbado a limpida corrente, que as *ficções* e as heresias, entretanto, já começavam a corromper.

Além disso poucos eram os que no seu tempo podiam recorrer aos raros manuscriptos canônicos, existentes nos centros christãos.

Era, pois, natural que, em taes condições, elle appellasse, para repellir as perversões do gnosticismo heretico, ao ensino tradicional das egrejas christãs, que tinham gosado da vantagem da presença pessoal dos Apostolos ou de seus discipulos immediatos, ou que possuiam as melhores oportunidades de colligir informações authenticas dos factos e doutrinas da Revelação (Ib. p. 32).

O valor, portanto, que Irineu dava á *tradição* para confundir os que se diziam falsamente seguidores dos Apostolos, nada tem de commum com a importancia decisiva que o Romanismo dá á *tradição* dos sanctos padres.

Em relação ao testemunho de Irineu sobre a estada de Pedro em Roma, convem ainda mencionar dois factos por elle relatados, não de somenos importancia.

Em um fragmento conservado do original grego da obra de Irineu, lê-se:

«Pois na verdade Matheus publicou para os hebreus, no proprio dialecto destes, um escripto do Evangelho, emquanto Pedro e Paulo estavam evangelizando e fundando a igreja em Roma. Após a partida destes, Marcos, discipulo e secretario de Pedro, transmittiu-nos os assumptos e cousas prégadas por Pedro». (*Irinæus adv. Her. libr. III., c. I., ap. Greenwood*).

Ora, o Evangelho de S. Matheus, segundo os melhores criticos, foi divulgado antes de A. D. 60 ou 65, talvez, observa Greenwood, cinco ou seis annos depois da Ascensão do Senhor. Já demonstrámos que em tempo tão primitivo não ha no N. T. nenhum vestigio de S. Pedro ter estado em Roma, onde só no anno 61 chegou preso S. Paulo (Acts. XXVIII.-11-16).

Conta-nos ainda Irineu que depois de ter fundado (?) Roma, S. Pedro e S. Paulo ordenaram primeiro bispo a Lino, a quem S. Paulo menciona na epistola a Timotheo (2 Tim. IV.-21). Anencleto, accrescenta elle, recebeu o episcopado de Lino; e, depois d'elle, Clemente foi *escolhido* para o episcopado em terceiro lugar desde os Apostolos. «*Fundantes igitur et instituentes beati Apostoli Ecclesiam Lino episcopatum administrandæ Ecclesiae tradiderunt.*»

Eusebio, historiador do IV. sec., provavelmente firmado em Irineu, dá-nos a mesma lista dos trez primeiros bispos de Roma, assim se exprimindo, segundo Greenwood (Ib. p. 53, Nat. d.): «Lino foi *eleito* bispo da egreja romana depois do martyrio de S. Paulo e S. Pedro; Clemente foi *constituído* bispo em *terceiro* lugar, e, quanto a Anencleto, o episcopado lhe foi *entregue* por Lino, depois de o haver este tido por doze annos; e depois que Anencleto o reteve por doze annos, *foi succedido* por Clemente». (Euseb. H. E., libr. III., C. 2, 4, 13, 15).

Esta lista auctorizada dos trez primeiros bispos de Roma, dada por Irineu e Eusebio, estão pedindo as seguintes observações em referencia á transmissão da tremenda herança de S. Pedro, de dominio universal e absoluto:

1.<sup>a</sup> Lino, segundo Irineu, foi ordenado bispo não só por S. Pedro, mas tambem por S. Paulo. Portanto, se por esse facto é elle successor de S. Pedro, o é tambem de S. Paulo.

Irineu manifestamente ignorava a herança especial do collega de S. Paulo, pois não só a ella não allude neste primeiro acto de *transmissão solenne*, em vida ainda do testador (!), mas tambem dá a S. Paulo a mesma funcção no acto de se constituir o primeiro *successor* de S. Pedro. Vem Eusebio aggravar a situação das pretensões papaes, declarando que Lino *foi eleito* bispo *depois* do martyrio de S. Paulo e de S. Pedro. Segundo este conceituado pae da historia ecclesiastica, S. Pedro nem tempo teve de fazer seu testamento em favor de Lino. Tudo isto é fatal á transmissão da famigerada herança.

2.<sup>a</sup> Lino é considerado o *primeiro* bispo, tanto por Irineu como por Eusebio. Ora, se elle era o *primeiro* no consenso destes sanctos pades, segue-se que elles não consideravam S. Pedro *primeiro* bispo de Roma. Para estes primitivos doutores da Igreja, o Apostolado era incompativel, como realmente é, com o episcopado diocesano, assim como o exercicio da realza é incompativel com o cargo de governador de provincia.

Succede, porém, que a herança papal do bispo de Roma é baseada na *ficção* do episcopado de S. Pedro, que, como bispo residente em Roma, transmittiu a seus successores sua supremacia apostolica. Se S. Pedro não fôra bispo localizado em Roma, não poderiam os bispos desta cidade, mais que os de Jerusalem, Antiochia ou Corintho, reclamar os direitos pontificios, que attribuem a este Apostolo.

A exclusão, pois, que fazem estes dois eminentes doutores da antiguidade christã, do nome de Pedro da lista dos primeiros bispos de Roma, dá em terra com as pretensões destes.

3.<sup>a</sup> Na installação de Lino e de seus successores, não ha, como seria de esperar, a me-



por «declaração, algum acto decisivo, alguma asserção explicita de direito», que impuzesse ás egrejas da christandade o sentimento de obrigação ou dever de submissão ou obediencia á egreja de Roma e a seu bispo.

Não ha nenhuma indicação formal nesses velhos archivos da Egreja da solenne investidura do poder universal, que posteriormente se arrogaram os humildes pastores do Tibre.

Trinta e dois bispos se succederam na sé romana, segundo uma lista apresentada ao concilio de Nicéa (325), e nenhum incidente da minima importancia, com a só excepção de dois ou tres, veio revelar, nesses trinta e dois bispos, trinta e dois potentados, dominadores infalliveis e absolutos da christandade oriental e occidental.

Absolutamente não houve nenhum testamento, titulo ou formalidade externa que, na morte de S. Pedro ou tempos subseqüentes, fizesse a christandade primitiva suspeitar que o bispo particular de Roma ficara investido com o episcopado universal, e se tornara, por determinação divina, o bispo dos bispos, o bispo ecumenico.

O testemunho de Sancto Irineu, pois, apenas auctoriza, como o de Dionysio e Clemente, a vaga inferencia da presença de S. Pedro em Roma, porém é contraria á idéa de seu episcopado, transferido a seu pseudo-successor.

Passemos agora a examinar o depoimento de uma outra testemunha arrolada pelos advogados do Papado.

Cita Eusebio, a quem devemos estas noticias fragmentarias sobre a vinda de S. Pedro a Roma, a um certo Gaius ou Caius, que viveu nos dias de Zephyrino, bispo de Roma, entre 202 e 219, nos seguintes termos:

«Eu posso mostrar-vos o monumento dos Apostolos; pois, se quizerdes acompanhar-me até

o Vaticano ou até a Via Ostia, vereis os trophéos daquelles que fundaram esta igreja». (C. P. p. 41).

As igrejas da Asia Menor, que appellavam para seus martyres, responde Caio, presbytero da igreja em Roma, apontando para alguma pedra memorial, existente em seu tempo, que assinalava o martyrio de S. Pedro e S. Paulo nessa cidade; pois é impossivel suppor — observa criteriosamente Karl von Hase — que nos jardins do Vaticano, palacio dos imperadores, que continuavam nessa época a perseguir os christãos, e mesmo deante da *Porta Ostiensis*, onde diz a tradição ter sido S. Paulo morto á espada, se construísse, nesse tempo, qualquer monumento proeminente do martyrio desses dois Apostolos.

Em todo o caso, o testemunho de Caio nos dá a conhecer que nos principios do segundo seculo (210), cerca de 140 annos depois da morte desses Apostolos, a igreja de Roma já mostrava, como trophéos de sua gloria, dois monumentos humildes nos logares onde hoje se erguem os soberbos templos de S. Pedro e S. Paulo.

O testemunho de Caio vem apenas confirmar a tradição, que apparece pela primeira vez com Dionysio (St. Denis) de Corintho em 170 da era christã, pouco mais de 100 annos depois da morte dos Apostolos, e cerca de 40 annos antes de Caio, isto é, que S. Pedro e S. Paulo fossem martyrizados em Roma na primeira perseguição de Nero em 67 ou 68.

Resta-nos mais uma testemunha do segundo seculo e principios do terceiro, citada em abono da tradição romana.

É esta Clemente de Alexandria, o eminente fundador da famosa eschola theologica desse centro vital do christianismo primitivo, para onde confluíam as correntes philosophicas do Oriente e do Occidente.

Foi elle contemporaneo de Caio e Irineu, e de uma obra sua, já não existente, cita Eusebio algumas palavras que parecem a repetição do testemunho de Papias sobre a origem do Evangelho de Marcos. Diz Eusebio, citando Clemente:

«Depois que Pedro em publico proclamara a palavra em Roma, e annunciara o Evangelho pelo Espirito, as pessoas presentes, sendo numerosas, procuram a Marcos, que, por ter sido companheiro de Pedro, por muito tempo, se lembrava de suas palavras, afim de que escrevesse o que o Apostolo tinha prégado. Marcos, portanto, tendo escripto seu Evangelho, entregou-o áquelles que o tinham procurado para esse fim. O que, quando Pedro soube, não prohibiu nem animou.» (C. P., p. 39).

Deste trecho, como do de Papias e de Clemente de Roma, apenas se poderá inferir a presença pessoal de Pedro em Roma. Esta mesma inferencia, observa Greenwood, não é muito segura deante do verbo grego traduzido — *proclamar*, — visto que o termo original significa *proclamar como arauto*, e não implica necessariamente a presença do proclamador.

Temos passado em revista todos os escriptores e sanctos padres do primeiro, segundo e principio do terceiro seculo, dados como origem auctorizada da tradição romana de ter estado S. Pedro em Roma e de ter ahi estabelecido a séde de seu governo episcopal de 25 annos.

Bergier, ardoroso patrono dessa tradição, escreve:

«Pendant longtemps les protestants se sont obstinés à soutenir que *Saint Pierre* n'est jamais venu à Rome, qu'il n'y a donc jamais établi son siége; mais le fait contraire est prouvé par les lémoignages de Saint Clément, de Saint Ignace

et de Papias, tous trois disciples des apôtres; Caius, prêtre de Rome, Saint Dinis de Corinthe, Saint Clément d'Alexandrie, Saint Irinée, Origène, ont attesté la même chose au second et aux troisième siècle; aucun de Pères n'en a douté dans les siècles suivants.» (*Bergier. Dict. de Theologie, Pierre*).

Menciona Bergier, entre as testemunhas originaes da tradição, a Origenes.

Origenes foi discipulo e successor de Clemente de Alexandria, floresceu na primeira metade do terceiro seculo. Escreveu, diz S. Jeronymo, mais do que um outro homem pôde ler; calcula Epiphanio em seis mil as suas obras. Destas chegaram até nós algumas em traducções latinas.

Se, nesses fragmentos da obra colossal de Origenes, encontrou Bergier algum tópico em abono da tradição papal, deve ter sido insignificante, pois nada encontramos a este respeito em Greenwood, K. von Hase, Schaff, Elliott, Salmon, auctores que estudam cuidadosamente o assumpto.

Resta-nos agora examinar duas tradições apocryphas, que mais do que esses escriptores primitivos favoreceram o mytho catholico-romano sobre S. Pedro.

Pullulam, nos annaes primitivos da Egreja, escriptos espurios ou apocryphos, que revelam a tendencia perigosa para a ficção e para as lendas, que degeneraram largamente nas *fraudes pias* dos tempos medievidicos.

A ardente imaginação dos judaizantes fez de S. Pedro o heroe de um cyclo interessante de lendas romanescas: appareceram escriptos espurios sobre — «Prégação de S. Pedro», «Evangelho de Pedro», «Actos de Pedro», e «Apocalypse de Pedro». Estes e muitos outros escriptos apocryphos circularam nas egrejas, e, ás vezes, como

cânonicos, até que os concílios estabelecessem definitivamente o cânon sagrado do Novo Testamento.

Num desses documentos apocryphos (*Actos de Pedro e Paulo*), encontra-se a seguinte lenda, que, pelo seu teor, deve antedatar á glorificação de Pedro, como pondera Schaff. Estando encerrado na prisão Mamertina em Roma, Pedro subornou o carcereiro, poucos dias antes de seu supplicio, e fugiu; porém, quando chegou a um certo lugar, fóra da Porta de S. Sebastião, appareceu-lhe o Senhor com uma cruz. Pedro, surpreso, perguntou-lhe: «Aonde vaes, Senhor? (*Domine, quo vadis?*)» — Respondeu-lhe Jesus: «Vou á Roma, para ser de novo crucificado (*venio Romam iterum crucifigi*)». Voltou o discípulo profundamente humilhado, e entregou-se ao carcereiro para ser crucificado de cabeça para baixo, julgando-se indigno de parecer com o Divino Mestre.

Origenes, informa-nos Schaff, é o primeiro a fazer allusão a esta velha lenda, e talvez por isso o arrola Bergier entre as testemunhas da tradição papal.

Facilmente se reconhece nesta tradição uma bella lenda sem nenhuma pretensão á verdade historica, observa von Hase. Entretanto, em uma pequena capella levantada na *Via Appia* com a legenda — *Domine, quo vadis?* — é conservada «como singular reliquia uma pedra ou a reproducção de uma pedra, na qual se vê profundamente impressa a pégada do Salvador Resuscitado».

Uma outra lenda de typo francamente judaizante surge no meio do segundo seculo da era christã nas *Homilias Clementinas*, obra reconhecidamente apocrypha, falsamente attribuida a Clemente de Roma.

Nella Simão Mago, baptizado pelos Apostolos em Samaria e asperamente reprehendido

por S. Pedro, segundo a narração de S. Lucas (Acts. VIII-32) figura de pseudo-apostolo da mentira, pae das heresias, samaritano possesso de demonio. Segue-lhe os passos Pedro, o grande apostolo da verdade, de Cesaréa Stratonis, a Tyro, Sidon, Beryto, Antiochia e Roma. Nesta cidade, deante do Tribunal de Nero, discute com elle, refuta seus erros, e quando o terrivel feiticeiro tem a presumpção de partir para o céu, erguido no ar por demonios, a oração de Pedro fá-lo precipitar-se miseravelmente para terra, o que põe termo a suas imposturas.

Nesta fábula romanesca do segundo século, Schaff, von Hase e outros, baseados no texto do velho documento, enxergam uma allegoria do conflicto entre as duas correntes do christianismo primitivo — a petrina e a paulina.

Simão Mago, esse Dr. Fausto da antiguidade christã, na phrase de Hase, é a caricatura judaizante de S. Paulo, o Apostolo dos gentios, ao passo que S. Pedro é o campeão da ortho-doxia mosaica no seio da christandade.

A malignidade judaizante, que tanto fez soffrer o Apostolo Paulo, revela-se nesse «romance tendencioso».

«Fado é da Sé de Roma, diz Hase, com suas illimitadas pretensões, muitas vezes no curso de seu desenvolvimento, como no caso de sua propria fundação, repousar sobre uma ficção!»

Chegando á mesma conclusão, escreve Du Pin, honesto historiador catholico romano: *De primatu Petri nihil apud Justinum, Irineum, Clementem, Alexandrinum et alias antiquissimos (Du Pin, 313).*

## Origens do Papado

Roma não se fez num dia, di-lo o proloquio popular. Assim o Papado, filho de Roma, «é incontestavelmente o resultado de um processo historico» lento e gradual, determinado pela fatalidade dos tempos. E' elle o elo ultimo de uma evolução secular, a expressão suprema de uma concentração successiva do poder.

Nada ha, como vimos, no *governo* ou *disciplina* da Igreja christã primitiva, nada ha que, sequer de longe, se approxime do papismo da Igreja Latina. Nas paginas do N. T., nos annaes dos tempos apostolicos, sub-apostolicos e post-apostolicos, procurámos debalde vestigios de tão assombrosa instituição; mais de quatro seculos decorrem sem que surgissem, na historia, os primeiros symptomas de seu advento.

E', pois, o Papado uma superfetação em relação ao Christianismo. Semelha a certas parasitas, que vicejam na copa das arvores, vivendo a custa de sua victima. Superpõem, á verde copa, exuberante folhagem, a cuja sombra repousam indifferentes homens e feras. Tal o Papado superposto á arvore do Christianismo. Parasita secular, vive elle de seu prestigio della, suga-lhe a seiva e paira nas alturas, resistindo com a força das raizes, entranhadas no Calvario, ao sopro impetuoso de perennes borrascas.

Quando sobre as aguias romanas triumphou o lábaro, e vieram os reis beijar os pés aos discipulos de Christo, abriu-se o campo ás ambições humanas, e no seio da christandade alçou o collo o orgulho apóstata. Tomou asas «o mysterio de iniquidade», e de Roma desfiriu seu vôo altivo.

Da democracia pura evolueu o governo da Igreja para a olygarchia episcopal, e desta, atra-

vês do arcebispado, metropolitanismo e patriarchado, veio culminar na monarchia papal.

O etymo de *papa* temo-lo no grego *pappas* — pae. Era titulo primitivamente applicado a todo clerigo, como ainda hoje o é na Igreja Orthodoxa Grega. No quinto seculo, foi restringido aos patriarchas, e posteriormente ao bispo e patriarcha de Roma, quando vingou no Occidente a sua pretensão de pae de toda a Igreja. Officialmente usado por Leão I (440-461), só no seculo decimo, foi declarado por um decreto de Gregorio VII (1073-1085), direito exclusivo do Papado. *Pontifice Maximo* ou *Summo Pontifice* é outro titulo do Papado, que significa — o *principal constructor de pontes*, a semelhança dos imperadores romanos, que uniam funcções civis e religiosas; tambem *Vigario de S. Pedro* (Bonifacio, em 722, assim chamou o papa), *Vigario de J. Christo* ou de *Deus* (Innocencio III, 1198-1216), *servus servorum Dei* (Gregorio I. (590-604). Ao ser coroado, recebe elle a coroa das mãos de dois cardiaes-diaconos, que, pondo-a sobre a sua cabeça, dizem: «Recebei a tiara ornamentada pelas trez coroas, e sabei que sois o pae dos bispos e dos reis, o governador terrestre do mundo, o vigario de nosso Salvador Jesus Christo, a quem seja a honra para sempre.» (Schaff).

Busquemos agora na historia as pégadas do Papado.

## O Episcopado

Eram os Apostolos, na Igreja primitiva, uma classe extraordinaria de officiaes especialmente encarregados de testemunharem a resurreição do Senhor e fundarem sobre a Rocha dos seculos a Igreja Christã (Acts. I. 22).

Fundando-a, moldaram seu governo pela synagoga judaica, estabelecendo democracias locais



autónomas, que se relacionavam pelos laços da íntima solidariedade de uma mesma fé, amor e esperança, que era «a communhão dos sanctos».

Nessas communidades ou egrejas locais, apparecem apenas duas ordens de officiaes, eleitos pelo povo — os *presbyteros* ou *anciãos* e os *diaconos*. A'quelles pertencia a esphera espiritual, e a estes as temporalidades e soccorros.

No N. T., *presbytero* é synonymo de bispo, como se vê em Acts. 20. 17 e 28; Tit. 1. 3 e 7. E' esta synonymia que nos explica a saudação de S. Paulo «aos bispos e diaconos» da egreja da cidade de Philippos (Phil. 1. 1). O governo de cada egreja primitiva era dirigido por um conselho de *presbyteros*, *anciãos* ou *bispos*. O presidente deste conselho era, com certeza, o *presbytero* predicante, a quem S. Paulo recommenda «dobrado estipendio» (1 Tim. 5. 17).

Os annaes dos tempos sub-apostolicos nos mostram que o titulo de *bispo* (=vigilante) foise restringindo a este *presbytero* presidente ou predicante, de sorte que já no segundo seculo era um tal uso geral. A differenciação significativa denotava uma forte tendencia, que breve extremou em duas ordens distinctas uma só classe de officiaes primitivos.

Tal a origem do episcopado, do qual não nos fallam as paginas do N. T.

Com o desenvolvimento do episcopalismo, cresceram rapidamente as pretenções da nova ordem, considerando-se os bispos successores dos Apostolos, muito antes de apparecer com Leão I, no sec. V, o primado de S. Pedro. Ignacio († 107 ou 115), Irineu († 202) e Cypriano (258) assignalam trez phases no desenvolvimento progressivo do conceito episcopal.

Brotou o episcopado espontanea e instinctivamente do espirito centralizador dos tempos, da necessidade de uma unidade mais íntima deante das grandes perseguições e do formigar das he-

resias. E tão espontaneamente brotou elle e tão depressa, que a muitos se affigura ter tido a sanção apostolica. Clemente de Alexandria declara tê-lo S. João instituido, quando sahiu de Patmos, para onde fôra desterrado, e Irineu, Tertulliano, Eusebio e Jeronymo acreditam ter sido Polycarpo por elle ordenado bispo de Smyrna.

Todavia, apesar da distincção geral que no segundo seculo já se fazia entre o episcopado e o presbyterado, reconhecia-se ainda, no tempo de S. Jeronymo († 420), a identidade apostolica desses dois termos.

E', pois, mais provavel, como observa Lightfoot e Schaff, que o episcopado, como ordem superior ao presbyterado, se tivesse desenvolvido por escala ascendente e descendente, isto é, por uma expansão do presbyterado e por uma contracção do apostolado.

E' o que se percebe nas trez phases acima assignaladas.

(a) Para Ignacio de Antiochia, no principio do 2.<sup>o</sup> sec., os bispos eram os centros de unidade da «Egreja Catholica», os vigarios de Christo ou de Deus, para quem se devia olhar como para o Senhor. Os bispos, porém, no seu sentir, eram coordenados, sem nenhuma primazia, como centro de simples congregações.

(b) Para Irineu, no principio do 3.<sup>o</sup> sec., o episcopado é diocesano, uma como continuação do apostolado, vehiculo da tradição catholica, sustentaculo da unidade doutrinal contra os hereges. Na lucta acirrada que teve de manter contra os heresiarchas, outro argumento melhor não havia, que appellar para a unidade tradicional dos grandes centros christãos, onde ainda se conservava vivo o ensino dos Apostolos.

Comtudo, nelle, como em Clemente de Roma, bispo e presbytero são ainda termos equivalentes. Em Tertulliano já se nota distincção, fa-

vorecida pela corrente judaica, que ia transformando o ministerio em sacerdocio.

(c) Para Cypriano, no meado do 3.º sec., o bispo é o portador do Espirito Sancto, que passou de Christo aos Apostolos, e destes aos bispos, por uma linha ininterrupta de successão, dando deste modo efficacia aos serviços religiosos por elles ministrados. Neste celebre bispo de Carthago, o episcopado attinge a maturidade. «O bispo está na Igreja, diz elle, e a Igreja está no bispo, e se algum não estiver com o bispo, não está na Igreja.» *Christianus non est, qui in Christi ecclesia non est.* Epis. 56. 3; 55. 20.

Corporificam estes trez bispos o periodo aureo da autocracia episcopal, que tomou vulto com a corrente judaizante, cedo fornecida pela origem historica do Christianismo. Esta corrente buscava no templo, e não na synagoga, como fizeram os Apostolos, o modelo para o governo e direcção da Igreja. Na organização mosaica do tabernaculo e mais tarde do templo, distinguiram-se trez ordens de officiaes — *levitas, sacerdotes* e *pontifice*. Breve as duas ordens de officiaes da Igreja Apostolica, moldadas no governo da Synagoga, donde se destacou a Igreja, desdobraram-se na triplice hierarchia de — *diacono, presbytero* e *bispo*.

Os bispos, porém, eram locaes e eleitos pelo povo, como foi Cypriano, bispo de Carthago, e nisto não podiam ser successores dos Apostolos, que eram bispos universaes, e não eram eleitos «nem por homens, nem por algum homem, mas por Jesus Christo.» (Gal. I. 1.) Coordenados, porém, entre si, desconheciam primazias, e apenas aos bispos dos grandes centros christãos, como Roma, prestavam a homenagem natural do *primus inter pares*. Foi o que demonstrou o bispo de Carthago em sua lucta com Estevam, bispo de Roma, sobre o baptismo de hereges.

Os bispos dos grandes centros começaram depois da união da Igreja com o Estado, no tempo de Constantino, a distinguir-se com o título de *metropolitanos*, e com o novo título se foram superpondo aos bispos de centros menos influentes, e a sua jurisdição local tornou-se diocesana.

No quinto século (como nos ensina Mosheim), Jerusalem, Antiochia, Alexandria, Constantinopla e Roma constituíam cinco grandes centros da christandade, cujos bispos eram chamados *patriarchas*.

Estes cinco patriarchados eram, porém, coordenados, como os bispos entre si; não havia primazias jurisdiccionaes entre elles; o concilio de Chalcedonia, em 451, declarou serem eguaes os patriarchas de Roma e Constantinopla, (*æqualia privilegia tribuerunt*). Nesse século ainda o bispo ou patriarcha da velha Roma não tinha nenhuma supremacia jurisdiccional sobre o da nova Roma. No sec. VII, a cimitarra dos kalifas subjugou Jerusalem (637), Antiochia (638), Alexandria (640), Roma e Constantinopla ficaram sós em face uma da outra.

## O Papado

Do patriarchado para o Papado era apenas mais um passo. Esse breve seria dado.

Dessa concentração successiva do poder ecclesiastico, surgiria naturalmente um monarcha, que encontrasse, em suas mãos, todo o poder, que fosse a representação viva da unidade catholica. Nessa centralização evolutiva, o bispado da cidade eterna transformar-se-ia, por uma fatalidade historica, no papado infallivel.

Entretanto, eruditos historiadores e theologos catholico-romanos tem procurado, com grande diligencia, nos documentos dos primeiros séculos, provas ou indícios da existencia, na Igreja;

dessa monarchia absoluta, que encerra em suas mãos de ferro os destinos de todos os bispos e de todos os fieis, pois que é necessario, para a salvação, que estejam todos sob o imperio theocratico do pontifice romano.

Du Pin, eminente historiador, o cardeal Belarmino, Alexandre e outros perscrutaram, com grande copia de erudição, os monumentos das antiguidades christãs, e tiveram de reconhecer o silencio dos primeiros seculos sobre um facto tão estupendo. *De Petri primatu, escreve Du Pin, nihil apud Justinum, Irinæum, Clementem, Alexandrinum, et alios antiquissimos.* (Du Pin 313). De facto, accrescenta Samuel Edgar, nada se encontra sobre a supremacia de S. Pedro e muito menos do bispo de Roma nos escriptos dos padres primitivos: — de Clemente Romano, Hermas, Barnabé, Ignacio, Polycarpo, Justino, Irineu, Clemente de Alexandria, Anthenagoras, Taciano, Theophilo e Tertualliano.

Os historiadores catholicos romanos supracitados só encontram referencia ou allusão á dignidade pontifical do bispo de Roma cerca do anno 370.

E' por certo extraordinario que esses defensores do Papado reconheçam que por quasi quatro seculos não se deparam sequer vestigios, nenhuma tradição, nem um simples monumento da antiguidade que perpetue a memoria do governo da mais estupenda das monarchias, que espanta o mundo com as suas inauditas pretensões. Passou ella completamente despercebida por quatrocentos annos a seus subditos, e atravessou silenciosa e desconhecida mais de oito gerações!

### Os germens do Papado

Mais claras e authenticas que as cabeceiras do Nilo, são os origens do Papado. Brotou elle

do orgulho do homem, e, por um determinismo historico, foi-se lenta e seguramente formando e consolidando como uma excrescencia no organismo ecclesiastico.

Se delle não ha vestigio, como provámos, nos primeiros seculos da era christã, encontramos, todavia, circumstancias e factos historicos, que são como que os germens ou cellulas, que, no decurso dos seculos, determinam fatalmente o seu apparecimento na christandade do Occidente.

Fixemos, por um momento, nossa attenção nesses como embryões do Papado.

1 A cidade de Roma, pela sua importancia, tradição e prestigio no Occidente, era um meio apropriado para metamorphosear o humilde pastor das margens do Tibre no autocrata do Vaticano.

Roma havia dominado o mundo, e se constituiria o centro politico de um imperio universal. Em sua marcha do Oriente para o Occidente, a civilização estabeleceu a sua séde na cidade eterna, e Roma fascinava o mundo antigo pelo prestigio mágico do poder e das idéas. Era ella o grande centro de unidade politica, donde irradiava, para todas as raças, juguladas a seu carro triumphal, o direito, a justiça e a ordem. O *senatus populusque romanum* era o terror das nações, e feliz quem pudesse dizer — *cives romanus sum*. Já ligado com correias, para ser posto a tractos, interpella S. Paulo ao centurião se lhe era permittido açoutar um cidadão romano. Ame-drontado, volve o centurião ao tribuno, e lhe dá o aviso: *Quid acturus es? hic homo civis Romanus est*. E immediatamente de Paulo se apartaram os que o iam pôr a tormento. (Acts. XXII).

Pela vastidão do Imperio, que abrangia as partes conhecidas na Europa, Asia e Africa, levavam aguerridos legionarios as aguias imperiaes.

A quarta alimaria da visão de Daniel fartara-se de carnagem, conseguindo prender os povos e as raças em uma gigantesca unidade.

Chegou, entretanto, o dia da retribuição. No quinto seculo essa mole immensa esphacela-se aos crebros e duros golpes dos barbaros, que caem, como matilhas esfaimadas de lobos, sobre o gigante moribundo.

Em 330, transportara Constantino, o Grande, a capital do Imperio de Roma para a velha Byzantium, transformada na luxuriosa Constantinopla, e a antiga capital, assim evacuada, deixou o campo aberto ás ambições do patriarcha romano, já envolvido na purpura principesca com a união adulterina da Egreja com o Estado, desde a ascensão de Constantino ao throno imperial.

Quando mais tarde o barbaro Odoacro desfechou o ultimo golpe no Imperio do Occidente, e hórrida confusão transtornou por completo a sociedade européa, era humanamente impossivel que a suggestão do meio não propellisse o hierarcha da Cidade Eterna a procurar entre os escombros do Imperio a coroa dos Césares.

Foi o que succedeu. Já no meado do sec. V, sonha o papa Leão I com uma monarchia universal, tendo por chefe o supposto herdeiro de S. Pedro.

2. A Egreja estabelecida em Roma veio trazer ás tradições da cidade um novo elemento suggestivo, que constitue um novo germen do Papado.

Era ella a egreja-mãe apostolica do Occidente, como Jerusalem e Antiochiã o foram do Oriente. Foi honrada com uma das mais importantes epistolas doutrinaes dos Apostolos, e com a presença e o tumulo de S. Paulo e, como julgava, de S. Pedro, de sorte que o nome dos dois principaes Apostolos estava tradicionalmente ligado a suas origens.

Davam-lhe ainda mágico prestigio — (a) a preeminencia politica da metrópole do mundo, o sangue dos mártires, que nella fôra abundantemente derramado na perseguição neronica, o largo soccorro, que pôde prestar ao resto da christandade, como um dos maiores centros da antiguidade, soccorro, que fôra o fructo não só de sua primitiva beneficencia, mais ainda do instincto orthodoxo de seus primitivos pastores.

E' evidente que todas estas circumstancias historicas fariam volver para a egreja, que estava em Roma, os olhares agradecidos da christandade de todo o mundo.

Nos escriptos dos padres primitivos, como Clemente, Ignacio, Irineu e Cypriano, são visiveis os germens do papismo nessas influencias historicas.

3. Clemente era presbytero-bispo em Roma, pelos fins do primeiro seculo († 102). A elle se attribue uma epistola que a «egreja de Deus, que mora (como estrangeira) em Roma», dirige «á egreja de Deus que mora (como estrangeira) em Corintho.» Este precioso documento, escripto em nome da congregação, ao lado de bellos conselhos e exhortações, respira um certo tom de superioridade, que é a manifestação inconsciente do espirito dominante do antigo povo-rei.

De resto, epistolas como esta, escreveram-nas Ignacio de Antiochia, Polycarpo de Smyrna, Dionysio de Corintho e Irineu. Ella apenas indica a direcção em que soprava o vento. Um seculo mais tarde, salienta-se essa tendencia hierarchica em Victor, um dos successores de Clemente, que em seu *proprio* nome, como observa Schaff, excommunga as agrejas da Asia Menor, por delle discordarem em certo rito, sendo por isso reprehendido fortemente por Irineu.



Bem cedo, pois, se revela o *virus* romano, que tem de explodir em Leão, Hildebrando, Bonifacio e Innocencio, e consummar-se em Pio IX.

4. Em Ignacio, Irineu, Tertulliano, Cypriano, como em Clemente, descobrimos os germens ou começos innocentes do Papado. Tiveram esses padres primitivos de lutar asperamente contra as heresias e schismas. Não lhes bastava a auctoridade da Biblia em tempos de tão profunda ignorancia; era-lhes mistér argumento mais sensível, que não só ferisse a morosa intelligencia do povo, senão também a sua imaginação.

Um se lhe offerencia: — a *unidade catholica no espaço e no tempo*. Eis a cidadella que convinha aos tempos, contra a qual deviam quebrar-se as ondas irrequietas dos elementos dispersivos da christandade dos primeiros seculos.

*Catholico* é termo de origem grega e quer dizer *geral e universal*; era primitivamente empregado pelos christãos para distinguir o Christianismo do Judaismo, que era nacional, e mais tarde para designar a christandade orthodoxa em opposição ás seitas hereticas. Surgiu o catholicismo como o conceito de uma reunião ideal da fraternidade christã, que obedecia não á mesma organização ecclesiastica, senão ao mesmo credo, o qual mantinha no Oriente e no Occidente uma certa solidariedade na interpretação práctica do Christianismo. Mas esta unidade moral e doutrina no espaço estava reclamando unidade no tempo, de modo que se prendesse ao ensino dos Apostolos. Não bastava a unidade *catholica*, era necessario que fosse *apostolica*, que de geração em geração, por uma tradição ininterrupta, se verificasse e provasse, contra os ataques de hereses e schismaticos, ser orthodoxo o credo catholico.

A tradição sem a verdade, dizia S. Cypriano,

é a velhice do erro, *consuetudo sine veritate vestustas erroris est.*

Dahi a importancia que a *tradição* foi assumindo dos fins do segundo seculo em diante. Acontecia naturalmente que essa *tradição apostolica* devia ser encontrada, em sua pureza ideal, nas egrejas directamente fundadas pelos Apostolos, taes como as de Jerusalem, Antiochia, Corintho e outras, appellidadas por isso *sédes apostolicas*. Nessas egrejas o ensino oral dos pastores ou bispos, em successão comparativamente breve, deveria encontrar a prova viva do credo catholico, ou geralmente adpotado pelas communiidades christãs na Asia, na Africa e na Europa. Ouçamos sobre o ponto, Tertulliano, bispo de Carthago, na Africa, contemporaneo de Irineu e seu auctorizado interprete:

«Vem agora tu, que queres applicar a tua curiosidade no bom proveito de tua salvação; vae pelas Egrejas Apostolicas, nas quaes subsistem, até o dia de hoje, as proprias sédes dos Apostolos; nas quaes se lêem seus proprios escriptos, que fazem soar a voz de cada um delles, e como que tornam presente a sua mesma face. Moras acaso perto da Achaia? Ahi tens Corintho. Ou não está longe di ti Macedonia? Lá tens Philippo, lá tens Thessalonica. Se puderes viajar na Asia, lá encontrarás Epheso. Mas se vives perto da Italia, ahi tens Roma, como nós tambem, auctoridade a vosso alcance. Que feliz igreja esta! sobre a qual os Apostolos verteram toda a sua doutrina com seu sangue; onde Pedro teve paixão semelhante á do Senhor; onde Paulo, por coroa, teve a mesma morte que João Baptista; onde o Apostolo S. João foi lançado em uma caldeira de oleo fervendo, nada tendo soffrido, sendo depois banido para uma ilha. Vejamos o que ella (a Igreja Romana) tem apprendido e o que tem ensinado.»

(De *Præser.* 20, 21; ad. Marcion IV. 5, apud J. C. Robertson, P. Lectures, p. 20).

Roma ahi apparece, entre as *sédes apostolicas*, apenas como o *primus inter pares*, não só por ser a unica séde apostolica no Occidente e a grande capital do mundo de então, mas pelas respeitaveis tradições apostolicas, que Tertulliano menciona, a respeito de S. Paulo, S. Pedro e S. João.

Esta concepção da unidade moral e doutrinaria da christandade no espaço e no tempo entra como artigo de fé no chamado *Credo dos Apostolos*, e apparece no quarto seculo no credo niceno-constantinopolitano na expressão — *Uma Sancta Egreja Catholica Apostolica*. E desta «*uma sancta, catholica, apostolica*» é parte integrante a *ecclesia romana*, como a de Jerusalem, Alexandria, Antiochia, Constantinopla, como ramos proeminentes.

Com o correr dos seculos através das trevas medievaes, este conceito universal da unidade da Egreja dos primeiros tempos do Christianismo deverá ser absorvido, por um absurdo admiravel, em um conceito local e particularista, para tornar-se — *Uma Sancta Egreja Catholica Apostolica ROMANA*. Dará depois mais um passo, e transformar-se-á, por uma alchimia historica pasmosa, em um conceito individual — o papa! E a este *truc* espantoso de um *papa-egreja*, dá Pio IX franca expressão, dizendo: *La tradizione son io!*

5. Não concorreu menos para o desenvolvimento posterior do Papado a mudança do ministerio christão em sacerdocio, de que já tractámos. Com Tertulliano e Cypriano, sob o influxo judeo-pagão, começa esse movimento sacerdotal, que faz do padre ou bispo um ente divino, mysterioso e magico, que, medianeiro entre Deus

e os outros homens, obtem para estes o favor divino, ou fulmina-os com os raios de sua ira.

Esta evolução do ministerio seguiu na esteira do movimento centralizador da disciplina ecclesiastica: subiu do simples sacerdote ao *sacerdo magnus*, ao summo pontifice. O papa, summo sacerdote, absorveu eminentemente o mago prestigio do sacerdocio. E assim o sacerdocio universal, de que nos falla S. Pedro, evolueu para o sacerdocio particular de uma casta, e, desta, para o sacerdocio individual do papa, de cuja obediencia ninguem se póde eximir sob pena de eterna perdição.

Este papismo sacerdotal não podia deixar de culminar no papado pontifical.

6. A invasão e christianização dos povos barbaros não constituem um germen de somenos importancia para a incubação do Papado romano. Ignorantes e supersticiosos, como barbaros que eram, affeitos ao temor de seus feiticeiros ou sacerdotes, era natural que, offuscados com a pompa pontificia e o prestigio politico da cidade de Roma, transportassem para o vice-Deus do Vaticano todo esse temor de suas âlmas recém-convertidas á voz dos emissarios papaes.

7. Finalmente, não influiu pouco na evolução do Papado a circumstancia de ser o bispo de Roma, em razão de sua posição no grande centro politico e religioso, procurado, como árbitro, nos constantes litigios sobre materia ecclesiastica e doutrinaria. Não só os bispos, mas os proprios imperadores buscavam captar o apoio de sua opinião, e não pouco pesou na balança dos destinos do episcopado da cidade de Roma, em marcha para a monopolização do poder ecclesiastico, o coincidirem, em geral, as suas decisões com o lado orthodoxo. Para Roma imperial eram todos os appellos e recursos — *Cæsarem*

*appello*, bradou S. Paulo a Festo, governador romano. — *Cæsarem appellasti? ad Cæsarem ibis*, responde-lhe Festo (Acts. XXIV). Que muito, pois, que, arrastada pela tradição politica, se tornasse Roma papal, com o andar dos tempos, uma cõrte de appellação?

## As pégadas do Papado

Todas estas influencias historicas, que acabamos de mencionar, actuaram como um incubador do papismo latente, donde foram sahindo Leão I, Gregorio VII, Innocencio III, Bonifacio VIII, Pio IX.

Vejamus de ligeiro como se operou essa incubação secular, e assignalemos as pégadas do Papado na superficie da historia.

Tractando das origens e causas da Reforma, esboçamos, em largos traços, a transformação da democracia christã na hierocracia romana. Vamos agora apenas dar relevo a esses traços.

As pretensões do bispo de Roma de ser o chefe universal da Egreja em tempo nenhum foram reconhecidas pela catholicidade christã.

As egrejas do Oriente protestaram contra essa sacrilega usurpação e as do norte da Europa repetiram esse protesto no sec. XVI.

De modo que o Papado, judiciosamente observa Schaff, como um facto historico ou até onde tem sido reconhecido, outra coisa não é senão o patriarchado latino precipitando-se para a monarchia absoluta.

Emerso do episcopado, vae-se o Papado desenvolvendo gradualmente na fermentação historica da idade-media. Com Victor I (190-202), temos o primeiro movimento do fêto papalino no seio da historia. Não querendo concordar as egrejas da Asia com a egreja de Roma sobre a época de se celebrar a Paschoa, rompe o atrabiliario bis-

po de Roma communhão com ellas. Era uma excommunhão, porém humilde, mui longe das actuaes excommunhões papaes: consistia apenas em serem privadas de commungar com a egreja local de Roma.

No principio do seculo 3.<sup>o</sup>, portanto, ignorava o bispo de Roma, por completo, a sua auctoridade de bispo universal.

Vem a isto dar maior evidencia o famoso bispo de Portus, na embocadura do Tibre, Hippolyto (198-236?), incluído no catálogo dos sanctos e mártires, pela sua energica attitudo contra dois successores de Victor, a saber, Zepherino (202-218) e Callisto (218-223). Accusa-os elle, em sua obra *Philosophumena* ou *Refutação de todas as heresias*, de pendor para a heresia patripassiana, de relaxados na disciplina, de ignorantes e deshonestos. Com certeza valeu a S. Hippolyto o não se terem ainda forjado os raios do Vaticano. Esta celebre obra de Hippolyto só foi descoberta em 1851, e só então se conheceram os escandalos destes dois papas.

Cypriano, celebre bispo de Carthago, discipulo de Tertulliano (200-258), acerrimo defensor da auctoridade episcopal, da unidade da Egreja, e do sacerdotalismo, encarava o bispo de Roma como successor de S. Pedro, como elle e os outros bispos eram os successores dos outros Apostolos, poderes que receberam, pela ordenação, através de uma linha ininterrupta de bispos. Foi este bispo africano o primeiro a dar á celebre passagem de S. Mattheus XVI. 16 o sentido de que mais tarde se serviu o papa Leão I para nella firmar o *Cathedra Petri*. Cypriano, porém, era extrenuo defensor da egualdade e independencia dos bispos, do que deu eloquentes provas no tom com que se dirigiu ao papa Estevam. E' elle citado, entretanto, como patrono da primazia jurisdiccional do bispo de Roma, e, para este effeito, foram feitas varias interpolações em seus

escriptos. O contrario, porém, se vê, primeiro, no tractamento que elle dá ao bispo de Roma, appellidando-o em suas epistolas de «irmão» e «collega»; segundo, na maneira com que elle se levanta contra o papa Estevam na questão do baptismo de hereges: accusa-o de erro e de abuso de poder, declarando que a tradição sem a verdade é a velhice do erro. A egreja e o bispo de Roma tinham para elle e para muitos padres primitivos, como Pedro entre os Apostolos, uma certa primazia moral, symbolo proeminente da unidade da Egreja Catholica, como a grande e unica séde apostolica no Occidente. Imperterrito mantenedor da egualdade episcopal no seio do catholicismo apostolico, era o bispo romano, para elle, apenas um *primus inter pares*. Longe estava, pois, de referendar as prerogativas reclamadas hoje pelo Vaticano.

Trez concilios ecumenicos ou geraes confirmaram no IV e V sec., esta supremacia honoraria do patriarcha de Roma e a sua egualdade jurisdictional aos patriarchas seus collegas: — o de Alexandria, o de Antiochia, o de Constantinopla e o de Jerusalem. O concilio de Nicéa, o de Constantinopla e o de Chalcedonia ratificam, no quinto seculo, o governo olygarcha do patriarchado, e reprimem as pronunciadas tendencias monarchicas do patriarcha de Roma.

O concilio de Nicéa, o primeiro concilio geral (325), equipara, no cânon *sexto*, ao bispo, de Roma os de Alexandria e Antiochia. Só posteriormente ao concilio surgiu o patriarchado de Constantinopla e de Elia Capitolina ou Jerusalem. Mão criminosa accrescentou, no manuscrito latino, a este cânon, a guisa de preambulo, a phrase — *Ecclesia Romana semper habuit primatum*. O character espurio deste accrescimo é geralmente reconhecido.

O segundo concilio geral, reunido em Constantinopla, em 381, concede, no cânon *terceiro*,

ao bispo de Constantinopla, um lugar de honra logo depois do de Roma. A razão é politica: Constantinopla fôra elevada, em 330, á capital do Imperio e residencia do imperador. Tracta-se, pois, apenas de uma supremacia e subordinação honorarias em razão da importancia relativa das duas grandes cidades.

Vae além o quarto concilio geral reunido em Chalcedonia, em 451, e, no cânon *vinte e oito*, cento e cincoenta bispos conferem as prerogativas episcopaes, que possuia a velha Roma, como *cidade imperial*, á nova Roma, que se havia igualmente elevado á *dignidade imperial*. *Novaæ Roma throno æqualia privilegia tribuerunt*. Igualando assim, em honra e jurisdicção, os dois hierarchas, o de Roma e o de Constantinopla, o concilio ecumenico de Chalcedonia lançou fogo ao estupim, que deveria, no seculo nono, produzir a grande explosão do schisma do Oriente e do Occidente.

Debalde contra o cânon *vinte e oito* protestaram os legados papaes e o proprio papa: «confirmou-o expressamente o imperador Justiniano I, e solennemente o renovou o concilio Trullano no cânon *trinta e seis*».

Fornece ainda o concilio de Nicéa uma outra prova concludente de que no 4.º seculo não possuia ainda o patriarcha de Roma a jurisdicção universal, que se arroga, de *episcopus episcoporum*. Consiste a prova no facto historico incontestavel de que esse concilio ecumenico não foi convocado nem presidido pelo papa ou seu delegado, mas foi convocado pelo imperador Constantino, que se dizia «bispo do exterior». Ora, este facto depõe evidentemente contra o reconhecimento, ao tempo, de sua auctoridade suprema na Igreja.

Uma lenda creou-se mais tarde com o fim, sem duvida, de attenuar o effeito dessa attitude do imperador Constantino, e é que Constantino,



ferido de lepra, a conselhos medicos, devera banhar-se em sangue de creanças; porém, cedendo ás lagrimas das mães, fôra divinamente dirigido ao papa Sylvestre, que o teria purificado de seu mal nas aguas do baptismo. O imperador, agradecido, lhe fizera doação da cidade de Roma e regiões proximas. E' sabido ser isto uma lenda forjada no seculo oitavo.

Sobe Leão I, o Grande, ao throno papal, no quinto seculo (440—461), e uma phase nova se abre na evolução do Papado. A arrogancia hierarchica, no periodo anterior, de Victor, Calisto e Estevan, encontrara energica repressão em Irineu, Hippolyto e Cypriano. No meio de um silencio pesado e triste, tanto na esphera religiosa como politica, ergue-se na velha Roma, embuido de seu espirito altivo de dominio universal, o vulto agigantado do patriarcha latino.

Os padres ante-nicenos e post-nicenos receberam como verdade historica a tradição mais que contestavel de ter estado S. Pedro em Roma e de ter sido ahi crucificado de cabeça para baixo. A cidade, que recebera o sangue de S. Pedro, recebera tambem o de S. Paulo. Roma, pois, era a grande séde apostolica, que, sobre ser a unica no Occidente, é a unica que fôra honrada com o martyrio dos dois grandes Apostolos. Profundo respeito para com a Egreja Romana e o seu bispo, mais tarde patriarcha e depois exclusivamente papa no Occidente, despertara esta crença em toda a christandade. As tradições politicas intensificavam a tradição religiosa. O genio de Leão soube tirar proveito destas fortes correntes tradicionaes.

Já em 343, o concilio regional de Sardica na Illyria (hoje Sophia na Bulgaria) dera ao bispo de Roma Julio, em reverencia á memoria do Apostolo Pedro, a faculdade de receber appello de bispos em litigio e dar auctorizada decisão. Era este um passo decisivo para se constituir

em definitiva em Roma um tribunal arbitral. Em 445, Valentiniano III confirma esta decisão conciliar, dando ao bispo de Roma suprema auctoridade legislativa e judicial. (Hase, v. I, p. 227).

A todas essas primazias de honra e favores imperiaes deu o genio diplomatico de Leão o impulso poderoso que o devia transformar, pelos seculos adeante, em primazia de jurisdicção.

O momento era propicio. Desabava sobre a Europa a grande invasão dos bárbaros, levando por toda a parte a assolação e o terror.

Attila, flagello de Deus, repellido de Châlons, lança-se sobre a Italia, e ameaça Roma (452). Sae-lhe ao encontro Leão, com dois companheiros, de cruz alçada, e por sua eloquencia e habil diplomacia, faz recuar o bárbaro. Genserico (455), chefe dos vândalos, mostra-se mais duro que o chefe dos hunos, e não pôde Leão salvar Roma de um terrivel saque, mas obteve alguma attenuação á ferocidade barbárica.

Aproveitando a confusão geral, a ausencia de doutores eminentes na Egreja, e certas circunstancias locaes, estende Leão a sua diocese ás Gallias, á Hespanha, á Africa e á Illyria:

Contra as suas pretensões de dominio universal, de *primus omnium episcoporum*, levantava-se, é verdade, o cânon 28 do 4.º concilio geral de Chalcedonia, egualando o throno do patriarcha de Constantinopla ao do patriarcha de Roma. Leão protesta.

Nos trabalhos do mesmo concilio, uma parte do clero alexandrino, em opposição a seu bispo Dioscuro, com o desejo de alliciar os legados romanos, applica pela primeira vez ao bispo de Roma um titulo que dahi por deante vae apparecer mais frequentemente (Robertson, p. 108).

Apellida-o «Arcebispo ecumenico, e Patriarcha da Grande Roma». Entretanto, é possivel que a palavra *ecumenico*, que significa univer-

sal, seja apenas uma expressão bombastica da linguagem inflada do Oriente, pois tanto o patriarcha de Roma como o de Constantinopla assumem o titulo de «Arcebispos e Patriarchas Ecu- menicos», sem o intuito de reciproca invasão, e o imperador Justiniano (527-565) tracta-os a ambos de «Cabeças de todas as Egrejas».

O papa Felix, em carta ao imperador Zeno, chama-se «Vigario de S. Pedro», e posteriormente passaram seus successores a intitular-se «Vigarios de Christo».

Gelasio I (492-496), que succedeu a Felix, deu emphase ás pretensões da autocracia papal proclamando o principio de que o poder sacerdotal estava acima do poder real e imperial, e que das decisões da cadeira de S. Pedro não havia appello. Ao mesmo tempo possuímos deste papa um bem testemunho contra o «sacrilegio» da *communio sub una specie*, isto é, de se negar o calix aos leigos.

Dionysio Exiguus, scytha de nascimento, abade de um convento em Roma (556), fez uma compilação dos cânones dos concilios geraes e dos mais famosos dos concilios provinciaes, e a esta collecção reuniu um certo numero de cartas papaes. O figurar taes epistolas ao lado de cânones de venerandos synodos deu-lhes mais amplo prestigio e auctoridade, concorrendo para impulsionar o movimento ascendente do Papado.

Em 590 é elevado ao solio pontifical Gregorio I, o Grande, o ultimo dos sanctos padres latinos, e o primeiro dos papas. Os largos dominios territoriaes não só na Italia, mas na Gallia, Illyria, Dalmacia, Africa e Asia, o puzeram em contacto com egrejas e soberanos dessas regiões, e sobremodo ampliou a influencia e prestigio do Papado. E' certo que elle repelliu, como *anti-christão, arrogante e infernal*, o titulo de «bispo ecumenico» ou universal, assumido, em 587, pelo patriarcha de Constantinopla, João o Jejuador;

não impediu, porém, isso que os seus successores incorporassem o mesmo titulo na bagagem da evolução absolutista do papismo.

Oitenta annos mais tarde, o 6.<sup>o</sup> concilio geral, reunido em Constantinopla (680), confere ao papa Agathio esse titulo «anti-christão e infernal», e ao mesmo tempo condemna como herege o papa Honorio (625-638), que sancionara a «impia doutrina» dos monothelitas.

Phocas, imperador byzantino, usurpador e assassino, conferiu ao papa Bonifacio III (606-607) o titulo arrogante de *rector totius ecclesiae*.

Intrigas e perseguições, traições e fraudes, pejara os annaes do Vaticano, como elementos efficazes da evolução do Papado. Até o seculo 8.<sup>o</sup>, eram os papas eleitos *pelo povo e pelo clero*, e subditos dos imperadores de Constantinopla, de quem obtiveram regalias e favores.

O papa Zacharias (741-752), porém, deante do poder nascente dos francos, mais proximo de Roma, atraçoando a seu suzerano, recusa receber a sancção imperial de sua eleição, volta-se para Pepino, o Breve, o mordomo infiel, que usurpa o throno de Childerico III, abençõa a sua usurpação, pede-lhe auxilio contra os lombardos, e de suas mãos acceita a doação do exarchado de Ravenna e o Pentapolis, arrancados a Luitprando, rei dos Lombardos, que por sua vez os arrebatara das mãos do imperador de Constantinopla. Funda-se, nesta serie de traições, o «Patrimonio de S. Pedro», e a realeza temporal do papa no seculo oitavo, pelo fundador do Imperio Carlovi-giano.

Grato por tão alta protecção do novo braço temporal, o papa Leão III, agrava a traição de seu antecessor, enviando ao filho e successor de Pepino, Carlos Magno, os estandartes de Roma e as chaves do sepulcro de S. Pedro (796), e completa o seu rompimento com o Im-

perio do Oriente, collocando, sobre a cabeça do seu novo soberano, a coroa do «Sancto Imperio Romano».

Para consolidar esse pacto de perfidias e ampliar as suas consequencias, apparecem, por esse tempo, duas celebres fraudes — a *Doação de Constantino* e as *Falsas Decretaes*.

No ultimo quartel do seculo nono (868) espalhou-se a lenda de que o imperador Constantino, entre 328 e 330, deixando Roma e transportando a capital para Constantinopla, doou o Palacio Laterano, a cidade de Roma, todas «as provincias da Italia ou os paizes do Occidente, ao papa Sylvestre, dando-lhe por isso e a seus successores o direito de cingir uma corôa de ouro. Só no seculo quinze, com o despertar do espirito critico, é que tal impostura foi descoberta e denunciada, depois de ter servido largamente aos intuitos philauciosos dos papas. Mais ainda concorreu na linha desses intuitos a fraude colossal das Falsas Decretaes, de que já tractámos. Recebem ahi as ambições descommunaes dos papas a falsa sancção dos seculos mais remotos, e a Sé de Roma, por uma fingida tradição, é guindada acima dos bispos, reis e imperadores.

Por muitos seculos foram ellas o arsenal de Roma, até que em tempos modernos as letras protestantes desvenderam esse logro secular da theologia catholico-romana.

«Veio então a surdir, escreve Janus na sua importante obra «O Papa e o Concilio», pelos meados do sec. IX a monstruosa falsificação das Decretaes de Isidoro.... Não cremos que na historia inteira se possa encontrar segundo exemplo de uma falsidade que vingasse tão perfeitamente, e que fosse, todavia, tão grosseiramente concertada... Cerca de cem pretensas decretaes dos mais antigos papas, com escriptos de outros che-

tes da egreja e actas de alguns synodos foram a esse tempo falsificadas, nos paizes francos situados á margem esquerda do Rheno. Desses papeis apoderou-se logo com avidéz o papa Nicolau I (858-867), e os fez servir de base, como documentos authenticos, ás novas pretenções aventadas por elle e seus successores».

Não se encerrou com as áleivosas decretaes o cyclo das fraudes. Informa-nos ainda o mesmo iillustre auctor de «O Papa e o Concilio» «que completaram, com outras falsificações, a obra do pseu-Isidoro Anselmo de Lucca (1080), sobrinho do papa Alexandre II e fundador do direito gregoriano, o cardeal Deodato, Bonizo e o cardeal Gregorio de Pavia (1118) . . . O mais poderoso instrumento do novo systema papal foi o Decreto de Graciano, emanado, no meio do seculo doze, da primeira escola de direito, que houve na Europa, a de Bolonha, oráculo juridico da christandade do Occidente. Agrupadas estavam nessa obra as falsificações de Isidoro ás dos gregorianos Deodato, Anselmo e Gregorio de Pavia, e ás que o proprio Graciano accrescentara. Tornou-se elle o manual dos cânonistas e dos theologos escolasticos . . . Ahi está o respeito que votavam a essa obra (Decreto de Graciano), semeada, de um a outro lado, de mentiras e erronias; e foi essa compilação de falsidades que, cravada como cunha robusta na fábrica da Egreja, a desconjunctara, e fizera estalar-lhe os membros, pouco a pouco, — não sem que, todavia, deixasse, em vez dessa, outra construcção valente no seu genero».

Com a invasão das superstições gentlicas no sec. IV, começaram a formigar as *fraudes pias*. Antecipando-se á moral jesuitica, arraigou-se o principio, impugnado por S. Paulo (Rom. I-32), de que o fim justifica os meios. Enganar e mentir, era já nesse seculo, como nos

ensina Mosheim, virtude, desde que por esse meio se pudessem promover os interesses da religião. Filho do ascetismo de falsas philosophias, o exercito dos monjes servia de vehiculo á propagação das superstições grosseiras e das artimanhas burlescas dos sacerdotes do paganismo. Milagres e prodigios mentirosos, ossos de sanctos, reliquias talismanicas, amuletos, bugigangas, sordidas feitiçarias, pesada bagagem do gentilismo, alimentavam a religiosidade do povo embrutecido e o tráfico desfaçado da solidez monacal, que formando o thesouro da piedade medieva, enriquece o *Flos Sanctorum* e cretiniza os practicantes do Romanismo.

Não era, pois, de extranhar que dessas fraudes pias lançasse mão o patriarcha latino em sua lucta tenaz contra a independencia do episcopado e do poder civil, em sua marcha ascendente para o absolutismo papista. E' assim que mão fraudolenta faz interpolação nos escriptos de Cypriano e accessimos ao 6.º cânon, edição latina, das actas do concilio de Nicéa.

Ao contemplar-se a fraude presidindo e determinando o desenvolvimento do poder papal desde os seus primordios, é inevitavel a convicção de que ao pae da mentira se devem adjudicar os louros conquistados pela autocracia do Vaticano.

Mas continuemos a assignalar os rastos do papismo na superficie da historia.

Na desintegração do imperio carlovigiano, offereceu-se oportunidade ao potentado de Roma de dar passos decisivos na realização de suas ambições.

Era o papa eleito pelo povo e pelo clero romano e confirmado pelo imperador. Em 816 dirige-se pessoalmente á França o papa Estevam IV, para defender-se perante o fraco Luiz, o Piedoso, por ter assumido a dignidade papal sem o consentimento do imperador. Não esperou este pela submissão do papa, e sahindo a seu en-

contro, uma milha além das muralhas de Reims, prostrou-se a seus pés, antes de abraçá-lo, e de sua mão recebeu no domingo seguinte uma esplendida corôa de ouro, que lhe trouxera de Roma. E desta maneira, pondera Robertson, resignou-se Luiz a perder aquella independencia de toda a sancção terrestre, que Carlos Magno, seu pae, tão cuidadosamente conservara para si.

Comtudo, Lothario, seu filho mais velho, enviado a Roma, em 824, para pôr termo ao conflicto na eleição do papa, reconheceu Eugenio II, e por juramentos obrigou o povo a não consentir na consagração de nenhum papa, sem que este não tivesse jurado primeiro submissão ao imperador, como seu suzerano.

Animado pela fraqueza dos successores de Carlos Magno, deixou Leão IV (847-855) de ajunctar ao nome dos soberanos, a quem escrevia, o prenome *Domine* (= *Senhor*), como até então se fazia, e, contra as praxes, começou, no endereço, a pospô-lo ao seu proprio nome, significando com isso que o papa não mais reconhecia auctoridade terrestre superior á sua. Deu mais um passo ousado seu segundo successor Nicolau I (858-867). Tractava os reis, como se fosse o senhor do mundo, e cingiu na sua consagração, segundo geralmente se crê, uma corôa de ouro, baseado, como é supposto, no forjado direito que Constantino conferira ao papa Sylvestre e seus successores. Só mais tarde, no seculo doze, é que Alexandre III começou a trazer, em torno da mitra, uma corôa no uso ordinario, a que Bonifacio VIII (1294-1303) addicionou uma segunda, e Urbano V (1370) uma terceira. Tal a origem da triplice corôa, que adorna hoje a tiara, e que é interpretada como significando o poder maravilhoso do papa no céu, na terra e nos infernos, mas que talvez originalmente denote pretensão mais humilde de domi-



nio sobre as trez partes do mundo, então conhecidas — Europa, Asia e Africa.

Mais um assignalado triumpho ganhou Gregorio V (996-999) contra Robert I, rei de França. Armado de excommunhão, anáthema e interdicto, obrigou o fraco rei a separar-se da rainha Bertha, sua mulher, pois que era com ella aparentado em quarto grau, e com ella contrahira affinidade espiritual por ter sido padrinho de um seu filho do primeiro matrimonio.

Não só conseguira o Papado superintender a vida privada dos reis em França, mas ainda a independencia dos bispos, dos metropolitanos e dos synodos provinciaes. Assumindo o titulo de bispo universal, que tanto escandalizara Gregorio I, continuavam os papas a envidar persistentes esforços para a concentração de todo o poder ecclesiastico em suas proprias mãos, pela destruição completa da independencia episcopal, e em detrimento, cada vez mais grave, do governo antigo da Egreja apostolicamente instituido.

Tocava a seu apogeu o conflicto secular entre o poder civil e o poder ecclesiastico, e entre o bispo de Roma e os outros bispos da christandadê. Foi nesse momento que surgiu o celebre monje Hildebrando, exaïçado ao solio pontificio de 1073 a 1085. Italiano de nascimento e de antepassados germanicos, reunia elle em sua pessoa a vivacidade latina com a tenacidade teutonica. Era a encarnação viva do autoritarismo da idade-média e das ambições theocraticas do Papado. Seu programma se resumia em subordinar o Estado á Egreja e a Egreja ao papa. As maximas (*dictatus*) de um absolutismo incrível, que correm em seu nome, são a expressão genuina de sua vida e de seu character. Já dellas tractámos. Nellas o papa é declarado o unico bispo ecumenico ou universal, soberano dos bispos, reis e imperadores, que devem beijar os seus pés e de cuja sorte elle

dispõe a seu talante. Para realizar tão estu-  
pendo programma, necessitava de uma milicia  
internacional, que obedecesse de prompto a seus  
acenos no vibrar as armas terriveis naquelles  
tempos: a excommunhão, o anathema e o inter-  
dicto. Essa milicia procurou-a no clero celiba-  
tario. «Não póde a Egreja ser libertada da ser-  
vidão ao leigo, emquanto não forem os padres  
libertados de suas esposas» — eis, segundo Hase,  
o pensamento de Gregorio VII, que soa através  
dos seculos, e que só póde dar hoje valor mili-  
tante ao grito de guerra do Vaticano.

Foi imposto o celibato clerical, e creado um  
exercito sem familia e sem patria, á obediencia  
discrionaria de um soberano estrangeiro, de  
cuja triplice corôa eram feudos as nações da  
terra, segundo a ousada declaração do inflexivel  
monje.

Subjugado o clero, enfeudada a mitra á  
tiara do supremo hierarcha, lança Hildebrando  
o cartel de desafio aos debeis representantes do  
Sancto Imperio Romano, na desputada questão  
da *investidura, per annulum et baculum*. Humi-  
lha-a Henrique IV juncto ás portas de Canossa,  
triumphando do poder temporal, e subtrahindo  
para sempre o direito de confirmarem os impe-  
radores a eleição do papa.

Estas conquistas do Papado permaneceram a  
despeito da reacção temporaria, que levou Gre-  
gorio VII ao exilio, onde morreu.

De 1095 a 1270, um sopro de entusiasmo  
religioso ergueu as massas européas e arremes-  
sou-as contra a Asia para libertar o Sancto Se-  
pulcro e a cidade sancta do dominio mahometano.

Discipulo e successor de Gregorio VII, o  
pãpa Urbano II, em Clermont, na França (1095),  
rodeado de arcebispos, bispos, abbades, de in-  
numeravel multidão de clerigos, e leigos de todas  
as classes, solta o grito de «Deus lo quer» (*Deus  
vult*), e dá inicio ao movimento das *cruzadas*,

que por quasi duzentos annos despovoou a Europa.

Lucraram os papas immensamente em prestigio, riquezas e poder com as cruzadas, que, por tantos annos, abalaram os fundamentos da Europa, e fizeram empallidecer o crescente de Islam, que ameaçava a christandade. Desertados os castellos feudaes e empobrecidos os reinos, erguia-se o papa como chefe sem contraste na christandade occidental, tendo extendido seu báculo imperial sobre largas regiões no Oriente.

Adriano IV (1154-1159), proseguindo na campanha contra o poder civil, constrangeu Frederico Barbaroxa, imperador, a tomar-lhe o estribo, exasperou-o fazendo-o sentir que o Imperio era um feudo da Sancta Sé; mandou enforçar Arnaldo de Brescia, e doou ao rei de Inglaterra, Henrique II, a Irlanda, sob o fundamento falso de doação feita por Constantino ao papa de todos os paizes e ilhas occidentaes. Com o mesmo supposto direito, traçou mais tarde Alexandre VI uma linha divisoria, que, no tractado de Tordesilla (1494), distribuia, entre Hespanha e Portugal, o mundo novo, que, aos olhos de navegantes hespanhoes e portuguezes, ia surgindo ao Occidente.

Realiza Innocencio III (1198-1214) o sonho de Hildebrando, e toca ao apogeu do cesarismo papal. Em seu sermão inaugural e em uma de suas cartas, declara que ao papa «fôra entregue não somente toda a Egreja, mas tambem todo o mundo» com «o direito de dispor finalmente da coroa imperial e de todas as outras». O papa, dizia elle, é o sol, e os reis e imperadores são a lua; como esta recebe luz daquelle, assim os reis do papa recebiam o poder. Mais: o sol é a luz, que regula o dia, — as coisas espirituaes; e a lua, a noite, — as coisas carnaes: tal a differença entre os pontifices e os reis. Adoptada esta comparação de Innocencio nas

decretaes compiladas sob Gregorio IX, calcula um commentador astronomicamente a distancia entre o papa e os reis, dizendo que o papa é mil setecentas e quarenta e quatro vezes mais exaltado do que o imperador e todos os reis.

«Em todos os reinos da Europa fez Innocencio sentir o vigor e vigilancia de sua administração». Obrigou Philippe Augusto a unir-se a sua mulher divorciada Ingeburga, lançando o interdicto sobre toda a França. Excommungou João, rei da Inglaterra, e obrigou-o a humilhar-se, e, para conseguir absolvição, a declarar-se vasallo do papa, no qual reconhecia seu soberano feudal e se comprometia a pagar o tributo annual de mil marcos de prata. Na Allemanha, Otto de Brunswick, candidato ao Imperio, procura o apoio de Innocencio, e publicamente confessa, como preço do favor papal, que cingia a corôa imperial» pela graça de Deus e da Sé Apostolica». Em Aragão, o seu principe, reconhecido rei por Innocencio, «põe a sua corôa e seu sceptro sobre o altar de S. Pedro em signal de submissão feudal». Na Hungria, a rivalidade de candidatos reaes deu ao papa oportunidade de adjudicação, e o proprio principe da Bulgaria, embora pertencente á christandade oriental, teve de assegurar a sua dignidade real accitando a investidura papal» (M. Cowan). No sul da França levantou a cruzada contra os albigenses, que cobriu de sangue e horror o nome de Montfort e a tiara papal. Estabeleceu contra as heresias o negro tribunal de Inquisição, que, com as suas crudelissimos torturas e *autos-de-fé*, estendeu o sangue e o horror na Europa por seculos, deixando na historia, com as indiziveis agonias de milhares de victimas, a execração publica contra a intolerancia feroz do cesarismo papal.

Animado pelas circumstancias politicas, que o tinham feito árbitro da Europa, envia á côrte da Russia, offerecendo ao principe Roman, com

a espada de S. Pedro, titulo e investidura real. Responde-lhe o russo: «E' arma como a que tenho a que possue vosso Senhor? — Se assim é, pôde elle então dispor de reinos; emquanto, porém, sobre minha couxa trazer *esta* espada, não preciso de nenhuma outra». (Cowan).

Sanccionando as ordens mendicantes dos dominicanos e franciscanos, creou dois agentes poderosos para promover o prestigio de seu throno na ignorancia dos tempos. Em 1215, presidiu ao concilio geral no palacio de Latrão; porém, já se denunciavam os symptomas claros da dissolução moral dessas assembléas conciliares, que tão conspicuo papel representaram na christandade primitiva. Ante o fulgor triumphante do patriarcha latino apagam-se os clarões da Igreja Apostolica. Os membros do concilio são apenas seus assessores e conselheiros, e os decretos são promulgados em nome do papa. Dois dogmas veem officialmente augmentar o credo catholico — a *transsubstanciação* e a *confissão auricular*. Com as duas ordens mendicantes, os dois novos dogmas deviam consolidar para sempre no animo e na consciencia entenebricida das gerações medievas, o despotismo incontrastavel do Papado absorvente. A *transsubstanciação*, o poder estupendo de transformar uma hostia em Deus, de fazer baixar do Céu a Divindade, a um gesto magico do celebrante, devia dar aos olhos da urba uma transfiguração de apotheóse á pessoa do sacerdote, mormente do *sacerdos magnus*, ao mesmo tempo que a *confissão auricular obrigatoria* lhe armaria com uma espionagem bem organizada para suffocar, na perseguição inquisitorial, qualquer velleidade de revolta. Corre com certa plausibilidade que o papa Alexandre puzera o pé sobre os hombros do imperador Fre-

derico Barbaroxa, quando este se achava prostrado deante d'elle, exclamando nas palavras do Psalmo XC-13: «Sobre o aspide e o basilisco andarás, e pisarás ao leão e ao dragão». Innocencio III puzera, de facto, seus pés sobre a cerviz da Europa, enfeudando o Estado á Egreja, e a Egreja ao Papado.

O imperador Frederico II (1215-1250), excommungado, anathematizado e deposto por Gregorio IX, teve de segurar a sua coroa e bradar que ella não cahiria sem que corressem rios de sangue. Fortalecido em seu direito de principe temporal pelos jurisconsultos de Bolonha, reagiu contra a jurisprudencia theocratica de seu adversario, e manteve-se no throno. Tendes raios de luz começavam a espancar as trevas da idade-media. A' voz de Abelardo (1079-1142), desponta a Renascença na alta madrugada dos tempos modernos. Era o *individualismo* que se erguia em face da auctoridade absoluta da Egreja e do Estado. Os direitos da consciencia individual, que iria explodir na Reforma, balbuciava contra o despotismo do poder ecclesiastico e do temporal. O livre exame, o espirito critico penetrava nas escholas e universidades, e o espectro do Vaticano começava a esbater-se e diluir-se na vaga claridade, precursora de um novo dia. Os cânones ecclesiasticos iam esbarrando com os brocados juridicos, e o grande idolo da auctoridade medieva sentia os primeiros golpes do camartelo da liberdade.

Sentiu o papa Bonifacio VIII (1294-1303) este estado dos espiritos. Ardendo no zelo e arrogancia de Gregorio VII e Innocencio III, teve o infeliz papa de reconhecer, na prisão e na morte, que a omnipotencia da hierarchia encerrara o seu cyclo.

Prohibe ao clero pagar, sem sua permissão, tributo ao Estado, e fulmina contra Philippe, o Bello, rei de França, a famosa bulla *Unam San-*

*ctam.* Nella expõe a theoria papal de que a Egreja Catholica Romana dispõe de duas espadas — a espiritual e a temporal; uma é manejada *por ella* e a outra *para ella*, ao aceno do padre, *da nutum et potentiam saderdotis*, pois a auctoridade e a espada temporal deve estar sujeita ao poder espiritual. Além disso, declarava que era artigo necessario de fé que toda a humana creatura esteja sujeita ao Summo Pontifice, *subesse Romano Pontifici omni humanæ creaturæ declaramus, dicimus, definimus et pronunciamus omnino esse de necessitate fidei.*

Em uma outra bulla ordena a todas as pessoas de qualquer classe que sejam, comparecer, quando pessoalmente citadas, perante a audiencia ou tribunal apostolico de Roma: «desde que tal é nossa vontade, que, por missão divina, *rege o mundo*».

Excommunga a Philippe, e ia depô-lo desligando seus subditos do juramento de obediencia, quando enviados do rei o sorprehendem em seu proprio quarto, maltractam-no e o lançam em prisão. Libertado, morre logo depois de febre, que a paixão lhe causara.

Nem Hildebrando em todo o arrojo de suas audacissimas pretenções, nem Innocencio III na embriaguez de seus incomparaveis triumphos, ultrapassaram a ousadia de linguagem de Bonifacio, ao apregoar as inalienaveis prerogativas do Papado. Governador temporal e espiritual do mundo, senhor dos senhores e rei dos reis, ninguem podia salvar-se sem lhe prestar obediencia, reconhecendo a sua soberania universal. Era o *delirium tremens* da embriaguez do poder, o phrenesi das ambições seculares do patriarchado latino, e, ao mesmo tempo, o espasmo estertoroso de uma longa agonia. Desvanecera-se o quebranto do poder papal, e «de Bonifacio VIII deve-se datar o declinio sensível do papismo (Hal-

lam)». O pontificado do altivo adversario do rei de França foi o Icabod da pretensa *Cathedra Petri*.

«Aquelles, escreve Hallam, que sabem o que Roma já foi, melhor podem apreciar o que agora ella é; aquellos que viram o raio nas mãos dos Gregorios e dos Innocencios, difficilmente poderão intimidar-se com os surtos da decrepitude, com os dardos impotentes de Priamo no meio das ruinas estrondosas de Troia».

## A Contra-Reforma

A Contra-Reforma foi uma reacção tremenda do conservantismo mediéval contra o movimento de liberdade, movimento, que, na alvorada de novos tempos, se salientou brilhantemente na Renascença e na Reforma.

Roma e Madrid, a Italia e a Hespanha, constituiram-se o bloco de resistencia. Carlos V e o Papa se deram as mãos: o despotismo religioso e o despotismo politico se conluiaram ante o surto ameaçador do espirito humano proclamando a sua emancipação na esphera intellectual e na esphera religiosa.

Para a Italia, encerrou-se a Renascença, quando assignaram o pacto de Bolonha (1530) Clemente VII e Carlos V. Proclamava um tal pacto o principio do absolutismo monarchico, sustentado pela auctoridade papal, per seu turno monarchicamente absoluta. Teve elle larga influencia na Europa até o rompimento da Revolução. Dirigiu-se a reacção immediatamente contra a Renascença, como contra a Reforma.

O concilio de Trento, aberto em 1545 e encerrado em 1563, decretou uma reforma exterior (*formal purgation*) da Egreja, affirmou as doutrinas do Catholicismo, fortaleceu a supremacia papal, e inaugurou o movimento de resistencia



conhecido com o nome de Contra-Reforma. Esse esforço complexo de avanço das nações modernas, que na Italia se caracterizava pela Renascença, e na Allemanha pela Reforma, ergueu as forças do conservantismo. Quatro foram os instrumentos da reacção: — o *papismo*, que, entretanto, muito fizera pelo despertamento do espirito humanistico, que ora temia; o *poder da Hespanha*, e duas instituições hespanholas plantadas no solo romano — a *Inquisição* e a *Ordem* de Jesus. O principio defendido e estabelecido por esta reacção era o absolutismo em opposição á liberdade — absolutismo monarchico, absolutismo papal, a suppressão das energias libertadas pela Renascença e pela Reforma» (Encycl. Britan., vol. 20, pg. 389).

Importante foi o papel da Hespanha, em sua mancumunação com o Papado, nesta conspiração historica contra o movimento triumphante da Reforma.

Unidas as corôas de Castella e Aragão, vencida Granada e expulsos os mouros, descobertos os veios auriferos do Novo Mundo, a Hespanha, no auge do seu poder, sente lavrar em si, cruel e intenso, o fanatismo de suas crenças ultramontãs. Por toda a parte, no seu vasto imperio, illuminam as chammas da Inquisição, reorganizada com solidas bases, a magnificencia do Escurial!

Da Inquisição, odioso instrumento da Contra-Reforma, já fallámos em capitulo antecedente. Deixaram sanguinolenta fama na Hespanha Domingos de Gusmão († 1221), Torquemada (1483), e o cardeal Ximenes (1507-1517). Attesta Llorente terem sido, nos dez annos deste ultimo inquisidor, supplicios 2,536, queimados em effigie 1368, e torturados, de varios modos, 47,263!

Em 1521 promulgou Carlos V vigorosos edictos contra os hereges, e, em 1545, havia em cada provincia um inquisidor. De 50 a 100.000

victimas calculam terem perecido sob Carlos V. O seu successor, o sombrio Philippe II, e o afamado Duque de Alba, sob a inspiração papal, continuavam com mais ardor a execranda carnificina. E assim esmagaram a Reforma na Península, cavando o abysmo, em que se sepultou, ha quatrocentos annos, a gloria da civilização iberica.

Mas volvamos agora a nossa attenção para os dois grandes factores da Contra-Reforma: — os Jesuitas e o concilio de Trento.

## Os Jesuitas

Triumphava a Reforma.

Estremecem os fundamentos do Vaticano, e contra a onda avassaladora da liberdade em vão revolve planos a triplice corôa. Lentas e inefficazes são as chammas do negro tribunal. Na terra nativa, porém, dessa hedionda instituição evoca o genio da idade-média, do seio convulso da sociedade européa, um vulto singular, cujo olhar de Medusa sustará o impeto da liberdade, petrificando o coração de seus filhos.

E' Ignacio de Loyola.

Descem á arena os janizaros do Papado: surgem os jesuitas. Salva está Roma pontificia; perdida, porém, a Europa meridional. Nasceu Ignacio de Loyola de uma familia nobre de Guiscoa, na Hespanha, em 1492, e em 1556 falleceu. Fitemo-lo por um instante. Tão cheio de ardor marcial e aventuras cavalheirescas, quão vasio de letras, foi elle gravemente ferido no cerco de Pamplona em 1521, e viu, aos trinta annos, varrerem-se-lhe da ardente imaginação castelhana os sonhados ideaes mundanos.

Encerrado, por longos e tediosos mezes, no castello de seu pae, teve por companheiros o *Flôz Sanctorum* e o *Amadis de Gaula*, que lhe

povoaram a mente enfermiça de hybridas visões do Céu e da terra.

Sarara, mas, deformado das pernas, attingidas por um projectil fatidico. Já não podia cantar triumphos entre as damas gentis da côrte de Fernando e Isabel, de que fôra pagem.

Inflammaram-lhe o sentimento religioso a *historia dos sanctos*, e exaltaram-lhe o espirito aventureiro as façanhas dos cavalheiros andantes do cyclo do Amadis, a disputar, em requestas sangrentas, as bellezas de sua dama e senhora.

«Em Monserrate, diz Cantu, fez a *vigilia de armas* aos pés da Virgem, depoz sobre o altar o vestuario mundano, envergou o burel de um mendigo, e consumiu trez dias numa confissão geral. Para merecer a absolvição, inflingiu-se as mais crueis penitencias. Em Manresa recolheu-se a um hospítal, e começou a viver como um fakir. Jejuava a pão e agua, e sô aos domingos se permittia o regalo de umas hervas cozidas. Disciplinava-se trez vezes por dia, trazia um cilicio sob o burel e uma cadeia de ferro ao pescoço. Ainda não contente com taes mortificações, metteu-se numa cova, para se purificar e ser digno da empresa que ia tentar. Nesta solidão, teve visões. O bem e o mal appareciam-lhe quaes guerreiros combatendo na sua alma como em estacada; um, montado num cavallo de luz, vinha de Jerusalem, guiado por Jesus; o outro, cavalgando um corsel de trevas, partira de Babylonia, impellido por Satanaz. No desespero produzido por estas allucinações, quiz matar-se; a fome, as noites veladas com a bocca cheia de terra e o corpo a escorrer agua, a pavorosa lucta interior, enlouqueceram-no de todo. Deus appareceu-lhe então. Viu a Trindade, desvenderam-se-lhe todos os mysterios das Escrituras. Encontrou a beata de Manresa, uma vidente que o proprio rei consultava; cobrou alen-

tos para continuar a sua peregrinação, e partiu, illuminado, de Barcelona.» (Hist. Univ. C. Cantu. vol. 13, pg. 417.)

E'mulo de Luthero, passou Loyola pelas mesmas experiencias espirituaes que o reformador saxonico. Quão differente, porém, o resultado!

Embuidos ambos do mesmo ascetismo medievico, buscaram no mau tractamento do corpo a salvação da alma. Na raiz desta corrente asceta, que penetrou no Romanismo, está o principio pagão da rehabilitação do homem pelos meritos proprios. Nas trevas do paganismo, brotou, como producto natural do orgulho, a idéa de que o homem pelos merecimentos intrinsecos de suas proprias obras, poderia eliminar e sobrepujar suas faltas, obtendo do juiz supremo absolvição plena. E' a rejeição da graça de Deus e a negação do Evangelho.

Dominados por este principio, rivalizaram Loyola e Luthero nas macerações do corpo, nos jejuns, cilicios, penitencias exteriores.

Mas, que agonia! Quem lhes diria o *quantum satis* de soffrimentos e boas obras para contrabalançar os seus peccados? Para essas consciencias assim despertadas não pôde haver segurança na salvação pelas obras e meritos persoaes, na satisfacção á lei divina violada, por meio de soffrimentos voluntarios.

O monje de Wittenberg achou em Staupitz, superior de sua ordem, um conselheiro sabio, que lhe mostrou a cruz do Calvario, unica e plena satisfacção pelos peccados da humanidade. Envergonhado de seus phantasticos merecimentos, achou Luthero paz em Christo, e nelle encontrou poderosissimo estimulo e graça para as boas obras. Não teve essa felicidade o heroe de Pamplona, que enlouqueceu no natural desespero de seu esforço, acenando-lhe para o abysmo o espectro sombrio do suicidio. Allucinado, appareceram-lhe a S. S. Trindade e a Virgem, dama

de seus pensamentos cavalheirescos, typo de formosura e perfeição, como outr'ora o anjo Raphael appareceu ao fundador do Islamismo.

Confirmado em sua illusão, lançou-se no polo opposto ao do seu émulo saxonico, e organizou uma *companhia* de ferrea disciplina, de um secretismo impenetravel, que, commandada por um *general*, o papa negro, defendesse a cidadella do Romanismo, assediada pelo movimento fulminante da Reforma.

Em 1540, foi reconhecida oficialmente a *Companhia de Jesus* pelo papa Paulo III. Nos *Exercicios espirituaes*, attribuidos ao fundador, photographa-se o espirito da Ordem. Requer-se ahi dos seus membros uma disciplina supra-militar. Annullam-se elles nas mãos do *General* (ou *geral*), «como a *cera* nas mãos dos que a affeioam», «como o *báculo* nas mãos de um velho», «como um *cadaver* (*ut cadaver*), sem vontade nem entendimento, ou como um *pequeno crucifixo*, que se volta para um ou outro lado. á vontade do que o segura». E' isto a eliminação do homem, o anniquilamento da individualidade.

Trez maximas da *Companhia* reduzem a traços a moral. Encerram ellas os principios — do *probabilismo*, da *restricção mental*, da *justificação dos meios pelos fins*. (Encycl. Brit. vol. 13, pg. 651).

O «*probabilismo*» justifica o criminoso desde que, na practica do delicto, tenha elle por si a opinião de algum auctor contra o character delictuoso do acto. A «*restricção mental*» surte o mesmo effeito por meio de um mero acto subjectivo. Mais odioso, o ultimo sanciona todos os crimes uma vez que o fim contemplado seja bom: «*o fim justifica os meios*». Sobre este perigossissimo principio discorrem os moralistas da *Companhia*: *Cum finis est licitus, etiam media sunt licita. Finis determinat probitatem actus.*

*Cui concessus est finis, concessa est sunt mediam ad finem ordinata* (Ibidem).

Tão subversivos principios, deu logar á *ca-suistica*, em que os theologos do jesuitismo acham meio de lisongear as paixões, dissipar os temores dos menos endurecidos, e arruinar a moral.

E para completar a obra nefanda de destruir as nobres faculdades da natureza humana, prescrevem na Ordem a regra aviltante da *espionagem* entre os seus membros. *Manifestare sese invicem — Quaecunaque per quamvis manifestentur* (Reg. societ, p. 2, apud. E. Quinet). A suspeita é a norma, a delação a lei.

A noção do bem e do mal, santelmo da humanidade no mar tenebroso das paixões, confunde-se e se annulla na noite creada por essas maximas subversivas. Os jesuitas, di-lo acertamente E. Quinet, são os phariseus do Christianismo, como os phariseus são os jesuitas do mosaismo.

«Eis, escreve o mesmo auctor, um christianismo inteiramente **novo**, pois os milagres de Christo se faziam para chamar os mortos á vida, mas os milagres de Loyola se fazem para conduzir os vivos á morte. *Vida* — é a primeira e a derradeira palavra de *Christo*; cadaver — é a primeira e a ultima de Loyola. Christo faz sahir Lazaro do sepulcro; Loyola quer de cada homem fazer um Lazaro no sepulcro. Que ha, pois, de commum entre Christo e Loyola?»

Eis o jesuitismo: vasto «sepulcro branqueado», onde o Romanismo pretende celebrar as exequias da humanidade.

Cedo começaram os povos a perceber o perigo social da Ordem. Lançada na arena em 1540, foram expulsos como perturbadores da tranquillidade publica e corruptores da sociedade, da França em 1594, 1765, 1830, 1880, de Antuerpia em 1578, da Hollanda em 1598, 1816,

de Veneza em 1606, da Bohemia em 1618, da Moravia em 1619, de Malta em 1643, da Russia em 1723, 1813, 1820, de Portugal 1759, da Hespanha em 1767, 1820, 1835, de Sicilia e Napoles em 1767, de Parma em 1786, da Suissa em 1847-48. (Vid. Larousse, Encycl. Britan. sob o titulo *jesuitas*, E. Quinet. *Les Jésuites*, p. 54).

Urgido por esses clamores, o papa Benedicto XIV, «o mais erudito e capacitado dos ultimos papas» (*the most learned and able of the later popes*, Encycl. Brit.), promulgou em 1741 um breve severo, em que denunciava os jesuitas como «réprobos, capciosos, contumazes, desobedientes» (Encycl. Brit. vol. 13, p. 654).

Completando a iniciativa de Benedicto XIV, Clemente XIV, a 21 de julho de 1773, supprimiu, em seu famoso breve *Dominus ac Redemptor*, a Ordem dos jesuitas. Nesse importante documento esboça o papa a historia dos membros da Companhia, expõe suas intrigas politicas, seu antagonismo para com as outras ordens religiosas, a grande ruina das almas produzida pelo seu espirito mettediço e perturbador, sua falta de escrupulo em se conformar com as practicas pagãs no Oriente, a instigação á revolta e á perseguição em paizes catholicos. Finalmente, uma vez que soberanos catholicos já os teem expulsado de seus dominios e muitos bispos e personagens eminentes pedem a sua extincção, o papa resolve, por amor á paz da Igreja, «a supprimi-la, extingui-la, aboli-la, e abrogá-la para sempre, com todos os seus ritos, casas, collegios, escolas e hospitaes.»

Annos depois, em 1814, Pio VII revogou o acto de Clemente XIV, e restaurou a Companhia, olvidado inteiramente da infallibilidade do seu collega!

No concilio de Trento e no concilio do Vaticano, representaram os jesuitas papel preeminente e decisivo. No primeiro destes concilios,

Lainez, Faber e Salmeron, trez membros da Ordem, eram os theologos escolhidos pelo papa, que exerceram consideravel influencia nas definições dogmaticas, com que essa assembléa fixou o credo catholico-romano, até então vago e vacillante. Melhor que ninguem, caracteriza Ruy Barbosa esses negros janizaros do Papado:

«Repudiando todos os escrupulos de moralidade, subordinando impudentemente os meios aos fins, essa milicia innumeravel e infatigavel tem enchido a terra, ha trez seculos, com os seus feitos em pról da supremacia theocratica de Roma. Instigando no Piemonte e na Calabria o morticínio dos valdenses; alma da alma do sombrio «demonio do meio dia», Phelippe II; senhoreando o animo de Fernando d'Austria; para dominar, por traz do rei, a côrte e a universidade viennense; exercendo, na Bohemia, proscricção atroz contra os protestantes; cooperando com a mais decisiva influencia para a assoladora guerra dos trinta annos; approvando e glorificando a carnificina de S. Bartholomeu, a que chamaram «noite immortal»; abençoando, como confessaram, o punhal de Jacques Clément; concorrendo no mais alto grau para a revogação do edicto de Nantes; aconselhando na Suissa, por exemplo, mediante as maximas da sua indigna moral, como direito dos povos catholicos, a deslealdade aos pactos mais solennes, contrahidos, com estados infieis; cerrando, cúmplices, os olhos na Inglaterra, «á conspiração da polvora»; governando Portugal pelo braço de Sebastião e Pedro II; reinando sob Sigismundo e por Sigismundo sobre a Hungria; inspirando o concilio de Trento; em toda a parte, em todos os tempos, de todo o modo, nunca foram os jesuitas outra coisa que uma representação fiel, tenaz, intelligente do espirito romano, o ultramontanismo em actividade».



«Nem contra esta maneira de ver é argumento a resistencia da Companhia a alguns papas e a condemnação proferida por alguns bispos de Roma, contra o instituto da Ordem e a sua moral. E' que os papas, nesses lucidos intervallos, discreparam das tradições do papado, e a Companhia, em que elles desconheciam assim a divina predestinação, que inculca e que a curia tantas vezes lhe reconheceu, de incomparavel defensora da auctoridade romana, resistiu aos pontifices para servir melhor ao pontificado, protestava contra os individuos, em nome da instituição. D'ahi o recalcitrarem os jesuitas a Paulo IV e a Pio V; d'ahi a advertencia ameaçadora de Bellarmino a Paulo V; d'ahi a opposição delles a Clemente XIV. Se disso alguma prova se houvesse mistér, bastaria lembrar as retratações estrondosas em que o papado rehabilitou depois os discipulos de Ignacio, restituindo á Ordem os titulos, as vantagens, os privilegios de filha predilecta de Roma».

«Quando prégarão, na China, o catholicismo, como um desenvolvimento da religião confuciana: quando na India se faziam brâhmanes e, afogando os preconceitos da casta sacerdotal, iam depôr no chão, sobre o soalheiro da choupana do pária, a hostia da eucharistia; outra coisa não havia nesse escândalo mais que uma applicação, audaz, sim, mas logica, da theoria que confunde a fé com a disciplina, com a sujeição exterior, com a pratica formalistica e supersticiosa de um culto materializado. Considerados á luz do puro christianismo, tão impia é a alliança das superstições brahmânicas ao culto de Deus, como a consagração das «fraudes pias», dadas á luz pelo jesuitismo, ainda no seculo XIX, para manter nas classes illetradas a superstição pagã. Encarada, porém, ao aspecto da moral jesuitica, tão invejavel e digna do céu é a ignorancia do

hindú, vendo no symbolo da immolação do Christo uma revelação mysteriosa de Brahma, como a simplicidade inintelligente do catholico, esquecido do «Pae em espirito e verdade» e ajoelhado, em fervorosa prece, deante do altar do Sagrado Coração da Senhora de Salette ou virgem de Lourdes». (Ruy Barbosa, Introd. ao «O Papa e o Concilio», pags. 23 e seguintes).

## Concilio Tridentino

1545 — 1563

Firmada na Palavra de Deus, a Reforma appellara para um concilio geral, que se reunisse na Allemanha, sem a presidencia do papa.

Acquiescera o imperador Carlos V ao appello na esperanza de evitar o schisma, que indubitavelmente enfraqueceria sua auctoridade imperial.

Clemente VII, successor de Leão X, resistiu, «temendo que o concilio se arvorasse em tribunal para o julgar a elle e julgar o Papado» (Hist. Univ., C. Cantu, v. 13, p. 421).

Seu successor, Paulo III, cedeu á pressão do imperador. Convocou o concilio primeiro para a cidade de Mantua, a reunir-se a 7 de maio de 1537. Ninguem compareceu. Convocou-o então o papa para Vicencia, a 1.º de maio de 1538. Ahi esperaram os legados papaes por trez mezes os bispos. Ninguem appareceu. Foi transferida a convocação para abril de 1539, e, posteriormente, por uma bulla, adiada indefinidamente.

Em começos de 1542, uma bulla papal convoca o concilio para Trento. Comparecem os legados do papa e alguns bispos, e, depois de sete mezes de espera, dispersam-se.

Finalmente uma nova bulla de Paulo III marca, para a reunião, 15 de março de 1545, na mesma cidade de Trento. A 13 ahi chegam os legados papaes e só a 13 de dezembro houve numero para se abrir o concilio.

Alludindo á serie de dilatados embaraços para a reunião do celebre concilio, escreve Bungener: «Desconfiança, intrigas, malentendidos e queresas de toda especie, violencias, baixezas, inextricavel, amontoado de interesses, de opiniões, de paixões manifesta e grosseiramente humanas — eis de que chaos ia surgir o concilio; eis sobre o que se iria firmar a cadeira donde, como se julgava, Deus fallaria» (Hist. du C. de Trente, t. I, p. 29).

Estudando o seu funcionamento, escreve ainda o mesmo erudito historiador: «A auctoridade do concilio de Trento só realmente começou depois de seu encerramento.»

Vinte e cinco annos levou o concilio para se reunir, e a sua frequencia relativamente diminuta não justifica o titulo que tem de concilio geral, universal, ecumenico. Funccionou por dezoito annos com intervallo, determinado por trez convocações: a primeira, sob Paulo III, 1545-1547; a segunda, sob Julio III, 1551-1552; a terceira, sob Pio IV, 1562-1563.

No dia da abertura do concilio, só compareceram 25 bispos, posteriormente 60 e 70, que, segundo Bungener, raramente se reuniam, sendo muitas vezes abaixo de 50 o numero presente. E, entretanto, foi nesse periodo que resolveram pontos fundamentaes, taes como — Escriptura, Tradição, Peccado original, Graça, Sacramentos etc. «Que loucura, exclamou Paulo IV, em um momento de mau humor e franqueza, o enviar-se sessenta bispos, dos menos habeis, em uma pequena cidade montanhosa, para ahi resolverem tantas cousas!» (F. Bung. Hist. du C. de T., v. I, p. 34).

Apenas pelo fim o numero de votantes elevou-se a 250, ainda insufficiente para uma representação universal, pois só a Italia possuía mais que esse numero de bispos.

Se a infallibilidade do concilio, como dizem, depende de uma representação ecuménica da Igreja, é evidente que ha serios motivos para o catholico duvidar da infallibilidade do concilio de Trento, não só pela insignificancia da representação, mas ainda pelo character dos representantes, que não foram eleitos pela Igreja, isto é, pelo corpo dos fieis.

Além destas considerações, fervilhavam em seu seio rabiosas facções politicas. O papa e o concilio fiscalizavam-se mutuamente, e o mesmo acontecia com o papa, Carlos V e Francisco I. Os embaixadores das grandes potencias collocavam-se, como nos mostra E. Castellar, á frente das respectivas facções nacionaes, ameaçadoras e perigosas á unidade do pontificado. «Los obispos se anatematizaron y excomulgaron unos á otros». Os legados papaes vigilantes communicavam diariamente com Roma, e, como então se dizia — «llegaba todos los dias el Espiritu á la ciudad y á la Assembléa metido en una balija» (E. Castellar, La Rev. Rel., vol. 4, p. 305, 306).

O jesuitismo, atalaia do Papado, «influiu de um modo extraordinario na segunda parte do concilio de Trento e em suas ultimas determinações», diz-nos ainda o eminente escriptor hespanhol, e acrescenta: «Enemigo de toda reforma y partidario de toda esta estabilidad, nadie ganó tanto como él en que la Iglesia, y el antiguo Estado quedaron sobre sus bases inmovibles y seculares. Lainez y Salmeron representaron la irreconciliable oposicion del catolicismo intransigente á todo humano progreso. Para ellos el ideal estaba en extender las atribuciones del Pontífice hasta los últimos límites

imaginables y condenar y destruir qualquier género de restriccion necessaria. Con fundamento les han llamado los genízaros y los mamelucos del Papa».

Nestas circunstancias, que absolutamente não recommendam a seriedade e muito menos a infallibilidade do concilio, tiveram os bispos de enfrentar duas fortes correntes de opinião provocadas pela Reforma, e intensificadas pelo Imperador e pelos embaixadores das potencias europeas. Diziam ellas respeito á reforma dos costumes e á revisão das doutrinas.

O desregramento do clero, sua corrupção e crassa ignorancia, os abusos e arrogancia dos altos dignitarios da Igreja, clamavam, havia seculos, reforma da *cabeça aos membros, in capite et membris*. Mas lá estava o papa encastellado em Roma e nas prerogativas de abusos seculares, e lá estava a guarda pretoriana, vigilante e ousada, nas intrigas da assembléa; quem se atreveria, pois, a tocar na frente que cingia a triplice coroa? Quem ataria o guizo ao pescoço do gato? Lainez se levanta e declara ao concilio que Roma poderia reformar todas as igrejas nacionaes, e nenhuma dellas poderia reformar a Roma, porque jamais os discipulos reformaram ou instruíram o mestre. E quando, escreve ainda Castellar, lhe arguiam sobre os abusos excessivos do poder pontificio, respondiam que cousas, más, quando vistas de longe, tornavam-se uteis e boas, quando contempladas de perto. Os bens da Igreja são donativos directos de Deus aos pontifices, como propriedades absolutas, para que dellas usem ou abusem á vontade. «Para los jesuitas Iglesia, dogma, disciplina, cánones, todo se absorbía y condensaba á una en el Pontifice, vice-Dios sobre la tierra. . . . Así, pues, confabularonse á una en el Concilio para destruir el poder antiguo de los obispos y condensarlo todo entero en la cabeza de los Papas, contribuyendo al

estabelecimento del absolutismo pontificio, tan nefasto para el movimiento de las sociedades humanas como para la pureza y santidad del dogma católico».

Com estas frisantes palavras, mostra o eloquente auctor de «La Revolucion Religiosa», como em Trento tolheu o jesuitismo o passo á reforma dos costumes, e desbravou caminho para o Vaticano, onde completou a sua obra nefasta lançando á face da historia o escarneo supremo da infallibilidade papal.

Se na reformação do clero pouco conseguiu o concilio de Trento, muito fez, entretanto, pela fixação do credo e codificação das doutrinas do Romanismo. Mesclado de abundante subsidio judeo-pagão e invencionices medievas, fluctuava o vasto credo catholico romano nas crenças mais ou menos vagas e indefinidas do sec. XVI. A voz forte dos Reformadores denunciaram-no, e os padres de Trento viram-se coagidos a fixá-lo.

Esparsos pelos escriptos dos doutores, pelas bullas dos papas, pelos cânones de concilios, boiavam idéas, opiniões, doutrinas, completamente extranhas ao credo primitivo, que não tinham recebido uma sancção formal da Egreja toda.

O credo dos Apostolos é um dos fragmentos mais respeitaveis da antiguidade christã. Contém elle os dogmas fundamentaes da Egreja nos primeiros tempos. Na simplicidade desse documento venerando nada se lê do *papado*, *purgatorio*, *limbo*, *missa*, *confissão*, *transsubstanciação*, *sacerdocio*, *culto a sanctos*, e muitas outras coisas que Roma julga essenciaes para a salvação.

A Reforma abriu a Palavra de Deus, e convidou o clero a reformar a si e ao credo, sob pena de apostasia definitiva.

O concilio de Trento respondeu á Reforma procurando diminuir os abusos e sancionando definitivamente todos os erros fluctuantes, emergidos do paganismo e judaismo.

Acceitos os decretos de Trento como a expressão official de um concilio ecumenico ou universal, constituem elles, deante de Deus e dos homens, a sancção auctorizada e definitiva da apostasia catholico-romana.

O patriarchado latino recusou ouvir a voz da Providencia, e rejeitou a Refórma, e a Reforma, repellida nos seus intuitos sanctos, foi levada a segregar-se, e a organizar-se no Protestantismo.

Lança um dia o Senhor tremendas apostrophes contra o clero judaico, que o crucificou; lamenta que Jerusalem, arrastada pela perversidade do pharisaismo clerical, matasse os prophetas, apredejasse os enviados de Deus, rejeitasse os appellos de sua misericordia, e, despedindo-se do judaismo, exclama: «Eis ahi vos ficará deserta a vossa casa! *«Ecce relinquetur vobis domus vestra deserta.* (S. Matth. XIII-37-38). — Repetiu-se a historia: Christo em Trento despede-se do Catholicismo Romano.

## O Concilio do Vaticano

(1870)

Assignala o concilio do Vaticano o pinaculo da pyramide da hierocracia papal. Das mãos de Pio IX, sustentadas pelo geral dos jesuitas, receberão a consagração suprema as infindas ambições de Leão I, Gelasio, Gregorio I, Gregorio VII, Innocencio III, Bonifacio VIII, Paulo IV.

Mas, altos designios da Providencia! quando a corôa da infallibilidade cingir, afinal, a fronte do Summo Pontifice, fugirá della para sempre a fascinação da theocracia! Sombra errante nos vastos salões do Vaticano, o papa, como outr'ora o imperador romano, clamará debalde a Loyola que lhe restitua as suas legiões. Foi mais feliz Alexandre Magno ao se proclamar filho de Jupiter.

Continuava a fluctuar a pretensa infallibilidade entre o concilio e o papa. Trento tergiversou e deixou irresoluto o problema. Ia derimir o pleito secular o concilio do Vaticano.

A infallibilidade do papa, diz o eminente historiador ecclesiastico Philippe Schaff, a doutrina de que o Bispo de Roma em seu caracter *official*, quando falla *ex-cathedra* sobre questões de doutrina catholica e de moral, é livre de erro, sem necessitar de qualquer confirmação de concilio ecumenico, é coisa completamente ignorada dos antigos padres, credos e concilios, e a Egreja Grega a rejeita como blasphema.

Surgiu tal opinião na idade média em conexão com as falsas Decretaes do pseudo-Isidoro. E', pois, significativa a genese de tão arrogante opinião, que deste modo lhe imprime o labéo infamemente de uma fraude impia.

Defendeu-a, não obstante, o anjo da escolastica, Thomaz de Aquino. Repelliram-na fortemente os concilios ecumenicos reformadores de Pisa, Constança e Basiléa, que estabeleceram a supremacia da auctoridade synodica sobre a do papa.

O concilio de Trento não tocou nas decisões desses trez concilios geraes, e deixou aberto o conflicto, que se tornou um pomo de discordia entre a egreja gallicana e os jesuitas. O gallicanismo era pela infallibilidade do concilio, e o ultramontanismo pela do papa. Os jesuitas apoiavam ardentemente a eschola ultramontana, emquanto os jansenistas, a gallicana.

Rude e criminosa se agitava a controversia.

Era espantosa a incerteza de quem fosse o sujeito infallivel, depois de dezoitos seculos de existencia! Nenhum catholico, até 1870, sabia ao certo onde residia a suprema auctoridade, o *plenitudo potestatis*. Andavam tacteando nas trevas, em busca de um ponto fugidio de apoio.



Era isso indício seguro, de que ambas as parcialidades laboravam em erro, tendo perdido o solido fundamento da Palavra infallivel de Deus. A infallibilidade não era do papa, nem do concilio: era da Palavra de Deus inspirada aos Prophetas e aos Apostolos. Christo prometteu, de facto, estar com a sua Egreja, contra a qual não prevaleceriam as portas dos infernos. Isto garante a imperecibilidade da Egreja, ou, mesmo, se o quizerem, a sua infallibilidade, sem garantir, entretanto, a infallibilidade doutrinaria de qualquer individuo ou corporação ecclesiastica. Elle saberá preservar, na verdade salvadora, pela assistencia de seu Espirito, até a consummação do seculo, os seus escolhidos (S. Matth. XVI-18, XXVIII-20), sem ser necessario revesti-los de infallibilidade pessoal ou collectiva.

A Biblia é a auctoridade infallivel na Egreja, é a fonte divina da verdade religiosa sempre presente, é o juiz imparcial de controversia.

Era natural que desconhecessem essa suprema auctoridade seculos de tão profunda ignorancia, e que aos próceres do tempo não conviesse auctoridade tão ao alcance de todos. Era mais consentaneo com os seus interesses uma herança que pudessem adjudicar ao seu patrimonio especial.

Nesta disputa escandalosa do infallibilismo, levavam os concilios ecumenicos vantagem aos papas, no presupposto acceito de que a promessa fôra feita á Egreja, da qual eram delegados os bispos.

Assim sendo e de harmonia com as mais antigas tradições da christandade tanto do Oriente como do Occidente, decreta o concilio de Constança (1414—1418), em sua 4a. e 5a. sessão, a superioridade da auctoridade synodica, nos seguintes termos:

*Todo concilio ecumenico regularmente convocado assume de Christo a sua auctoridade: todos, incluido o papa, lhe estão sujeitos em assumpto de fé; todos, na hierarchia ecclesiastica, do primeiro ao ultimo grau, lhe devem obediencia, quer no extinguir o scisma, quer no reformar a Egreja. (Janus, O Pap. e o Conc. p. 226).*

«Decisão esta, accrescenta Janus, antiga e primitiva em sua concepção, fertil de consequencia, prenhe de futuro, tal como nenhum concilio formulará jamais outra, e conforme aos sentimentos que a Egreja professava antes do Pseudo-Isidoro». E' evidente que ella decretava a fallibilidade papal, pois, se «o papa está sujeito ao concilio em assumptos de fé», não póde ser elle *infallivel*. E o concilio que isso declarava é, com razão, reconhecido oficialmente como ecumenico ou universal.

Convocado pelo papa João XXIII e pelo imperador Sigismundo, abriu-se elle com a presença do papa e «29 cardeaes, 3 patriarchas, 33 arcebispos, cerca de 150 bispos, mais de 100 abbades, e 500 monges de differentes ordens e outros tantos professores e doutores em theologia, e em leis cãonicas, além de principes, nobres, embaixadores, etc. Calcula-se em 50.000 visitantes durante o concilio, sendo um terço desse numero banqueiros, agiotas, actores e prostitutas.

Um dos fins do Concilio era acabar com o schisma. Em 1409, reunira-se o concilio de Pisa para pôr termo ao escandalo de dois papas, que haviam dividido a Egreja, a se anathematizar reciprocamente — Gregorio XII em Roma, e Benedicto XIII em Avinhão. Depostos ambos, elegeu o concilio Alexandre V, e, por morte deste, a João XXIII. Augmentou o escandalo: trez cabeças doutrinavam *infallivelmente* a Egreja, e se mimoseavam com epithetos infalliveis. O concilio de Constança depõe os trez, e elege Marti-

nho V, demonstrando praticamente a superioridade da auctoridade synodica sobre a auctoridade individual do papa.

Triumphou o Concilio contra as pretensões infallibilistas usurpadoras do bispo de Roma. Nem por isso se deu este por vencido.

Em 1431—1449, reúne o concilio de Basiléa, e a lucta entre os dois rivaes explode de novo. Receoso o papa Eugenio IV da attitude do concilio, expede uma bulla dissolvendo-o (18 de Dez. 1431), e lança excommunhão contra os que se dirigem a Basiléa. O concilio protesta, e lhe nega competencia para tanto. Ia vibrar o golpe da deposição, quando intervem o imperador Sigismundo. Retracta-se o papa, e reconhece que o concilio estava no direito de resistir á sua *infallibilidade*, e prometeu adherir ás deliberações tomadas da assembléa «*com a maior devoção e amor*». «Retractamo-nos, desclara o papa, das trez bullas, afim de mostrar com estrondo ao mundo a pureza de nossas intenções, e quão sinceramente somos dedicados a toda a Egreja e ao sancto concilio ecumenico de Basiléa» (Janus, O Pap. e o Conc. p. 233).

«Completa a humilhação do homem e o revés do systema».

Altera-se novamente a situação neste torneio interessante entre o papa e o concilio. Em julho de 1437, instaura este, processo contra Eugenio IV, em jan. de 1438, suspende-o, e em 25 de junho de 1439, é elle deposto, e eleito em seu lugar Felix V.

Mais diplomata, porém, que os padres do «sancto concilio ecumenico», reúne Eugenio IV um contra-concilio em Ferrara, appellidando «bando de Satanaz» ao synodo de Basiléa. Obteve o apoio de Carlos VII, rei de França, peitou o chanceller do Imperio Schlick e o secretario, e Felix V viu-se constrangido a resignar.

Sahi u victorioso o papa, se bem que com a honra em frangalhos e a infallibilidade desfeita.

Declinava o tremendo poder papal, em conflicto permanente com o poder civil e com as prerogativas episcopaes, mas não declinava a politica fraudulenta da Curia nem a arrogancia ambiciosa dos papas.

Paulo IV, em 1558, reedita as maximas de Hildebrando, a tyrannia de Innoncencio III e as loucas pretensões de Bonifacio VIII, proclamando na bulla *Cum ex apostolatus officio*, «na plenitude de sua jurisdicção»:

1.º O papa, que, na qualidade de «Pontifex maximus», é representante de Deus na terra, *qui Dei et Domine nostro Jesu Christo vices gerit in terris*, com poder absoluto impera sobre os povos e reinos; sentencia a todos, e de ninguem póde ser sentenciado.

2.º Monarchas, principes, bispos, todos, apenas caiam em heresia, ou separem-se da Igreja, ficam no mesmo ponto irrevogavelmente depositos, independente de qualquer formalidade legal, privados absolutamente dos direitos soberanos, e condemnados á pena de morte. No caso de arrependimento e conversão, cumpre sejam enclausurados num mosteiro, para se penitenciarem a pão e agua a vida inteira.

3.º A ninguem é licito, seja como for, soccorrer um principe declarado herege ou scismatico, nem com elle usar, sequer, de humanidade. O monarcha que contravier esta prohibição ficará immediatamente privado do seu reino ou territorio, que tocará em quinhão aos principes obedientes ao papa, os quaes se apossarão do senhorio.

4.º Se algum papa ou bispo tiver concebido sentimentos hereticos ou schismaticos, e só mais

tarde se vierem a descobrir, nullo e irritado será quanto esse prelado tiver feito desde aquella época.

Em 1627, Urbano VIII, na bulla *In Cæna Domini*, fulmina,, a granel, excommunhões e anáthemas, que vinham sendo lançadas desde Gregorio XI, em 1372, com a mesma proterva altivez e largueza. Porém o delirio papal devia subir mais alto. A milicia negra tramava a sua apotheóse, e o vaticanismo marcaria a suprema allucinação do papismo.

## Pio X

Uma paixão infeliz levou á Egreja e ao throno pontifical (1846—1878), Giovanni Maria Mastai Ferretti, sob o appellido de Pio IX.

De fidalga estirpe e apoucados meios, maneiras bizarras, porte esbelto, compleição morbida de fundo epileptico, parcas letras, escassa theologia, e rigido auctoritarismo, tal o papa que devia ultimar a pyramide satânica da hierarchia ecclesiastica. Soprava intenso, no segundo quartel do seculo nono, o espirito revolucionario, e uma sêde ardente de liberdade agitava as massas e perturbava os governos. Espirito enthuasiasta, havia-se Pio IX filiado á Maçonaria, deixando-se arrastar pelas aspirações populares. Aos novos ventos do liberalismo, levantaram Cavour, Mazzini, Garibaldi, a bandeira sagrada da unificação da Italia. Do solo da patria varriam a dominação estrangeira.

Colhido pelo tufão, inaugurou o papa reformas liberaes nos Estados Pontificios. Libertou milhares de infelizes, que, em fétidos e verminosas masmorras, amaldiçoavam a crueldade despotica do papa-rei. Coagido pelo povo, promette um regimen constitucional, que para sempre

deveria quebrar o jugo odiosissimo do absolutismo theocratico inquisitorial.

O partido ultramontano, alarmado, apoda-o, por bocca dos jesuitas, de Robespierre de tiara. A camarilha dos cardeaes reage, e um levante popular (1848) fá-lo fugir para Gaëta, onde renega as suas promessas, e se entrega aos jesuitas.

Carbonarios do ultramontanismo, descem os filhos de Loyola á arena, e, numa tremenda reacção, desfecham contra o liberalismo trez golpes successivos — o dogma da Immaculada Conceição, o Syllabus e a Infallibilidade papal.

### A Immaculada Conceição

Distingue a theologia romana entre culto de *dulia*, *hyperdulia* e *latria*. Cultua-se aos sanctos com o culto de *dulia*, á Virgem com o de *hyperdulia*, a Deus com o de *latria*. Distincções meramente theoricas, absolutamente negativas na practica.

Demais, o culto das creaturas beatificadas é completamente extranho ao Christianismo. Delle não existem sequer sombras na Palavra de Deus, nem no N., nem no V. T. Todo ensino da Biblia sobre este ponto resume-o Christo nestas palavras, repellindo á tentação satânica: «Vae-te, Satanaz, pois escripto está: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a elle só servirás» — *Vade, Satana; escriptum est enim: Dominum Deum tuum adorabis, et illi soli servies* (Matth. III-10).

Não soube Roma imitar ao Divino Mestre, e Satanaz a induziu ao culto idólatra das creaturas. Prende-se o culto de *dulia* e *hyperdulia*, ao culto dos heroes e semideuses do paganismo. A analogia é flagrante. Com especialidade o culto da Virgem-Mae, filia-se, de seguro, á paganissima corrente naturalistica das religiões an-

tigas. E' o culto da mulher na dupla idealização de *virgem* e de *mãe*.

O seu prolótypo, como mãe, temo-lo em Cybele ou Rhéa, esposa de Saturno, filha do Céu e da Terra, a Mãe dos Deuses, a Boa Deusa, a Rainha dos Céos; como virgem, em Vesta, que se apresenta como uma das transmutações mythológicas da propria Cybele; donde as Vestaes, que, em perpetua virgindade, deviam manter sempre acceso o fogo sagrado. Cybele é adorada, sob varias invocações, entre outras *Ops*, que quer dizer riqueza, porque ella é distribuidora de auxilios, soccorros, assistencia. Os seus sacerdotes são os corybantes e semiviros, geralmente eunuchos.

A semelhança entra pelos olhos, e se agrava com o que nos narra o propheta Jeremias sobre a penetração desse culto pagão no povo de Deus de seu tempo «Os filhos ajunctam a lenha, e os paes accendem o fogo, e as mulheres misturam a manteiga com os mais adjunctos necessarios para fazerem tortas á Rainha do céu (*Regina cæli*), e para sacrificarem a deuses extranhos e para me provocarem á ira». (Jer. VII-18, XLIV-17).

Semelhantemente, a Virgem Maria é chamada *Rainha do Céu*, *Mãe de Deus*, *Deipara*, *Mãe dos homens*, (*Boa Deusa*), e é cultuada sob variadissimas invocações.

Vivo impulso recebe o culto da Virgem do espirito cavalheresco do cyclo arthuriano, quando os pallidos clarões de uma nova época esbatiam as sombras de um medievalismo rudo e bellicoso. Era então Maria, como donzella e como mãe, a idealização sublime da mulher, a personificação arrebatadora da dama, que illuminava a mente apaixonada dos cavalleiros andantes, e inspirava o cantico enamorado dos menestreis.

Sob o influxo desta corrente poetico-religiosa, ergue-se o cavalleiro de Pamplona, que en-

controu, na diathese de Pio IX, o meio de cumprir os ardentes votos, depositados, ao velar as armas, aos pés da imagem de Nossa Senhora.

Paladinos da Virgem-Mãe, foram os discipulos de Loyola os grandes propulsores da Mariolatry, a força que apressou a metamorphose do Christianismo em Marianismo, no seio do Catholicismo Romano.

Dominado por elles, decretou Pio IX, em 1854, por exclusiva auctoridade propria, «que a bemaventurada Virgem, no primeiro momento de sua concepção, por uma graça especial e privilegio de Deus Omnipotente, em virtude dos meritos de Christo, foi preservada immaculada da mancha do peccado original (*ab omni originalis culpæ labe preservatam immunem*).

Quem lhe revelou factos tão intimo e mysterioso, ninguém o sabe.

Era natural que Maria, como «mãe do Senhor», ainda que não precisamente «mãe de Deus», «cheia de graça» e do favor de Deus, fazendo resaltar a belleza de sua pessoa na humildade encantadora do seu character, fosse chamada bemaventurada por todas as gerações. Apesar, porém, do justo enthusiasmo e veneração, que ella provocou, nunca se lembraram os doutores orthodoxos de pô-la fóra do quadro dos *remidos*, como fez Pio IX. No seu bellissimo cantico, a *Magnificat*, ella se compraz em estar incluída no numero dos resgatados pelo sangue de Jesus, louvando «a Deus seu Salvador, por ter posto os olhos na baixeza de sua escrava (*in Deo salutari meo quia respexit humilitatem ancillæ suæ* Luc. I-47-48). Foi, portanto, uma surpresa ao orbe catholico a invenção de um tal dogma, imposto, por iniciativa individual, na bulla *Ineffabilis Deus*, sob pena de excommunhão.

Era o primeiro ensaio da infallibilidade a invenção e imposição de um dogma de fé pela insolita iniciativa do bispo romano. Entretanto,



tal dogma do immaculatismo foi ignorado ou despercebido pelo concilio de Trento, cuja infallibilidade timbrou, entretanto, em rubricar todos os dogmas desconhecidos aos Apostolos, e elaborados nas retortas da alchimia romana. Tem elle a blasphema pretensão de collocar a Virgem Maria fóra da familia dos remidos, contra a sua expressa declaração, e contra o ensino positivo de S. Paulo: «Todos peccaram em Adão.» (Rom. III-23, V-12-14-18). Em opposição a toda a theologia biblica e á propria tradição, por uma arbitrariedade pathologica, Pio IX, isentando-a de qualquer parte com a quéda de Adão e as suas consequencias, egualá-a, em pureza original, ao Filho de Deus, nosso Senhos Jesus Christo, cuja conceição é declaradamente immaculada. «E' isso uma das mais fortes expressões do erro fundamental romanista de exaltar indevidamente os factores ou instrumentos humanos da redempção, obstruindo ou tornando inutil o accesso immediato do crente a Christo, desviando-o para mediadores subordinados».

O silencio do N. T. sobre o nascimento e morte da Virgem Maria, a parcimonia das referencias que nos Evangelhos se encontram á sua pessoa, despertou cedo a imaginação romanesca em numerosos Evangelhos apocryphos, «que punham a mythologia no lugar da historia real, e nutriam a superstição antes que a fé racional».

Não obstante esses romances da literatura apocrypha, só no seculo doze (1139) apparece nos cânones de Lyão, sul da França, a idéa da immaculada conceição de Maria. Contra ella se insurge S. Bernardo, o maior doutor e sancto de seu tempo, e pergunta donde desencavaram factotão escondido. Repelliram egualmente tal invenção os escolasticos — Anselmo, Boaventura, Alberto Magno, Thomaz de Aquino.

Inscreveu-a, entretanto, na theologia franciscana ou scotista, Duns Scotus, o «doutor sub-

til», a que tenazmente se oppuzeram os dominicanos ou thomistas.

Não ousou pôr termo ao conflicto entre as duas Ordens o concilio de Trento. Gloria foi dos jesuitas vibrar o golpe final contra a crença dominicana, que representava, nesta parte, o ensino biblico e a boa e geral tradição mantida por tão eminentes doutores da grei catholica.

Resta ainda uma surpresa: é a dogmatização de um outro facto apocrypho, a *assumpção*, que, apesar de não ser ainda materia de fé, é, todavia, festejada a 15 de agosto. O intuito da festa, diz Bergier, é «honrar a morte, a resurreição e a entrada triumphante da Sancta Virgem no Céu». Se a tremenda crise, que está quebrando os moldes do passado, não oppuzer o seu veto, completará o jesuita, com mais esse dogma, a empresa de transportar o feminismo da esphera da christandade para o dominio do christianismo.

Importa isso na divinização heretica da humilde e bemaventurada mãe do Filho de Deus, emquanto homem, e na sua elevação practica á categoria de quarta pessoa da S. S. Trindade, a mais sympathica e influente!

Veem a ponto as seguintes palavras do grande escriptor portuguez Alexandre Herculano: «Quando os jesuitas tentaram dar, pela mão de Pio IX, um golpe mortal no catholicismo, desvirtuando a redempção e tornando problematica a necessidade do sacrificio do Homem - Deus, com o impio dogma do immaculatismo, reconheceram, mau grado seu, que um dogma, cuja existencia se não pudesse fazer remontar, pela tradição, aos tempos apostolicos, tinha o valor ... de dois caracoés» (Cart. v. I, p. 14).

A divinização da mulher em Maria preparou o caminho para a divinização do homem no papa. Quem não protestou contra aquella, em-

bora por surpresa ou indiferença, perdia o direito de se erguer contra esta.

## Syllabus

Feito o primeiro ensaio, convinha um segundo, antes do arriscado golpe da infallibilidade.

O mundo ecclesiastico recebeu submisso o decreto da immaculada conceição da Virgem Maria; importava agora sondar com o *Syllabus* o mundo leigo.

A 8 de dezembro de 1864, promulga Pio IX o *Syllabus*, onde compendia «os principaes erros do tempo (*præcipus nostræ ætatis errone*s).

Nesse celebre documento, dogmatizado pela infallibilidade individual do papa, condemnam-se as mais nobres conquistas da civilização, todo o movimento de liberdade de consciencia, e termina declarando o Pontifice Romano incompativel com o progresso, o liberalismo e a civilização modernas (Art. 80.)

São oitenta os artigos do *Syllabus*, em que, na phrase do principe de Broglie, o partido ultramontano declara que a Egreja (romana) é inimiga (1) da razão humana, (2) da sociedade moderna; (3) da liberdade religiosa, (4) da liberdade politica.

Extractemos algumas provas, e para maior clareza e brevidade demos apenas, em fórmula affirmativa, o conteúdo implicito de algumas proposições negativas do *Syllabus*.

ART. 15. Aqui condemna Pio IX, organ infallivel da Egreja, o direito de cada um, guiado pela propria razão, abraçar e professar a religião, que julgar verdadeira.

— Estigmatiza, pois, a mais bella das liberdades: a liberdade de consciencia!

ART. 24. Affirma ter a Igreja o direito de exercer o poder temporal, e lançar mão da força.

— «A Igreja castiga hereges pela força, quando póde, onde póde, e quanto póde». Haja vista os annaes sangrentos da Inquisição e os cárceres dos Estados Pontificios.

Está o Romanismo longe de fazer acto de penitencia por todos os horrores crudelissimos do passado!

ART. 34. Proclama a vigencia do poder, que tinham os pontifices na idade-média, como soberanos, agindo livremente no seio da Igreja universal.

— Affirma a supremacia do poder papal sobre o poder civil. Perpétua ameaça á independencia dos Estados.

ART. 41. Nega aos governos, em seus respectivos territorios, qualquer auctoridade em assumptos religiosos, como o direito de *exequatur* e *appellatio ab abusum*.

— E' a declaração de uma soberania estrangeira incontrastavel no dominio dos Estados.

ART. 42. No caso de conflicto entre o poder civil e o ecclesiastico, deve prevalecer este.

*In conflictu legum utriusque potestatis jus civile prevalet.*

— Incrível negação das soberanias nacionaes!

ART. 47 e 48. Repellem o ensino leigo, e condemnam a exclusão de toda a fiscalisação clerical, auctoridade, influencia, interferencia ou governo ecclesiastico nas escolas publicas.

— Intromissão de inaudito arrojo nos direitos do poder civil!

ART. 54. Estabelece que os reis e os príncipes não somente estão sujeitos á jurisdicção da Igreja, mas ainda lhe são inferiores em derimir questões de jurisdicção.

— Desfaçada e crua proclamação da auctoridade hierarchica do papismo, por antonomasia Igreja, sobre os governos civis!

ART. 55. Condemna a separação da Igreja e do Estado: — *Ecclesia a Statu, Status ab Ecclesia sejungendus est.*

— Roma deu-se bem com o connubio adulterino e prostituição espirital com os poderes deste mundo, que lhe serviam de príncipes-consortes!

ART. 66 e 68. Repellem o casamento civil e negam o direito do Estado de regular as suas condições.

— Ao casamento civil chamam mancebia, á lei cospem o desprestígio, e á familia honesta, sancto e sólido fundamento da sociedade, cobrem de afrontas e desprezo!

ART. 77. Affirma que o Catholicismo Romano deve ser a unica religião do Estado, com a exclusão de todos os outros cultos.

— Descommunal intolerancia, que agrilhoa o espirito humano á cadeira giratoria do papado!

ART. 78 e 79. Condemnam as leis, que garantem, em paizes catholicos romanos, a liberdade de culto, e a livre e publica manifestação de opiniões e idéas.

— Nesta proposição «se declara dogmaticamente ser um artigo de fé para todo o catholico romano a intolerancia civil, e ser heresia a liberdade religiosa»!

Os fructos podres de um tal regimen ostentam-se, como solenne aviso aos povos, nos antigos Estados Pontificios, no Paraguay, Equador, Hespanha e Portugal e, em geral, por toda a parte onde tem pesado o jugo fatidico da Sancta Sé.

ART. 80. Finalmente, lança franca reprovação contra o catholico liberal e o ingenuo adepto de outro credo que julgar possivel a reconciliação do Pontifice Romano com o «progresso, liberalismo e civilização moderna. *Romanus Pontifex potest ac debet cum progressu, cum liberalismo et cum recenti civilitate sese reconciliare et componere* (Vid. W. E. Gladstone, Roma et le Pape, p. 342).

— Chave de ouro com que Pio IX fecha o tremendo manifesto dos jesuitas!

Foram as 80 proposições do *Syllabus* não só um golpe de morte aos catholicos liberaes, mas um cartel de desafio, lançado á face de todas as conquistas da civilização. Sem nenhuma duvida, um tal manifesto assignala flagrantemente os inimigos da sociedade moderna, da liberdade religiosa e da liberdade politica. Não se mostraram, entretanto, os reis e governos da terra tão passivos e subservientes em defender a sua auctoridade, como os bispos as suas regalias. Na Allemanha provocou o Kulturkampf, e opposição em toda parte. Mas, afinal, foi fraca a resistencia dos governos, e a porta ficou aberta ao terceiro golpe.

Dada a ebullição das idéas de emancipação politica, que revolucionava então a Europa, o manifesto papal impõe-se não só pelo absurdo, mas tambem pela audacia.

## Infalibilidade papal

Desbravado o caminho pelos dois rescriptos papaes da *Immaculada Conceição* e do *Syllabus*, reuniu-se o concilio do Vaticano (de 8 de dez. a 18 ou 20 de julho de 1870) que devia dar victoria definitiva á escola ultramontana, capitaneada pelos filhos de Loyola. Estiveram presentes 759 prelados. Um concilio ecumenico, para se revestir deste character, deve ser composto não somente de bispos, mas de bispos que representem legalmente seus rebanhos, e a universalidade dos fieis do Oriente e do Occidente; e além disso devem elles ser livres na discussão e no voto. Ora, isso não se deu no concilio do Vaticano.

Estiveram presentes: 50 cardeaes, que não representavam dioceses; 100 bispos *in partibus*, sem dioceses e demissiveis *ad nutum* do papa; 50 geraes de Ordem e abbades mitrados; 100 e tantos bispos da Propaganda; 276 italianos, dos quaes 143 pertenciam aos Estados Pontificios. A maior parte destes prelados foram preparados com annos de antecedencia, e nomeados a dedo pelos que tramavam na sombra a conspiração da infalibilidade.

O concilio foi organizado como uma «sociedade secreta». (Vid *An inside view of the Vatican Council*). Aos proprios delegados guardou-se profundo segredo sobre o assumpto especial da reunião (Pag. 51). Com terrivel juramento, «*sub pœna gravi*», deviam todos guardar absoluto segredo sobre tudo o que se pasasse no Concilio. Os processos da assembléa, ordens do papa, embaraços de todo genero, tiravam a liberdade aos membros do Concilio, e indicavam que a minoria dissidente estava jugulada nas mãos impiedosas de uma maioria adrede preparada para arrancar, por uma «*unanimidade moral*», a *infalibilidade* de arrogante mortal.

Contra esses processos immoraes protestaram, no seio do concilio, Père Hyacinthe, superior dos Carmelitas descalços de Paris, cuja eloquencia arrebatadora chamava á *Notre Dame* sôffregas multidões; e Strossmayer, bispo da remota provincia da Croacia, na fronteira da Turquia, cujas palavras candentes e corajosas provocaram turbulenta intolerancia e explosões de cólera dos *humildes* comparsas de uma inaudita empreitada.

Observa ainda o auctor do citado artigo, que uma tal divergencia de opinião como esta, pelas theorias canônicas dos concilios, tornava vã e nulla a decisão da maioria, pois, em se tractando de decretos dogmaticos, reclamava-se practica unanimidade, visto como não se pôde impor como materia de fé o que não pudesse adduzir as notas de uma crença universal e continuidade historica.

Mais ainda: representando os bispos aos leigos, o valor de seus votos deve estar em relação ao numero destes. Ora, a opposição incluia os bispos das mais populosas dioceses: «o arcebispo de Paris com 2.000.000 de catholicos, o de Breslau com 1.700.000, o de Colonia com 1.400.000, o de Vienna com 1.400.000 mais ou menos, e o de Cambrai com 1.300.000; ao passo que os 62 dos Estados Papaes, por exemplo, não representavam mais de 700.000 todos junctos, feita abstracção dos cento e tantos titulares, que não possuíam rebanho nenhum. Podemos, pois, resumir assim a materia: cada voto lançado a favor do novo dogma representava 142.570 catholicos leigos; cada voto, porém, contra elle representava 492.520».

E nem isso é tudo, accrescenta o Rev. Dr. Littledale, auctor do supromencionado artigo: o concilio que pretende ser ecumenico deve fallar em nome dos representantes do Oriente e do Occidente. Tal não succedeu quanto ao Oriente:



os patriarchas de Antiochia, de Babylonia, os arcebispos de Tyro, de Sidonia, de Beyrut e de Aleppe, e outros distribuíram-se entre os trez grupos dissidentes, e deste modo annullaram os votos do Oriente na maioria.

No dia 13 de julho de 1870, foi apresentado a uma votação prévia o famoso documento *Pastor Aeternus* da infallibilidade papal. Era longo e continha as seguintes proposições: (1) a Pedro foi conferida uma primazia de jurisdicção, directa e individualmente, sobre toda a Egreja; (2) esta primazia petrina foi transferida por instituição e direito aos Pontifices Romanos; (3) a jurisdicção do papa é immediata em todas as egrejas, isto é, é elle o bispo real de cada sé, todos os outros bispos são seus deputados, de sorte que não somente em questão de fé e moral, mas de disciplina e governo, todos os fieis — pastores e leigos, são obrigados, individual e collectivamente, a se submeter a elle; (4) não é licito appellar-se para um concilio ecumenico das decisões dos Pontifices Romanos; (5) o Pontifice Romano, quando falla *ex-cathedra*, e define uma doutrina de fé ou de moral para ser acceita pela Egreja Universal, é infallivel, e taes definições são consequentemente irrevogaveis por si mesmas, e não por causa do consentimento da Egreja.

Finalmente assim reza o celeberrimo decreto do papa sobre a sua propria infallibilidade: *Nos . . . Sacro approbante Concilio, docemus et divinitus revelatum dogma esse definimus, Romanum Pontificem, cum ex-cathedra loquitur, id est, cum omnium Christianorum Pastoris et doctoris munere fungens pro suprema sua Apostolica auctoritate doctrinam de fide vel moribus ab universa Ecclesiam tenendam definit, per assistentiam divinam, ipsi in beato Petro promissam, ea infallibilitate pollere, qua Divinus Redemptor Ecclesiam suam in definienda doctrina de fide*

*vel moribus instructa esse voluit; ideoque ejusmodi Romani Pontificis definitiones ex sese, non autem ex consensu Ecclesiæ, irreformabiles esse.* E quem não se submetteu a este decreto, seja excommungado. *Si quis . . . anathema sit.*

Votaram pela affirmativa 451; pela negativa 88; com *placet juxta modum*, isto é, que acceitariam o decreto se fosse elle seriamente modificado, 62; não votaram 70 (*Vide Encycl. Brit. Vat. Council, vol. 24, p. 112*).

Immediatamente após esta votação preliminar, quasi todos os bispos da minoria deixaram abruptamente Roma, depois de terem lavrado um protesto contra os processos do concilio. Determinou a fuga o receio de sua segurança pessoal». Deu-se-lhes a entender que, na sessão seguinte, lhes seriam apresentados á sua assignatura dois papeis — um contendo a profissão de adhesão ao dogma da infallibilidade, e o outro a resignação de sua diocese, caso recusasse a adhesão. E boas razões tinham elles para crer na coerção do papa, que declarara querer ser proclamado *infallivel senza condizione*, sem limitação, e que já mostrara aberta inimizade a membros da minoria. Demais, o papa era ainda rei despotico em seus Estados.

O resultado desta fuga, foi que na sessão publica de 18 de julho de 1870, ao votar-se a constituição do *Pastor AÆternus*, dos 535 votantes, só dois, o bispo de Ajaccio e de Little Rock, tiveram coragem de proferir o *non-placet*. O papa confirmou o decreto, e o «mysterio da iniquidade» consummou-se. Notavel coincidência! — observa o eminente historiador do Concilio — no mesmo dia declara Napoleão III guerra contra a Prussia, e se atira ao grande conflicto, que deu em resultado a perda do poder temporal do papado, e a occupação de Roma pelo rei da Italia dois mezes depois (20 de setembro).

Coagido pelos acontecimentos, o recém-infallível Pio IX, a 20 de outubro, proroga formalmente o concilio e se mette prisioneiro no Vaticano. A prorogação zombou da infallibilidade incipiente e equivaleu a uma dissolução; o «prisioneiro» até hoje tem aguardado debalde que os governos catholico-romanos ou os teutonicos lhe viessem quebrar as ferreas grades (*Vid. Brit. Encyclop., Vat. Council*).

Sabido é que, impellida pelos jesuitas, a imperatriz Eugenia, ao mesmo passo que influia no decreto infallibilista do Vaticano, instigava o infeliz esposo, Napoleão III, «a uma marcha triumphal a Berlim», com o intuito de esmagar o Protestantismo. Sahiu-lhe ao revés o trama politico. Deu elle á Prussia protestante a hegemonia politica da Europa, e lançou os germes á tremenda catastrophe, que ora abala o mundo.

Entretanto, triumphou no seio catholico-romano a conspiração sinistra da Ordem jesuitica: o bispo de Roma ergueu orgulhoso sobre os seus pares a fronte infallível; foram esmagadas as nobres aspirações liberaes da egreja gallicana, aniquillada a independencia do episcopado, rebaixados os bispos a meros esbirros da Curia romana, lastimosos simulacros dos primitivos vigias do rebanho do Senhor! Victoria de Pyrrho, repto insolente do jesuitismo á historia e ao bom senso da humanidade.

Tem desses contrastes imprevistos a politica dos ambiciosos; nos planos mais bem girados encontram não raro os politicos a rede que os tolhe, como ao leão da fabula, sem a ventura de dentes roazes, que os possam libertar da ruina. Colhe o Senhor os sabios na sua propria astucia,

## A infallibilidade e o bom senso

Primeiro que a historia, consultemos o bom-senso sobre a infallibilidade papal.

1. Infallivel o papa! Quem o disse foi elle proprio. Escutae-o: *Nos docemus, definimus*. O Concilio apenas adheriu, *sacro approbante concilio*. Só elle, o proprio papa, era competente para surprehender em si mesmo, por uma *auto-visão*, o dom divino da infallibilidade, revelá-lo, defini-lo, sem qualquer «consenso da Egreja», frisou elle: *indeoque ejusmodi Romani Pontificis definitiones ex sese, non autem ex consensu Ecclesiae, irreformabiles esse*.

Por si, *ex sese*, não pelo consenso da Egreja, são irreformaveis as decisões e definições do pontifice romano!

Por dezenove seculos existiu o dom da infallibilidade larvado na sub-consciencia de seus antecessores, que, de tempos a tempos, tinham delle graves suspeitas.

Lobrigando algo, arrogavam para si os bispos a chispa divina, em sua capacidade *collectiva* e resoluções synodicas. E' uma tradição multiseccular, doutrina Janus, que, até o concilio de Trento e o do Vaticano, se dava razão aos bispos em suas pretensões infallibilistas.

Ao concilio geral e ecumenico incumbia regular dogmas e costumes, sob a infallivel direcção do Espirito Sancto. Ouçamos sobre o ponto o Sancto concilio de Trento:

*OEcumenica et Generalis Tridentina Synodus, in Spiritu Sancto legitime congregata, praesidentibus in ea eisdem Apostolicae Sedis Legatis . . . haec statuit, statetur, declarat, decernit, interdixit.* —

Assistido pelo Esperito Sancto e cercado de todas as condições canônicas, proclama-se o concilio de Trento revestido de auctoridade infallivel e assim *estatuê, proclama, declara, prohibe*.

O concilio do Vaticano corrige o erro do de Trento, erro que é o echo de uma tradição muitas vezes secular, como adeante mostraremos. Contra os bispos em reunião conciliar, avoca Pio IX para si individualmente a fagulha divina, acaba com o perigo de uma duplicata da infallibilidade, embora se exponha á interpellação episcopal: *Per quam viam transivit spiritus Domini a me ut toqueretur tibi?* (II. Par. XVIII. 23).

Quem, pois, investiu o bispo de Roma de suprema auctoridade infallivel na Egreja? Foi Christo? os Apostolos? o Novo Testamento? Não, nem vestigio disso ahi rastreamos, como provámos. Foram os padres apostolicos ou sub-apostolicos? Tão pouco. Foi a tradição medieval? Nem ella. Foi o concilio do Vaticano? Tambem não; elle apenas assistiu á explosão da infallibilidade, com o espanto e o protesto de uns, e applauso de outros, que apenas adheriram á *definição* papal, «irreformavel, não por causa «do consenso da Egreja», mas em virtude de seu valor intrinseco, *ex sese*.

E', pois, o papa o que se declara a si mesmo infallivel. Mas elle é suspeito, não póde ser juiz em causa propria. Declarava Christo aos judeus que elle era filho de Deus, e, portanto, infallivel. E, aparando a objecção razoavel de que elle dava testemunho de si proprio, disse: «Se eu dou testemunho de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro». (João V, 31.)

Mostra em seguida que elle tem por si o testemunho de João Baptista, que gosava de alto conceito entre o povo; mas acrescenta immediatamente que nesta materia tinha elle maior testemunho que o do Baptista: era o testemunho de seu Pae nos milagres que elle operava (Ib. vs. 32—37).

Ora, o *sacro approbante concilio* é um fragil João Baptista para Pio IX, pois não somente

não era unanime, mas nem sequer gosava de indispensavel liberdade.

Em assumpto, porém, de tão transcendental importancia, pois commina penas eternas a quem não se submette, era indispensavel que o papa, como Christo, apresentasse o testemunho irrecusavel de milagres e prophecias, que trouxessem o cunho evidente do poder de Deus.

Nada disso, porém; antes as suas esperanças manifestadas na protecção da Virgem, foram completamente frustradas nos desastres provocados pelo pretencioso dogma.

O papa é, pois, infallivel, porque elle proprio o diz, e elle o diz porque é infallivel. E' este o circulo vicioso, que, para estupor da humanidade pensante, é o alicerce em que se firma o dogma estupendo da infallibilidade papal!!

E' incrivel e inominavel crueldade que se mandem oficialmente para o inferno catholicos e acatholicos, que, embora acatem a palavra honrada do interessado, exijam, por cautela, de accordo com as normas firmadas em todas as sociedades organizadas, outras credenciaes de sua missão de docente infallivel, que não simplesmente a propria declaração!

Felizes, mil vezes felizes os membros da christandade, que viveram antes de 1870, antes que Pio IX, auxiliado pelos clarividentes membros da Companhia, localizasse na pessoa do bispo de Roma o thesouro escondido por tantos seculos. Oxalá ficasse elle sempre escondido; a infallibilidade iria produzindo inconscientemente os seus beneficos effeitos, e, com gaudio geral, ficariam menos povoadas as regiões infernaes.

*Tempora mutantur et nos in ellis...*

2. Sobre a falta de sancção divina, um outro vicio original maisina a infallibilidade do papa: é a duvida angustiosa, entre theologos, de quando é o papa infallivel. Elle só é infallivel quando

falla *ex-cathedra*, como pastor e doutor da christandade inteira, sobre questão de fé e de moral. Esta restricção é que veio complicar o assumpto. Levanta ella sérias interrogações: que significa *ex cathedra*? quando deixa elle de ser pastor e doutor da christandade inteira? quaes as questões que escapam á fé e á moral? Eis ahi duvidas que, em rigor, só a infallibilidade podia dissipar, e não o fez. Suscitou-as, envencilhou-se nellas, emmaranhou-se nas mil argucias de seus causidicos, e annullou-se.

E tudo isso porque tremeu o braço audaz ao desferir o golpe.

Em theoria é accetivel uma infallibilidade, como a de S. Pedro, corrigido por S. Paulo em certo procedimento particular, uma infallibilidade apostolica ou prophetica, que deixa o sujeito exposto a erros em actos de character inteiramente extranhos á sua missão. E' isto evidente, e por isso não ha na Biblia especificações de quando são inspirados os mensageiros divinos. Qualquer especificação levantaria a duvida. Os Apostolos eram razoavelmente infalliveis sempre que desempenhavam sua missão de ensinar; toda vez que abriam a bocca ou tomavam a penna, e se dirigiam a um ou a muitos, em publico, ou em particular. Restringindo-se, a infallibilidade papal amarrou-se; especificando, garroteou-se.

Vislumbrando esse desastre, queriam Pio IX e os seus conselheiros uma infallibilidade *senza condizione*, sem declaradas restricções ou especificações, absoluta, que porejasse em todas as suas palavras e actos.

Dava isto, porém, de rosto com mil contradicções de seus imprudentes antecessores. O *senza condizione* era um escolho perigoso. Dahi um expediente: o papa só era infallivel *ex cathedra*, e desta maneira poderia a infallibilidade sobrenadar ás erronias e descahidas papaes, que enxameiam a historia do Vaticano. A plenitude do

poder, o *plenitudo potestatis*, só a possui o papa quando da cadeira magistral falla como Pastor e Doutor de toda a Christandade, *ex cathedra loquitur*. Mas quando falla elle *ex cathedra*? Insoluvel difficuldade, *intrincatissimæ difficultates*; disputam theologos e disputarão sempre, affirma o bispo Dupanloup.

Como a de Dupanloup, vozes se ergueram no concilio do Vaticano para assignalar a formula vaga, inapprehensivel ás proprias argucias theologicas, em que se apresentava ao mundo a latente infallibilidade papal. A formula, dizia-se ahi, encerra *evidentissima vitia et formidanda pericula*, pois não fixa condições de infallibilidade. «Porque signaes saberemos se o pontifice exerce o officio de doutor? por enunciar-se numa bulla, num breve, numa allocução, etc? . . . . Quando fixa o que, em pontos de fé e costumes, deve crer a Igreja toda; *universa Ecclesia*. Mas quem vem a ser a Igreja toda? Podem-se acaso, acerca de um ponto de fé, proferir decretos para uma fracção apenas de fieis? E que vem a ser *costumes*? . . . Onde termina a infallibilidade pontificia? . . . Esta concessão assim de uma *indemarcada* infallibilidade ao pontifice romano é *cheia de perigos*». (*Friedrich, Monumenta, apud. O Papa e o Concilio, pg. LXXX.*)

No mesmo sentido falla Dupanloup, bispo de Orléans. «Debalde creariéis uma definição expressa da infallibilidade pontifical, diz o mesmo bispo. . . . Quando será e quando não será infallivel? . . . . Fallou o papa como pessoa privada ou como pessoa publica? . . . . Questões todas essas muito vivamente agitadas até aqui, não só pelos theologos avessos á infallibilidade, mas até pelos mais pios defensores da infallibilidade, e que se renovarão sempre, *indecisæ manebunt*». (*O Pap. e o Conc., Introd. R. Barbosa, p. 75*).

Não se sabe, pois, com segurança, onde começa e onde termina a infallibilidade cathedra-



tica do papa. E', pois, uma infallibilidade, que traz em si o cunho de sua mystificação palmar, como incerta e fallivel.

E' natural o chaos das disputações theologicas. Não se inventam infallibilidades a sabor de systemas politico-religiosos; uma vez, porém, inventada, não podem theologos falliveis, muito menos incultos fieis, julgá-la, chamá-la a contas, deter-lhe o impeto divino, traçar-lhe, sob qualquer pretexto, a órbita de sua acção. *To be or not to be*, brada do Vaticano o novo Hamlet. A infallibilidade é o divino, o infinito, e o infinito não se jugula, é, de sua natureza, *senza condizione*. *Sint ut sunt aut non sint*. O proprio papa que descobriu o infinito em si, é exclusivamente o que sabe quando emana de si a scentelha luminosa da verdade divina. Inepcia é apegar-se á formula da definição, que, afinal, é apenas um engodo a consciencias timoratas, um penhor *jesuitico* aos espiritos liberaes, e põem-se peias ao arbitrio do papa, commissario de Deus, unico juiz de si proprio.

Não puderam clamar *aqui-del-rei* ao pairar no ar o perigo da infallibilidade os que haviam accettato sem protesto os decretos da *Immaculada Conceição* e do *Syllabus*, tão pouco podem, em qualquer tempo, pedir soccorro, nas exorbitancias do poder papal, os que accetam o dogma da infallibilidade. Só resta á hierarchia annullada, aos prelados convertidos em meros serventuarios do theocrata italiano, flexionar-se como faziam os subditos de Diocleciano, *Pontifex Maximus* da velha Roma.

Um dia, entre os nobres d'Israel, annunciou-se que Jehu, um delles, fôra unguido rei por um dos enviados do Propheta. Immediatamente toda a nobreza cahiu de joelhos ante o filho de Nansi, e deante de sua vontade suprema emmudeceu-se a nação. Tal a attitude de clérigos, bispos, arcebispos, patriarchas e de todo

o orbe catholico ante o Senhor de seus irmãos, o novo vice-Deus no governo soberano do globo terraqueo.

O papa, como declara um de seus theologos, é a Igreja, *papa virtualiter Ecclesia*; o papa é a tradição, *la tradizione son io*; ficou o credo catholico-romano reduzido a um só artigo: — *Creio no papa*.

Ficou adiado o concilio do Vaticano, desde 1870, e adiado ficará, pois dessa data em diante são afanosas inutilidades concilios, theologos e doutores: *Roma locuta est, causa finita est*.

A unidade tornou-se absoluta: Deus na terra, concentra o papa toda a vida, toda a sciencia, toda a verdade. Todos os espiritos indagadores, as doudas corporações, que seguiam a senda do trabalho nas profundas locubrações da moral e religião, podem apenas agora desempenhar o papel secundario e facil de meros instrumentos percucentes para fazer saltar da divina pederneira a *fagulha luminosa*.

No vasto orbe latino reina o silencio, a mudez, o estupor e a morte! *I popoli di religione papale o sono già morte o vanno morendo*

## A Infallibilidade e a Historia

Vozes auctorizadas se fizeram ouvir no seio da opposição, como a de Dupanloup, Kenrick, Strossmeyr, Hefele, Döllinger e outros, mostrando o absurdo historico da infallibilidade deante dos erros evidentes de muitissimos papas na esphera vária de suas attribuições officiaes.

«Para provar, escreve Janus, com a historia da Igreja a doutrina da infallibilidade, mister será que commettam falsificar essa historia de um a outro cabo.»

Summariemos o libello historico contra a sacrilega divinização do bispo de Roma, em breve catálogo chronologico de seus erros e graves quedas.

1. — *O papa Victor* (192) approvou o Montanismo, e depois condemnou - o (*Dupanloup, Observ.*)
2. — *O papa Marcellino* (296-303), para fugir á perseguição, tornou-se idólatra: entrou no templo de Vesta, fazendo offertas a esta deusa.
3. — *O papa Liberio* (358) professou o arrianismo, que nega a S. S. Trindade, e condemnou S. Athanasio, o grande campeão da orthodoxia. Sobre o que escreve o Pe. Antonio Pereira de Figueiredo: «No mesmo tempo o Papa Liberio (como escreve S. Jeronymo) vencido do tedio do seu desterro em Beréa, consentiu na heresia Ariana, e declarou que se separava de S. Athanasio: que naquellas circumstancias era o mesmo que declarar-se separado do partido catholico. (*Comp. das Epoc. e Succ. mais illustres, p. 167*).
4. — *O papa Calixto* (218-223), verberado por S. Hippolyto por causa de seus costumes relaxados, abraçou a heresia *patripassiana*, que negava a personalidade do Filho.
5. — *O papa Zósimo* (417-18) reprovou a condemnação da heresia pelagiana por seu antecessor Innocencio, e, depois, retractou-se.
6. — *O papa Gregorio I* (578-590) chama de *anti-Christo* a quem assume o titulo de *bispo universal*, e o papa Bonifacio III, um de seus successores, obtem, em 607, esse titulo de Phocas, imperador parricida.

7. — *O papa Honorio*, em 625, adheriu á heresia chamada *monothelismo*.
8. — *Os papas Paschoal II* (1088-99) e *Eugenio III* (1145-52) auctorizaram o duello; *Julio II* (1509) e *Pio IV* (1560) prohibiram-no (*An Inside View of the Vat. Council*, p. 189).
9. — *O papa Adriano II* (867-72) declara valido o casamento civil; *Pio VII* (1800-23) condemna-o. *Sixto V* (1585-90) publica uma edição da Biblia e recommenda a sua leitura por uma bulla; *Pio VII* o reprova. (Ib. ibs.)
10. — *O papa Eugenio IV* (1431-39) approvou o concilio de Basiléa e a restauração do cálice á egreja bohemia; *Pio II* (1658) revoga-a. (Id. ib.)
11. — *O papa Clemente XIV* (1700-21) aboliu a Ordem dos jesuitas, approvada por *Paulo III*; *Pio VII* restaurou-a.
12. — *O papa Estevam VII* mandou desenterrar o cadaver do papa *Formoso* (861-896), e, servindo de instrumento de vingança, fê-lo sentar na cáthedra papal e por meio de um synodo julgou-o, condemnou-o, declarou nullos todos os actos de sua infallibilidade, cortou-lhe os dedos, e atirou-o ao Tibre. Vingou-o o povo prendendo a *Estevam*, envenenando-o e estrangulando-o. A questão complica-se ainda mais para a infallibilidade, pois os papas *Sergio III* e *João X* reconhecem válidos os actos monstruosos do synodo convocado por *Estevam*, ao passo que os papas *Theodoro II*, *João IX* e *Benedicto IV*, ao invés, os consideram nullos e vãos. Não só pullulam, na historia, concilios contra concilios, mas ainda

papas contra papas. Como se vê, são infalibilidades mais que falliveis.

13. — *Schismas*. Eis mais um serio embaraço á infallibilidade papal. Os schismas ou divisões, os papas e os antipapas no seio da catholicidade, mostram ainda, á luz da historia ecclesiastica, a insensatez das innovações do Vaticano.

O schisma do Oriente consummou-se em 1054. Os patriarchas de Constantinopla, de Antiochia e de Jerusalem viam com maus olhos a enfatuação crescente do seu collega de Roma e a transformação paulatina do credo primitivo no Occidente. Com o papa Nicolau IX e o patriarcha de Constantinopla Miguel Cerulario, rompeu a scisão latente. Nicolau excommunga a Cerulario, que lhe exproba os desvios; retruca-lhe o patriarcha oriental do mesmo modo, e a christandade scindiu-se em duas grandes egrejas, entre as quaes cavou o orgulho papal intransponivel abysmo.

O schisma do Occidente explodiu em 1378. Transferiu o papa Clemente V, 1309, sua residencia de Roma para Avinhão, na França. Por 70 annos ahi permaneceu a séde apostolica. E' o periodo ironicamente chamado «o captiveiro babilonico» do papado, que se escravizou á influencia dos reis da França. Instrumento nas mãos do rei, levou Clemente V á fogueira o intrépido Jacques Molai, grão-mestre da ordem dos Templarios.

A côrte de Avinhão infeccionava o reino, e a sua depravação moral denunciou-a Petrarcha, em côres vivas.

Com a eleição de Urbano VI, em 1378, rebentou o grande schisma do Occidente, que por 38 annos abriu os olhos da Euro-

pa sôbre a politica mundanissima do pontificado.

Despeitados com a arrogancia de Urbano, elegeram os cardeaes um outro papa, Clemente VII (1378-94). Fulminaram-se reciprocamente os dois infalliveis, tal qual «dois cães a rosñar ao mesmo osso».

Em sua *Chronica de D. Fernando*, Fernão Lopes, o grande chronista portuguez do sec. XV, referindo-se ás intrigas na côrte de Portugal cansada pelo duello escandaloso dos dois infalliveis rivaes, ratrata, em sua linguagem hoje archaica, o effeito moral do schisma: «Outros afirmavam que fora muito melhor nenhuum Rei, nem Príncipe nom declarar por algum delles; ca se os Senhores todos se tiveram sem fazer nenhuuma acção, nom durara tanto a çisma na egreja, como ouvrees que durou: mas cada huuns amdando a escolher, tiveram com Urbano o Emperador, e os seus isso meesmo, e elRei de Imgraterra, e outros Reis e senhores; e com Clemente, elRei de Framça, e elRei de Castella, e elRei de Portugal, e elRei Daragom: e desta guisa, por nossos peccados, foi estomce o corpo mystico da egreja feito com duas cabeças, assi como corpo momstruu, que era fea cousa de veer». (*Ined. de Hist. Port., t. IV, p. 379, Chron. d'el Rei D. Fern.*).

Para curar a monstruosidade das duas cabeças no corpo mystico da Egreja dividida, reuniu-se o concilio ecumenico de Pisa (1409).

Reunido contra a vontade dos infalliveis em duplicata, o concilio geral de Pisa proclamou a supremacia do concilio sobre o papado, depoz os papas rivaes, e, por um conclave de cardeaes, elegeu Alexandre V — (1409-10).

Cresceu o mal: Gregorio XII, em Roma, e Benedicto XIII, em Avinhão, zombaram da supremacia conciliar, e em vez de *duplicata*, houve *triplicata* de infallibilidades.

O escandalo tocou ao auge: era a orgia da infallibilidade. Coriscavam os anáthemias, cruzando-se, sobre as cabeças dos trez herdeiros de S. Pedro.

Acodem á Constança (1414-18) numerosos prelados, que se reúnem em concilio ecumenico. Como o de Pisa, proclama a sua superioridade sobre o papa, depõe, em 1415, João XXIII, homem depravado, por cuja influencia se crê ter sido envenenado o seu antecessor (Alexandre V, 1410); no mesmo anno, Gregorio XII abdicou e Benedicto XIII foi deposto. O concilio elegeu Martinho V. Apesar da victoria da infallibilidade synodica sobre a papal, continuaram ás rebatinhas pela posse da cubiçada supposta herança.

Convocado novo concilio em Basiléa, (1431-39), foi novamente decretada a superioridade synodica. Breve, os dois poderes que luctavam á compita, se engalfinharam. Sobre a cabeça de Eugenio IV relampeja o raio da deposição. Humilha-se o papa e se apressa em se desdizer e fazer acto publico de dedicação «ao sancto concilio ecumenico». Infiel ás suas promessas, é deposto pelo concilio, e eleito Felix V. Desta vez, porém, pôde aparar o golpe e equilibrar-se no throno. O suborno e astucia o fizeram levar vantagens ao sancto concilio, obrigando Felix V a resignar.

Como impedir que, deante de todos estes factos, e muitissimos outros, nos venha ao espirito a convicção profunda de que a infallibilidade papal é uma burla, uma mystificação co-

lossal, com que embahiram a christandade latina os bispos italianos, sob o influxo nefasto do jesuitismo?

Demais, examinámos os titulos da supposta herança de S. Pedro, pesquisámos os germes e as pégadas do papado na historia, e, através de mil fraudes, perjurios, homicidios, bachanaes, intrigas, politicas, guerras sangrentas, deposições de reis e crudelissimas perseguições, não encontrámos, no silencio dos seculos primitivos da Egreja e nas tradições dos seculos posteriores, vestigio ao menos que coonestasse, perante a consciencia christã, as inauditas pretensões do bispo de Roma, sequer ao primado, muito menos á infallibilidade!

Em seu eloquente tractado «Os Decretos do Vaticano», de larga repercussão na Europa, provou o primeiro ministro da Inglaterra, o grande estadista W. E. Gladstone, as theses seguintes:

I. — Roma abandonou sua altiva divisa — *Semper eadem*, para inaugurar uma politica de violencia e de transformação em materia de fé.

II. — Roma afiou e brandiu de novo as espadas enferrujadas, que nos compraziamos em crer já fóra de seus habitos.

III. — Ninguem se póde converter ao «Credo» romano sem renunciar a sua liberdade moral e intelectual, e pôr a sua lealdade e deveres civis á mercê de outrem.

IV. — Roma repudiou ao mesmo tempo o espirito moderno e a historia antiga.

Ha, na abrupta metamorphose do velho em novo Catholicismo, algo de anormal, que aberrá de todas as extravagancias imaginaveis em nossos tempos, que transcende as raias do heroismo e do entusiasmo, que ultrapassa as fronteiras prescriptas á propria enfatuação humana, e que só se explica pela herdada vesânia de Loyola



e pela tara epileptica de Pio IX. *Quos Deus vult perdere prius dementat.*

## Os Velhos-Catholicos

Nem tudo foi subserviencia e passividade ante os decretos do Vaticano. Operou-se no seio de Catholicismo Romano forte reacção semelhante á da Reforma do sec. XVI. Quarenta e dois professores da universidade de Munich, chefiados por Döllinger e Friedrich, repudiaram as innovações ultramontanas e jesuiticas do Vaticanismo, e deram principio ao movimento dos Velhos-Catholicos, que, firmados nos seis primeiros concilios geraes, eram os continuadores do velho Catholicismo ou do Catholicismo tradicional. Oscillou o movimento a principio entre o Protestantismo e a Egreja Grega Orthodoxa, fixando-se em seguida na organização ecclesiastica do Velho-Catholicismo. Aboliram de seu credo os espurios accrescimos do *celibato clerical, jejuns, confissão auricular*; baniram o uso do *latim* no culto; reconheceram a distincção entre Egreja *visivel* e *invisivel*, e declararam Christo a unica cabeça da Egreja.

Extendeu-se o movimento de reacção pela Allemanha, Hollanda, Suissa, Austria, e mesmo na França, onde o P.<sup>e</sup> Michaud o defendeu em escriptos polemicos de alto valor, e onde ainda se fez ouvir o verbo eloquentissimo de Père Hyacinthe. Despontou tambem na Italia e no Mexico. No Brasil, annos ha, surgiu o movimento em Itapira, Estado de S. Paulo; o seu promotor, porém, o conego Amorim, desapareceu rapida e mysteriosamente do scenario. Com a sua morte, entretanto, não cessou a propaganda da idéa, que vae caminhando paulatinamente.

Nos ultimos tempos, um grande movimento politico-religioso explodiu na Austria ao brado

significativo de *Los von Rom* (fóra de Roma), e milhares vieram engrossar as fileiras do Velho-Catholicismo e as do Protestantismo. O Neo-Catholicismo, porém, apoiado na politica dos governos europeus, na apathia religiosa dos povos e na acção efficaz da Companhia, manteve-se, e a reacção tão auspiciosamente começada e eloquentemente defendida não pôde derribar o colosso de pés de barro. E' que não tinha chegado a sua hora.

Merece, entretanto, especialmente estudada, em suas causas e effeitos, a profunda metamorphose operada no Catholicismo tradicional pelos decretos do Vaticano. Ao Neo-Catholicismo, oriundo desses decretos, apellida-se, nas rodas intellectuaes, de Vaticanismo. Lancemos sobre elle um olhar mais demorado.

## O Vaticanismo

Vaticanismo é o Neo-Catholicismo, que surgiu, em 1870, aos golpes, trez vezes repetidos, da vara magica do Jesuitismo, manejada por Pio IX.

Aferrado á corrente do velho Catholicismo tradicional, escreve o egregio escriptor Alexandre Herculano: «E' o Catholicismo estribado na razão, que me afasta invencivelmente do da nova religião do marianismo e do infallibilismo, heresias recentes, heresias de especulação» (Cart., I, p. 6).

Era velho-catholico o austero solitario do Val-de-Lobos.

Como elle, M. l'abbé E. Michaud repelle com summa energia a nova religião do Vaticano, em seus numerosos e eloquentes escriptos, mormente em sua importante obra *Le mouvement contemporain des Eglises*.

Ecclesiastico, doutor em theologia, melhor que nosso grande escriptor, pôde elle avaliar o alcance da transformação, que ao seio do Catholicismo Romano trouxeram as innovações do Vaticanismo.

O dogma da *Immaculada Conceição*, escreve o corajoso padre, devia agradar ao piedoso sexo, e desenvolver nas imaginações doentias das mulheres uma recrudescencia de mysticismo absurdo, que não concorreu pouco para, mais tarde, fazer passar o absurdo dogma da infallibilidade papal. Em vez de fazer definir esse dogma por um concilio ecumenico, foi elle definido *pelo papa só, em presença* dos bispos convocados para Roma, simplesmente para assistirem uma cerimonia. Essa presença, dos bispos em Roma, enquanto o papa, só, definia o dogma, salvava as apparencias e disfarçava a crueza da definição papal» (pg. 6).

Em 1865, escrevia propheticamente Bordas-Demoulin: «O *neo-catholicismo* ou *marianismo* tornou-se dogmaticamente incompativel tanto com o progresso scientifico, como com o progresso politico e social. Retirando-se das classes esclarecidas, tornar-se-á elle a religião dos campos ou das populações ruraes, como o primeiro paganismo romano. (\*) Poderão abrigar-se ainda á sombra do velho sanctuario, algumas almas de escol, presas pelos preconceitos do habito e da educação, alguns metaphysicos do passado; para as massas, a vida intellectual e moral exgottou-se desse lado. O reinado de Pio IX terá assignalado a data fatal da suprema decadencia (Ap. Michaud, p. 7).

No segundo capitulo de seu livro, prova Michaud a identidade entre o Romanismo e o Jesuitismo. «Creem ainda muitos espiritos, diz

---

(\*) — *Pagani*, rusticos, os habitantes das aldeias (*pe-ragus*), que resistiram á acção do Christianismo.

elle, que o Jesuitismo é apenas um accidente extranho á propria essencia da Egreja Romana. Enganam-se. De 18 de julho de 1870 para cá, não ha mais differença entre bispos romanos e os jesuitas... Nessa data se operou uma revolução, que, alterando o dogma e a constituição da Egreja Catholica, cavou um abysmo entre o Catholicismo e o Romanismo. . . . E' evidente que o Romanismo actual não é mais o Catholicismo de outr'ora, mas o Jesuitismo... No Romanismo actual a hierarchia parece ainda existir; mas é apenas uma apparencia. Não é mais uma hierarchia, é um exercito de serviçaes, ou antes uma gradação de creados (valets). O fiel não é mais que uma machina cega e passiva do padre director; o padre, do bispo; o bispo, do papa. De sorte que, em ultima analyse, tudo se resume no papa. E' elle o unico vivo, todos os outros são cadaveres; é elle o pensamento e a vontade de cada um. A todo o que pensa ou quer differentemente d'elle, anáthema! Chamava S. Paulo a cada christão templo do Espirito Sancto; agora, porém, só ha um templo do Espirito Sancto, o papa; e todo o christão é apenas o templo do papa. Ao papa é que todo christão deve immolar seus pensamentos e seus sentimentos; a elle é que deve pedir luz e força; a elle é que deve dar, no caso de necessidade, o seu ouro e o seu sangue. Logo, todos para um só e todos por um só, é a ultima palavra do Romanismo.

A constituição do Romanismo é, como se vê, a propria constituição do Jesuitismo; a formula de um e a do outro são perfectamente identicas. Resalta esta identidade da propria essencia dos novos dogmas e de tudo o que simultaneamente foi feito no concilio do Vaticano, pela côrte de Roma e pelos jesuitas.... A Ordem, que se diz a guarda pretoriana do papado, guardou-o tão pacientemente para dominá-lo afinal. E domina-o hoje, de modo que o papado,

que parece seu senhor, na realidade é seu servo, ou antes sua victima. . . . Sabido é que, se os jesuitas quizeram assegurar ao papa a infallibilidade e dominação universal, foi para que, tornando-se senhores de um só, fossem senhores de todos. Foi o cumulo de sua habilidade executar a confiscação do papado, parecendo, entretanto, fazer sua apotheóse?

Teve o papado de acceitar o jogo da experta Companhia, e agora a identificação do Romanismo e do Jesuitismo é um facto consummado, official, innegavel, que se accentua nos compendios de theologia e moral, usados geralmente; no jornalismo, capitaneado pelo organ jesuita *Civiltà cattolica*; no seu grande collegio em Roma, para onde enviam os bispos a flor de suas dioceses, afim de moldá-la na fôrma jesuitica. O Jesuitismo não é só o braço direito do papado, mas ainda a cabeça e o coração. Não é elle uma mera producção illogica do papismo: é o fructo inevitavel e necessario da sua propria essencia.

Mostra, em seguida, com a abundante luz de seu estylo perspicuo e eloquente, que o papismo moderno é uma nova fôrma do paganismo, a que dá o nome expressivo e justo de *papolatria*.

«O novo catholicismo romano, dogmaticamente proclamado a 18 de julho de 1870, é uma nova religião, que lança por terra a base da antiga religião catholica, contradiz a mesma essencia do Christianismo, e constitue uma verdadeira volta ao paganismo». E' esta a these, palpitante de interesse, que o eminente e abalisado polemista desenvolve com lucida demonstração.

A tremenda realidade enunciada na these escapa ao espirito simples dos fieis. A apparencia externa não mudou. Os templos, as ceremonias do culto, os cantos liturgicos, são os mesmos. Mas aqui é que está a suprema habilidade dos jesuitas. Consiste o *truc* dos escamoteadores vulgares em mudar as apparencias e a fôrma das

coisas; elles, pelo contrario, deixaram as mesmas fórmãs, as mesmas apparencias á religião, porém lhe escamotearam a essencia. Com o tempo, pouco a pouco, espera o piedoso ecclesiastico, a luz se fará nos meandros desta triste e sacrilega comedia.

Em linguagem concisa e frisante, põe elle a nu o fundo pagão do actual catholicismo romano, mostrando o abysmo que o separa do Christianismo.

Que é o Christianismo em sua essencia, pergunta, senão a união da alma com Christo, para se chegar á união da alma com Deus? «Christo vive em mim» — dizia S. Paulo: nesta expressão resumia elle todo o Christianismo. Quem quer ser christão, e ter parte com Christo, deve fazer viver Christo em seu espirito, em seu coração. Christo vive no espirito do homem pela fé, e no seu coração pela esperanza e pela caridade.

Dahi se deprehende a absoluta necessidade dessas trez virtudes theologaes.

De facto, o christianismo de S. Paulo possui intensas vibrações de entusiasmo pela pessoa adoravel do Salvador. A sua gratidão, o seu amor, a sua admiração pelo Filho de Deus não teem limites. «Longe de mim o gloriar-me a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Christo, por quem o mundo está crucificado para mim, e eu crucificado para o mundo, *per quem mihi mundus crucifixus est, et ego mundo* (Gal. VI, 14) e se eu vivo, vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim».

E toda essa vida religiosa do grande Apostolo não era apenas um poderoso movimento affectivo, mas uma affirmacão intellectual da propria substancia do Christianismo, que elle synthetizou na seguinte proposição: «Só ha um Deus, e só ha um mediador entre Deus e os homens, Jesus Christo» (I. Tim. II-5). Quão lar-

ga a distancia entre o christianismo de Paulo e o marianismo dos jesuitas!

Salientado assim ligeiramente o character essencial do Christianismo, dá-nos Michaud, em traços rapidos e vigorosos, o doloroso contraste com o Neo-Catholicismo.

Em o novo Catholicismo, escreve, não é Christo que é o mediador entre Deus e os homens, é o papa. Não se tracta ahi mais nem da união com Christo, nem mesmo da união com Deus, mas antes da união com o papa. E' elle que deve viver em cada um de nós. Deve elle viver nos espiritos pela palavra infallivel, que agora é a *regra de fé*. E' elle que é o senhor da doutrina revelada, tendo sobre Christo a seguinte superioridade: Christo, relegado no Céu, nada pôde mais ajunctar ao texto desta doutrina, ao passo que o papa, vivo na terra, pôde a elle ajunctar todas as explicações, que lhe aprouverem, e dar a estas explicações egual valor ás do texto, seja qual for a contradicção que exista entre ellas e o texto.

O novo Catholicismo é, pois, na esphera do dogma, a supplantação de Christo pelo papa, visto como a palavra de Christo não tem vida nem sentido senão conforme as explicações que della der o papa.

Acontece o mesmo com a moral. O papa, que é a regra de fé, é tambem a regra da virtude. Todo o verdadeiro romanista não espera senão no papa, não ama senão a elle só, ao menos oficialmente, *coram populo*. Para Veillot, habil jornalista ultramontano, a Europa, se estava de pé, devia-o ao divino prisioneiro do Vaticano, chave da abobada, fundamento, pedra angular de todo o edificio terrestre. Com elle tudo está salvo, sem elle, tudo perdido. A cruz de Jesus Christo estava fóra de tempo, servira outr'ora, hoje a substitue a cruz de Pio IX, *crux de cruce*. E', pois, o papa o centro da espe-

rança. «Se alguém não ama Jesus Christo, exclamava S. Paulo, seja anáthema» (1. Cor. XVI-22); mas os novos catholicos bradam: «Se alguém não ama o papa, seja anáthema» Aborrecer o papa é caminhar em linha recta para o inferno, por mais virtudes que alguém pratique. Amar o papa é ter já o céu aberto sobre a cabeça.

O novo Catholicismo ou o ultramontanismo é, pois, conclue Michaud, a *papolatria*. Ora, a papolatria é a volta ao paganismo. De facto, comprehendia o paganismo dois graus de adoração: a adoração dos objectos inanimados, e a adoração do homem deificado. Não contentes os novos catholicos de dobrar os joelhos deante do papa e de ter por insigne honra beijar o seu chinello, proclamam ainda que o papa é infallivel em toda a força da expressão. Que significa uma tal proclamação senão a apotheóse e a deificação do papa? Que é o que um homem-Deus poderia impor, que não o pudesse fazê-lo um homem infallivel?

Impellidos pelo mesmo erro, os neo-catholicos entram já no grau inferior do paganismo, isto é, no *feiticismo* (*fétichisme*). Que é, afinal de contas, esse culto de estátuas brancas, de estatuas negras, medalhas, aguas de toda a sorte, rosarios, bentinhos, verônicas, escapularios de todas as cores, velas e palhas bentas, imagens milagrosas, todas essas superstições grosseiras, toda essa feitiçaria boçal, em tão larga escala praticada hoje na Igreja Romana, que é todo esse materialismo, senão um verdadeiro feiticismo, que em nada differe do feiticismo pagão?

Dirige depois o clarividente padre a sua rapida e cortante anályse para o terreno politico.

Esta deplorabilissima consequencia religiosa dos decretos do Vaticano repercute-se com o mesmo character na esphera politica. A religião e a politica, embora distinctas, seguem caminhos parallelos. Boa religião, boa politica; má reli-



gião má politica. Sendo o Neo-Catholicismo a peor das religiões (*la pire des religions*), é igualmente a peor das politicas.

Effectivamente, a politica do Neo-Catholicismo é a antiga politica pagã do direito reputado divino. Era o rei, no paganismo, uma especie de emanação da divindade: em sua pessoa concentrava bodas as auctoridades possiveis, religiosas e politicas; e tudo o que practicava era, por direito divino, considerado bom e justo. Degolado era todo o que pensasse diversamente. Ora, sobremodo clara é a politica ultramontana, e dispensa explicações pormenorizadas. Consiste ella em fazer de um só homem, o papa, rei universal da terra. Os que trazem o nome de rei, imperador ou presidente, são apenas seus vigarios ou delegados do ponto de vista politico, como os bispos o são do ponto de vista religioso. Elle só, o papa, seria a fonte de toda auctoridade, o senhor supremo de todos os homens, e de todos os povos. Seria o papa-rei, como é o papa-Deus. Ensinava Jesus Christo, filho de Deus, dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar; fugia para não ter que acceitar a realeza que se lhe queria conferir. Ao invés, os neo-catholicos, fieis aos dogmas do Vaticano, ensinam que ao papa, a um tempo Deus e Cesar, é que tudo se deve dar; e o papa, obumbrado por esta insensata adoração, longe de fugir da realeza, reclama-a. Ai dos christãos, fieis á palavra de Christo, que lh'a negam! Não podendo mais queimá-los, o papa os excommunga e anathematiza!

E' de direito divino, segundo Christo, a distincção do poder secular e do poder religioso, um em Cesar, outro em Deus; para o neo-catholicismo, porém, o direito é a concentração, ou, melhor, a identificação, dos dois poderes na unica pessoa do papa — unico verdadeiro Cesar, unico verdadeiro Deus.

Assim, pois, o Neo-Catholicismo é essencialmente, de accordo com a propria substancia dos novos dogmas, não somente uma volta á religião pagã, mas ainda uma restauração da politica pagã.

Melhor que ninguem, nessas palavras que ahi ficam condensadas, o illustrado e nobre doutor em theologia, M. l'abbé E. Michaud, caracteriza, com irrefragavel logica, o Vaticanismo. E não somente pela maestria do seu estylo, pelo calor de sua linguagem, pelo acertado de seus conceitos e pela força de sua argumentação, deve ser elle ouvido; mas principalmente por ter sido elle um dos poucos vultos heroicos, que, no mundo latino, se ergueram impávidos ante a tremenda revolução religiosa de 1870, e não se acobardaram ao surgir, entre aclamações universaes, a face irada da nova Divindade!

Eis ahi esboçada, com pincel de mestre, na tela da historia, a nova religião vaticana, que representa até hoje o ultimo elo da evolução apóstata do Christianismo latino.

Carreguemos as tintas do quadro, e sobre o Vaticanismo projectemos mais alguma luz.

No *Paraiso Perdido* de Milton, ha uma scena tragica de impressionante belleza. Juncto aos portões do inferno sentam-se o Peccado e a Morte, mãe e filha, ao serviço de Satanaz, pae e avô. Falla a mãe ao hórrido filho, que cinge real coroa, e lhe chama sua sombra inseparavel, *for Death from Sin no pow'r can separate*. Do mesmo modo nasceu o Jesuitismo das entranhas do Papado, e tornou-se a sua sombra inseparavel, seu filho unigenito, sinistro resplendor de sua gloria. Como o seu genitor, tem elle apparencia de cordeiro e voz de Dragão, é o *servus servorum Dei*, e, simultaneamente, o *Dominus noster*. Em Trento, como no Vaticano, foi elle o Verbo do Papismo, e, como tal, encarnou-se no seio da Igreja Catholica Romana, por obra e influxo

do Ultramontanismo, que é o espirito procedente do Papado.

Assim, pois, *Papismo*, *Jesuitismo* e *Ultramontanismo* são trez entidades distinctas, mas uma só substancia verdadeira. E' uma como trindade politico-religiosa, esboço historico da trindade infernal apocalyptica, annunciada para os ultimos tempos: -- *Dragão*, *Anti-Christo* e *Falso-Propheta* (Apoc. 19-20; 20-2).

Faz ao ponto o dicto de Godet que quando Deus cria um homem, Satanaz faz um macaco; onde edifica um templo, constroe elle uma capella.

Resume-se practicamente o Vaticanismo em dois dogmas: Maria e o papa, Maria no Céu, e o papa na terra. Em Maria abdicou Deus, no Céu, toda a sua bondade, e, na terra, toda a sua auctoridade no papa. Quem não crê no papa está condemnado ás penas eternas; fóra do papa não ha salvação. Como se percebe, é o Christianismo metamorphoseado, por um passe satanico, em *Mariolatria* e *Papolatria*.

No concilio de Trento, foi a apostasia medieval oficialmente sancionada, e o Protestantismo continuou a marcha historica do Christianismo Apostolico; no concilio do Vaticano, a apostasia se agravou, rompendo, em um accesso de loucura, os ultimos fios que a podiam ainda prender ás lidimas tradições christãs, e os Velhos-Catholicos proseguiram na senda aberta pelos seis concilios do Catholicismo primitivo.

Revelam documentos, recentemente descobertos, que á dogmatização da *infallibilidade*, seguir-se-ia a dogmatização do *poder temporal* do papado. A hegemonia protestante da Prussia e a entrada triumphal de Victor Emmanuel em Roma, impediram o novo golpe, e converteram a infallibilidade em uma tunica de Nesso, para o pobre prisioneiro do Vaticano, que, descoroadado, meditava solitario sobre a vaidade do incenso

com que o embriagara a turba servil de encomendados titulares.

Debalde nobres espiritos liberaes, dedicados á Sancta Sé, seguindo a esteira aberta pela brilhante imaginação romanesca de Chateaubriand, lançaram-se no ingrato afan de harmonizar o papado com a civilização e a liberdade, e conciliá-lo com os vitaes interesses da sociedade moderna. Debalde a voz eloquente de Laménais, Lacordaire, Montalembert, Dupanloup, Loison, Döllinger, Hefele, reagia contra o programma absolutista do partido ultramontano, arremessado pelo Jesuitismo á face da Revolução. A Curia, com uma ingratitude innominavel, os cobriu de baldão, de humilhações e amargura.

Divorciado definitivamente da sociedade moderna, só resta ao papado, como diz Larousse, isolar-se mais e mais nas trevas solitarias, que se constituirão o seu tumulo.

Entretanto, não se pejou a Curia de entrar em negociações politicas com a nação protestante victoriosa, que ella pretendia esmagar, sacrificando a nobre França, para o effeito da restauração do seu poder temporal perdido com a unificação da Italia.

Logo em novembro de 1870, apenas mez e dias após a incorporação dos Estados Pontificios á nação italiana, o Arcebispo Ledochowski, em *pourpalers* com Bismarck, prometteu-lhe o auxilio do clero francez para a conclusão da paz, se o Chanceller de ferro fizesse com que o governo italiano largasse a presa.

Em 18 de fevereiro de 1871, pleitearam deputados catholicos, em Versailles, perante o imperador Guilherme, a restauração dos Estados da Egreja e do poder temporal do papa. Em 6 de março recebe o Imperador congratulações do papa pelo estabelecimento do Imperio Germanico.

Leão XIII, successor de Pio IX, continuou a olhar para a Allemanha protestante, na espe-

rança da restauração do poder temporal; chegou mesmo, por intermedio de Galimberti, a lembrar a Bismarck a solução da «questão romana», a que o chanceller respondeu que desconhecia tal questão. Com certeza removeram ou enfraqueceram as esperanças do papa as duas visitas que lhe fez o Kaiser, mormente depois de feita a triplice alliança austro-germano-italiana.

Isto não obstante, surgiram vivas essas esperanças ao rebentar a grande guerra, e dão-nos ellas a chave do angustioso enigma do apoio moral e ardente que o clero catholico, no Brasil, e em toda a parte, deu aos Imperios Centraes.

Impellindo a França ao desastre de Sédan e, em seguida, rojando-se aos pés do vencedor, deu a Curia razão a que Gambetta, nas angustias de sua alma, perante as grandes humilhações da patria, soltasse o brado de indignação, que é um solenne aviso: «*Le cléricalisme, voilà l'ennemi.*»

Inspirado pela trindade do Vaticano, é o clero um partido politico-religioso, a serviço de um soberano estrangeiro, ao qual subordinam os interesses da patria.

Sob a epigraphie *Vaticanismo*, escreve o Dr. Kraus substancioso artigo na «Encyclopédia Britannica», onde estuda as consequencias dos decretos do Vaticano, que lançaram na arena mundial o Neo-Catholicismo.

Epithomando as suas conclusões e adduzindo outras, aqui resumimos, em alguns itens, os graves effeitos das decisões proclamadas no seio do concilio do Vaticano.

1.º — Foi o primeiro o consummar-se o processo secular de absorpção dos poderes ecclesiasticos: o episcopado havia absorvido o presbyterado e com elle a Egreja; o papado absorveu o episcopado e a Egreja. Completaram-se os cyclos das ambições profanas no seio da christan-

dade. Seguiu-se na terra um grande silencio, pré-sago da temerosa borrasca. Calaram-se povo, ministros e concilios; só se ouve o estrépito das palavras arrogantes proferidas *ex cathedra*, e um murmurinho servil da christandade latina: *placet, placet!*

2.º — Nota-se em seguida um declinio visível (*unmistakable decline*) do fervor religioso na vida da Igreja Catholica Romana, como resultado inevitavel dessa unificação absoluta. O papado infallivel confiscou toda a actividade intellectual e moral da Igreja, que ficou reduida a um vasto cemiterio de «sepulcros branqueados», repletos de ossos e asquerosidades. Com raras excepções, converteu o jesuitismo os fieis, pondera Michaud, em duas classes: — *scepticos* e *supersticiosos*. Tem dominado este resultado em contraste de 1870 para cá.

3.º — Manifesto é que, no clero, se intensificaram e fomentaram paixões e practicas, intrigas e ambições politicas, absolutamente incompativeis com o officio de ministros da religião. A ultima palavra da religião de Roma, diz um outro não menos alumiado escriptor, é a politica. *Omnia pro dominatione*. Resume-se toda a táctica de Roma, accrescenta, nos seguintes pontos: 1.º fazer servir a politica dos povos á sua religião; 2.º fazer servir a religião desses mesmos povos á sua politica. Caracterizando essa nefasta politica, escreve Pressensé: «Ora, a politica romana é flexivel e humilde, *serpit humi*: enlaça mais do que fere, quando se sente suspeita e detestada; ora, ordena, fulmina, inflamma as paixões populares ou se deixa arrastar por ondas furiosas de uma reacção insensata». — A politica tem sido a força e a vida do Romanismo, desde os dias de Constantino; será um dia a sua ruina total.

4.º.— E' visivel a alienação dos elementos cultos e nobres da sociedade, que vão sendo substituidos pelos rudes e incultos, a que o Dr. Kraus chama *ecclesiastical Trotori*.

Olhae para o culto, para as procissões, para a literatura polemica, para o jornalismo catholico-romano, e verificareis a verdade deste asserto do ponderado collaborador da «Encyclopedia Britannica». Na literatura polemica tendes Ségur e seu proselyto o Neóphyto, no jornalismo Veillot, typos emeritos de legiões. A mentira e a columnia, o escárneo e o ridiculo, a afronta soez e o dicitario suspeito, a emboscada traiçoeira do anonymato ou a mascara covarde da pseudonymia, a mofina abjecta a tresandar despeito, ignorancia e maldade, taes as armas predilectas e methodos preferidos dos advogados do Neo-Catholicismo. Contra tão ignobeis processos ergueram-se indignados, em França, nobres e sinceros catholicos romanos, taes como Laménais, Lacordaire, Montalembert, no inicio da nova phase.

5.º — Uma outra natural consequencia da infallibilidade papal é a paralyção da intelligencia e das pesquisas scientificas, que a Curia romana condemna ou difficultosamente tolera. Assignalando este facto, põe o Dr. Kraus o dedo na chaga do Neo-Catholicismo.

A paralytia intellectual arrasta de necessidade a paralytia de todas as outras faculdades. Eis porque, do Mexico á Argentina, no vasto e bello sarcóphago da America do Sul, estende-se o grande cadaver latino. Triumphou o genio sinistro de Loyola: *peñinde ac cadaver*.

6.º — Finalmente, aponta o Dr. Kraus a decadencia crescente (*increasing decay*), a crescente corrupção das nações romanicas (*Romance nations*), e o alastramento de um estado morbido

social, que tantas vezes se tem revelado em França, como no caso Dreyfus, no movimento anti-semitico, etc.

E' flagrante a realidade deste testemunho, e só a cegueira systematica pôde desconhecê-la. Um caso typico dessa espantosa cegueira temo-la em Balmes, padre e philosopho hespanhol, no seu estudo comparativo do Protestantismo e do Romanismo. Deve, porém, tirar-lhe a catarata o seu illustre conterraneo E. Castelar nas commoventes palavras com que mais adeante descreve a decadencia dos povos ibéricos.

Taes os effeitos dos decretos do Vaticano.

### Syncretismo catholico-romano

Syncretismo traz, geralmente, em theologia e philosophia, o sentido de amálgama de principios heterogeneos na unidade ficticia de um systema.

De nosso estudo resalta, nitida e irrecusavel, a infiltração secular de elementos judeo-pagãos na Igreja Catholica Apostolica Romana. Victima do ambiente historico, apresenta ella, no seu vasto credo, complicado ritualismo e liturgia, elementos varios e antagonicos. Favoreceram esse processo de absorpção as correntes philosophicas do tempo, de sorte que o Catholicismo romano é hoje um composto incongruente de Christianismo, Judaismo e Paganismo.

E' a isto que chamamos *syncretismo catholico-romano*, que outra coisa não é senão um eclecticismo religioso abrangendo, na homogeneidade apparente de um grandioso systema os desencontrados retalhos de crenças várias. E' o que já havia percebido Almeida Garrett, quando, em «O Arco de Sant' Anna», da Igreja Romana escreve: «Tudo quanto é superstição adoptam de todas as religiões — nem o seu culto



é mais do que a remendada mistura dos varios cultos da terra».

Antes de positivarmos o syncretismo, já historicamente exposto, esboçemos de passagem as correntes de idéa, que o apressaram.

Offerece-se logo ao nosso estudo a eschola tneologico-philosophica de Alexandria, no Egypto, que floresceu, com intenso brilho, nos tempos primitivos da diffusão do Christianismo na Europa.

Fundada em 326 antes de Christo, na foz do Nilo, tornou-se logo a cidade de Alexandria, pela sua posição geographica, o emporio do commercio e das idéas entre o Oriente e o Occidente.

Era ahi o *rendez-vous*, o foco de convergencia, embates, luctas e cruzamento das locubrações philosophicas e theosophicas dos espiritos dessas duas partes do mundo.

Breve o eclecticismo philosophico arrebatou os espiritos, e o syncretismo das especulações neoplatonicas ameaçou seriamente o exclusivismo christão.

Anterior ao apparecimento do Christianismo, florescera nessa cidade uma colonia judaica. Ahi fundaram os Ptolomeus a famosa bibliotheca, precioso archivo da antiguidade, reduzido a cinzas no sec. VII, pela invasão arabe.

Batido pelos largos ventos de ambos os hemispherios, o particularismo judaico da colonia sacudiu os grilhões patrios, e voou a altas especulações philosophico-theologicas.

Contemporaneo de Christo, surge ahi o genio de Philo, que busca harmonizar o judaismo com as locubrações da philosophia grega. No estudo do V. Testamento antevê a mysteriosa doutrina do *Logos*, explanada por S. João no primeiro capitulo de seu Evangelho.

Funda-se ahi por S. Marcos, segundo se crê, uma eschola de catechistas, onde brilham,

no segundo seculo da era christã, como estrellas de primeira grandeza entre os padres pos-apostolicos, Clemente e Origenes.

Occupando o centro da cultura grega, não púderam escapar esses illustres doutores primitivos do Christianismo, ao influxo da philosophia hellenica, e, com Philo, procuram, em um esforço syncretico, a harmonia da revelação biblica com as correntes philosophicas, que, do Occidente e do Oriente, vinham cruzar em Alexandria. Alçando-se a regiões superiores do pensamento, buscavam harmonizar a razão com a fé, o *pistis* com a *gnosis*, a sciencia com a religião. Ao influxo destas pesquisas, como uma rápida e ameaçadora epidemia, surge a epopéa theosophica do gnosticismo, e, com ella e ao lado della, alastra e domina uma philosophia eclecticica, chefiada por Ammonio Saccas. E' o neo-platonismo, que fascinou a mente de muitos doutores da Igreja, fazendo pairar sobre elles grave ameaça á sua orthodoxia. Procuravam unir o mysticismo oriental com a metaphysica grega, affirmando que a verdade religiosa se encontra em todas as seitas. E que, entre estas, a differença estava apenas na maneira de exprimi-la. Desta corrente de pensamento, originou-se o eclecticismo neo-platonico, que escolhe, em todos os credos — christãos, judeus e pagão, os elementos da verdade religiosa, para prendê-los em vasta synthese e amplo syncretismo.

Os successores de Ammonio Saccas, Plotino (204-269), Porphyrio († 304), Jamblico († 333), Porclo († 485), levaram para Roma, grande mercado de todos os systemas do mundo antigo, estas especulações syncretisticas, que ahi leitaram raizes, medraram, floresceram e foram fructificando, no andar dos seculos, ostentando hoje todo o seu vigor nas doutrinas, no culto, nos ritos e na disciplina do vasto systema politico-religioso da Curia romana.

A' influência desta corrente, ajunctae o ambiente historico da christandade occidental.

Com a conversão official do imperador Constantino, a nobreza pagã alagou a Egreja, pesando fortemente em seu destino o paganismo baptizado. Pelo numero e influencia o elemento gentilico não podia deixar de actuar como fermento a levedar paulatinamente a massa christã. O proprio Constantino só na hora da morte renunciou formalmente a sua filiação pagã pelo baptismo, apesar de se ter declarado *bispo exterior*.

Além desse intimo contacto com o paganismo, prendia-se o Christianismo ao judaismo, donde procedera, por meio do V. Testamento. Cedo, como nos attesta a epistola de S. Paulo aos Gálatas, começou o fermento judaico a corromper o Christianismo, em continuas reacções judaizantes. Se a esta mesologia religiosa, accrescentardes a ignorancia dos tempos, os interesses subalternos dos homens e as ambições do clero, tereis escripto a historia do syncretismo catholico-romano.

Qual bola de neve, que, desprendida e rolando pela encosta da montanha, vae crescendo pela adherencia dos flocos encontrados no caminho, até ostentar no valle enormes proporções; tal a Egreja Romana na rampa do medievalismo até nossos dias.

Em abril de 1916, no congresso evangelico regional do Rio de Janeiro, ligado ao de Fanamá, apresentámos o seguinte documento, que expõe o syncretismo da Egreja Romana, e define a attitude do Protestantismo para com ella, o qual foi adoptado.

## Attitude do Protestantismo para com a Egreja Catholica Romana

O Congresso Regional, reunido no Rio de Janeiro, em continuação do Congresso de Panamá sobre a Obra Christã na America Latina, julga de bom conselho declarar, com leal franqueza, a sua attitude para com a Egreja Catholica Apostolica Romana. Durante quatrocentos annos tem corrido sob sua direcção e responsabilidade os interesses religiosos nesta parte do mundo, e agora que vamos encarar os grandes problemas, que se prendem a esses interesses, bom seria se com ella pudessemos unir os nossos esforços em larga cooperação para o levantamento moral e religioso dos povos deste continente. Não sendo isso possivel, convem, entretanto, reconhecermos com justiça e caridade o seu character e influencia, e accentuarmos os nossos intuitos essencialmente espirituaes na diffusão, em mais larga escala, dos principios salvadores do Christianismo.

Reconhecemos, em primeiro logar, que a Egreja Romana, como parte integrante da Christandade, professa em seu credo e em suas practicas todos os grandes dogmas e instituições do Christianismo.

Como todos os outros ramos christãos, ella crê na Biblia como Palavra de Deus; na Santissima Trindade, na pessoa do Pae, como Creator de todas as coisas, na pessoa do Filho, como Deus-homem, Senhor e Salvador da humanidade; na pessoa do Espirito Sancto, como regenerador e sanctificador do homem decahido; ella crê na divina instituição da Egreja, do ministerio, dos sacramentos, do culto, na resurreição, no juizo e no eterno destino do homem.

Em summa, ella mantem o Credo dos Apostolos, e todas as doutrinas e practicas da religião christã.

— Apraz-nos ainda confessar que as verdades christãs do credo catholico-romano teem alimentado, no seio dessa Egreja, nobres e sanctos caracteres, já no dominio da vida particular, já na esphera ampia dos bemfeitores da humanidade.

Com prazer declaramos tambem que ella tem sido, na Providencia de Deus, uma força para manter no mundo a idéa christã, um grande baluarte do principio da auctoridade e da idéa fundamental de unidade christã, e que, na actividade e consagração de seus missionarios, em suas largas obras de beneficencia, tem ella prestado assignalados serviços á humanidade.

---

Reconhecida com justiça esta feição favoravel do Romanismo, manda a mesma justiça que encaremos com calma e leal franqueza a outra feição.

Infelizmente para a humanidade, a Egreja Romana encerra, em seu amplo credo e poderosa organização, muitos principios e practicas em flagrante antagonismo com o elemento christão, que acabamos de reconhecer.

A's grandes verdades do seu credo oppõem-se grandes erros, que as disvirtuam, e mesmo as annuñam na vida religiosa do povo e da sociedade.

Em rápida synthese, firmaremos nosso aserto.

A Biblia, a Palavra de Deus, dada para a regra de fé e practica do povo christão, é por ella fechada, e substituida pela *Tradição*, que a regula e supplementa.

As *Sociedades Biblicas*, que se esforçam piedosamente por collocá-la na mão do povo, são taxadas de *pestes*.

Nas grandes cidades da America Latina, com assentimento das auctoridades ecclesiasticas, é ella publicamente queimada em auto-de-fé.

O dogma ineffavel da Sanctissima Trindade soffre practicamente concorrência victoriosa de uma outra trindade mais popular — Jesus, Maria, José — cuja pessoa central absorve o affecto filial do povo.

A obra redemptora de Christo, como o unico Mediador e unica esperança da humanidade, é completamente disvirtuada pelas obras meritorias e supererogatorias dos sanctos, pelas indulgencias remissoras, pela mediação e absolvição sacerdotal, pelo Purgatorio, pelas missas, pela mediação dos sanctos e dos anjos, mormente pela mediação da Virgem Maria, apellidada, nos agiologios e devocionarios, «Co-Redemptora, Rainha dos Céos, Mãe de Deus, mãe dos homens, mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança dos degradados filhos de Eva»!

E' tal o fervor, encomio, e exaltação do culto da Virgem Mãe, que o Christianismo é practicamente absorvido pelo Marianismo.

A obra regeneradora e sanctificadora do Espirito Sancto é igualmente disvirtuada: torna-se o Espirito monopolio do clero, e preso, pelo *ex opere operato*, á materia dos sacramentos.

A sua acção livre é annullada, e fica elle adstricto á influencia magica das manipulações sacerdotaes.

A divina instituição da Igreja de Jesus Christo é despojada de seu character espiritual, e a sua catholicidade se restringe á commumidade visivel dos baptizados sob a obediencia do Bispo de Roma, sendo a Igreja de Roma proclamada a «Mãe e Senhora de todas as egrejas christãs».

Esta concepção material e restricta do Reino de Deus é ainda absorvida no clero, e este no papa, declarado Summo Pontifice, infallivel, vice-Deus na terra.

Uma tal maneira de se encarar a natureza da Igreja de Christo a faz um reino deste mundo, superposto aos outros reinos, e a põe em conflicto com as soberanias dos Estados da terra, arrastando-a em luctas politicas, que a desviam de sua missão benéfica de paz, de amor e abnegação.

Da ordem ministerial, instituida por Christo, faz o Romanismo uma casta sacerdotal, em cujo poder estão os destinos eternos das almas.

O padre romano é um sacerdote, que tem em suas mãos as «Chaves do Reino dos Céos»; «que abre e ninguem fecha, e que fecha e ninguem abre»; que perdoa ou retém os peccados; que lança o *interdicto*, e ameaça com as penas do inferno a populações inteiras; que tem o poder de chamar a Christo sobre o altar e sacrificá-lo todos os dias, consumindo-o em seu proprio corpo.

Com essas prerogativas, o padre é um mediador entre Deus e os homens, e no tribunal da Penitencia é um substituto de Christo, com as tremendas attribuições de juiz.

Ahi o peccador, de joelhos a seus pés, recebe a sentença, que decide de seu destino eterno!

No fastigio dessa hierarchia sacerdotal, está o papa, summo sacerdote, pontifice maximo, sanctissimo e infallivel, arbitro supremo, Christo na terra, e, como tal, Senhor absoluto dos reis, e, portanto, rei dos reis, possuidor soberano da espada espiritual, como da temporal.

Ora, uma tal concepção da ordem ministerial faz do ministerio christão uma ameaça perenne ás sociedades politicas; é a tyrannia organizada, a escravidão do povo, a asphyxia da Igreja, a annullação das soberanias terrestres, das auctoridades politicas, que se tornam meras delegações do papado.

Uma tal maneira de encarar o ministerio christão, faz d'elle uma theocracia perigosa, e

sobremodo attentatoria da realeza sacerdotal de Jesus Christo, como o unico Mediador entre Deus e os homens.

Segundo taes principios, o Filho do Altissimo abdicou na papa e no clero, e entrega-se passivo ás manipulações dum sacerdocio omnipotente.

A Egreja, por sua vez, despojada de todos os seus privilegios, vegeta esmagada na completa ignorancia de **seus destinos**, e torna-se mera prisioneira dessa classe sacerdotal, que no ciborio conserva preso seu celeste esposo.

Não ha sociedade, não ha povo, não ha nação, não ha raça, que, na vigencia effectiva de taes principios de absolutismo religioso, de dictadura ecclesiastica, possa prosperar moral e espiritalmente.

Além das objecções contra este ecclesiasticismo dictatorial, outras e graves temos sobre o *culto e a moral*.

Quanto ao *culto*, é manifesto o divorcio entre a simplicidade apostolica e a pompa externa do Romanismo.

A multidão dos ritos e vistosas ceremonias converte-se em uma nuvem de superstições, que impede a adoração em espirito e verdade, reclamada pelo Senhor.

Junctamente com o culto ás pessoas divinas, presta o Romanismo culto idólatra ás creaturas, ás reliquias, e ás imagens.

Tal culto ostenta infelizmente, na America Latina, franca feição pagã: a agua-benta, a bandeira do Divino em mãos de foliões, procissões com numerosos andores, onde se veem imagens representando as pessoas da S. S. Trindade, a Virgem, os sanctos e os anjos; romarias constantes a preconizados sanctuarios, e imagens milagrosas, são a escola, onde se afervora o sentimento religioso do povo.



Aos dois *sacramentos* accrescenta a Egreja Romana mais cinco, e na celebração de todos é o povo ensinado a enxergar uma virtude talismânica no elemento material, o que constitue a fonte originaria das grandes superstições da credulidade popular.

O *baptismo* não é só rodeado de ceremonias supersticiosas inteiramente alheias á instituição primitiva, mas a propria materia do sacramento é disvirtuada com o accrescimo de «oleo mystico da unção», sem o qual não é licito, em condições normaes, celebrar-se o rito do baptismo.

O sacramento da Communhão é completamente disfigurado pelo dogma da *transsubstanciação*; no sacrificio da *Missa*, o pão e o vinho são offerecidos á adoração dos fieis, como o proprio Christo tangivel — «corpo, alma, divindade, tão real e perfeitamente como está no céo»!

Na celebração deste rito, Roma não só recusa o calix aos leigos, mas subverte a instituição identificando o signal com a coisa significada, e transformando, por magia transcendental, um fragmento de pão em Deus, que entrega á manducação material dos homens!

Sobre a *moral*, a casuistica de seus doutores tem introduzido principios francamente dissolventes, como mostra o sabio auctor das «Provincias».

O *celibato clerical*, sobre ser contrario á lei natural e á divina, não poderia deixar de ser, como realmente é, um elemento perigoso á moralidade publica.

O *confessionario* ou a *confissão auricular*, por sua vez, é mais um accrescimo ás instituições christãs de perigoso effeito.

Interpondo-se o padre celibatario, nesse tribunal de penitencia, entre o peccador e o seu Deus, com o poder de dissipar agonias de con-

sciencia com uma simples palavra sacramental, tem impedido a manutenção de um padrão moral elevado, no meio em que domina.

A tudo isto, accrescem trez grandes decretos modernos do Vaticano, que vieram agravar o estado de coisas, contra o qual se ergueram os reformadores do seculo XVI.

1. O dogma da *Immaculada Conceição* de Maria, promulgado por Pio IX, em 8 de dezembro de 1854, com a lenda da Assumpção, veio completar a divinização da Virgem, collocando-a não só a par do Filho de Deus, concebido por obra e graça do Espirito Sancto, mas ainda superior no affecto e confiança do povo.

2. A *infallibilidade papal*, decretada em 1870, veio contrastar a divinização da mulher pela divinização do homem, tornando-o sobre sanctissimo infallivel, e fechando dest'arte a porta a toda a reforma salutar no seio do Romanismo.

3. O *Syllabus*, promulgado por Pio IX, a 8 de dezembro de 1864, é realmente «uma declaração de guerra á civilização moderna e ao progresso», pois condemna toda a liberdade civil e religiosa, e fecha a porta a qualquer conciliação possivel entre a sociedade politica e a religião.

---

Exposta succintamente, a dualidade antagonica do credo e das practicas da Egreja Romana, como acabamos de fazer, passamos a assignalar nossa attitude e intuitos.

E' evidente, deante do exposto, que nossa attitude para com a Egreja Romana não póde deixar de ser dupla: a) de sympathia e intima solidariedade para com o elemento christão, e b) de repulsa para com o elemento, que julgamos anti-christão.

Affirmando as verdades do Christianismo e repellindo os erros contrarios, declaramos que os nossos intuitos são francamente espirituaes e religiosos, e de cooperação sincera com todos os ramos da Christandade, que mantem e professam todos os dogmas christãos em sua pureza evangelica.

Herdeiros do nobre impulso religioso do seculo XVI, procuraremos, no seio da Christandade, ser fieis testemunhas: a) da supremacia da Palavra de Deus sobre as tradições dos homens, b) da supremacia da fé sobre as obras, c) da supremacia do povo de Deus sobre o clero.

Na manutenção destes grandes principios, objectivo, subjectivo e social, julgamos poder apresentar uma visão mais clara do Reino de Jesus Christo, até que Elle venha.

Conscios da nossa missão, na obediencia da orden do Divino Mestre, dada a toda a sua Igreja, é nosso fim supremo levantar na America, como em todo o mundo, Christo crucificado, unica esperança da humanidade.

Os nossos intuitos não são, pois, destructivos, mas constructivos; não são negativos, mas positivos: não são polemicos, mas affirmativos. Todavia, não nos furtaremos ao dever de dar testemunho opportuno contra todo o erro, que encontrarmos em nosso caminho, crendo com Vinet que o silencio sobre um systema falso é cumplicidade. Na direita a trolha, na esquerda a espada, é a condição de todo o obreiro do bem neste mundo extraviado.

O nosso fim, entretanto, não é destruir, mas construir.

Acima das raças e das nações, do progresso e da civilização, acima dos grandes interesses temporaes, estão os interesses ainda maiores das almas immortaes no conhecimento das grandes doutrinas do Christianismo, e esses interesses espirituaes são o nosso objectivo, ao lado de

todos os que trabalham para realizar no seio da raça humana o pensamento do Pae de nossos espiritos, que de «tal maneira amou o mundo que deu o Seu Filho Unigenito, para que todo o que crê nelle não pereça, mas tenha a vida eterna».

Para maior clareza, damos em seguida a lista especificada dos principaes erros, inoculados no Christianismo latino, e refugados pelo Protestantismo, por sua incongruencia original com o credo e practicas christãs. Ei-los:

1. — A falsa concepção da Egreja.
2. — O Papado: a supremacia e infallibilidade do bispo de Roma.
3. — A Tradição equiparada á Biblia.
4. — As condições exclusivas da Salvação.
5. — A Transsubstanciação.
6. — O Sacrificio da Missa.
7. — A Ordem sacerdotal.
8. — As Indulgencias e obras supererogatorias.
9. — Sete sacramentos em vez de dois.
10. — A doutrina da intenção e a do *ex opere operato*.
11. — A Communhão em uma só especie.
12. — A confissão auricular, penitencia e absolvição sacerdotal.
13. — A Extrema Uncção.
14. — A distincção de peccado venial e mortal.
15. — O Purgatorio.
16. — Culto dos sanctos e dos anjos.
17. — O uso e adoração de imagens.
18. — O culto em lingua desconhecida.

19. — Encomendação de defunctos e oração pelos mortos.
20. — O celibato.
21. — O systema conventual.
22. — Canonização.
23. — Agua benta, rosarios, reliquias, benzeduras, signal-da-cruz.

Esses 23 erros, enxertados no Christianismo latino, na fermentação da idade-média, não só são absolutamente desconhecidos nas paginas do Novo Testamento, fonte inspirada do Christianismo, mas ainda nas tradições dos primeiros seculos, como já em parte o demonstrámos.

Resalta ainda o character espurio desses 23 principaes accrescimos, da notavel circumstancia de nenhum delles ser encontrado nos credos da Igreja, elaborados até o 8.º seculo. O primeiro credo foi elaborado pelo primeiro concilio ecumenico no principio do 4.º seculo, o concilio de Nicéa (325). Além deste, temos o credo chamado dos Apostolos, o de Chalcedonia, o de Constantinopla (681). Todos esses credos os protestantes acceitam, pois nelles não se encontram as supra indicadas erroneas. Logo esses erros se foram condensando em seculos posteriores ao concilio de Constantinopla.

Para amostra abaixo damos o credo de Nicéa, do principio do 4.º sec. da éra christã. Ver-se-á que o credo dos Apostolos é delle uma variante.

### **Crede Niceno**

Creio em um Deus, Pae omnipotente, creador do Céu e da terra, e de todas as coisas visiveis e invisiveis; e em um Senhor Jesus Christo, Filho unigenito de Deus, gerado de seu Pae antes de todos os mundos, Deus de Deus,

luz de luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não feito, sendo de uma substancia com o Pae, por quem todas coisas foram feitas; o qual por nós homens, e para nossa salvação, desceu do Céu, e encarnou-se pelo Espirito Sancto na Virgem Maria; e se fez homem; e foi tambem crucificado por nós, sob Poncio Pilatos. Elle soffreu e foi sepultado, e ao terceiro dia resuscitou conforme as escripturas; e subiu ao Céu, e sentou-se á direita do Pae. E de novo Elle virá com gloria para julgar tanto vivos como mortos: cujo Reino não terá fim.

«E creio no Espirito Sancto, Senhor e doador da vida, que procede do Pae e do Filho, que é com o Pae e o Filho adorado e glorificado; que fallou pelos Prophetas. E creio numa Igreja Catholica e Apostolica. Reconheço um baptismo para a remissão de peccados; e espero a resurreição dos mortos, e a vida do mundo por vir. Amen.»

Tal o credo mais antigo da Igreja, que, com o antiquissimo credo dos Apostolos, nada conhece dos mencionados accrescimos do Romanismo!

Mais uma circumstancia ponderosa: o concilio de Epheso (431), acceito pela Igreja Romana, como ecumenico e infallivel, prohibiu, sob graves penas, accrescentar-se qualquer artigo ao credo de Nicéa.

### **Decreto do Concilio de Epheso**

«Lidas estas cousas, o Sancto Synodo decreta — *que não é licito a ninguem professar, escrever ou compor qualquer outra fórmula de fé differente da definida pelos sanctos Padres, que, com o Espirito Sancto, reuniram-se e. i. Nicéa.*

Aquelles, porém, que se tiverem atrevido a compor ou professar ou offerecer *qualquer outra fórma de fé*, aos que desejarem converter-se ao conhecimento da verdade, quer do paganismo ou judaismo, quer de qualquer sorte de heresia; que estes, se forem bispos ou clerigos, sejam depostos, os bispos de seu bispado e os clerigos de seu officio clerical; se forem, porém, leigos, sejam sujeitos ao anáthema.» (*Mans's Councils, p. 1362, t. IV, apud. Prot. Catech.*)

E' isto um protesto e condemnação prévia ao procedimento da Igreja de Roma, que se acha sob o anáthema de um concilio ecumenico!

Pio IV, em 1564, descurando os anáthemas de Epheso, e resumindo os decretos do concilio de Trento, incurso igualmente na condemnação de Epheso, *accescenta* ao credo niceno. os doze artigos seguintes:

### **Doze artigos novos accrescentados ao Credo por Pio IV em 1564**

I. — Firmemente admitto e abraço as tradições Apostolicas e Ecclesiasticas e todas as outras observancias e constituições da mesma Igreja (romana).

II. — Admitto tambem as Sanctas Escripturas, conforme aquelle sentido que a Igreja, nossa Sancta Mãe, tem mantido e mantem, á qual pertence julgar do verdadeiro sentido e interpretação das Escripturas; nem eu as receberei ou interpretarei senão conforme ao consenso unanime dos Padres.

III. — Igualmente professo crer que ha verdadeira e propriamente Sete Sacramentos da Nova Lei, instituidos por Jesus Christo, nosso Senhor, e necessarios para a salvação da hu-

manida le, posto que não todas para cada um; a saber — Baptismo, Confirmação, Eucharistia, Penitencia, Extrema Uncção, Ordem e Matrimónio; e que elles conferem graça; e que destes o Baptismo, Confirmação e Ordem não podem ser repetidos sem sacrilegio; e tambem recebo e admitto as ceremonias recebidas e approvadas pela Igreja Catholica, usadas na solenne administração dos sobredictos sacramentos.

IV. — Abraço e recebo todas as cousas e cada uma das que foram definidas e declaradas no Sancto Concilio de Trento, tocantes ao peccado original e á justificação.

V. — Professo egualmente crer que na Missa ha, offerecido a Deus, um sacrificio verdadeiro, proprio e propiciatorio pelos vivos e pelos mortos; e que no sacrificio sacratissimo da Eucharistica ha, verdadeira, real e substancialmente, o corpo e o sangue junctamente com a alma e divindade de nosso Senhor Jesus Christo; e que se faz uma conversão de toda a substancia do pão no corpo, e de toda substancia de vinho em sangue, conversão que a Igreja Catholica chama Transsubstanciação. Confesso tambem que, sob uma ou outra das especies, é Christo recebido todo inteiro, e é um verdadeiro sacramento.

VI. — Sustentarei constantemente que ha um Purgatorio, e que as almas nelle detidas são auxiliadas pelo suffragio dos fieis.

VII. — Do mesmo modo sustento que os Sanctos, reinando com Christo, devem ser honrados e invocados; que offerecem orações por nós e que as suas reliquias devem ser tidas em veneração.

VIII. — Declaro firmissimamente que as imagens de Christo, da Mãe de Deus, sempre virgem, e tambem de outros Sanctos, podem ser tidas



e conservadas, e que a ellas se devem prestar devida honra e veneração.

IX — Affirmo tambem que o poder de Indulgencias foi por Christo deixado na Igreja, e que o uso dellas é muito salutar ao povo christão.

X. — Reconheço a Igreja Sancta Catholica Apostolica Romana por Mãe e Senhora de todas as Igrejas; e prometto verdadeira obediencia ao bispo de Roma, successor de S. Pedro, Principe dos Apostolos e Vigario de Jesus Christo.

XI. — Por semelhante modo recebo sem nenhuma duvida e professo todas as outras cousas entregues, definidas e declaradas pelos Sagrados Cânones e Concilios Geraes, e particularmente pelo Sancto Concilio de Trento; e condemnno. rejeito e anethematizo todas as cousas a elles contrarias, e todas as heresias condemnadas, rejeitadas e anathematizadas pela Igreja.

XII. — Eu, F. F., pela presente declaração, livremente professo, e sinceramente sustento esta verdadeira fé catholica, sem a qual ninguem póde ser salvo, e prometto, com toda a perseverança, reter e confessar a mesma inteira e inviolavel, com o auxilio de Deus, até o fim de minha vida.»

Contrastae esta profissão de fé de Pio IV, synthese da codificação dogmatica do concilio de Trento, com o decreto do concilio ecumenico de Epheso e tereis mais uma prova flagrante das mutações e contradicções de papas e concilios.

Com uma ousadia de espantar, applicam a miudo á Igreja de Roma o dicto de Lerins — *quod semper, quod ab undique, quod ab omnibus creditum est*, para significar a firmeza invariavel de seus artigos de fé e tradições apostolicas. Nada mais contrario aos factos, como temos mostrado. Unicamente á parte christã, registrada

em o N. Testamento, é que se applica o criterio lerinense, pois no sec. 7.º, em que elle viveu (631), não tinha sido ainda augmentado o credo da Egreja.

O *universus ecclesiae consensus*, com que procura Roma amparar-se, é um escarneo á historia ecclesiastica e ao senso commum dos que a leem.

O *catena patrum*, outro broquel da Curia, apenas justifica o rifão latino: *Audaces fortuna juvat*. E se os *sanctos padres* forjaram alguma cadeia, é esta grilhões para o Romanismo. Impoz a fatalidade dos acontecimentos ao Christianismo latino o nome de «Egreja Catholica Apostolica Romana». Não é improvavel que, nos quatro elementos onomasticos, se encontrem vestigios de seu movimento divergente e como que camadas de sua formação historica.

«EGREJA» — é designação biblica, ponto de partida, camada primitiva. Indica o conjuncto dos fieis, o povo e familia de Deus, os «sanctificados em Jesus Christo» (1. Cor. I-2). Roma era nesse tempo uma egreja particular entre suas irmãs, a quem S. Paulo tracta como tal, escrevendo-lhe a epistola aos Romanos, como aos Corinthios, isto é, á egreja particular da cidade de Corintho.

«CATHOLICA», designação post-biblica, significa *universal*. Aparece este termo na litteratura dos primeiros seculos para extremar a Egreja christã do Judaismo, particularista e nacional, e, posteriormente, para extremá-la das seitas hereticas, assumindo então o valor translato de *orthodoxa*, por isso que essas seitas se apartavam da tradição geral do corpo de doutrina mantido pela universalidade das egrejas. Só muito depois é que o termo *catholico* se aggregou definitivamente como attributo da Egreja, porquanto nos primitivos manuscriptos do *credo*

*dos Apostolos* apenas se lê — «creio na sancta Igreja», e unicamente do 7.<sup>o</sup> sec. em diante é que se lê «creio na Sancta Igreja Catholica» (Schaff). Em todo o caso, o termo guarda, no Credo, como na patristica, o valor etymologico de *universal*, e a expressão Igreja Catholica indicava a Igreja toda em contradistincção ás egrejas particulares de Jerusalem, Corintho, Roma etc.

«APOSTOLICA». E' este elemento manifestamente de importação posterior ao antecedente, pois não conseguiu sequer penetrar no *credo Apostolico*, a despeito de sua cognação. No desvio doutrinario, Roma teria necessidade de afirmar a sua *apostolicidade*, e surge o nome para empannar o facto. As egrejas fundadas pelos Apostolos gosavam de respeito especial, como depositarias mais fidedignas dos ensinamentos apostolicos, e arreavam-se, por isso, com o titulo de «*sedes apostolicas*». Neste ponto Roma estava em posição inferior ás egrejas de Jerusalem, Antiochia, Epheso, Philippo, Thessalonica, Corintho, pois a sua fundação era anterior á chegada do Apostolo Paulo, e, como documento irrecusavel deste facto, ahi se acha a epistola aos Romanos. Quanto a S. Pedro, outro hypothetico fundador da Igreja, não ha provas de sua estadia em Roma. Assim sendo, Roma, a metrópole do Occidente, não se podendo conformar com o logar inferior no prestigio da tradição primitiva, decretou-se «*séde apostolica*», e deu a S. Pedro e S. Paulo as regalias de fundadores da Igreja, e, para que ninguem se atrevesse a duvidar, incorporou em seu nome um segundo attributo — *apostolica*.

«ROMANA». E' o ultimo elemento do esoterismo onomastico. Igreja Romana ou de Roma era o seu nome original e humilde, nos tempos aureos do Christianismo. Não tinha elle ainda assumido o titulo blasphemo de «*mãe e senhora*»

de suas irmãs, nem o seu humilde pastor se tinha ainda lembrado de calcar aos pés o expresso mandamento do Divino Mestre, chamando-se com impia arrogancia o «Senhor» de seus collegas. Agora, porém, os tempos são outros. Revela-se o «mysterio da iniquidade». Com o pesado cahir das trevas do medievalismo, transforma-se o conceito locativo de «romana» em conceito geral, e Roma capital da gentilidade transfigura-se em capital da christandade. Evocam-se, em cada pedra da cidade eterna, as soberbas tradições do gentilismo, e a «séde apostolica» do Occidente recebe a herança opulenta de um passado de glórias pagãs. No immenso espolio da brilhante herança, deslumbram ritos pomposos, templos soberbos, mythos graciosos, poetico polytheismo, imponente sacerdocio, hierophantes e hierodramas, mysterios augustos, magias, sortilegios, talismans, feitiçarias e superstições de todo o genero. Sob o influxo deste riquissimo legado de Roma imperial, o attributo «romana» deixa de ser designativo local, para ser mundial, em plena coalescencia com a universalidade expressada no qualificativo «catholica».

Nesta coalescencia violenta de attributos incompativeis, taes como «catholica» e «romana», assignala-se a coalescencia não menos violenta da orthodoxia com a heresia, do Christianismo com o Paganismo, que caracteriza a incorporação do elemento pagão na Egreja do Occidente. Com esta incorporação fatal desvirtuou-se e annullou-se o elemento christão. Um pouco de fermento, diz S. Paulo, altera toda a massa.

A Egreja Catholica Apostolica Romana tem, no proprio nome, o esoterismo de sua evolução historica.

Entretanto, não é ella *apostolica*, porque desviriliza e invalida as doutrinas apostolicas pela absorpção de principios e practicas pagãs. Não é *catholica*, porque não é *universal* nem *ortho-*

*doxa*: não é universal, pois não lhe reconhece a jurisdicção nem a christandade do Oriente nem a do Norte; não é orthodoxa, pois uma grande parte de seu credo não tem o minimo apoio nem no Novo Testamento, nem nos primeiros seculos da Igreja. Não é, finalmente, *Igreja* de N. S. Jesus Christo, por ter *apostatado* de suas normas de fé e de practica.

Tendo Constantino transportado a séde do governo de Roma para Constantinopla no sec. IV, deixou Roma aberta aos sonhos de novos déspotas. Dos escombros do Imperio ergueu-se então o espectro de Roma imperial e á Roma papal entregou o sceptro de seu orgulho. Consummou-se nas trevas do mysterio um pacto satânico. Levantaram o vôo as aguias imperiaes e se perderam nas fimbrias do Oriente; no Vaticano alçou-se a Cruz pontifical, como o signo da nova phase do imperialismo romano. Converte-se o sceptro de Nero e Deocleciano em symbolo do Reino de Deus, e surge, no quarto imperio das visões de Daniel, um arremedo da theocracia messiânica, annunciada para a consummação do seculo. Loyola entrega a Pio IX as insignias dessa theocracia dragontina. Deita-se o pregão do novo imperio theocratico. «*O papa é infallivel, Dei vicarius, Pontifex Maximus, Sacratissimus Dominus Noster, Rex regum, Dominus dominantium, Rector orbis* Beijem de joelhos os pés a Sua Sanctidade os reis, os governadores, os sátrapas, os magistrados, os juizes, os capitães, os tyrannos, os prefeitos e todos os principes e potentados de toda a tribu, lingua e nação; prestem todos os dignitarios terrenos ao suzerano infallivel, ao supremo senhor de ambas e espadas, dominador supremo na esphera temporal e espirital, as ligias homenagens devidas ao que traz na terra as insignias da Divindade, *Deus in terris!*»

Resurge o sonho dos autocratas de Roma no theocrata do Vaticano, e no syncretismo politico do imperialismo romano firma-se o syncretismo religioso do imperialismo papal.

Da terra são banidos o Pai e o Filho: o papa os substitue, extendendo o pé á humanidade humilhada!

Calumniado e perseguido é o Christianismo puro, e queimada a Biblia; áquelle substitue o Vaticanismo, e a esta o Missal!

Ao pregão do novo Imperio, correram-se os ferrolhos ao bronzeo portão dos seculos, e o idolo do Vaticano apparece provocando da divina Majestade, mystificada e **afrontada** a vingança vaticinada para os ultimos tempos.

Tão vasta conspiração historica contra a realza messiânica do Filho de Deus não escapou á visão dos Prophetas. O Apostolo dos gentios ameaça a egreja de Roma, prevendo a sua soberba (Rom. XI. 17—22), e o vidente de Patmos a denuncia, revelando os seus manejos e a sua tremenda catastrophe (Apocalypse XVII e XVIII).

No fragor destes juizos, soa um convite divino aos espíritos sinceros illudidos: «Sahi della, povo meu, para não serdes participantes dos seus delictos e para não serdes comprehendidos nas suas pragas, *exite de illa, populus meus*». Apoc. XVIII-4.

---

SOLUÇÃO  
DO  
PROBLEMA RELIGIOSO





**A SOLUÇÃO**  
**DO**  
**PROBLEMA RELIGIOSO**  
**DA**  
**AMÉRICA LATINA**

---

Problema dos problemas é o problema religioso, que encerra o destino eterno do homem e o temporal da sociedade.

A experiencia quatro vezes secular impõe á America Latina, nesta hora critica, uma nova solução, que melhor consulte os altos interesses de sua destinação social.

Reclama-a o fracasso moral do Romanismo em quatrocentos annos de actividade no continente sul-americano, e a consciencia christã ante o seu credo syncretico e incongruente. Exige-a ainda a collisão insanavel entre a democracia e o nacionalismo dos povos americanos e os rigidos principios theocraticos e absolutistas do seu governo ecclesiastico.

A solução do problema temo-la evidentemente no Christianismo tal qual o fundou Christo e o prégaram os Apostolos. Lidimo e incorrupto, encerra-a a Biblia, que o Protestantismo abriu aos povos, traduzindo-a em todas as linguas, e o Romanismo veda aos fieis, occultando-a nos mysterios de uma lingua morta.

A solução catholico-romana tem sido o mau fado do nosso continente e de nossa raça.

Os factos bradam. A inferioridade politica e social de nossa raça e as condições moraes e religiosas das sociedades ibéro-americanas ahi estão a clamar contra a influencia nefasta do Romanismo.

No seu governo é elle uma perpetua conjuração contra a liberdade e democracia, escola de intolerancia e absolutismo. No seu credo, um hybridismo herético. No seu culto, um poly-peiro de superstições grotescas e cretinizadoras; de idolatria e prodigios mentirosos. Tudo isto tem feito d'elle a estrella funesta da raça latina e das nacionalidades sul-americanas.

«A Egreja Romana, diz A. Smith em seu livro *The Wealth of Nations*, é o mais formidavel systema que jamais se tenha formado contra a auctoridade e segurança dos governos civis, bem como contra a liberdade e felicidade dos povos».

Mas, ponde de parte tudo isso, e contemplae apenas o modo por que elle adulterou o plano da salvação, que o Filho de Deus veio revelar aos homens. Para isso lhe bastou transtornar a idéa central da paternidade divina em Jesus Christo.

Para o Catholicismo Romano não é Deus propriamente o «Pae nosso, que estás nos Céos», é antes, aos olhos do povo, um rei oriental, despotico e arbitrario, irado e iracundo, de quem não vos podeis approximar senão carregados de empenhos dos altos dignitarios de sua côrte. Mais parece um Jupiter Tonante do velho paganism, sempre de braço alçado, a empunhar os raios de sua cólera, que a custo cede ás lagrimas piedosas da Virgem e ás fervorosas rogativas dos sanctos. Com elle não se podem comunicar directamente os peccadores para obter o perdão dos seus peccados; ha, para esse effeito,

na terra, officiaes especialmente encarregados: são os padres. Abriu-se neste mundo uma repartição ou chancellaria: é o confessorio. Qual monarcha oriental, não se digna a Divindade dar audiencia para o acto fundamental da reconciliação. Os interessados devem entender-se com os officiaes-mediadores na chancellaria do tribunal da penitencia. Não tem o penitente o direito de esperar directamente o favor do Rei, ainda mesmo que por elle se empenhem os sanctos de sua devoção, altas personagens da aristocracia celeste. Sem o padre, nada póde a propria Virgem Maria, em condições normaes; sem a sua absolvição sacerdotal, ninguem tem passaporte visado, que lhe possa dar entrada no Reino celestial.

Mas, obtida a chancella do padre, poderá o peccador partir tranquillo para o Céu? Ainda não, tem de passar pelas chammas ardentissimas do Purgatorio. No tribunal terrestre da penitencia só lhe garantem contra os eternos horrores do Inferno.

Que fazer? Ha uma outra agencia encarregada de tirar as almas do Purgatorio, mediante espórtulas generosas: é o altar da missa. E' preciso deixar dinheiro para missas de corpo presente, de septimo dia, do trigesimo dia, e infindas outras. Se o infeliz é pobre, e só pôde ter a ventura de levar o passaporte da primeira chancellaria, não ha remedio, terá de penar na horrenda fornalha, e exgottar o seu tempo.

Mas, deixado o dinheiro para as missas, póde o moribundo partir tranquillo para a Patria celestial? Ainda não, pois não se póde saber o numero de missas sufficientes para livrá-lo ou tirá-lo desse tártaro temporario, que se póde prolongar por annos e seculos! O escriptorio da repartição terrestre não está auctorizado pelo implacavel soberano a dar quitação, ainda mesmo aos que pagam bem!

Sabem os pobres que muito tempo durarão os seus tormentos, e não sabem os ricos por quanto tempo prolongarão os seus: para uns e outros, angustiosas incertezas!

Quão triste e miseravel a situação do catholico-romano na hora da morte! Annos já se passaram, e em nosso espirito perdura ainda viva a expressão melancolica e abatida de uma pobre senhora, velha e adoentada.

«Minha hora se approxima, disse-nos ella. Ah! se eu pudesse escapar do fogo do Purgatorio! Mas, não posso!»

— Porque não? contestamos-lhe compadecido. Christo morreu por nós, e «o sangue de Christo purifica-nos de todo o peccado.» Purificada por esse sangue, nada resta para ser purificado por esse fogo do Purgatorio. Tenha fé.

— Isso, sim; isso consola! retrucou mais animada.

Pobre senhora, victima de suas crenças sinceras, é ella, em seu desconforto e naturaes terrores, o typo de milhões de almas illudidas pela mais flagrante perversão e exploração do Christianismo!

Nessa subversão sacrílega do plano divino da salvação, é obscurecido e obliterado o amor paternal de Deus, fonte inexgottavel de graça e perdão, thesouro ineffavel de consolação e esperança.

Em contraste vivo com a solução catholico-romana, tem sido a solução protestante ao problema religioso a estrella benefica do continente-norte e da raça saxonica.

A organização religiosa do Protestantismo é democratica, tendo fornecido á America do Norte as normas de sua constituição politica, que, por seu turno, serviu de modelo á nossa. Ahi impera a liberdade, o profundo respeito á consciencia individual, cujos benéficos resultados

sanctificar as bases generosas de nosso pacto fundamental.

O seu culto é «em espirito e verdade», segundo prescreve o Divino Mestre. O seu symbolismo é simples e intelligivel, e, abstrahindo o espirito das materialidades e sensualidades terrenas, o concentra e eleva á contemplação do invisivel e eterno. Refoge o seu ritualismo e liturgia do mechanismo e visualidades pagãs, que suffocam a verdadeira piedade, e fomentam a superstição e feiticismo.

Acima, porém, de tudo está o alto conceito evangelico da paternidade divina, que elle apresenta no plano biblico da salvação. Nesse systema sobresahe o amor paternal de Deus como fonte abundante de esperança para a humanidade extraviada.

Não ha, na reconciliação do peccador com o seu Deus, agencias terrestres, nem agentes intermediarios, que disso façam um commercio simoníaco.

Deus se apresenta em Christo como um pae de infinita compaixão, que convida os filhos rebeldes e ingratos a voltar para a casa paterna, cujas portas estão abertas de dia e de noite. A unica e exclusiva condição que Deus exige é o arrependimento sincero e a fé viva. «Arrependimento para com Deus e fé em nosso Senhor Jesus Christo» (Matth. 20-21). São as condições que um pae natural e razoavelmente não pôde deixar de exigir.

Para este acto supremo da reconciliação do homem com Deus, do filho pródigo com o seu Pae celestial, está aberto o caminho pela mediação de Christo, e ella se effectua e nem pôde deixar de effectuar-se, directamente, em plena audiencia com a Divindade, propiciada pelo sangue do «Cordeiro, que tira o peccado do mundo». «Entra em teu quarto, ensina o Filho de Deus,

ora a teu «Pae, que está no Céu», «teu Pae, que vê em secreto, te perdoará (Matth. VI-6).

Regenerado e reconciliado, vê o peccador aberto diante de si o caminho das boas obras, que o Pae celestial lhe preparara. Sobee diligentemente por elle, até que lhe seja dado sacudir o pó de sua mortalidade, e entrar directamente, pela graça de Deus seu Salvador, na eterna gloria. «Hoje mesmo estarás commigo no Paraiso, *hodie mecum eris in Paradiso*» Luc. XXIII-43).

Tal a solução do problema religioso que se recommenda a todos os que se interessam pela sorte da patria e do proprio destino além-tumulo.

## O dilemma religioso da America Latina

Protestantismo ou Romanismo — são as pontas do dilemma religioso, que á America Latina se apresentam, nos umbraes de um mundo novo.

De facto, são elles duas expressões concretas do Christianismo, antagónicas entre si; irreconciliaveis no governo, na doutrina e no culto; oppostas no genio e nos effeitos; uma, emanada directamente da Biblia e entregue ao bom-senso ou livre exame de todo o espirito sincero; a outra, deturpada, paganizada, e imposta á consciencia amordaçada pelo auctoritarismo theocratico do Vaticano.

Não ha conciliação possivel. A alternativa se offerece como uma nova oportunidade providencial aos povos latinos; o dilemma se alteia, nitido e premente, diante dos factos e dos principios.

A solução protestante se impõe a todo o espirito clarividente.

O Protestantismo, como uma systematização da Reforma, foi uma volta ao catholicismo apóstolico, ás fontes vivas do Evangelho.

E' elle o Christianismo redivivo nas reformas realizadas dentro do gremio catholico-romano; é a corrente subterranea da verdade evangelica, que irrompeu em borbotões crystallinos no movimento do sec. XVI, transformando em caudal os regatos que, no deserto, abeberavam dezenas de agrupamentos, perseguidos e dispersados pelo cesarismo papal, cioso e cruel.

Não houve solução de continuidade na vida historia da Egreja; não houve interrupção das correntes da verdade religiosa, dentro e fóra do redil official, não obstante o continuo progredir da apostasia romanista na disciplina, no dogma, no culto e na moral.

O brilho do sol esmorece apenas temporariamente, quando eclipsado pela interposição de um corpo opaco; tal a Egreja com a interposição do papismo medieval. Como o astro luminoso, prosegue ella em sua órbita, jorrando a luz inextinguivel das verdades puras do Christianismo.

Não se tracta, com a solução protestante, de innovar, senão de renovar. Na America hoje, como na Europa no sec. XVI, não se busca uma formação, mas apenas uma reforma religiosa.

Não é o Protestantismo uma religião nova, fundada por Lutero, Calvino e outros reformadores do decimo sexto seculo; tem elle a idade da Biblia, pois o seu principio é: «a Biblia, só a Biblia, e nada senão a Biblia». E', pois, elle anterior a todas as innovações do Romanismo, e tão antigo como a Biblia. Na marcha secular do Christianismo, varios nomes tem assignalado varias phases; intacta, porém, permanece a essencia estereotypada no livro dos livros.

Ufana-se a Egreja Catholica Romana de ter sido a auctoridade que deu a Biblia aos protestantes. O Protestantismo, entretanto, do seculo XVI,

receber a Biblia do protestantismo de todos os seculos, di-lo acertadamente D'Aubigné.

E fosse verdadeira uma tal ufania, que lhe aproveitara? Deu o Judaismo os «oraculos divinos» ao Christianismo, e, apesar deste privilegio, foi rejeitado, por «ter tornado vã a Palavra de Deus com as suas tradições». Ter-se-ia nesse caso repetido a historia.

A Biblia é a propriedade commum da christandade, a preciosa herança do povo de Deus.

A Reforma abriu apenas a Biblia á christandade teuto-saxonica, que por isso se libertou de Roma; e a Contra-Reforma fechou a Biblia á christandade latina, que deste modo se manteve sob o jugo papal.

Qual foi o resultado deste duplo accidente historico? Sahiram as nações teuto-saxonicas da semi-barbaria, em que viviam, e se encheram de riquezas; desceram as nações latinas das alturas, que occupavam, e se encheram de miserias.

Mostra isso que á sombra da tiara só ha morte. Transformou a alma de Loyola á Egreja Romana na mythológica Medusa, cujo olhar petrifica os povos, e dá aos individuos uma como regidez cadaverica.

Semelha a marcha destes ultimos quatrocentos annos a um cortejo funebre, organizado em Roma, que vae levando ao cemiterio da historia a nobre raça latina. Abre alas o estandarte negro da Companhia, e entoa o *de profundis* a infallibilidade pontificia.

Felizmente, nesta convulsão universal, franqueia-lhe a Providencia nova oportunidade, patenteando-lhe, de par em par, as portas do futuro. E talvez que, a esta hora, algo falleça á raça do Norte, que a do Sul lhe possa fornecer, para o complemento da missão religiosa confiada por Christo á sua Egreja.

A nobreza e vigor das raças está no typo moral dos individuos, e este na excellencia dos



principios moraes e religiosos, que abraçam, em um regimen de liberdade.

Não teve o genio da raça latina sua oppor-  
tunidade historica de livre expansão, sob um re-  
gimen adequado politico, moral e religioso.

Ao nascer alimentou-a o leite lupino de um despotismo feroz, que deu a Daniel a visão da quarta fera inominavel. Foi o Imperio Romano. Da ferrea centralização do Imperio passou ao cesarismo atrophiante do Papado. Vieram os barbáros e fragmentaram o Imperio. Estabeleceu-se o regimen catholico-feudal, donde emergiram as monarchias absolutas, que continuaram o regimen compressor de Roma. Empolgou o Papado as novas nacionalidades, e incutiulhes o seu espirito. Definhou a raça. Deprimiu-a o feiticismo gentilico incorporado no regimen medieval da Curia; cretinizou-a a moral abjecta da theologia ignaciana; asphyxiou-a a atmosphaera impura do ultramontanismo. Esmagado por todas essas influencias historicas, conserva, entretanto, o genio latino energias latentes, que, despeadas e inspiradas pela fé no genio do Christianismo biblico, tomará asas, como as da aguia, e voará aos páramos infindos de gloriosos ideaes!

Demos, pois, á nossa raça, na livre Ame-  
rica, a oportunidade que lhe negaram os secu-  
los. No Protestantismo orthodoxo temos a for-  
mula resolutoria do problema, e grave perigo  
fôra, nesta hora decisiva, não se prevenir aos  
incautos, nem se prevenirem os avisados contra  
a permanencia de uma solução que está cavando  
a ruina dos povos do Sul. Quem quizesse traçar  
rápido parallello, em lúcida synthese, entre as  
duas soluções, al não diria, nem melhor, que a  
excelsa eloquencia de Ruy Barbosa, em um de  
seus fulgurantes discursos, proferido a 27 de  
julho de 1880. Escutem-o-lo:

«Liberdade religiosa não existe, pois nem se sabe quando a possuiremos. Logo é entre o regalismo e a theocracia que havemos de escolher; e, se não defendemos o regalismo que é o regimen constitucional; se não mantivermos o regalismo, isto é, a autonomia do Estado oppondo o veto secular ás invasões politicas da egreja official, a consequencia será a theocracia romana, isto é, o Estado servo da egreja, o Estado clericalizado, o Estado subscrevendo ás intimações do syllabus. (*Apoiados*).

E é para essa fatal sujeição das instituições ao mais absorvente de todos os monopolios religiosos, ao monopolio ultramontano, que havemos de deixar ir á garra o paiz, entre homenagens ironicas á liberdade, sacrificada aos poucos e adiada para sempre? (*Muitos apoiados. Muito bem.*)

Senhores, o regalismo é uma cautella constitucional. Ora, será legitimo abrir mão della precisamente em beneficio do ultramontanismo? Mas no seio de instituições livres, contra que perigo destina-se elle a precatar o paiz? Dirijo-me á eschola liberal. Contra os perigos das opiniões scientificamente irreligiosas? Não; é o que responderia essa eschola (*Apoiados*). A sciencia nunca fez mal á liberdade (*Apoiados*), e o desenvolvimento intellectual do povo, mediante a diffusão das verdades positivas, é a condição absoluta e a determinante infallivel da democracia liberal em toda a parte (*Apoiados*): ha entre a liberdade e a sciencia acção e reacção reciprocamente bem-fazejas, e a liberdade será sempre favoravel á sciencia e a sciencia favoravel sempre á liberdade (*Apoiados*). Será então o regalismo um preventivo contra as divergencias crentes, as dissidencias christans ou o Protestantismo? Tambem não. Não é á eschola liberal que o Protestantismo amedronta. O Protestantismo nasceu da liberdade da consciencia individual, cuja consequencia

é a liberdade religiosa; do Protestantismo é filha a instrucção popular, que constitue o grande caracteristico, o principal instrumento e a necessidade vital da civilização moderna (*Muito bem*): ao Protestantismo encontra-se associada em toda a parte uma exuberancia de prosperidade individual, luxuriante e vigorosa como a vegetação dos tropicos (*Apoiados*), em contraste com os paizes onde os processos com os governos catholicos, applicados em seu rigor, cansaram as almas e exgottaram a energia moral do povo, esse humus da riqueza publica, como os methodos exhaustivos da lavoura antiga estereilizavam as mais bellas regiões da terra (*Muitos apoiados. Muito bem*).

O Protestantismo é a anglicana Inglaterra; é a lutherana Allemanha; é a calvinista Suissa; é a America puritana; são as nações moralizadas e robustas do Norte; é a tendencia anti-papal, que, pelos gallicanos e pelos huguenottes, salvou a independencia do espirito francez, dessa grangrena ultramontana, que teria convertido a Italia em um desdobramento de Roma, se o principio desse rerascimento prodigioso, que enche de admiração o mundo contemporaneo, não houvera sobrevivido nas obras dos grandes reformadores italianos, ao carcere de Giannone, ás fogueiras de Savonarola e Giordano Bruno. (*Muito bem*).

O ultramontanismo é o inverso de tudo isso; é o fenianismo irlandez; é o lazzaronismo napolitano; é o caudilhismo hespanhol (*Apoiados*); é o phalansterio religioso do Paraguay; é a Roma claustral do governo pontificio (*Apoiados*); é a França da bandeira branca e de Henrique V (*Apoiados*); é a sciencia calumniada de falsa (*Apoiados*); é a exploração das populações ruraes pelo clero; é a charlatoria divina da agua de Lourdes, especulando com a saude publica; é o casamento acatholico, equiparado á libertinagem; é o marido substituido pelo director espiritual;

o pae supplantado pelo confessor (*Apoiados*); a mãe trocada pelas irmans de caridade (*Riso*); é a familia absorvida pelo confessorario, é a beatice impingida como ensino, é a historia falsificada nos catechismos... (*Muito bem: muitos apoiados*).

O Sr. Saldanha Marinho — Contou em poucas palavras a historia dessa gente.

O Sr. Ruy Barbosa!... é tudo o que se conhece por mais antagonico á ordem secular do Estado, tudo o que tende a negar no homem, a independencia da razão (*Apoiados*), na familia a funcção educativa, na sociedade a autonomia leiga, na investigação scientifica os direitos da realidade, na liberdade a sua acção moralizadora. (*Muitos apoiados, muito bem*).»

A estas palavras vibrantes e justas, preferidas no tempo do Imperio, junctemos outras mais recentes, extrahidas das «Cartas da Inglaterra», em que com equal maestria traça o mesmo parallelo:

«Quanto á liberdade, seu dia póde tardar: mas virá; «*summa dies et ineluctabile tempus*». Infallivelmente, mais cedo ou mais tarde, ha de ser victoriosa, ha de sê-lo, por si e por essa religião, em cujo nome a reclamamos; religião, não de «fabulas ineptas e senis»; não de praxes pharisaicas e sensualistas; não sepultada no mysterio de uma lingua morta; não a desses pseudo-apostolos do paganismo infallibilista, calumniadores do Evangelho, prégadores hypocritas e mentirosos da oppressão sacerdotal, com a bocca cheia de Deus e a consciencia cauterizada de interesses mundanos; não a das diatribes no pulpito, na imprensa, nas pastoraes, nas letras apostolicas; não a do odio, da scisão entre os homens, da desconfiança no lar domestico, da separação entre os mortos, do privilegio, do amordaçamento

das almas, da tortura, da ignorancia, da indigencia no espirito e no corpo, do captiveiro moral e social; mas do «homem novo», nascido sob a cruz; do espirito, que vivifica, e não da letra, que mata; da communição interior entre o coração e Deus; da caridade e brandura para com todos os homens; religião de luz, que se alimenta de luz, e na luz se desenvolve; religião, cujo pontifice é o Christo; religião de egualdade, fraternidade, justiça e paz; religião, em cujas entranhas se formou a civilização moderna, em cujos seios sugou o leite de suas liberdades e instituições e a cuja sombra amadurecerá e fructificará a sua virilidade.» (Pg. 400)

Ao insuspeito testemunho de Ruy Barbosa acrescentemos um outro não menos insuspeito nem menos eloquente.

Deu o genio ibérico a nosso eminente patricio um émulo digno no vulto homérico de Emilio Castelar. Com as cores vivas de seu admiravel pincel de consummado artista, desenha elle o quadro negro do estado a que ficaram reduzidos a bella Hespanha e o heroico Portugal, sob o influxo mephitico do jesuitismo. Ha uns laivos de patriotica melancholia, quando lança no painel as sombras, em que se envolvera, silenciosa e triste, a alma cavalheiresca da nobre patria do Cid.

Ouçamos os seus queixumes, que põem a descoberto a myopia de Balmes, seu conterraneo.

«Conhece já o mundo, por salutar experiencia, a que estado teem ficado reduzidas as sociedades, a que se ha sobreposto a eschola ultramontana. Se jovens e incipientes, ficaram ellas reduzidas ao bárbaro communismo primitivo, como o Paraguay; se, ao revés, grandes sociedades historicas, cheias de vitalidade e sciencia, ao estado decadente de nossa gloriosa Hespanha.

Um seculo depois de se haver imposto o silencio da intolerancia, no dominio absoluto de nossos reis, ao espirito hespanhol, existia apenas a Hespanha. Extendida, como um cadaver, pelas quatro partes do mundo, lançavam os reis sortes sobre sua vestidura e repartiam entre si os seus despojos. Desde que se estabeleceu um tal silencio, nós, astrónomos de Córdova, de Sevilha e Toledo, não temos descoberto uma só estrella no céu; nós, philosophos da Renascença, não temos visto uma idéa nova na consciencia. Penetrou em nossas artes o genero *churrigueresco*; em nossas letras o gongórico. Das mãos nos arrancou a Inglaterra o tridente oceânico, que povoara os mares de novas terras; e a França e a Allemanha o predominio politico sobre toda a Europa. Tem comido nossa terra a lepra das amortizações, e ensombrado e coberto de lucto nossa mente o fumo da Inquisição.

Démos ao mundo o jesuitismo, e, em cambio de tão funesto dom, entregaram-nos á servidão, sob cujo peso succumbiram todas as nossas forças, e se apagaram todas as nossas idéas!

E não menor que a nossa foi a decadencia de Portugal, povo entregue pelo destino á dominação jesuitica. Desde a segunda metade do sec. XV, até o reinado definitivo dos jesuitas, parecia ter Portugal, a seu arbitrio, as forças creadoras do planeta. Engolfavam suas naus maravilhosas, á uma, no oceano immenso, e volviam carregadas de orientaes coroas, que lançavam, como tributos incriveis e phantasticos, ás plantas de seus reis. Capitaneavam taes barcos homens, como Vasco da Gama, e lhe seguiam a esteira poemas, como os poemas de Camões. Enquanto resuscitava a Grecia em Ferrara, em Veneza, em Florença, resuscitava tambem a Asia no Porto e em Lisboa.

Aquellas cores deslumbrantes, que cegavam a vista; aquelles aromas exhalados pelas especia-  
rias, que perturbavam os sentidos; aquellas pedras  
preciosas arrojadas aos pés da nação maritima,  
representavam algo mais que fugazes conquistas  
ou frageis dominios, representavam a dominação  
absoluta da linhagem humana sobre toda a na-  
tureza.

Nada tão deslumbrante, no sec. XVI, como  
a embaixada expedida pelo rei D. Manoel ao  
papa Leão X. Mesquinhos e pobres os tributos  
reunidos por Salomão para seu templo, em com-  
paração aos tributos pagos por D. Manoel á  
corte de Leão X. O pavão de Juno, com toda  
a sua vaidade, jamais estendeu as cores de seu  
pescoço como o rei da Lusitania as presas do  
seu imperio. Abriam a grande procissão trezentos  
cavallos ajaezados de ouro e pérolas, conduzidos  
pelas mãos de trezentos pagens, a qual mais  
gerrido e vistoso. Seguiam logo os magnates por-  
tuguezes, **que residiam em Roma, tanto civis como**  
ecclesiasticos, levando cada qual um reino em  
seu corpo, adornado com todas as magnificencias  
da Asia. Seguiam os besteiros, archeiros, lan-  
ceiros; da Suissa uns, da Grecia outros, ali postos  
todos para realçar, com seus adornos, aquella  
orgia de cores. Ostentava o estribeiro, Nicolau  
Faria, arreios de tal maneira cravejados de pe-  
draria, que deslumbrou o riquissimo collegio de  
cardeaes, acostumados ao esplendor de tanto luxo.  
Sobre um elephante branco, ia uma torre de mar-  
fim, sobre a torre um cofre de madeiras olentes  
e preciosissimas; adeante, quasi na cabeça do  
animal, um bronzeado indio, semelhante a idolo  
asiático. Traz o elephante pesadissimo, vinha  
gentil e ligeiro cavallo persa, montado por habil  
caçador daquellas regiões, que ostentava, em suas  
espadas, um tigre domesticado e tranquillo. Per-  
fumavam os ares e embriagavam os especta-  
dores caixotes de cravo, de pimenta e gengibre.

Desde o tempo de Pyrrho, jamais havia visto a Cidade Eterna entrar, por suas arcadas, tão estranhos animaes, nem havia aspirado tão embriagadoras essencias....

Logo depois, porém, de concluir o reinado de D. Manoel, pelos meados do reinado de D. João III, apoderou-se a seita jesuitica da consciencia portugueza. Para se comprehender todos os estragos de tal doutrina e seita, basta estudar a historia inspirada do grande escriptor portuguez Oliveira Martins, em cujas paginas correm á porfia os conhecimentos do philosopho com as artes do narrador e do poeta.» (*La Revolucion Religiosa*, p. 832).

Nestes primorosos extractos, Ruy Barbosa e Emilio Castelar, eximios representantes das populações ibéricas, dão, com sua linguagem máscula e luminosa, vivissimo relevo aos effeitos sinistros da Igreja Romana, galvanizada pelo jesuitismo, em quatrocentos annos de incontrastavel dominio.

O genial brasileiro, sentindo borbulhar no peito os brios indomaveis dos antigos lusitanos, estigmatiza, na vehemencia de seu verbo incendiado, a politica compressora e a influção deletéria da Curia romana. Semelha ao tigre malferido, que se apruma ameaçador ante o indio imprudente, que lhe cravara no flanco seta mortifera.

O preclaro castelhano, espelhando o desanimo de seu povo, chora as grandezas passadas de sua nação, o brilho inexcidível das do velho Portugal, o vigor e a pujança do iberismo antes que sobre elle se projectasse a sombra nefasta do jesuita. Evoca o tom profundamente triste e desalentado do nobre patriota ao leão de Castella moribundo, crivado de setas, soltando lamentosos vagidos e suspiros dilacerantes no estertor da agonia. Como Ruy, lança Castelar sobre Roma pontificia a tremenda responsabilidade do



obscurantismo, apathia e franca decadencia dos povos da Peninsula, victimas insignes das atrocidades inominaveis da Inquisição!

As palavras solennes desses dois protótypos de nossa raça, soam como toque de rebate á America Latina, e illuminam o abysmo de misérias para onde arrasta as republicas ibéro-americanas o regimen religioso, que embecilizou o Paraguay e o Equador, e vae narcotizando suas irmãs.

Antes de dar por terminada nossa tarefa, fri-semos certos aspectos particulares da politica e da moral do Romanismo.

A organização da Egreja Romana faz della uma machina politica formidavel. O papa manda nos bispos, os bispos nos padres e os padres no povo. E este, quando practicante, inhibido e fanatico, é um exercito obediente ao nuto de um soberano estrangeiro, enthronizado no Vaticano.

O clero nacional, patriota e independente, pertence á historia patria antes de 1870. A infallibilidade e o Syllabus gelaram-lhe o coração e sellaram-lhe os labios.

Impossivel, affirma-o Gladstone, depois de constituido o Vaticanismo, ser um catholico-romano practicante cidadão leal ao governo de seu paiz, mormente se esse governo é democratico, visto declarar elle ser, por obrigação de consciencia, subdito de um rei italiano, que avoca, para sua triplice coroa, soberania sobre os governos das nações, mandatarios seus.

Se o *Syllabus*, código da infallibilidade papal, não póde deixar de arrefecer e deluir o patriotismo no peito do catholico-romano coherente, que não fará elle com o clericalismo, milicia vigilante do Papado?

A garantia dos povos, ante as pretensões da Curia romana, está apenas no liberalismo e incoherencia de seus súbditos e prepostos.

O Brasil, como a França e as nações catholicas, tem encontrado na milicia papal tenaz resistencia a todas as medidas liberaes, taes como a separação da Egreja do Estado, a liberdade religiosa, a secularização do cemiterio e do ensino publico, o casamento civil, etc. E não soffrem a cada passo publico desprestigio, por parte do clero, essas conquistas liberaes de nossa Constituição? Não cobre elle de afrontas, a cada instante, a familia creada e amparada pelas nossas leis, tachando-a de concubinagem, e celebrando acintosamente uniões illegaes com o mais impatriotico desprezo á sociedade civil e á boa fé illaqueada dos nubentes?

Não ha duvida, arvorando de necessidade a bandeira negra do *Syllabus*, é o clero ultramontano a espada de Dámocles sobre a cabeça de todo o governo democratico. O brado patriotico de Gambeta é a historia do patriarchado latino.

A grande chaga, porém, do Romanismo está em seu fracasso na formação do character moral dos individuos. Toquemos apenas em dois pontos — a *pureza* e a *verdade*.

São duas virtudes essas como dois polos em que gira a vida moral. A pureza é a verdade physiologica, e a verdade é a pureza psychologica. Occupam os pontos extremos da dualidade de nosso ser. São excellentes pedras de toque para aferirmos o quilate da religião dominante, que desde o berço formou o nosso character. Não desconhece ninguem que é a religião o sustentaculo da moral, e que, se esta desaba, é que aquella cedeu.

1. *Pureza*. Sabido é o grau inferior da moralidade nos paizes catholico-romanos. Donde esse facto? do clima? da raça? Não. Sob os tropicos, como sob o equador, vibram, com a mesma brutal intensidade, os instinctos animaes, e, aqui como lá, ouve-se o mesmo balbuciar na-

tivo da consciencia moral. Se, portanto, não se conserva ouro fio a balança, é que o factor religioso pesa nas conchas.

De facto, provam algumas observações que o cancro da prostituição, que roe o organismo social de nossa patria e das nacionalidades latinas, deita suas fundas raizes em certos principios e practicas do Romanismo.

a) A primeira nota do libéllo dá-no-lo um *clero celibatario* povoando a sociedade de filhos bastardos, sob os olhos complacentes da auctoridade ecclesiastica. Se os ministros da religião podem violar impunemente as leis da pureza por Deus estabelecidas, quebrar sagrados votos de castidade, afrontar a moralidade publica e a honestidade das familias, seduzir moças e arrastá-las á perdição, é claro que não será o povo catholico mai realista do que o rei, nem mais sanctos do que os sacerdotes encarregados de lhe abrir a porta do Reino dos Céos. Dest'arte rompem-se os diques, e os mais timoratos apenas expostulam, com palavras attribuidas a um sancto romanista: «Se não podes ser casto, sejas cauto!»

b) A segunda nota accusatoria é o *confessionario* presidido por um clérigo celibatario.

Ahi com facilidade se lavam e se apagam as manchas do adulterio e libertinagem. Uma tal empresa de lavanderia barata não póde deixar de ser um grande incentivo á luxuria e devassidão. Mas, accrescentae a esse incentivo a diabólica energia que lhe communica a natureza repugnante do interrogatorio que o *Manual dos confessores* põe na bocca do padre celibatario. Causam asco o minucioso questionario e explicações que o *Manuel des confesseurs* de Monseñor Gaume (pg. 169-171, 190 e 191, 483-487, 566 e 567) prescreve aos confessores, obrigando confessor e confessando, homens e mulheres, a

se espojar á farta na lama da lubricidade em todos os seus nauseativos aspectos.

Das officinas infernaes do demonio da concupiscencia deve ter vindo directamente tal codigo do confessorario, onde a innocencia e o pudor das jovens e das mulheres devem perder para sempre o seu perfume. Por precaução vem em latim essa parte do *Manual*, mas o confessor tem de vertê-la a portuguez entre nós, e instillá-la como veneno corrosivo na imaginação suggestionada do penitente.

Ouçamos o *P.e Chiniquy*, em sua importante obra «*Cinquante ans dans l'Église Romaine*», pg. 138:

«Com a fronte coberta de vergonha e o coração cheio de inexprimivel desgosto, sou constrangido, por minha consciencia, a revelar as torpezas da theologia de Roma.

De tal modo são ellas immundas que impossivel me é exprimi-las em lingua comprehendida pelo povo.

Por mais corrompidas que tenham sido as nações pagãs, nada ha em sua historia comparavel á degradação do theologo e do padre romano. Antes que sahisse a theologia da Egreja Romana dos antros tenebrosos do inferno, tinha o mundo sem duvida conhecido muitas immundicias; mas jamais tinha sido o vicio reduzido a um systema; jamais a corrupção mais desavergonhado tinha sido publicamente ensinada nas escolas dos padres, sob pretexto de salvar almas.

Não! não tinham jamais sido forçados os proprios padres de Sodoma a assistir a longas discussões em que os assumptos mais immoraes, os horrores mais inconcebiveis são o objecto do mais minucioso estudo, e isso com o pretexto de honrar a Deus! Leiam os que comprehendem latim as paginas no fim deste capitulo (não ousamos publicá-las mesmo em latim), e digam se

não ha ahi o bastante para fazer corar o libertino mais licencioso. E, entretanto, esses horrores são estudados, decorados por homens destinados a viver sem mulher, votados a um celibato perpetuo!.....

Viu-se jamais comedia tão sacrilega? Obrigar um moço de vinte annos a fazer voto de castidade perpetua, e, em seguida, collocar-lhe debaixo dos olhos as coisas mais impuras! lançar em sua alma immudicias mais sujas! encher sua memoria das infamias mais nauseabundas! irritar todos os seus sentidos, manchar seus ouvidos, seu corpo, não com phantasmas, porém com realidades capazes de espantar prostitutas!...

Desafio, acrescenta a pg. 140, ao mais ardoroso apologista da Egreja Romana a negar o seguinte facto: Sobre cem mulheres que se confessam, ha noventa e nove a quem é o padre obrigado, em consciencia, a fallar das materias tractadas no capitulo seguinte. Ora, suppondo que cada padre confesse uma média de cinco mulheres por dia, o que certamente está abaixo da verdade, teremos que cem mil padres romanos ouvem de confissão todos os dias meio milhão de mulheres. Como poderemos, pois, ficar surprehendidos com a horrenda corrupção, que reina na Egreja Romana? Nada mais natural que a rápida decadencia das nações submettidas ao jugo degradante do papa».

Vem em seguida, a pg. 151, o annuciado capitulo com as torpezas que o confessor deve perguntar -a seus penitentes. Traz em latim largas citações de Dens e Liguori, onde se lêem requintes suggestivos da lascivia e as monstruosidades da volupia humana. Expondo essas infamias e impurezas, que nem mesmo em latim para aqui trasladamos, diz o ex-padre *Chiniquy*: — «Leiam os legisladores, os paes e os esposos este capitulo, e vejam se o respeito que devem

a suas mães, a suas esposas e a suas filhas não lhes impõe o dever de lhes prohibir a confissão auricular.»

c) Esse interrogatorio libidinoso, que enlameia confessor e confessando, é o echo torpe da *moral jesuitica*, ensinada nos seminarios pelos nauseantes casuitas Liguori, Gury, Dens, Perrone e muitos outros.

Em erudita *Introdução* ao «*Papa e o Concilio*» de Janus, a pg. 241, transcreve Ruy Barbosa parte de uma dissertação sobre um dos nefandos crimes entre casados, presente ao Synodo pontificio de 1870, na qual o auctor clerical procura justificá-lo.

Quem deante destes factos poderá deixar de reconhecer a grave cumplicidade do Romanismo na falta de pureza na sociedade latina.

2. *Verdade*. Nervo do character é a verdade ou veracidade. O homem veraz, sincero, verdadeiro, possui a materia prima para um character ideal. Ao invés, a mentira é a debilidade ingenita do character, o elemento desesperador na regeneração do individuo. O mentiroso é filho espiritual do Diabo, cuja essencia é a mentira e a falsidade, ensina o Divino Mestre.

Que vemos entre nós? Por toda parte o fermento diabolico da mentira leveda os nossos costumes, e nos cria serios obstaculos á regeneração social.

Mente-se na familia, onde paes e creados se mancommunam em obliquar a nativa rectidão das creanças. Mente-se nas rodas sociaes, onde a mentira esvoaça como mero galanteio. Mente-se no commercio e na industria, onde a mentira se enfatua com ser alma do negocio. Mente-se nos tribunaes, nos cartorios, nas repartições, onde a mentira se arreia com os arrebiques da virtude. Mente-se na politica e no governo, onde a men-

tira é o proprio sangue dos partidos. Mente-se, acima de tudo, em religião, onde a mentira é a propria essencia de um **christianismo** mystificado. Ahi o rótulo não corresponde ao artefacto, e as apparencias e nomes christãos encobrem, a olhos inexperientes, largo contrabando judeo-pagão. O papa é herdeiro de uma herança phantástica, e falso successor de S. Pedro, que provavelmente nunca esteve sequer em Roma, nem certamente possuiu o primado, sobre que firma o Papado suas arrogantes pretensões. A fraude é o alicerce do seu throno e o Purgatorio uma invenção lucrativa. Os milagres e prodigios irrisorios são a historia de seus processos feiticistas e as canonizações um mechanismo politico para engodar a credence dos papalvos. O pharisaismo é a tunica de seus levitas, e o confessionario uma agencia de perdição. O seu neo-catholicismo é o vaticanismo, e o vaticanismo é a mariolatria e a papolatria. Agglomerado secular, essa mole prodigiosa, diante da historia e do Novo Testamento, não passa de um conto-do-vigario colossal impingido aos povos do Sul.

Poreja a mentira em todo o corpo social, e nos arrebatá o ponto de apoio para a regeneração de nossa nacionalidade.

Quem nos reduziu a este estado? A raça? o clima? Não, por certo. E' inevitavel a inferencia de que o factor religioso entrou para isso com largo quinhão. A educação jesuitica é o nosso mal. A sua moral deleteria, a casuistica dissolvente de seus moralistas, que regula a ethica dos seminarios e universidades catholico-romanas, é a fonte de nossos males. «Ensinam os theologos catholicos romanos, declara o ex-padre Chiniquy, a mentira e o perjurio», e com exuberantes citações prova-o cabalmente. Em sua famosa obra *Lettres écrites a un Provincial*, demonstra o grande Pascal que esse tóxico satânico da mentira, bem como do perjurio, roubo,

traição e assassinio, são consectarios dos trez grandes principios da moral jesuitica, a saber: — *a restricção mental, o probabilismo e o fim que justifica os meios.*

Na depravação da religião e da moral tendes a historia das desgraças latinhas e a sina fatídica das republicas ibéro-americanas. E' o papismo a prostituição da religião, e o jesuitismo a da moral.

Comtudo existe no seio do Catholicismo Romano um germen de vida no elemento christão. Na varredura da casa achou a mulher do Evangelho a moeda perdida. Na multidão innumera-vel dos livros da tradição romanista se encontra a Biblia.

Borbulhava, annos ha, em terreno pantanoso, no interior de nosso paiz, ao sopé de altiva montanha, rica fonte medicinal, isolada, solitaria, desconhecida. O raro transeunte, que por ali passava, difficultosamente conseguiu sorver o precioso liquido. Hoje captada, cercada de prospera e bella povoação, communica a milhares de doentes a virtude curativa, que traz das entranhas mysteriosas da terra. Como uma fonte occulta, borbotoa, no tremendal dos erros do Romanismo, a fonte virtuosa do Evangelho. Com que difficuldades e serios perigos podem ahi des-sedentar-se as almas sinceramente religiosas! Misturado o liquido puro com as aguas infectas de falsas doutrinas e damnosas practicas, torna-se o vehiculo de mortiferas enfermidades. Faça-se a captação, deixem-na correr extreme e livre das putridas aguas do charco, e milhões de almas exultarão com a saude espiritual que mana da fonte divina!

Vamos a Elle, ao «Christo, Filho de Deus vivo». Fóra d'elle não ha salvação. Outro nome, dos céos abaixo, não foi dado á humanidade perdida (Acts. IV, 11,12).



Elle é «o caminho, a verdade e a vida». «Caminho», que nos conduz ao Pae; luz da «verdade», que brilha nas trevas de nossa consciencia, revelando-nos o character do Deus de amor; «vida» moral e religiosa, que dissipa as sombras da morte projectadas sobre os nossos espiritos. O caminho, no-lo dá a sua Pessoa; a verdade, a sua Palavra; a vida, o seu Espirito.

E o Espirito do Senhor é como o vento: invisível, potente, mysterioso e livre. Elle, disse-o Christo, assopra onde quer, ninguem o vê, ninguem sabe donde vem, nem para onde vae. Ouve-se a sua voz no brando ciciar entre as florinhas do campo; no grave ramalhar das florestas sombrias; no áspero zunir de nossos telhados; no colérico rugido do furação, que erradica arvores seculares e assola cidades populosas; no gemer cavo e tétrico das ondas arremessadas de encontro ás penedias em costa solitaria. Tal o Espirito do Senhor, que pairou sobre o chaos no mundo primitivo, e dos elementos convulsos e desordenados arrancou a ordem e a belleza. Força invisível, mysteriosa e livre, sobre o novo chaos, que invade a terra, pairará o seu influxo fecundante, e da anarchia, que ora subverte todos os elementos sociaes, fará emergir «um céo novo e uma terra nova, onde habitará a justiça» e o amor. *Emittes Spiritum tuum et renovabis faciem terræ.*

Vamos a Elle, unica esperanza na hora sombria, que atravessamos, estrella da alva a scintillar na rubra aurora de um novo dia!

Propicio é o momento.

Renova a face da terra o vento rijo da Providencia. Ruem no pó os velhos e soberbos edificios, carcomidos pelas erronias, ambições e arrogancia das gerações, que se foram. Oscilla a nova torre de Babel, monumento da autocracia papal, suprema expressão do orgulho e insensatez humana, alicerçada na fraude de falsas

decretaes, de interpolados cânones, de fingidas doações, e cimentada pela ignorancia, fanatismo e politica dos povos.

A hora é decisiva, e no portico da nova éra, que se annuncia, escreve o dedo da historia o dístico salvador:

FÓRA DE ROMA, DENTRO DO CHRISTIANISMO.

## ERRATA

Pag.	Linhas	Erros	Correcções
14	13	christã	pagã
45	20	privações	provações
53	28	enfeudara	enfeudara
59	14	abusos e houve	abusos houve
64	3	feito	leito
71	18	allas	ellas
71	26	verdade piedade	verdadeira piedade
89	25	Naiaze	Naziaze
91	21	traducção	tradição
94	6	Ecclesiastico	Ecclesiástico
95	16	Tobia	Tobias
144	28	mesmo anno	corrente anno (1916)
145	9	pan-slamismo	pan-islamismo
151	11	orritam	irritam
180	13	Panamá a Peru	— ao Peru
198	2	obsequiso	obsequioso
198	32	panarama	panorama
276	5	Phygia	Phrygia
315	18	bem	bom
319	20	fraudolenta	fraudulenta
319	21	accessimo	accrescimos
320	19	<i>Domine</i>	<i>Dominus</i>
325	5	coxa	coxa
326	15	Tendes	Tenues
337	25	afogando	afagando
348	15	<i>Domine nostro Jesu Christo</i>	<i>Domini Jesu Christi</i>
349	12	Pio X	Pio IX
350	26	repelindo á	← a
354	9	surpreza	surpresa
360	37	supromencionado	(supramencionado
370	24	<i>morte</i>	<i>morti</i>

# INDICE

	Pag.
<b>A Reforma.</b>	1
Origens e causas da Reforma	3
Evolução do Romanismo	5
Na disciplina	6
Na doutrina.	12
No culto	15
Precursores e prenuncios da Reforma	17
Condições mesologicas	20
A Reforma	25
Os trez principios fundamentaes da Reforma	31
Supremacia da Biblia sobre a Tradição.	31
Supremacia da fé sobre as obras	37
Supremacia do povo sobre o clero	40
Origem do nome protestante	44
Simultaneidade e progresso da Reforma	51
Perseguições	57
A Reforma e os abusos	59
A Reforma e o Christianismo	60
A Reforma e o Denominacionalismo	63
A Reforma e o Racionalismo	72
A Reforma e o Cânon	76
Traduções da Biblia	79
Livros Apocryphos.	80
A fixação do Cânon	83
Cânon do Velho Testamento	85
Fundamentos do Concilio Tridentino	97
Cânon do Novo Testamento	107
A Reforma e a liberdade	109
Intolerancia e perseguições	110
A Reforma e o progresso.	116
A Reforma e a diffusão da instrucção publica	120
A Reforma e a moralidade	121
A Reforma e as instituições livres	122
A Reforma e o sentimento religioso	124
A Reforma e a escola	125
<b>O Protestantismo</b>	129
O Protestantismo depois da Reforma	131
O Congresso de Panamá, do Rio a Nova-Yorh.	137
O Pan-americanismo	143
As duas raças	147

	Pag.
A doutrina de Monroe . . . . .	155
Abertura do Congresso, saudações e theses . . . . .	164
A America Latina através dos Relatorios . . . . .	170
A feição moral do Congresso . . . . .	174
Do Panamá ao Perú . . . . .	180
Do Perú ao Chile . . . . .	185
Do Chile á Argentina . . . . .	191
Da Argentina ao Brasil . . . . .	198
<b>● Romanismo . . . . .</b>	<b>207</b>
O Papado e o primado de S. Pedro, trez textos e uma cadeia . . . . .	208
O Papado e o primado de S. Pedro, 1.º elo . . . . .	216
O Papado e o primado de S. Pedro, 2.º elo . . . . .	234
Os titulos do Apostolado . . . . .	244
O Papado e o primado de S. Pedro, 3.º e 4.º elo, S. Pedro em Roma . . . . .	250
O Apostolado . . . . .	253
S. Pedro no exercicio do seu Apostolado . . . . .	256
Testemunho dos padres apostolicos . . . . .	275
Origens do Papado. . . . .	295
O Episcopado . . . . .	296
O Papado . . . . .	300
Os germens do Papado . . . . .	301
As pégadas do Papado . . . . .	309
A Contra-Reforma . . . . .	328
Os Jesuitas . . . . .	330
Concilio de Trento. . . . .	338
Concilio do Vaticano . . . . .	343
Pio IX . . . . .	349
A Immaculada Conceição . . . . .	350
Syllabus . . . . .	355
Infallibilidade papal . . . . .	359
A Infallibilidade e o bom-senso . . . . .	364
A Infallibilidade e a Historia . . . . .	370
Os Velhos-Catholicos . . . . .	377
O Vaticanismo . . . . .	378
Syncretismo catholico-romano . . . . .	392
Attitude do Protestantismo para com a Igreja Catholica Romana . . . . .	396
Credo Niceno . . . . .	405
Decreto do Concilio de Epheso . . . . .	406
Doze artigos novos acrescentados ao Credo por Pio IV . . . . .	407
<b>Solução do Problema Religioso . . . . .</b>	<b>415</b>
A Solução do Problema Religioso da America Latina . . . . .	417
O dilemma religioso da America Latina. . . . .	422



# Edições da "Empresa Editora Brasileira"

Rua Libero Badaró, 12 = São Paulo

## De Carlos de Carvalho

*Estudos de Contabilidade*, 3. ed. em 4 volumes ;  
Em brochura . . . 40\$000 Encadernado em  
Idem, enc. em sepa- . . . um só volume . 46\$000  
rado . . . . . 60\$000

*Tratado elementar de Contabilidade*, 4. ed.:  
Em brochura . . . 10\$000 Encadernado . . . 14\$000

*Arithmetica Commercial e Financeira*, 2. ed.:  
Em brochura . . . 10\$000 Encadernada . . . 14\$000

*Explicações práticas de Escripturação Mercantil*:  
Cart. . . . . 5\$000

*Contabilidade das Companhias de Seguros da Vida*:  
Em brochura . . . 12\$000 Encadernado . . . 16\$000

*Problemas de Escripturação*:  
Em brochura . . . 20\$000 Encadernado . . . 25\$000

*Noções de calculos Commerciaes* — no prélo

## De David A. dos Santos

*Contabilidade Agricola*:  
Em brochura . . . 10\$000 Encadernada . . . 14\$000

## Do Dr. Francisco Eugenio de Toledo

*Diccionario Juridico Theorico e Practico*  
*Attentado ao Pudor — A Constituição Federal*,  
para as escolas. . . . . 1\$000

*Manual de Direito Civil*, em brochura . . . 4\$000

## De Eduardo Carlos Pereira

*Grammatica Expositiva*,  
Curso superior. . . 7\$000 Curso elementar . . . 2\$500

*Grammatica Historica*. . . . . 8\$000

*Problema Religioso da America Latina* . . . : 6\$000

## De F. d'Auria

*Contabilidade Mercantil*, em brochura. . . 7\$000

PELO CORREIO, cada volume custa mais 1\$000.